



Lucy Keating

O GAROTO DOS MEUS
SONHOS

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



Lucy Keating

O GAROTO DOS MEUS
SONHOS

GZOB Alt



O GAROTO DOS MEUS
SONHOS

Lucy Keating

Tradução

Luisa Geisler

GZOB Alt

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. – nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização da editora.

Título original: *Dreamology*

Editora responsável **Eugenia Ribas-Vieira**
Editora assistente **Sarah Czapski Simoni**
Editor digital **Erick Santos Cardoso**
Design e ilustração da capa **Natalie C. Sousa**
Adaptação da capa e diagramação **Gisele Baptista de Oliveira**
Projeto gráfico original **Laboratório Secreto**
Preparação **Andressa Bezerra Corrêa**
Revisão **Jane Pessoa e Erika Nogueira**

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Keating, Lucy
K33d

O garoto dos meus sonhos / Lucy Keating ; tradução
Luisa Geisler. - 1. ed. - São Paulo : Globo Alt, 2016.

Tradução de: *Dramology*
ISBN 978-85-250-6351-9

1. Ficção infantojuvenil americana. I. Geisler, Luisa. II. Título.

16-34397 CDD: 028.5
CDU: 087.5

1ª edição, 2016

Direitos de edição em língua portuguesa para o Brasil adquiridos por Editora Globo S.A.
Av. Nove de Julho, 5229 — 01407-200 — São Paulo — SP
www.globolivros.com.br

Sumário

Capa

Ilustração

Folha de rosto

Créditos

Dedicatória

28 de agosto

1 - Museus são para visitar, não para morar

2 - Veneno da cobra-marinha-e-nariz-de-gancho

3 - Que nem miojo

13 de setembro

4 - Bipe-bipe-buzina, apito-apito-assobio

5 - Law & Order: Unidade de Cookies Especiais

6 - Sra. Perry pediu pavões

16 de setembro

7 - E são veganos!

8 - É na verdade uma palamenta dupla

9 - Estamos procurando por nós

10 - Para pessoas normais

17 de setembro

11 - Fetal

12 - Por favor escolham um recipiente

13 - Bem-vindas à Batcaverna

23 de setembro

14 - Somos todos surrealistas

15 - Ataque do pequinês

26 de setembro

16 - Cisnes são parceiros para a vida toda

17 - Nós perdemos tudo

10 de outubro

18 - Hora de acordar

19 - "Nocturne"

11 de outubro

20 - Estão se fundindo

21 - Oi

22 - Ele não é seu namorado

23 - Eles eram pássaros realmente inteligentes

15 de outubro

24 - São apenas seios

25 - Chama-se "gi"

17 de outubro

26 - Rio de Janeiro, trinta e cinco quilômetros
27 - Gosto das suas alpacas
28 - Seu cachorro é muito sortudo
29 - Ele sempre aparece
18 de outubro
30 - O peixe peludo
31 - Ursinhos de pelúcia
18 de outubro
32 - Não é a mesma coisa
33 - Luzes de Natal
34 - Tudo que temos
10. de novembro
35 - Brilhante
36 - Vejo você logo
“Você poderia, por favor, parar de dar cambalhotas?”
Agradecimentos

*À minha família
e aos nossos jantares tardios de verão
onde aprendi a contar uma história*

28 de agosto

Estou bem no centro do Grande Salão do Metropolitan Museum of Art, a exatos três passos de distância do lugar onde vomitei no meu décimo aniversário, logo na saída da ala Egípcia. Mas desta vez não há pochetes, nem sons de tênis rangendo no piso bem polido. Em poças aos meus pés não tem vômito rosa brilhante (gelato de framboesa, se tiver interesse) salpicado com pedaços de cereal Lucky Charm (“Só no seu aniversário”, meu pai disse — e depois nunca mais repetiu isso). Estou com um vestido de sete quilos, incrustado de cristais, igualzinho ao que a Beyoncé usou na cerimônia do Grammy. Na noite de hoje, as luzes estão acesas e piscando, e as pessoas estão sussurrando e olhando na minha direção. Na noite de hoje, por algum motivo, eu sou alguém. Beberico champanhe e deslizo de salão em salão, admirando a arte. E é ali que Max me encontra, parada em frente às bailarinas de Degas, na seção Impressionista.

— Sabe, eu sei dançar também. — Ele passa um braço em torno de minha cintura e meu corpo inteiro fica instantaneamente mais quente.

— Prove — eu digo. Não tenho que tirar os olhos da pintura para sentir o olhar dele em mim, para saber que ele está sorrindo. Tenho cada milímetro de seu rosto mapeado no meu cérebro, todos os seus trejeitos. Tenho um medo constante de esquecê-lo.

Ele toma meu braço e me gira, e fecho os olhos. Quando os abro novamente, estamos no jardim do terraço, embalados. Os arbustos estão cobertos por luzes cintilantes.

— Você fica bem de smoking — balbucio no pescoço dele.

— Obrigado. É o que a Beyoncé usou na cerimônia do Grammy — ele diz em um tom sério, e nós dois explodimos em gargalhadas. Antes que eu consiga recuperar o ar, os braços de Max me seguram com força, e ele me beija, me inclinando tanto para trás que perco todo o equilíbrio e senso de mim. Não sabia que havia um tipo bom de tontura antes disso.

— Senti sua falta — ele diz então, e me gira de novo.

O entregador da Joe’s Pizza da 110ª avenida aparece, com uma cara impaciente.

— Está com fome? — Max pergunta. — Eu pedi.

Mas dentro da caixa de pizza não tem pizza, só um biscoito Oreo gigante cortado em oito fatias, como um bolo. Nós enfiamos a mão na caixa e cada um pega um pedaço pesado. Assim que aproximo o biscoito da boca, vislumbro um ar de travessura refletido nos olhos verde-

acinzentados de Max, e ele depressa amassa seu biscoito na minha bochecha. Póf. Jogo o meu de volta nele.

Corremos pelas galerias, nos escondendo atrás de estátuas romanas e desviando de patronos mortificados enquanto atiramos punhados de bolo de Oreó um no outro. Noto uma segurança do museu marchando em nossa direção. Quando olho com mais cuidado, vejo que ele também é meu professor de ciências do ensino fundamental. Sempre odiei aquele cara. Corremos mais rápido.

Quando estou finalmente encurralada no pátio da tumba de Perneb, paro e encaro Max. Estamos cobertos de bolo. Joias da exposição de têxteis europeus balançam em torno do meu pescoço e braços, e Max tem um capacete medieval na cabeça. Parecemos um casal da realeza que deu horivelmente errado. Um país sob nosso comando com certeza iria se revoltar.

Max diz alguma coisa, mas não consigo ouvi-lo pelo capacete, então ele o ergue, revelando bochechas coradas.

— Vamos dar um tempo — ele repete. Nós nos deitamos no chão do pátio da tumba, ouvindo a sinfonia e o murmúrio baixo de conversas que continuam do lado de fora. Sobre nossa cabeça, onde o teto do museu deveria estar, há, no lugar, um céu estrelado.

— Sabe que, quando a realeza egípcia morria, eles costumavam fazer entes queridos serem enterrados com eles — eu digo.

— Acho que na verdade eram só servos, para que eles pudessem ter garçons na vida após a morte — Max me corrige. Sempre um sabe-tudo.

— Bom, se eu morresse, eu iria enterrar você comigo. — Eu me viro de lado para olhá-lo.

— Ah, amor, obrigado — ele exclama. — Essa é de longe a coisa mais esquisita que você já me disse.

Um ronco baixo ecoa nas paredes de pedra, e noto um pequeno javali africano deitado ao lado de Max, encarando-o com doçura.

— Quem é? — pergunto.

— Essa é a Agnes. — Max acena para o animal com a cabeça. — Ela está me seguindo desde a ala da Oceania. Acho que está apaixonada.

— Bom, entra na fila, Agnes — digo, descansando minha cabeça no peito dele e respirando fundo. Como sempre, ele cheira a sabão líquido de roupa e algo amadeirado. O som dos seus batimentos cardíacos me acalma.

— Não pegue no sono — ele implora. — Não tivemos tempo suficiente. Mas eu discordo. Esta noite foi perfeita, tudo que eu poderia pedir.

— A gente se vê logo — digo, rezando para que eu não adormeça até ouvi-lo dizer o mesmo de volta. É uma coisa nossa, quase um hábito supersticioso, para nos certificar de que vamos nos achar de novo.

— A gente se vê logo — ele enfim diz com um suspiro.

Meus olhos oscilam devagar até fechar, o som de Agnes roncando com leveza ao pé do meu ouvido.

Museus são para visitar, não para morar

Jerry está roncando diretamente em minha boca, seu hálito quente de cachorro soprando em mim cada vez que solta o ar.

— Bom, isso explica Agnes — resmungo.

— Quem é Agnes? — meu pai diz do banco do motorista. Atrás de sua voz soa o leve clique da seta do carro, indo e vindo como um metrônomo.

— Ninguém — digo depressa, e ele não nota. Meu pai é um cara de cérebros. Um neurocientista bastante conhecido — o que não significa muito, a não ser que você seja um também —, ele entende coisas da mente que são um mistério para a maioria das pessoas. Mas, quando se trata do coração, ele não tem a menor noção. Não tenho nenhum interesse em contar a ele sobre Max, então, em momentos assim, as imperfeições do meu pai funcionam a meu favor.

Eu me espreguiço e me endireito no assento.

— Devo ter cochilado — digo, minha voz um pouco rouca.

— Estar em movimento sempre faz você adormecer, desde que era recém-nascida — meu pai explica, eternamente como um professor. — Aviões, trens e automóveis... Você e Jerry estão apagados há horas, mas escolheram o momento perfeito para acordar. — Ele sorri no espelho retrovisor. — Dê uma olhada na sua nova cidade.

Ele faz um aceno meio Vanna White, como se Boston fosse um desses programas de auditório com um monte de caixas em branco para preencher com letras. Acabamos de sair da autoestrada I-90, e o centro histórico da cidade nos cumprimenta educadamente por trás do pitoresco Charles River. Faz com que Nova York, onde moramos por dez anos, se pareça com... bom, com Nova York. Será que alguma coisa tem comparação de verdade?

Os sons de nossas rodas na rampa de saída de concreto criam um ritmo — um-dois-três, um-dois-três —, e eu nervosamente bato de leve os três dedos do meio de minha mão direita acompanhando o ritmo, como se tocasse teclas de piano. Nunca fui muito boa no piano. Meu professor disse ao meu pai que eu “não tinha disciplina” antes de

desistir *de mim*, o que deve ter acontecido pela primeira vez na história de aulas de música. Mas ainda amo música, especialmente ritmo. Ritmo é um padrão, e padrões dão sentido às coisas. Eu fico batucando algum ritmo sempre que estou nervosa ou insegura.

Eu me apoio contra a porta do carona na movimentada rua Beacon, agarrada a uma caixa rotulada com **itens de cozinha** que é quase certo que contenha casacos de inverno e comida para cachorro. Protejo os olhos contra o sol de agosto com uma mão e tento dar uma olhada na casa de duzentos anos de idade à minha frente. É engraçado como tudo parece tão grande quando se é pequeno, mas, quando você revisita mais velho, percebe como é na verdade muito menor do que pensava, ou quão pequeno você era na época. No caso de nossa casa, que era de minha mãe antes de ser nossa, e da mãe dela antes disso, este lugar ainda é gigante. Eu me pergunto como eu não desaparecia por dias quando era pequena.

— Você sumia, algumas vezes — meu pai diz da varanda quando divido essas preocupações em voz alta. — Mas nós colocávamos Jerry no caso e ele sempre encontrava você. — No momento, Jerry está atirado no banco de trás, a cabeça descansando em sua apatia normal enquanto ele me olha pelo vidro.

— Você deve ter sido mais viril na juventude — digo a ele, erguendo uma sobrancelha.

A casa tem cinco andares de tijolos vermelhos, e as janelas e porta da frente são pintadas em preto cor de piche, que combina com a maior parte das outras casas da rua. Alinhadas lado a lado, elas me lembram aquelas garotas metidas na escola que usavam todas os mesmos óculos escuros. Não consigo deixar de me perguntar quanto de um quarteirão nova-iorquino ela cobriria, se virássemos a construção de lado.

— Isso tudo é nosso? — pergunto.

— Sim — meu pai diz com um grunhido enquanto finalmente empurra a porta da frente para abri-la, uma mala enfiada sob o braço esquerdo. — Agora que vovó foi embora. Já que sua mãe não tem irmãos, tudo vem pra nós. — Ele está tentando soar tranquilo sobre isso, mencionando minha mãe sem peso. Mas não pode ser fácil voltar para esta casa, onde nós todos vivemos juntos antes de ela se mudar para a África e nunca mais voltar.

Piso no saguão circular e pintado de castanho-avermelhado, e contemplo o balaústre de madeira polida da escada em espiral que parece se estender por todo o infinito. Tem cheiro de velho. Não de velho *ruim*, só... poeirento, como se a casa inteira fosse uma caixa de antiguidades que ficou no porão por tempo demais.

Meu pai me guia por uma sala de jantar formal no piso térreo, decorada com pinturas de horizontes e um lustre pesado, e então para a cozinha, que é simples, mas de tamanho considerável, como se fosse planejada apenas para atender festas importantes. Pequenas coisas pululam de repente na minha memória — comer bombas de creme na mesa com a vovó, deitar sob o grande piano na sala de estar do segundo andar enquanto um convidado do jantar divertia uma multidão, a toca de rato onde eu sempre deixava jujubas à noite, que sumiam pela manhã, até que meu segredo foi descoberto e fecharam o buraco. Esses não são os cômodos de uma família moderna. Tem quartos demais para preencher. E agora somos apenas nós dois. Bom, dois e uma metade peluda.

Enfim nos encontramos em um cômodo do canto, no quarto andar, com pesadas cortinas de brocado azul e pálidas paredes cor de lavanda.

— Pensei que este pudesse ser o seu quarto. — Meu pai mexe um pouco os pés, procurando as palavras certas. — Era o quarto de sua mãe quando ela tinha sua idade. É um pouco mais adulto do que o quarto em que você dormia antes de irmos embora.

Olho ao redor, analisando a cama de dossel, as fotos de lugares distantes e a lareira ornamentada, cheia de algumas caixas prateadas e suvenires com formato de hipopótamos e girafas. Agora minha mãe vive em Madagascar em uma instituição de pesquisa com versões reais dessas criaturas.

— Tudo bem — digo.

— Tem certeza? — meu pai pergunta.

— Acho que sim... — hesito.

— Ótimo — ele diz, e simplesmente vai embora, de volta para o carro para continuar o negócio de desenraizar nossas vidas.

Acabei de tirar o que parece ser a milionésima caixa do caminhão de mudanças, enquanto Jerry me segue para dentro e para fora da casa, me encarando. Dizem que a maioria dos cachorros não faz contato

visual por respeito e para mostrar que entendem que você é o alfa da matilha. Bom, Jerry só olha para mim diretamente nos olhos. O que isso quer dizer sobre nós?

Dentro do saquinho, meus olhos pousam num grande envelope de papel-manilha na mesa do hall, com meu nome escrito com a letra de minha avó.

— Encontrei isso na sala de estar da vovó — ouço meu pai dizer, e ergo os olhos para vê-lo em pé na metade da escadaria, fazendo um grande esforço segurando uma caixa rotulada **Livros da Alice**. — Ninguém pode dizer o que é. Ela guardava tudo. Ela chamava isso de meticulosidade. Eu chamava de obsessão. Você deveria ir olhar o closet dela. É organizado por cores.

Estudo o envelope, sentindo uma mistura de confusão e um estranho tipo de alívio. É o primeiro sinal que recebo de que eu realmente deveria estar aqui. Com cuidado, esvazio o conteúdo do envelope na superfície de mármore da mesa. Dele, caem vários cartões-postais impressos em frágil papel-cartão marrom. Pego um. Em um lado, tem uma imagem simples de um trio em um balão, flutuando rumo ao céu. Do outro, em grossa fonte de máquina de escrever, está escrito:

Feliz aniversário, Alice!
de Gustavo L. Petermann e todos os seus amigos
do Centro para Descoberta de Sonhos (cds)

Franzo a testa para o cartão, largo e pego outro. Diz exatamente a mesma coisa. E o próximo também. Há nove cartões-postais, todos com balões de um lado, todos com os mesmos estranhos votos de aniversário no verso. Verifico os carimbos postais e percebo que cada um deles foi enviado todo ano desde que fui embora, no dia do meu aniversário. Penso nos lembretes de consulta que o meu dentista sempre enviava em Nova York — um dente com um rosto, usando maquiagem. Que tipo de dente usa blush?

No fim da pilha, há um bilhete, escrito em pálido papel turquesa, delicado entre meus dedos.

Querida Alice,
Nunca se sabe se algum desses vai ter alguma utilidade para você, mas eu não conseguiria jogar qualquer um deles fora.
Com amor,
Vovó

Sorrio e balanço a cabeça. Era exatamente a vovó. Simples, elegante, direto ao ponto. Pelo menos na escrita, que foi como eu a conheci na maior parte do tempo. Meu pai nunca quis voltar a Boston depois que fomos embora, sempre arrumando alguma desculpa. Eu tinha visto vovó uma meia dúzia de vezes ao longo dos anos, quando ela peregrinava a Nova York para a abertura de alguma peça na Broadway ou algum show no Guggenheim. Seu cabelo estava sempre meticulosamente arrumado e suas roupas bem passadas. Eu me perguntava se as pessoas simplesmente se tornavam impecáveis com a idade, ou se eu teria oitenta anos e ainda usaria suéteres com buraco no pulso, por onde eu poderia enfiar meu polegar.

Bem nesse momento meu celular vibra.

— Pensei que você tivesse morrido — Sophie diz quando atendo. Ela finge um sotaque de Boston: — Ocupada demais estacionando o carro na Harvard Yard para responder minhas mensagens?

Eu já estou rindo.

— Então, você já está com saudades de mim ou o quê? — pergunto.

— Nadinha! — ela ironiza.

— Mas como? — choramingo.

— Porque eu tenho seu clone, dá. Estou com ela agora. Ela está meio furiosa porque estou falando com você, na verdade. Quer saber o que você pode oferecer que ela não pode. — Sophie foi minha primeira amiga em Nova York e melhor amiga desde então. Entre nós, há uma velha brincadeira de que secretamente fizemos clones uma da outra para nos fazer companhia quando a original não está por perto. Ninguém entende, e preferimos dessa forma.

— Bom, eu estou com saudade de você — digo.

— O que houve? — o tom de Sophie fica sério de repente. Ela sempre consegue perceber quando tem algo acontecendo. É totalmente irritante, na maior parte do tempo.

— É só que é esquisito aqui — digo. — Você deveria ver a casa, Soph. É como um museu.

— Mas você ama museus! — ela exclama. Ela não entenderia de qualquer forma, porque vive na Park Avenue em um apartamento tão impecável que eu sempre tinha medo de que minha mera presença fosse manchar tudo. Os pais de Sophie vendem arte; é a profissão deles. Grande arte moderna, como esferas gigantes feitas de grama sintética e vídeos de gente estranha nadando, que eles projetam em

suas salas de estar. — Sério mesmo, Alice, se você desaparecesse, os primeiros lugares que eu diria a um detetive bonito da polícia de Nova York que aparecesse na minha porta procurar você seria o Met ou o MoMA.

— Gosto de *visitar* museus, não de morar neles — digo, revirando os olhos. — Aqui simplesmente não é um lar.

— Mas vai ser — ela me garante. — Você só está cansada da viagem.

— Na verdade, eu dormi na maior parte da viagem... — eu me distraio, pensando sobre pegar no sono no peito de Max. Conto a Sophie sobre a noite no museu e ela diz que soa romântico. Mas seu tom de voz diz outra coisa.

— Sei que sou maluca por continuar pensando nele assim — digo. — Você não tem que me dizer. — Nós já tivemos essa conversa um milhão de vezes antes.

Sophie suspira.

— É só que você tem um novo começo aí, Al. Talvez seja inteligente, sabe... namorar um cara com quem você pode, tipo, ficar de verdade?

— Mas parece que estamos juntos... — digo.

— Você sabe o que quero dizer, Alice — ela diz, revelando uma pontinha de impaciência. — Alguém que você possa *ter* de verdade. E apresentar aos amigos. E se pegar com ele atrás de uma moita nas excursões no campo. Alguém que seja... tipo... real.

Real. A última palavra fica pairando ali entre nós, e balanço minha cabeça, envergonhada. Ela tem razão. Não importa como eu me sinta em relação a Max, ainda existe um problema. A noite no museu foi um sonho. Todas as noites com Max, desde que me lembro, foram sonhos. Porque Max é o garoto dos meus sonhos... e só dos meus sonhos.

Porque ele não existe de verdade.

Veneno da cobra-marinha-e-nariz-de-gancho

É óbvio que estou totalmente consciente de que soa cem por cento maluco estar apaixonada por alguém que nunca conheci, que não é nem real. Mas, já que não consigo me lembrar de uma época em que eu não sonhasse com Max, pode ser difícil notar a diferença. Os lugares mudam e as histórias também, mas Max é constante, me recebendo em cada sonho com seu sorriso travesso e grande coração. Ele é minha alma gêmea.

No entanto, sei que não pode durar para sempre. Então, só por via das dúvidas, anoto tudo no meu caderno. Sophie uma vez o chamou de meu diário dos sonhos, que soa como algo que você acharia do lado da seção de incensos numa loja de presentes. Ele me acompanha em todos os lugares, inclusive está agora mesmo dentro da minha bolsa de pano, que tem um **I New York** estampado nela, na cesta de vime de uma velha bicicleta Schwinn enferrujada que encontrei no jardim atrás da casa da vovó. Apelidei a bicicleta de Frank, diminutivo de Frankenstein, já que eu basicamente a trouxe de volta dos mortos.

No momento, Frank está em pé entre os dois pilares de pedra que demarcam o final da Bennett Academy para o resto do mundo — pilares que parecem dizer: “Ah, você não. Não aqui”. O que eles realmente dizem, entalhado na fachada de granito, é: **Aquele que encontra conforto dentro dessas paredes encontra conforto dentro de si mesmo.** Eu não acredito nesta afirmação.

Passo os olhos pelo estacionamento de alunos, cheio de Volvos reluzentes e suvs da Audi, e então baixo os olhos para Frank. O único motivo pelo qual estou parada aqui é um programa de reciprocidade que a Harvard tem com a Bennett para os filhos de seus professores. O guia da escola diz que é porque Marie Bennett, que começou a escola na varanda dos fundos de sua casa em 1800, era filha de um presidente da Harvard e, portanto, um “relacionamento baseado em respeito mútuo” existiu desde então.

— Vai saber o que isso quer dizer — comentei quando ouvi meu pai ler a descrição em voz alta durante o jantar noite passada.

— Quer dizer que ter como aluna a filha do coordenador do Departamento de Neurociência faz bem para a imagem da Bennett — ele explicou. — E em troca você recebe um ensino médio de altíssima qualidade de graça.

— Tem certeza? — digo, virando a cabeça para o lado e girando um pouco de macarrão cabelinho de anjo no meu garfo. — Porque tenho bastante certeza de que consegui a bolsa por minhas habilidades atléticas.

— Ah, sim. — Meu pai assentiu com a cabeça, entrando na brincadeira. — Foi provavelmente aquele troféu que você ganhou no quarto ano. Por que você ganhou aquilo mesmo?

— Mais tempo no bambolê — eu o lembrei, levando uma grande garfada de massa à boca. — O ápice da minha carreira nos esportes.

— Esse mesmo. — Ele limpou a boca com o guardanapo e piscou para mim.

Agora prendo a bicicleta com uma corrente ao edifício administrativo principal, que mais se parece com a Casa Branca do que com uma escola, e ando na ponta dos pés pelo corredor de mármore brilhante, porque nenhum outro jeito parece apropriado. Bato na porta do escritório do reitor para meu “encontrar & cumprimentar” das nove horas, um termo que me fez torcer o nariz quando li no material informativo à noite passada.

— Pode entra-ar. — A resposta em ritmo cantante me surpreende, mas não encontro ninguém na área de espera, então me aventuro no escritório do reitor Hammer, evitando o olhar sério dos retratos antigos. Parece que a Biblioteca Pública de Nova York foi condensada em uma pequena salinha: madeira escura, abajures de bronze e fileiras sobre fileiras de livros.

— Então, o que você fez?

Eu me viro tão rápido com o som da voz de alguém que esbarro na mesa de centro, indo parar estatelada no carpete carmim. Olho de soslaio para a figura agora me espiando por cima do ombro, agradecida por ter escolhido uma bermuda em vez do vestidinho solto tangerina que tinha pensado em usar na manhã de hoje. Tudo o que consigo ver é cabelo. Muito cabelo, loiro e rebelde.

— N-nada — finalmente respondo, piscando algumas vezes. — Eu só sou... nova.

— Bom, meu conselho é correr pra caramba — o monte de cabelo diz, estendendo a mão e me puxando do chão. O rosto que entra em

foco exhibe uma expressão estupefata na maior parte do tempo por causa das sobranceiras escuras que contrastam fortemente com seus cachos oxigenados de surfista e brilhantes olhos azuis.

— Então, o que *você* fez? — pergunto, espiando-o cuidadosamente.

— Eu? — ele diz, colocando a mão sobre o peito como se eu o tivesse apunhalado. — O que faz você pensar que fiz alguma coisa? — Mas há algo no brilho dos olhos dele que me diz para não acreditar. — Será que um cara não pode tirar um cochilo no escritório do reitor em paz? Gosto do cheiro de livros com capa de couro. — O canto do seu lábio se ergue em um quase imperceptível sorriso.

— Ah, ótimo, Oliver, você está aqui — o reitor Hammer diz enquanto entra desordenadamente, tirando o blazer e pendurando-o no gancho da porta. Ele é atarracado, provavelmente com quarenta e tantos anos, mas parece mais velho, sem dúvida por ter que lidar com alunos como Oliver. Usa óculos delicados com armação de metal e calças passadas com perfeição.

— Sim, senhor — Oliver-com-o-cabelo diz, sentando-se e casualmente descansando um braço no encosto do sofá. — Senti tanta saudade, Rupert, mal podia esperar para ver você.

— Podia, sim — diz o reitor Hammer, sentando-se à escrivaninha do tamanho de uma mesa de biblioteca, atulhada de papéis. — Na verdade, você está aqui porque, por algum motivo impressionante que ainda tenho que compreender, você está metido em confusão antes do ano letivo sequer começar.

— É uma transgressão menor, na verdade. — Oliver revira os olhos.

— Pagar outro aluno por seu registro de automóveis no campus e grudá-lo no seu próprio veículo porque os seus privilégios foram revogados no final do semestre passado não parece menor para mim — o reitor diz.

— Dá para me culpar? — Oliver argumenta. — Como é que vou ir almoçar? Você quer que eu morra de fome?

— Eis aqui uma ideia maluca: quem sabe no refeitório — reitor Hammer responde, monótono.

— Rupert, se eu tiver que passar meus dias, na verdade dias letivos inteiros, neste inferno claustrofóbico por todo meu último ano no ensino médio, eu não vou pagar pelo registro de alguém. Eu vou pagar para alguém me atropelar.

Na palavra *inferno*, o reitor Hammer se ajeita na cadeira,

subitamente ciente da minha presença.

— E quem é você? — ele pergunta.

— Alice Baxter-Rowe — digo. — Embora eu prefira só responder por Alice Rowe, se não tiver problema. Eu posso esperar do lado de fora...

— Não se mova, Alice — ordena o reitor Hammer. — Você é quem tem hora marcada. Bem-vinda à Bennett, a propósito. Quanto a você, Oliver, não posso suspendê-lo porque sei que é exatamente o que está esperando. Não saia deste campus pelo resto do dia ou, que Deus me perdoe, vou achar uma maneira de fazê-lo dormir aqui. Vou contatá-lo sobre medidas disciplinares depois de falar com seus pais.

Os olhos claros de Oliver quase ficam escuros.

— Boa sorte com isso — é tudo o que ele sussurra, e se esgueira para fora da sala.

— Srta. Rowe — diz o reitor Hammer depois de a porta bater. — Pode se sentar. Tenho de me desculpar por Oliver. Garanto que é raro encontrar um aluno tão desiludido aqui.

— Tudo bem. — Dou de ombros enquanto me sento. — Ele na verdade foi um bom entretenimento.

O reitor franze a testa:

— Não demais, eu espero. Você esteve aqui por apenas dez minutos, não iria querer você já andando com a turma errada. Falando nisso... — Ele está inequivocamente sério. Não necessariamente carrancudo, mas parece um homem interessado em baboseiras amenas.

Aqui vamos nós, penso comigo mesma. É um tom com o qual me acostumei. Advertência.

— Você tem uma excelente oportunidade pela frente, Alice.

— Você fala exatamente como meu pai. — Minha voz sai um pouco cansada. Mas o reitor Hammer mal parece ter ouvido.

— Suas notas são excelentes — ele segue, destrinchando minha pasta. — Mas são suas cartas de recomendação que me preocupam um pouco. — Mordo a parte de dentro da bochecha.

— Imagino que seja sobre meu foco?

— Você imagina corretamente — ele responde. — Todos os seus instrutores mencionam a mesma palavra. *Potencial*. O consenso parece ser que você tende a se “esquivar”. — Ele faz pequenas aspas com as mãos ao usar a palavra *esquivar*. — Se você descobrisse o que realmente quer, não haveria limite para o que conseguiria conquistar.

Sei o que ele quer que eu diga. Que estou pronta! Que sei para qual faculdade quero ir e que pessoa quero ser e o que quero gravado na minha lápide. Mas eu não estou e eu não sei.

Com meu silêncio teimoso em resposta, o reitor Hammer pigarreia.

— Então, qual é a primeira aula hoje? — ele pergunta gentilmente.

— Psicologia social, com o professor Levy — respondo, conferindo meus horários de novo.

— Uma boa escolha. Tenho certeza de que você vai gostar. — Ele se levanta e abre a porta, e percebo que não o vi sorrir nenhuma vez. — E lembre-se, Alice, nós estamos aqui para você. Nós só queremos que você aproveite tudo o que puder desta experiência.

— Obrigada. — Aperto a mão dele. E então imediatamente reviro os olhos assim que a porta se fecha atrás de mim.

— Ruim assim? — Oliver pergunta. Ele está sentado sobre a mesa na sala de espera como se fosse uma bancada na cozinha, ao lado de uma recepcionista de aparência pré-histórica, que tenta não transparecer estar se divertindo.

— O que você ainda está fazendo aqui? — pergunto.

Ele salta da mesa.

— Conversando com a Roberta, meu único e exclusivo amor verdadeiro, é claro. — Ele pisca para a mulher atrás da mesa. — Não se preocupe, Roberta, nosso caso ilícito está seguro com Alice. Ela é nova aqui, então não conhece ninguém, de qualquer forma. — Em resposta, Roberta apenas balança a cabeça.

— Deixe-me acompanhá-la à sua primeira aula — ele diz. E não é uma pergunta.

— Alguém está com uma cara feliz para o primeiro dia em uma escola nova — professor Levy observa quando entro pela porta 201 da aula de psicologia. — Você deve ser Alice. Tive o resto desse pessoal na primavera passada para introdução à psicologia, e você é a única que não conheço. Bom, exceto por Kevin MacIntire, que aparentemente passou o verão inteiro comendo cereais Wheaties.

Ele diz a última parte com uma voz mais baixa, inclinando-se para a frente com as mãos nos bolsos, um segredo entre nós dois enquanto o resto da sala ainda está se acomodando. Professor Levy é obviamente o professor “descolado” que você “respeita”. Usando calças jeans e uma camisa social verde-oliva, ele também é jovem.

Jovem tipo recém-saído da faculdade. E ele parece bastante satisfeito consigo mesmo em relação a isso.

— Você sabe o que quer dizer, não é? — Levy continua. — Você vai ter que se apresentar para o grupo. Alice? Eu já perdi você?

Ele me perdeu. Parei de ouvir completamente. Também parei de respirar. Estou pensando em uma carta que minha mãe uma vez me escreveu sobre a cobra-marinha-de-nariz-de-gancho, e como ela escapou de suas garras por um triz. Muito comum de se encontrar na costa de Madagascar, a cobra-marinha-de-nariz-de-gancho tem veneno suficiente para matar cinco pessoas com uma mordida e pode paralisar uma vítima com apenas um ataque. Mas você não morre imediatamente. Então você tem que ficar deitado ali, sabendo que o fim está próximo, incapaz de se mover. É exatamente assim que me sinto neste momento — total e completamente paralisada, com exceção de meu coração martelando na minha caixa torácica.

Porque parado na porta da sala de aula, olhando diretamente para mim, está Max.

Meu Max.

Meu Max dos meus sonhos.

Meu Max que não existe.

Você finalmente enlouqueceu, penso. *Você viajou e o imaginou*. Mas então alguém passa pela porta bruscamente, esbarrando no ombro dele e derrubando seus livros no chão. Eu me abaixo para ajudá-lo a recolhê-los, mas ele depressa os apanha, evitando meu olhar e se movendo para achar um lugar.

Tudo bem, então não é uma miragem, acho. Mas talvez um clone. Porque não é possível que o nome dele seja na verdade...

— Max! — o professor Levy o chama, tirando sarro. — Espero ver melhor coordenação no campo de futebol nesta temporada. Bem-vindo de volta, cara.

Max apenas ergue o rosto para dar um sorriso ao professor Levy, então se senta, olhando fixamente para baixo, para o seu livro, como se fosse uma bomba prestes a explodir a qualquer momento.

— Então, Alice, estamos prontos para essa apresentação, ou o quê? — Levy pergunta. A turma inteira está silenciosa agora, me encarando. Incluindo o garoto dos meus sonhos, que acabou de se tornar realidade.

Que nem miojo

Eu o inventei. Pelo menos é isso que sempre disse a mim mesma. A mistura de todas as adorações da infância combinadas em um cara perfeito. O problema é que eu estava errada. Porque agora mesmo Max está sentado exatamente do lado oposto de mim no pátio da escola, lendo nosso livro de psicologia e pausando a cada poucos minutos para digitar alguma coisa no celular. Está usando uma camiseta cinza, e quero ir até ele e sentar no seu colo.

— Organize as ideias — sussurro, ajeitando uma mecha de cabelo atrás da orelha e olhando para o material sobre a história dos Estados Unidos que recebi. Não consegui prestar atenção em uma única linha da página. O que era aquele artigo que li por cima do ombro do meu pai alguns dias atrás? Como a internet conectou nosso mundo tão completamente que diminuiu os seis graus de separação para quatro? Eu provavelmente o vi no Facebook... Exceto pelo fato de que tenho sonhado com ele muito antes de saber que o Facebook existia.

Quando era pequena, eu tinha pavor absoluto de sangue, o que era inconveniente, já que sofria de sangramento nasal crônico. Meu pai e eu tínhamos uma palavra que usávamos para explicar o sentimento que eu tinha sempre que via sangue de qualquer tipo, na vida real ou nos filmes. *Que nem miojo*. Porque uma hora eu estava bem e então, na outra, alguém arranhava o joelho ou perfurava o dedo com um estilete na aula de artes, e eu sentia como se todos meus ossos tivessem sumido. Como se eu fosse apenas um saco de pele chacoalhando ao vento, ou um daqueles bonecos de posto esquisitos que colocam do lado de fora de revendas de automóveis. Em alguns momentos em que eu não estava que nem miojo, eu fazia uma performance para meu pai, mantendo os braços acima da cabeça e mexendo os quadris como um golfinho.

Que nem miojo é como me sinto neste instante, mesmo sem haver nenhuma gota de sangue em vista. E estou determinada a não me sentir dessa maneira pelo resto do ano.

Não seja esquisita não seja esquisita não seja esquisita, repito para mim mesma enquanto atravesso o que parece ser uma jornada épica pelo gramado bem cuidado. Há milhares de frases de apresentação

rodando na minha cabeça. Frases que vão me fazer parecer esperta e legal, a *femme fatale* dos sonhos de alguém, o que, tecnicamente, eu sou. Dele. Como “Impressionante conhecer você na realidade” ou “Teve alguma fase **rem** boa ultimamente?”. Max vai sorrir e me puxar para perto dele, e vamos nos beijar, e ele vai explicar tudo e nunca mais vai me soltar.

— Oi — é tudo que consigo falar na verdade, olhando fixamente para Max e me balançando um pouco nos calcanhares. Parece que cada nervo do meu corpo está gritando, e tenho vontade de correr muito rápido para muito longe.

Max não se apressa em olhar para cima, dando a impressão de que me viu encarando-o em silêncio do outro lado do pátio por todo esse tempo. Ele termina de marcar uma frase com um cuidado exagerado e então coloca o livro ao seu lado.

— Oi — ele responde, enfim me olhando diretamente e pousando as mãos no colo. Tem alguma coisa por trás do seu olhar que não consigo decifrar e que nunca vi antes. Tem uma formalidade nele. É quase... desafiadora.

De repente, a ideia me ocorre de que eu talvez esteja pirada de fato, como a senhora sem-teto que costumava ligar para nosso apartamento todo sábado de um telefone público da esquina e perguntar quais eram os pratos especiais do almoço. Se estivesse de bom humor, eu fazia a vontade dela:

— Massa ziti ao forno! — eu proclamava.

— Está boa hoje? — ela perguntava. E eu respondia:

— Ah, muito, nosso chef é famoso por ela! — Enquanto meu pai me lançava um olhar cético por cima de um de seus periódicos de medicina.

Mas agora que estou parada na frente de Max, ele é tão familiar que é quase opressor. Esse não é um rosto que copiei da internet e coleí com Photoshop no meu subconsciente. Esse é o cara que conheço e amo. O meu cara. Ele é meu, e eu sou...

— Você precisa de alguma coisa? — Max inclina a cabeça para o lado.

Engulo em seco.

— Você... você se lembra de mim? — enfim pergunto. E, enquanto procuro no seu rosto sinais de reconhecimento, algo como o que eu pensei ter visto na entrada da sala de aula, a sensação é de que meu coração afundou até o estômago, e as laterais do estômago estão se

dobrando em torno dele como o caramelo em torno de uma maçã do amor.

É neste instante que um borrão de cabelos negros se inclina na parte de trás do banco de Max, e um par de braços bronzeados e tonificados enlaça o pescoço dele. Os braços pertencem a uma garota, e ela o está beijando.

— Olá — a garota-que-aparentemente-também-beija-Max diz. — Quem é você?

Quem é você?, quero gritar. Sinto lágrimas se formando por trás dos meus olhos, e estou fazendo todo o possível para mantê-las ali.

— Ela é nova — Max interfere. Por um momento, seu rosto exibe um pequeno sinal de compaixão, que é substituído de imediato pela mesma assustadora expressão calma. — É Alice, não é? — ele diz. A garota-que-aparentemente-também-beija-Max ainda está pairando sobre o banco, seus cotovelos apoiados nos ombros de Max, seu belo rosto ao lado do dele.

É Alice, não é?

— É — consigo falar, e estendo a mão. A garota a aperta, sorrindo educadamente.

— Sangue novo. — Ela assente com a cabeça. — Sou Celeste.

Ai, Deus. *Celeste?* Nomes como Celeste jogam terra em nomes como Alice na pracinha. Nomes como Celeste roubam os garotos que iam ao baile do colegial com nomes como Alice. Nomes como Celeste estão aparentemente namorando os namorados imaginários dos sonhos de nomes como Alice.

— Que nome bonito — é tudo que digo.

— Obrigada. Como vocês dois se conhecem? — Celeste pergunta.

Nem Max nem eu falamos. Não aguento olhar para os dois juntos mais nenhum segundo, então apenas encaro o chão, esperando pela resposta dele. E, quando ela vem, só fecho meus olhos por completo.

— Nós não nos conhecemos — Max diz calmamente.

Agora não estou me sentindo mais que nem miojo. Agora sou um fiapo de macarrão que foi deglutido por uma mãe pássaro, regurgitado e dado para os filhotes no ninho. Meu cérebro sabe que é completamente idiota me sentir rejeitada por alguém que não tenho certeza se conheço... Mas meu coração não parece ter captado a mensagem ainda.

Ainda bem que somos interrompidos pelo que soa como um ar-condicionado quebrado vindo na nossa direção, e me viro para me

deparar com Oliver acelerando pelo caminho em pé num Segway verde-limão. Por todo o pátio, as pessoas ou estão rindo ou revirando os olhos. Oliver apenas sorri.

— *Alice!* — ele grita ao se aproximar. Ele circula em torno de mim enquanto pergunta: — Quer uma carona?

— Achei que você tinha tido seus privilégios de veículos revogados — digo.

— Ah, aquela situação. Acontece que, pelo artigo sétimo, seção dois, do livro de normas da Bennett Academy, alunos não podem ser proibidos de usar um veículo de transporte pessoal se puderem fornecer documentação de uma deficiência que requeira tal veículo, seja física, mental ou cognitiva.

— Bom, isso não deve ser um problema — Max bufa. Então, sem pausar, ele diz: — Como você conhece a Alice?

— Quando você ficou tão cruel? — deixo escapar. Assim que falo, percebo quão maluco deve soar. Mas Oliver está distraído, e Celeste está rolando alguma coisa na tela do celular.

— Max Wolfe, brilhante como sempre — Oliver diz. — Isso me lembra algo que meu meio-irmão de sete anos diria. Não fique ofendido; ele é maduro para a idade. Eu conheci a bela Alice Rowe na sala do reitor hoje de manhã. — Ele para o Segway e fica se apoiando nele, olhando fixamente para mim de maneira admiradora. — Você está linda, aliás. Esta é a cor natural do seu cabelo? — Ele o alcança sem esforço e deixa uma mecha do meu cabelo loiro-escuro deslizar através de seus dedos.

Apesar de saber que é tudo uma brincadeira, ainda fico corada quando faço que sim com a cabeça.

— Por que você se importa? — Max interrompe.

— Tudo bem — Celeste pula no meio, pegando a mão de Max e lhe dando um puxão. — Sei que vocês dois não conseguem se aguentar, mas estão particularmente mal-humorados hoje. Vamos pegar um bagel, seu bebezão.

Max cede, mas se levanta devagar, ainda franzindo o cenho para nós.

— E que tal uma carona? — Oliver pergunta de novo.

— Eu adoraria — digo enfaticamente. Ele estende a mão como se estivesse me conduzindo para uma carruagem puxada a cavalos, e me ajuda a subir no Segway. Conforme aceleramos pelo pôr do sol metafórico, espio além dos cachos flutuantes de Oliver para ver Max

se afastando com Celeste, seu rosto virado para trás, olhando para mim.

13 de setembro

— *Está pronta?* — *Max pergunta.* Estou em cima de uma prancha de espuma, em pose de surfista, no topo da escadaria em forma de caracol da vovó, enquanto Max segura meus braços para me manter em pé. Olho para baixo e percebo que, dessa vez, a escadaria realmente parece se estender até o infinito.

— *Isso não me parece nada seguro* — observo.

— *Vai ser ótimo* — *Max diz.* — *E eu vou estar bem atrás de você, prometo. E o que de pior que pode acontecer?*

— *Não sei, cair dando cambalhotas e então quebrar cada osso do meu corpo?* — digo.

— *Quebrar em quê?* — *Max pergunta e, então, quando vou apontar todos os perigos óbvios, noto que as paredes da escadaria, até mesmo os degraus, são feitos de almofadas de sofá. De todas as cores e tecidos, salmões profundos e verde-ervilhas e azuis da meia-noite. O pior que cair nessa escadaria poderia fazer seria me pôr para dormir.*

— *Entendi o que quer dizer* — digo.

— *Então?* — *Max pergunta de novo.*

Eu abro um sorriso lento.

— *Bom, o que você está esperando?*

Max sorri, me dá um beijo na bochecha e um grande empurrão. Deslizo para baixo, chiando pelos degraus de almofadas como se estivesse fazendo snowboard. É elástico e macio e divertido demais. Começo a notar que estou passando por fotos e, quando olho com mais cuidado, a escadaria se torna a galeria central do Guggenheim em Nova York, que começa a girar como um parafuso.

— *Max?* — grito.

— *Uhuuuuu!* — ouço Max gritar, enquanto ele surge, disparando atrás de mim. Ele parece estar prestes a me ultrapassar, mas, em vez disso, estende um braço, puxando minha prancha na direção da dele. E então estamos compartilhando uma mesma prancha, seus braços enroscados com força ao meu redor, enquanto obras de arte de custo inestimável passam zunindo.

Quando aterrisgamos no piso térreo, vovó está sentada em uma cadeira, vestindo um terninho Chanel vermelho e usando um grande chapéu de jardinagem, segurando uma bandeira quadriculada. Ela a sacode.

— Você venceu — ela diz em seu entusiasmo bem-disposto.

— De quem? — pergunto.

Em resposta, vovó só aponta, e descendo atrás de nós nas suas próprias pranchas estão o reitor Hammer e Roberta. Roberta ganha velocidade e, assim que está prestes a ultrapassar o reitor Hammer, ela lhe dá um leve empurrão com um braço, e ele capota.

— Ei! — o reitor Hammer grita. Roberta apenas ri sozinha.

Max coloca uma medalha de ouro no meu pescoço, com um sorriso largo.

— Bom trabalho — ele diz, os olhos brilhando. Mas alguma coisa está errada. Quando olho mais perto, vejo que não são seus olhos indecifráveis normais em verde-acinzentado. Eles são azuis brilhantes como os de Oliver.

— Max? — pergunto. — Está tudo bem?

— Por que não estaria? — ele pergunta.

— Seus olhos... — começo a dizer. Mas, quando olho para eles mais perto de novo, estão num tom de púrpura-escuro. Então eles cintilam de volta para verde-mar. — Não importa. — Balanço a cabeça.

Bipe-bipe-buzina, apito-apito-assobio

O teto do meu novo quarto está coberto de mapas. Linhas de metrô, cartas náuticas, geografia do mundo. É óbvio que, desde muito jovem, minha mãe estava desesperada para ir embora. Na hora em que o nauseante alarme trítone do iPhone emerge entre meus lençóis, já estou acordada e observando um pedaço do sistema solar no canto da extrema direita, pensando no sonho da noite passada. Eu poderia jurar que está brilhando, mas deve ser um truque da luz entrando pela janela. Manhãs costumavam ser minha parte favorita do dia. Esses momentos livres em que eu podia me agarrar a Max. Podia fechar meus olhos e imaginar de verdade o rosto dele ao lado do meu. Exatamente como ele parecia, a maneira como me sentia ao estar perto dele. Porque não importava o que acontecesse quando estivesse acordada, Max era sempre minha constante quando dormia. Até agora. Porque agora os olhos dele estavam ficando púrpura.

Há duas semanas chegamos a Boston, e agora ver Max — em sonhos ou na realidade — é basicamente uma tortura. Noite passada ele pode ter sido o cara despreocupado que eu amava, mas tenho certeza de que a história vai ser diferente quando eu chegar à escola.

Max sempre foi o cara que cuida de mim. Que sempre me coloca em primeiro lugar. Ano passado, sonhei o tempo todo que estávamos na Tailândia, andando de elefante, flutuando em barcos de cauda longa sobre ondas azuis cristalinas, assistindo a pores do sol na praia. Foi perfeito e lindo e despreocupado, exceto quando era hora de comer; Max experimentava todas as comidas antes de mim, tentando detectar um mínimo traço de amendoins, porque tenho uma alergia a nozes com a qual sou descuidada mesmo quando acordada. Eu suspirava dramaticamente toda vez, mas, por dentro, ele fazia eu me sentir amada e segura. Mas agora me sinto péssima. Vê-lo a cada dia enquanto ele me trata como se eu não existisse. Vê-lo com alguém novo como se eu nunca tivesse existido pra começo de conversa.

Apresso-me para desligar o alarme e me jogo de volta na cama em resignação, fazendo com que todos os travesseiros se afofem em torno

da minha cabeça. Bato furiosamente neles com os punhos e então salto para fora da cama, enfio um suéter cinza e me encaro no espelho da penteadeira da minha mãe. Meu cabelo cor de caramelo está tão desgrenhado, apontando para tantos lados, que dá para pensar que passei por um lava a jato em um conversível, e meus olhos estão brilhantes e intensos, em um tom entre verde e cor de mel sob a luz da manhã.

— Você realmente tem que superar isso — digo.

— Já acordou, Bichinho? — Ouço a voz grave e pré-café de meu pai chamar no caminho para a cozinha. — Sei que acordou. Posso ouvir você falando sozinha de novo.

Passo uma escova pelas madeixas selvagens e desço os três lances de escada até a cozinha. Encontro meu pai sentado à grande mesa de preparação para chefs, abrindo o *New York Times*.

— Bom dia — digo, me abaixando para dar um beijo na sua bochecha, e então me agachando embaixo da mesa para fazer o mesmo na cara gorda de Jerry. Jerry mal pisca enquanto meus lábios arranham sua cara peluda e enrugada.

A cafeteira solta estouros e gorgolejos na bancada, e caminho em direção a ela, inspirando o delicioso aroma.

— Dormiu bem? — meu pai pergunta sem levantar os olhos da seção de opiniões.

Eu me viro devagar para ficar frente a frente com ele.

— Por que pergunta?

— Inchaço sob os olhos, uma atenção pouco saudável para o café — ele diz de modo simples. — Quando a fase do sono **rem** é interrompida...

— Obrigada, dr. Rowe — digo. — Sei como funciona.

Meu pai me espia de trás dos óculos:

— Irritabilidade é outro sinal de privação de sono, que fique registrado — murmura.

Assim que a cafeteira apita, encho sua xícara preferida com logo de universidade e deslizo-a pela mesa como um pedido de desculpas, esperando até que ele tome um gole como sinal de que me perdoa. Então, depois de encher a minha própria, me arrasto até a mesa e sento de frente para ele. Ele está vestindo seu roupão velho de flanela sobre o pijama azul-marinho e está com o mesmo par de sapatos mocassim que tem desde que me entendo por gente. Ele obviamente usou esse figurino do lado de fora da casa para pegar o jornal. Quer

dizer que foi visto. Por *pessoas*. Estremeço e observo enquanto ele vira as páginas do jornal, murmurando para si mesmo enquanto se coça, levantando a mão para afagar a própria barba quando se depara com um artigo que o interessa. Conheço todos os seus hábitos, idiossincrasias. Entendo coisas sobre meu pai que nem ele mesmo percebe e provavelmente deseja que eu não entenda. Tipo como ele ainda sente falta da minha mãe.

— Você acha que vou gostar daqui? — pergunto enfim. — Quero dizer, em algum momento?

— Onde? Boston? — meu pai responde, claramente fixado em alguma coisa na seção de Ciência.

Inclino minha cabeça para o lado.

— Não, Cuba. *Espera*. — Levo as mãos no rosto num horror fingido. — Onde estamos?

— Engraçadinha — ele diz, dobrando o jornal e olhando diretamente para mim pela primeira vez. Então ele muda para um tópico que acha mais interessante. — Estranho você estar com problemas para dormir de novo.

— O que quer dizer? — pergunto. — Sempre tive os melhores sonhos.

— Agora sim — meu pai diz. — Mas, depois de sua mãe partir... — Ele pausa por um instante.

— Pai... — digo. Começo a me sentir um pouco que nem miojo de novo.

— Você tinha pesadelos de estar perdida. Acordava histérica, e eu tinha que segurá-la até você pegar no sono de novo. Até eu encontrar o **cds**.

— **cds**? — pergunto. Por que isso soa tão familiar? Meu café ainda não fez efeito, mas está na ponta da língua.

— Centro para Descoberta de Sonhos — meu pai diz. — Você não se lembra? Dr. Petermann?

Eu o encaro por um longo momento, e então eu me lembro.

— Espera aí, esses? — Corro para o hall de entrada, volto e jogo os cartões-postais na mesa da cozinha.

Meu pai pega um deles e faz uma careta:

— Não consigo acreditar que sua avó guardou isso.

— Pai, você poderia por favor me dizer do que está falando? — pergunto. — Não tenho nenhuma lembrança desse lugar. Vou me sentir como se tivesse feito uma lobotomia se você não explicar.

Meu pai serve mais uma xícara para cada um de nós.

— Como eu disse, depois de sua mãe ir embora, você começou a ter pesadelos. Você tinha apenas seis anos. Acho que se sentiu vulnerável. Ficou tão ruim que mal dormia. *Eu* mal dormia. Então um colega meu na universidade **mit** me sugeriu um estudo do sono sobre mapeamento dos sonhos. — Ele pausa. — Isso está soando familiar, Alice?

— Ahn, só de um filme de ficção científica ruim — digo, paralisada. — Pode continuar.

— Não tem nada de ficção científica, só de ciência. — Papai fica muito sensível com a diferença. — Como você sabe, muito do cérebro ainda é um mistério. Mas um avanço que fizemos é no monitoramento da atividade cerebral, que partes do cérebro se ativam quando vemos ou sentimos coisas diferentes. Alguns cientistas descobriram que se monitorassem a atividade cerebral durante os sonhos, então pedissem para que os pacientes contassem a história depois, eles conseguiriam, em um nível muito rudimentar, juntar essas histórias.

— Então basicamente você me transformou em um dos macacos do laboratório de Madeleine.

— Queria que você a chamasse de *mãe* — meu pai me corrige, e não tenho coragem de contar a ele que, de certa forma, *mãe* não soa mais certo. — Mas você não está errada.

Macacos são o motivo pelo qual meus pais se conheceram. Primatas, na verdade. As pessoas sempre confundem macacos e primatas, quando são na verdade duas espécies diferentes. Madeleine estava em Harvard, estudando a evolução da linguagem. Todos os seres têm maneiras de se comunicar, de se expressar, mas nem todos os seres usam linguagem, que tem regras gramaticais. Madeleine queria descobrir como tudo surgiu, por que alguns têm linguagem e outros, não. Ela venerava Jane Goodall e Dian Fossey, as jovens que percorreram a selva africana nos anos 1970 documentando gorilas.

Então ela passava a maior parte de seus dias com um rádio imenso e pesado tocando padrões de sons repetidos para primatas em um laboratório. *Bipe-bipe-buzina, apito-apito-assobio, a-a-b, a-a-b*. Madeleine acreditava que, se ela mudasse o padrão subitamente de *a-a-b* para *a-b-b* (*bipe-buzina-buzina, apito-assobio-assobio*) e o primata notasse, significaria que eles, antes de tudo, notaram um padrão. Ela era uma nerd completa com isso; não conseguia se satisfazer. Foi a uma palestra sobre como a linguagem é mapeada no cérebro, e foi lá

que conheceu meu pai, que estava na verdade dando a palestra com a idade madura de vinte e oito anos. Ficaram conversando por horas e basicamente nunca mais se separaram.

Até que me tiveram. E, seis anos depois disso, a bolsa de pesquisa em Uganda para Madeleine surgiu, e ela foi sozinha e nunca voltou. Agora ela mora em Madagascar com Javier. Javier é um estudante pesquisador de Barcelona que tem a metade da idade dela. Ela diz que eles são só amigos, mas já vi fotos de Javier, cujo nome coloquei no Google, e penso diferente. Não que eu algum dia vá dizer isso a ela, já que nós apenas nos comunicamos umas seis vezes por ano.

— De qualquer forma — meu pai está dizendo —, depois de alguns sábados por mês no **cds** e de repente você dormia como um bebê. Você estava mais feliz. Tinha um grupo esquisito de pessoas lá, mas eram apaixonados pelo que faziam por vocês.

— Vocês? — pergunto. — Tinha outros? — Estou olhando para baixo, para os balões no cartão de aniversário. Sinto como se minha mente fosse cheia de peças de quebra-cabeças, e estivesse tentando organizá-las sem usar as mãos.

— Claro — meu pai diz. — Você sabe como estudos funcionam, Alice.

— E o **cds** ainda existe? — pergunto.

— Bom, alguém ainda está enviando esses cartões-postais para você, não está? — ele diz, voltando-se para seu jornal.

Eu me levanto depressa, sentindo-me acordada pela primeira vez na manhã toda e com mais esperança do que senti em dias. Corro de volta para cima, para trocar de roupa, mas piso em falso quando encosto o pé no primeiro degrau. Posso jurar que ele simplesmente afundou, como uma almofada de sofá. Encaro o degrau por um momento. Parece normal, como, sabe, um degrau. Respiro fundo, e então gentilmente pressiono meu dedão do pé contra ele, seguido de algumas cutucadas gentis. Nada. O mesmo degrau de madeira de sempre.

Parece que o café está demorando mais tempo que o normal para fazer efeito.

Law & Order: Unidade de Cookies Especiais

Acontece que não posso esperar passar o ano letivo assim. Desejando um cara que eu sinto que, no fundo, no fundo, realmente conheço, mas que na verdade age como se eu não existisse. Eu poderia muito bem ser o personagem principal em algum desses filmes com perseguidores esquisitos no Lifetime. Imagino o trailer na minha cabeça. *Em um mundo em que nada faz sentido, até onde ela irá para conseguir o garoto dos seus sonhos — literalmente?*

Então é óbvio que tenho que fazer algo a respeito, o que me traz até aqui, até o refeitório da Bennett. Na verdade, Bennett não tem um refeitório. Tem um salão de jantar. Janelas que vão do piso ao teto, longas mesas de carvalho e imensos lustres. Há opções vegetarianas, veganas e sem glúten. Tem uma máquina de waffle no café da manhã, uma prensa de panini no almoço e mais tipos de cereais do que você encontraria numa fábrica da General Mills. O que é ainda mais impressionante é o fato de que servem *jantar*. Então você pode ir para aula e depois fazer esportes, e em seguida fazer um lanchinho antes de virar a noite na biblioteca. Se é esse o tipo de coisa que você gosta. **Um corpo são é uma mente sã!**, proclama uma placa acima da estação de bagels. Mas agora nem estou com fome. Agora estou aqui a negócios.

A ligação que recebi de Sophie durante o horário livre é o que realmente me pôs em ação.

— Pesquisei sobre ele! — ela anunciou com orgulho quando atendi o telefone.

— Quem? — perguntei.

— Quem você acha? — ela diz. — O Garoto dos Sonhos, é óbvio. Nós não podíamos antes, porque só tínhamos umas informações vagas: nome, idade, altura e... gostoso. Mas agora nós sabemos muito mais! Sobrenome, cidade natal, até escola!

— E o que você descobriu? — perguntei, meu coração acelerando um pouco. Sophie era totalmente genial.

— Temo que não muito — ela disse, a voz assumindo um tom

monótono. — Pelo menos nada que ligue você a ele. Ele frequenta a Bennett desde o jardim de infância, é um atleta da escola, capitão do time de futebol, o que é uma coisa bem importante para um aluno do terceiro ano, aliás. E passou a primavera do segundo ano na Costa Rica, algum tipo de programa de intercâmbio estudantil. Bastante impressionante.

— Que bom que você gostou dele — resmunguei.

— Você pode deixar de gracinhas, por favor? — Sophie disse. — Acabei de dar uma de Nancy Drew por sua causa.

— Desculpe, Soph, você sabe que eu valorizo isso. Só estou desapontada. Estou louca para descobrir como eu o conheço. Principalmente depois que, apesar de todo meu esforço, ele deixou bastante claro que não sou nada além de uma garota nova que surgiu na aula de psicologia.

— Você está se aproximando — Sophie disse. — Não perca a esperança. Agora, se você me dá licença, a professora Tassioni está me olhando feio.

— Onde você está? — pergunto, rindo.

— Na verdade, estou na primeira fila da aula de inglês — ela disse. Então em resposta a uma voz no fundo, seu tom se tornou levemente hostil. — Tá bom! Caramba! O mundo não começou e acabou com Jane Austen, sabe... — Seguido de um clique. Enfio o telefone de volta na bolsa com um sorriso triste e tento ignorar a dor no fundo do estômago. Sophie é ousada e não tem remorso. Mas ela também é o tipo mais leal de pessoa que existe. Eu sinto muita falta dela para sequer pensar a respeito.

E, por mais que eu valorizasse seu auxílio, não tinha me ajudado a chegar a lugar nenhum. Então tenho procurado por Max o dia inteiro, e finalmente o rastreei no jantar. No momento, o Garoto dos Sonhos está pegando um prato e se direcionando para a fila de comida, e minha missão hoje é ver o que ele come. Porque, se conseguir descobrir se ele compartilha os mesmos gostos e desgostos do Max dos Sonhos — ódio por coentro, amor por hambúrgueres, ambivalência quanto a doces em geral —, vou saber se estou mesmo sonhando com uma pessoa real... E então talvez eu consiga descobrir *por quê*. Talvez eu consiga descobrir o que tudo isso tem a ver com esse lugar misterioso **cds** e aí saiba o que fazer a respeito disso.

— Hummmm! — digo com entusiasmo demais, seguindo bem ao lado de Max na fila e lendo o cardápio. — Noite *brasileira*. — Minha

escola anterior tinha dois tipos de comida: comestível e não comestível. Este lugar é simplesmente surreal.

Max só acena com a cabeça enquanto coloca um filé em seu prato, e sequer ergue os olhos.

Bato os dedos em minha bandeja com nervosismo e a empurro pela fila, sentindo alívio ao chegar às bananas fritas. *Aqui está. Minha “entrada”.* Uma vez, quando eu era pequena, meu pai teve que viajar para uma conferência e me deixou sob os cuidados de uma brasileira que morava no apartamento de baixo. Eu me sentia muito bem com aquela situação e planejava assistir a todos os programas de tv que meus globos oculares aguentassem antes de derreter no meu crânio. Mas Beatriz era surpreendentemente rigorosa e, para piorar a situação, toda noite ela preparava bananas fritas com carne moída temperada. Eu sorria enquanto mastigava, depois cuspia tudo no guardanapo e dava para Jerry debaixo da mesa quando ela não olhava.

Eu ia dormir à noite com uma fome imensa e uma saudade enorme do meu pai.

Mas, nos meus sonhos, Max sempre estava lá.

— Na verdade, bananas fritas são bem boas sozinhas — ele dizia, enquanto nos sentávamos em uma árvore na floresta Amazônica, assistindo a um pôr do sol verde-limão. — Você já provou com canela e açúcar mascavo? Aqui. — Ele colocou uma na boca e passou para mim um saquinho de papel marrom, sorrindo enquanto eu me entupia com nacos gordurosos da fruta. E então pulamos para baixo para explorar e acabamos descobrindo novas espécies de peixe que tinham pele em vez de escamas.

— Você já comeu isso com canela e açúcar mascavo? — pergunto, apontando para as bananas com uma colher e olhando para Max com o canto dos olhos. *Por favor, diga que sim.*

— Não — Max responde casualmente. — Fica bom? — Mas ele nem espera pela minha resposta e segue para a próxima ilha de comida.

— Sim, ficam, na verdade — digo para ninguém enquanto meu corpo murcha. — Obrigada por perguntar.

Eu o sigo até a ilha de refrigerantes, onde ele não pega um refrigerante, mas, em vez disso, enche seis copinhos da cafeteria com água gelada, que ele organiza em uma fileira em sua bandeja. Não consigo deixar de fazer uma careta. Tão chato. Tão não Max.

— E a Amazônia? — insisto. — Já esteve lá? — Max enfim olha

para mim, mas a expressão em seu rosto não é exatamente o que eu esperava. É desarranjada, não gentil. Desvio o olhar, colocando um copo embaixo da garrafa térmica de leite e pressionando a alavanca com um pouco de força demais. Leite achocolatado se espalha por toda minha bandeja. Suspiro. — Acho que estou prestes a descobrir qual o gosto de bananas com chocolate. — Sorrio debilmente.

Max ainda está olhando para mim com o cenho franzido, mas dessa vez juro que tem um minúsculo vestígio de sorriso desabrochando em seus lábios. Como se ele estivesse mordendo dentro da bochecha para não rir.

— O quê? — pergunto.

— Nada. Você faz muitas perguntas — Max diz.

— Amazônia ou nada de Amazônia? — pergunto de novo.

Ele começa a pegar os talheres:

— Nunca estive.

— E quem sabe Tailândia? Ou Egito?

— Não mesmo. — Ele já levanta sua bandeja de novo, assentindo com a cabeça para uma mesa de jogadores de futebol que fazem gestos, chamando-o.

Respiro profundamente, tentando pela última vez.

— Nem eu — digo. — Mas o Metropolitan Museum of Art, o Met, tem uma excelente tumba egípcia... Já fui lá uma vez. — Mexo em uma banana mergulhada em leite achocolatado por um segundo antes de olhar de volta para ele. — Já foi?

Max baixa a bandeja com um pouco de grosseria demais. Os talheres batem contra o prato, e agora as pessoas estão olhando na nossa direção, e as conversas se tornaram sussurros. Tenho certeza de que todo mundo quer saber por que um dos caras mais populares da escola está olhando para a nova garota aleatória como se ele quisesse esmagá-la como uma mosca com um pedaço de jornal enrolado.

— Eu só estava... puxando assunto... — sussurro. — Desculpe.

Max balança a cabeça, inspirando fundo.

— Não. Eu sinto muito. Eu só estou com muita fome, pouco açúcar no sangue e um treino pesado hoje...

Ele pega o guardanapo em sua bandeja e estende para mim.

— Você pode precisar disso. A gente se vê na aula.

Meu rosto queima enquanto pego o guardanapo, secando minha mão nele e depois usando-o para secar minha bandeja com leveza. Sinto dúzias de olhos se afastando de mim devagar, e as conversas no

salão são retomadas. O que eu estava fazendo? Porque só o que de fato consegui foi afastar uma pessoa de quem estava tentando me aproximar, que muito claramente não é a pessoa que eu quero com tanta força que seja. Quantas vezes ele precisa me esculachar antes de eu enfiar isso na minha cabeça? Max não é o mesmo cara com quem sonho. Não é possível.

— Alice Rowe? — A voz cansada de uma mulher soa pelo alto-falante da escola. — Alice Rowe, poderia, por favor, se dirigir à ilha de sobremesas do salão de jantar? Eu repito, Alice Rowe, ir para a seção de sobremesas do salão de jantar. Obrigada.

Confusa, passo a mão pelo cabelo e sigo as instruções. Oliver está encostado próximo aos doces, braços cruzados e queixo apoiado sobre um punho fechado, analisando as guloseimas como se a decisão fosse afetar o resto de sua vida.

— Eu quero um brownie ou um *frozen yogurt*? — ele pergunta em voz alta, então se vira para me olhar, sobrancelhas erguidas, como se fosse uma questão perfeitamente natural.

— Você acabou de mandar me chamar? — pergunto. Ainda estou cem por cento confusa, mas também aliviada.

— Você tem razão, *frozen yogurt* é coisa de menina — ele diz.

— Como você acabou de me chamar se está parado aqui? — digo.

— *Frozen yogurt* é para criancinhas, mas tenho a sensação de que um homem consegue se safar com um sundae. Não?

— Oliver.

— Escolha uma massa folhada, Alice — ele diz. — Então vamos conversar.

Alguns minutos depois, estamos nos olhando por cima do maior sundae que já vi na vida, uma torre alta com tudo em que conseguimos pôr as mãos: balas de goma, granulados, pedaços de cookie, calda quente e uma dose gigantesca de chantili.

— Roberta — Oliver diz de boca cheia. — A recepcionista do reitor. Ela esconde bem, mas ela me ama. Mandeí uma mensagem de texto para ela e pedi o anúncio no alto-falante. Você parecia estar precisando.

Não consigo deixar de notar que essa é a segunda vez que Oliver me salva quando estou “precisando”. Realmente espero não precisar de resgate outra vez.

— Por que você tem o celular da Roberta? — pergunto, pegando uma colherada praticamente só de chantili.

— Por que não teria? — ele pergunta.

Suspirei com desdém.

— Não consigo acreditar que você me chamou pelo alto-falante para as sobremesas. Eu me senti num episódio de *Law & Order: Unidade de Cookies Especiais*.

Oliver apenas sorri.

— Bom, até eu chamá-la, pensava que você estava em um episódio da novela *The Young and the Restless*. O que houve com o Capitão Babaca? — Ele acena a cabeça depressa na direção da entrada, onde Max está deixando a bandeja.

Apenas dou de ombros e pego outra colherada de sorvete, que demora uma eternidade para descer pela garganta. Como posso contar a ele que pensei que conhecesse Max de uma vida inteira de sonhos, mas que de alguma forma consegui imaginar tudo? Que mesmo que sinta que realmente conheço Max, ele não é o Max que conheço. Que o Max que conheço... bom, esse Max nem sequer existe.

— Não quer falar disso? — ele pergunta.

Apenas aceno com a cabeça.

— Nesse caso, posso lhe dar uma carona de Segway até sua casa?

Acontece que Oliver vive a quatro quadras da casa da vovó, que sei que deveria começar a chamar de minha casa. Mas minha casa é um apartamento que ocupa um andar inteiro e dá direto na 119ª avenida, um estranho híbrido de covil adolescente e caverna masculina permanente. Não um labirinto infinito de carpetes orientais e pinturas com molduras douradas pesadas. Minha casa fica perto de restaurantes que abrangem seis diferentes países em um raio de uma quadra. A quadra da minha avó tem um lugar chamado Lençóis Finos de Beacon Hill.

— Tem alguma coisa mais ridícula do que um comércio especializado em lençóis de quinhentos dólares? — pergunto a Oliver quando passamos pela loja a caminho de casa. — Isso transforma o sono, uma das nossas necessidades mais básicas, em uma coisa elitista. — Estou caminhando com Frank ao meu lado, e Oliver está levando seu Segway, porque ficou sem bateria.

— Quer mesmo falar de ridículo? — ele pergunta. — Fui à loja da esquina comprar leite pro meu cereal semana passada, porque meus pais se esquecem de que preciso comer às vezes, e a atendente disse

que eles tinham apenas leite orgânico de ovelhas. Ela me disse isso com uma cara completamente séria. Eu só me virei e fui embora.

— Seus pais parecem ocupados — digo.

— Eles têm sua própria empresa empacotadora, então estão sempre fugindo para a China no último minuto. Não ficam muito por perto.

— Você se sente sozinho? — pergunto.

— Claro, mas um cara acha maneiras de se divertir. — Ele me lança um dos seus charmosos sorrisos tipo Oliver. — Como ir mal na escola e se meter em problemas o tempo todo.

— Entendo — digo. — Minha mãe foi embora quando eu era pequena, e meu pai não é muito falante, então desenvolvi uma imaginação bastante ativa.

Espero que ele se sinta desconfortável depois da minha confissão, ou que pergunte aonde minha mãe foi. Mas, em vez disso, ele apenas diz:

— Tipo o quê?

— Sei lá, eu era uma criança curiosa — digo.

— Dê um exemplo — ele pressiona.

— Não posso te contar! — choramingo. — É vergonhoso.

— Alice Rowe, tão misteriosa — ele tira sarro. — Você poderia ser uma espiã russa, até onde eu sei. Você já roubou minha identidade?

— O.k., tudo bem! — digo quando paramos em uma faixa de pedestres. Um homem levando um par de poodles para passear encara o Segway de Oliver. Oliver apenas acena um “olá” com a cabeça. — Por exemplo, eu costumava seguir nosso cachorro Jerry pela casa como se estivéssemos em um desses documentários do National Geographic, narrando cada movimento dele no gravador antigo do meu pai. Ele é um buldogue, e eles não são exatamente ativos, então você consegue imaginar quão interessante era.

— Por favor, me diz que você ainda tem as fitas — ele diz.

— Se tiver, você nunca vai ouvir — respondo.

— Acho que sei o que está incomodando você — meu pai diz durante a *paella* naquela noite. Ele aprendeu a fazer quando estávamos em Portugal dois verões atrás para uma de suas conferências. Além de ovos mexidos, é no fim das contas tudo que ele sabe fazer.

— Ah, é? — digo de modo distraído, encarando os globos oculares

de um camarão. Ele simplesmente não consegue fazer com camarões que se vendem no mercado. Tem que ser *autêntico*.

— O garoto — ele diz então, e quase derrubo meu garfo. — O de Nova York. Vamos lá, você não consegue enganar seu pai.

— Você está certo. — Concordo com a cabeça, apesar de, é claro, ele ter entendido tudo errado. Porque não tem um garoto de Nova York. — É o garoto de Nova York.

Meu pai fica sentado em silêncio por um momento.

— Você sabia que o cérebro processa rejeição emocional da mesma maneira que processa dor física?

Ergo as sobrelanceiras:

— Não sabia.

— Bom, é verdade. — Ele sempre se ilumina quando discute o cérebro. — Quando você se apaixona, o cérebro recebe uma enxurrada de dopamina. O mesmo efeito que as pessoas têm ao usar drogas. Você é basicamente um viciado. Mas, quando o amor, a pessoa do seu afeto, é tirado de você, processamos isso na mesma parte do cérebro que nos diz se nos queimamos, quebramos um osso ou arranhamos a pele. Então o que estou dizendo a você, Bichinho, é para não se preocupar. Dor de cotovelo em relacionamentos não é só uma expressão que usamos: tem uma base científica. Então não tem que se sentir mal por ter saudades dele. É bastante normal. Mas todos os ossos quebrados ou queimaduras ou corações... Bom, todos eles saram no fim.

Eu me estico e dou um tapinha no braço do meu pai, rápido o suficiente para que nenhum de nós se sinta desconfortável. Às vezes desejo que ele fosse o tipo de pai que apenas pergunta onde o cara mora, vai até a casa dele e o pega pelo colarinho. Mas sei que esse tipo de pai é melhor.

Sra. Perry pediu pavões

Não existe número 1.

Estou circulando no interior do Pátio Dunham Court, no **mit**, espiando todos os nomes e números como uma velhinha, enquanto alunos passam por mim. Dunham é composto por um gramado central limitado nos quatro lados por edifícios da universidade, não muito diferente do pátio principal da Bennett, exceto que é um pátio totalmente fechado. O **cds** está listado no número 1 da Dunham Court, mas não tem nenhum número 1. O edifício no canto mais a noroeste do pátio é o número 2, e eles aumentam de número conforme rodeiam toda a área, com o mais alto, o número 15, se encontrando bem ao lado do número 2 de novo.

Eu me sento em um banco e estou prestes a desistir quando noto algo peculiar. No centro do pátio, há uma pequena construção em formato de cúpula que parece ter sido removida do topo de uma casa e colocada no chão. É em branco sólido e tem um domo no topo, cercada de pilares. Uma mulher em um suéter cor de cobre acabou de sair agachada de trás de um dos pilares e está deslizando na direção da avenida Massachusetts, com livros agarrados contra o peito.

Alguma coisa me diz para não perseguir essa garota. Ela parece ansiosa o suficiente para correr para o trânsito por acidente. Então, em vez disso, me aproximo da rotunda e começo a caminhar pelo exterior. É claro que, próxima a um par pesado de portas duplas de madeira, está uma lustrosa placa de metal, quase indetectável. Está escrito: **Centro para Descoberta de Sonhos. Gustave L. Petermann, ph.D.**

Pressiono um pequeno botão logo abaixo da placa e salto para trás de susto quando uma voz alta de interfone surge do nada:

— Sim?

Hesito, incerta de como começar.

— Você tem hora marcada? — A voz é feminina e impaciente.

Penso por um instante.

— Ahn... Claro?

— Nome, por favor.

Reviro os olhos, sabendo que isso não vai dar em nada bom.

— Alice Rowe.

Há uma longa pausa.

— Você não tem horário marcado.

— Isso é uma máquina automática? — pergunto. E o que penso ser outra pausa acaba sendo simplesmente nenhuma resposta.

— Eu já fui uma paciente — digo por fim, socando minha mão no botão de novo. — Preciso falar com o dr. Petermann.

— Então você precisa ligar para o número listado no seu manual do **cds** — a voz diz com naturalidade.

Penso por um instante.

— Tem uma câmera de segurança aqui? — pergunto.

— À esquerda — ela acaba respondendo.

Olho, e bem acima da porta está uma lustrosa câmera branca apontando diretamente para mim. Puxo a pilha de cartões-postais da bolsa, abro-os como uma mão de cartas no pôquer, e os estendo até as lentes.

— Não tenho um manual — digo — porque não estive aqui em dez anos. Tudo que tenho é isso daqui, e uns sonhos malucos com um cara que eu pensava que era fruto da minha imaginação, mas acontece que é uma pessoa real. Então, como disse, quero falar com o Petermann e estou disposta a esperar. Só pode ter uma saída dessa rotunda esquisita, e estou parada na frente dela.

Após um momento de silêncio, a porta abre num clique. Entro no piso principal circular do **cds**. Na minha frente, há uma mesa de recepção, com dois lances de escada que sobem em cada lado atrás dela, encontrando-se em uma porta no topo.

— Lugar legal — digo para a garota atrás da mesa, seu cabelo em um coque impecável, seu rosto, sério. *Agrade-a*, eu penso. Então também digo: — E esse é um belo... vestido. — Não é um belo vestido. É um padrão horrendo com uma gola redonda. Parece algo que a avó de alguém usaria. Essa garota não é muito mais velha do que eu. Ela é bonita, mas esse vestido não está ajudando em nada.

— É o antigo observatório — ela explica. — E minha avó fez isto para mim. Posso ver os cartões? — Ela estende uma mão.

Aguardo com calma enquanto ela os examina, então digita algumas coisas no computador.

— Você pode sentar ali — ela diz sem levantar os olhos e aponta agressivamente para um banco encostado na parede lateral, seu respaldar curvado para caber no formato do cômodo.

Assim que me sento, entendo por que ela me exilou aqui. Devido a alguma coisa na acústica, fico incapaz de ouvir o que ela sussurra no telefone, não importa o quanto eu me incline em sua direção.

— Ele está vindo — ela diz finalmente.

Quando dr. Petermann desce uma das escadarias, ele é tudo e nada do que eu esperava. Esperados são seus cabelos brancos fofos e óculos de aro grosso. Inesperados são seus shorts de ciclismo feitos de *spandex*, regata de corrida, tênis para pedalar e seu carisma.

— Alice — ele diz, empurrando os óculos de sol para a testa e estendendo uma mão numa luva de couro. — Que prazer. Eu conheci seus pais há muito tempo. — Ele sorri sinceramente. — Por favor, perdoe-me a roupa. As pessoas precisam tirar vantagem destes últimos dias quentes antes que a tundra de inverno se estabeleça, correto? Estou prestes a levar minha bicicleta para dar uma volta pelo rio.

— Desculpe por incomodá-lo, dr. Petermann — digo. — Mas recentemente encontrei esses cartões-postais e obviamente surgiram perguntas...

Percebo que não estou com os cartões, que o ciborgue loiro fã de retrô ainda está com eles, então dou alguns passos até a mesa e estendo minha mão em expectativa. Ela finalmente revira os olhos e me devolve.

— É claro que sim! — Petermann diz cheio de alegria. — E eu ficarei mais do que feliz de te inteirar do que fazemos aqui, se você marcar um horário. — Ele franze os lábios em um sorriso tão exagerado que paro de achá-lo sincero. — Estou bastante ocupado no momento, mas tenho certeza de que conseguimos achar algo para os próximos meses. Certo, Lillian?

— Meses? — digo. — Não. Isso é um pouco mais urgente. Se eu pudesse ter só um tempinho seu, ou talvez olhar os meus arquivos?

— Temo que não. — Petermann ri com nervosismo. — Veja só, nós há pouco tempo atualizamos os dados em um novo sistema de computadores, e nem metade de nossos registros foram cadastrados ainda. É um processo árduo, tenho certeza de que você entende. — Ele acena a mão no ar e começa a se dirigir para a porta.

— Por favor, dr. Petermann — digo, parando na frente dele. — Tenho tido uns sonhos muito malucos e estou começando a questionar o que é real e o que não é. Meu pai me disse que vocês me ajudaram quando eu era menor. Só quero saber exatamente o que fizeram.

Nesse instante soa uma outra campainha na porta, e Petermann

fica um pouco enrijecido. Lillian ergue os olhos para ele por trás da mesa, suas narinas alargando. Ela pergunta:

— Quer que eu...

— Não — ele responde depressa. Então se vira para mim. — Sinto muito, Alice. Como disse, estou muito ocupado.

Mais um toque da campainha. Petermann fecha os olhos. Então uma batida na porta.

— Esperando alguém? — pergunto.

Petermann range os dentes.

— Não os deixe entrar — ele ordena a Lillian.

— Mas, doutor — ela sibila. — Eles podem fazer mais mal lá *fora* do que aqui *dentro*.

Petermann lhe lança um olhar severo.

— Você tem razão — ele afinal concorda. — Vá em frente.

Ouçoo um leve clique antes que as portas pesadas sejam empurradas, e uma voz masculina grita:

— Tenho sete pavões aqui. Você não quer demorar mais para abrir a porta?

Para minha completa surpresa, ele não está brincando. Um cara com cabelo castanho desgrenhado e óculos grossos marcha para dentro, com um pavão se contorcendo sob o braço. Atrás dele, uma garota com um suéter cor de cobre empurra um carrinho com mais seis, empilhados em gaiolas. Eles se agitam e se sacodem e choramingam de novo e de novo, suas caudas verdes saindo das gaiolas para todos os lados.

— Sei que a sra. Perry pediu pavões — dr. Petermann zomba. — Mas, na próxima vez, temos que pensar num substituto melhor. — De repente ele para, lembrando-se de mim. — Alice, este é Miles, um dos nossos assistentes de pesquisa, junto de Lillian e Nanao.

— Oi — diz Miles.

— Prazer em conhecê-lo. — Olho dele para Nanao, que apenas me encara de volta enquanto um pavão bica seus dedos.

— Então, sobre os arquivos — tento de novo.

— Temo que não será possível neste momento, Alice — dr. Petermann responde. — Como pode ver, nós meio que estamos com as mãos ocupadas.

Quero dizer a ele que ter as mãos ocupadas com pavões não é uma desculpa legítima vinda de um médico profissional, mas mordo a língua e tento outro tipo de abordagem. Não queria ter que tocar

nesse assunto tão cedo, mas não tenho certeza se há outra escolha.

— É só que tem esse garoto. Continuo vendo-o nos meus sonhos...
— Paro assim que ouço um suspiro incrédulo vir de trás de mim, mas, quando olho, Lillian está encarando seu computador com grande foco.
— *De qualquer forma* — digo. — Sei que isso vai soar insano, mas acho que ele talvez possa ser... real.

Eu me preparo para a resposta de Petermann. Ele vai me olhar com interesse ou me enxotar do laboratório? Mas, antes que eu consiga ver a expressão em seu rosto, o pavão sob o braço de Miles se solta, lançando-se contra o piso de mármore antes de sair correndo selvagememente pela sala, fazendo sons absurdos tipo canto à tirolesa, enquanto Miles e Nanao o perseguem em frenesi.

Quando Petermann se vira para mim, ele parece, na verdade, agitado.

— Como eu disse, Alice. — Ele limpa a garganta. — Agora não é uma boa hora. Mas se você marcar um horário com Lillian, vamos investigar isso a fundo.

Ele está mentindo. Está estampado na cara dele: seus traços estão tensos, sua mandíbula está cerrada. Sua voz, uma vez animada e acolhedora, se torna seca. Ele só me quer fora daqui, isso está claro. O que só pode querer dizer uma coisa: ele está assustado.

— Sinto muito. — Eu lhe dou meu sorriso mais doce, inclinando a cabeça para o lado. — Não quis desperdiçar seu tempo. Ficaria muito feliz de marcar um horário com a Lillian. Ela já foi tão gentil. — Me viro devagar e lanço o mesmo sorriso para Lillian, que noto que está me espiando cautelosamente. Outra coisa que noto é seu cartão de identificação de funcionária sobre a mesa. E, na bagunça que ocorre nos próximos três minutos enquanto Miles e Nanao enxotam os pavões para cima das escadas, tenho apenas o tempo suficiente para pegá-lo.

16 de setembro

Para onde quer que eu olhe há bolhas, gordas e trêmulas, como se alguém tivesse dado a uma turma de primário doces demais e depois algumas varinhas de fazer bolha de sabão. As esferas brilhantes deslizam na minha direção como marcianos alegres. Viemos em paz. Tento acariciar uma, mas estoura.

— Temos que desligar a máquina de lavar! — minha mãe grita. Ela está em pé ao lado do eletrodoméstico superaquecido, que gira e gorgoleja, vazando espuma como se estivesse saindo diretamente de Fantasia. Ela está vestindo uma jaqueta de safári verde e botas de sola reforçada. Mas o binóculo pendurado em torno do seu pescoço é azul brilhante e incrustado com pedras, cintilando infinitamente.

— Deixa que eu vou — me ofereço e entro na máquina de lavar. Mas ela me pega, me girando para todos os lados como uma correnteza, até eu escorregar para dentro de um oceano límpido e azul. Em todos os lados, flutuando na água, estão patos de borracha, navios de brinquedo e também alguns sutiãs e meias.

— Alice — ouço Max me chamar. Sua voz está abafada pela água, mas soa feliz. — Alice, vem aqui! Acho que encontrei. — A superfície da água parece estar a um milhão de quilômetros de distância, mas nunca fico sem ar.

Assim que chego ao topo, estou na borda de uma piscina. Pulo para fora, encharcada em um maiô dourado, e a Lillian do cds está lá, abraçando um filhotinho de golden retriever e sorrindo.

— Aqui — ela diz. — Isto é para você.

Pego o cachorrinho, mas ele se agita fugindo dos meus braços e corre para um par de cadeiras de jardim, onde um cara está com um iPad diante do rosto.

— Max? — digo, tirando o iPad da frente. Mas não é Max, é Oliver.

— O que você está assistindo? — pergunto.

Ele apenas ergue o iPad e não diz nada. Só sorri. Na tela está Max, e ele fala comigo.

— Alice, eu encontrei! — ele diz para a câmera. — Vem aqui!

— Como? — digo em desespero. — Não sei como entrar!

— Não seja boba! — ele diz. — Você sabe como.

— Max, eu não posso! — exclamo. Mas ele somente balança a cabeça e caminha para fora da tela. Frustrada, arremesso o iPad na piscina.

— Isso foi grosseiro — Oliver diz. Mas, quando me viro para me desculpar, vejo que Oliver é agora um pavão e está usando óculos.

E são veganos!

— Hoje vamos começar nossa discussão sobre um dos tópicos mais populares da psicologia social — o professor Levy está dizendo. Mal presto atenção, porque estou totalmente distraída com os cílios de Max. Eles são tão longos que mesmo que ele esteja sentado uma fileira à minha frente, bem à esquerda, eu ainda consigo ver o finalzinho deles despontando no seu perfil. *Conheço* esses cílios. Além de hoje, além da semana passada. Conheço esses cílios desde sempre.

Mas isso não quer dizer que esses cílios *me* conheçam. Desde que deixei o **cds**, com o cartão de identificação roubado enfiado no bolso de trás da calça jeans, tenho pensado muito naqueles pavões. Obviamente, o Centro para Descoberta de Sonhos é um lugar excêntrico, e fui parte dele. Além disso, eu aparentemente tive pesadelos tão vívidos quando criança que precisei de ajuda profissional para tratá-los. O que isso quer dizer sobre até onde minha imaginação vai? Quem sabe do que minha mente é capaz? Não consigo explicar ainda, mas devo ter visto uma foto de Max em algum lugar e meu cérebro cuidou do resto. O que não é apenas vergonhoso e patético, também parte meu coração. Saber que, de fato, estive sozinha esse tempo todo.

— O tópico que vamos discutir hoje é amor — Levy diz agora, e eu por fim olho para o quadro.

— Mas primeiro precisamos começar com o básico — ele continua. — Apego. Alguém pode me dizer quem é responsável pelo estudo do apego? Kevin?

— Hum, Freud? — Kevin MacIntire murmura quase inaudível. Ele é um garoto grande que ainda tem que crescer dentro da carcaça. Eu o pego às vezes me encarando durante a aula com uma expressão vidrada, mas ele nunca sequer disse oi.

— MacIntire, você respondeu Freud para quase todas as perguntas que fiz este ano. Elogio sua perseverança, mas faça suas leituras. Max, o que você pode dizer sobre isso? — Levy ergue um pouco o queixo, autorizando Max.

— John Bowlby — Max diz sem sequer pestanejar. Como sempre, ele se senta ereto na cadeira, nunca olhando para nenhum lugar além

do quadro, Levy ou seu caderno de anotações organizadas e concisas. Sei disso porque normalmente estou observando-o. Ele tem esses pulsos perfeitos. Fortes, mas delicados ao mesmo tempo, com pele lisa, as articulações posicionadas bem depois do final da manga de seu suéter cor de mingau de aveia, que ele arregaçou logo abaixo dos cotovelos. Estou hipnotizada por eles, quão lindos são, e quão engraçado é que uma parte tão íntima de uma pessoa possa estar na nossa frente todos os dias, embora nós nunca notemos.

— Bowlby! — Levy diz em voz alta, erguendo os braços em um *aleluia* e trazendo minha mente de volta para o estado de atenção. — Correto. Vocês que fizeram a leitura, como Max, devem se lembrar que Bowlby acreditava que experiências na infância têm uma influência importante em nosso desenvolvimento e comportamento posterior na vida. Certo? E nossos estilos de apego são estabelecidos através das relações de criança e cuidador, ou, em palavras mais simples, seus relacionamentos com os pais. Faz sentido?

Assinto e me pergunto brevemente o que acontece se você mal teve uma relação cuidador-criança. Se sua mãe se mudou para meio mundo de distância, então você passou a maior parte das tardes colocando seu buldogue gorducho em um tutu e fingindo entrevistá-lo como a Oprah.

— Alguém pode me dizer por que formamos essas conexões precoces para começar? A qual propósito elas servem? — Levy pergunta. Ele é respondido com silêncio.

— Sobrevivência — digo sem erguer a mão.

Max se mexe em seu assento, mas não vira o corpo. Levy parece agradavelmente surpreso.

— Está certo, Alice — ele diz. — Poderia elaborar?

— Tudo bem — digo, de súbito um pouco envergonhada. — Quero dizer, é bastante óbvio, certo? Nós nascemos essas coisinhas pequeninhas, incapazes de fazer qualquer coisa sozinhas. Então precisamos de alguém para fazer tudo para nós. Apego a uma outra pessoa nos garante que sempre estaremos próximos de alguém que pode fazer isso. Que vai garantir que sobrevivamos.

Levy concorda com a cabeça.

— Mas, mesmo com a sobrevivência como base dessas conexões precoces, não é o único resultado positivo. A teoria do apego supõe que a criança que teve um cuidador responsável, que a apoia, desenvolve um melhor senso de segurança. A criança sabe que o

cuidador é responsável, o que cria uma base para ela então explorar mundo.

Levy se vira novamente para o quadro-negro e começa a escrever os estágios do apego, que é com certeza a questão que vou errar na prova, porque é exatamente o momento que começo a sair do ar. *Uma base da qual explorar o mundo*. Fico revirando a frase na minha cabeça. Minha mãe havia ido embora quando eu tinha sete anos, e é claro que meu pai estava lá... só não estava sempre, bem, *lá*.

De repente ergo os olhos e noto Max encarando meus dedos saltitantes, que eu nem tinha notado que estava batucando. Dou um tapa neles por instinto. Ele olha para mim perplexo e dirige o olhar para a frente de novo. Meu corpo inteiro formiga, uma combinação de vergonha e a sensação de sentir os olhos dele em mim.

— E não tem outros tipos de apego? — Leilani Mimoun diz. — Como em adultos?

— Srta. Mimoun! — Levy faz graça. — Tão ansiosa para discutir essa bela e trágica coisa que chamamos de amor. — Ele se empoleira no canto de sua mesa, suas mãos pressionadas sobre o coração.

Leilani cora, tira os óculos e começa a limpar as lentes furiosamente. Ela está totalmente apaixonada por Levy. Ela é a primeira a chegar na aula e a última a sair, nunca deixa de entregar uma tarefa de casa, e limpa seus óculos sempre que ele lhe faz uma pergunta direta.

— Nós vamos chegar a isso na próxima aula — ele diz. — Mas existem muitas teorias. Alguns pensam que o amor está dividido em duas categorias: passional e compassivo. Passional vem primeiro e dura apenas alguns anos no máximo, seguido do compassivo, que é mais forte e mais durável. Outros ponderam que existem três componentes para o amor: intimidade, paixão e comprometimento, e diferentes combinações dessas três coisas produzem diferentes tipos de amor. — Ele desenha um triângulo no quadro e começa a escrever palavras em torno dele.

amor romântico = paixão + intimidade

gostar = intimidade

amor vazio = apenas comprometimento

— Isso é triste — digo antes de conseguir me segurar. — Amor vazio. — Não consigo deixar de olhar para Max. Quando olho para ele, não consigo nem conceber que algo como amor vazio seja possível.

— Isso é bobagem — Max diz. E, quando Levy se vira para ele com as sobralhas erguidas, ele explica: — Por que tentar explicar algo arbitrário como o amor? É tipo a coisa menos definível no mundo.

— Não conte isso pra Celeste — alguém fala do fundo da sala, e todo mundo solta risadinhas. Todo mundo menos eu. Eu só sinto náusea. Então Max e Celeste não são apenas um casal. Eles são *aquele* casal. Aquele casal perfeito, que todo mundo conhece, que todo mundo quer ser. Max e eu nem existimos na mesma frase.

— É a natureza humana, é claro — Levy diz, ignorando o comentário. — Queremos definir o que não entendemos. Mas vamos chegar a essa parte também. Viu, pessoal, psicologia social não é *incrível*?

Todos nós resmungamos e reviramos os olhos enquanto o sinal toca.

— Ah, e antes que eu me esqueça! — Levy diz em voz alta enquanto as pessoas começam a guardar suas coisas. — Trouxe uma coisinha para vocês, meus jovens acadêmicos esforçados. Sei o que estão pensando: um gênio e um chef? A resposta é sim. Peguem um quando estiverem saindo. — Ele tira um pequeno pote de dentro de sua escrivaninha e o abre, revelando cookies com gotas de chocolate surpreendentemente perfeitos. — E são veganos! — ele acrescenta.

Depois de ouvir o nome de Celeste, tenho basicamente o oposto de fome. Mas nunca tendo encontrado um cookie de que não gostasse, sou uma das primeiras a pegar um. É suculento e macio, e minha boca começa a se encher de água. Estou prestes a afundar os dentes nele quando alguém pega minha mão de repente, afastando-a da minha boca e me arrancando da minha euforia com cookies.

— Não coma isso! — Max grita, seu tom quase irritado, enquanto joga o cookie na lixeira como se estivesse em chamas, mais agitado do que eu o vi em dias, mais agitado do que eu o vi talvez... desde sempre. Então seus olhos me fulminam, arregalados, como se não pudesse acreditar no que acabou de fazer. Engulo em seco. Nós dois olhamos para baixo, para a lixeira, e consigo ouvir Max respirando pesadamente.

— Pobre cookie — é tudo o que consigo pensar em dizer. Porque falo sério, ele realmente parece tão triste ali sozinho, e também porque tenho que preencher o silêncio.

— É feito com farinha de aveia — Max responde afinal, baixando sua voz de volta ao normal e sem tirar os olhos do lixo. — Ele os

trouxe ano passado também. — Há outra pausa antes que Max pergunte, um pouco baixo: — Você está bem?

— Sim — consigo dizer, ainda sem ousar olhar para seus olhos. — Obrigada.

— Não tem de quê — ele diz, correndo a mão pelo cabelo. Então ele pigarreia e sai da sala com passos largos, como se deixar a cena do crime fosse apagá-lo de algum dia ter acontecido.

— Isso foi rude! — Leilani Mimoun diz enquanto se aproxima de mim. — Vocês são amigos?

Mas não consigo responder, porque minha mente está muito, muito longe, parada em um carrinho de rua em Bangkok.

Ele se lembrou da minha alergia a nozes.

Porque ele se lembra de tudo.

Porque ele estava lá.

Porque ele é o Max dos meus sonhos no final das contas.

É na verdade uma palamenta dupla

Enquanto eu vinha tentando encaixar as peças do quebra-cabeça nas últimas duas semanas, ele esteve lá o tempo todo. Meu Max. É realmente ele. No meio de toda minha ansiedade e minhas dúvidas, ele estava lá o tempo todo, literalmente ao meu alcance. Uma carteira para a frente e para a esquerda. Estou caminhando pelo corredor em uma neblina, tentando entender com exatidão o que isso tudo significa, quando vejo com o canto do olho os cachos de Oliver passando por uma porta no edifício de ciências e paro para vê-lo.

— Jeremiah — Oliver está dizendo calorosamente para um garoto gordinho com uma camiseta do *World of Warcraft*. — Não sei outro jeito de explicar isso. A existência de dinossauros não prova de maneira alguma que dragões algum dia caminharam entre nós.

— Estou apenas pedindo que você admita que, só porque ainda temos que descobrir ossadas, não quer dizer que eles são criaturas puramente míticas! — Jeremiah agita as mãos, sem dúvida suadas. — De que outra maneira você explica as ruínas queimadas na Romênia que mostrei a você semana passada?

— Me mostre um osso de asa, e aí conversamos — Oliver diz, dispensando-o. É neste instante que ele me nota. — Falando em donzelas medievais. — Ele sorri.

Sorrio de volta:

— Não parem por minha causa, isso parece interessante.

— Nós já estávamos terminando aqui de qualquer forma — Oliver diz. — Esse é o nosso fã-clubes semanal de *Game of Thrones*. — Ele aponta para Jeremiah, que agora eu vejo que é a única outra pessoa na sala. — Jeremiah, essa é a Alice. Está um pouco cedo para notar, mas tenho bastante certeza de que ela será minha primeira esposa.

Jeremiah cruza os braços:

— Garotas não são autorizadas.

— Nós autorizamos garotas a entrar, Jeremiah — Oliver diz. — Só que nenhuma delas *quer* se juntar a nós.

— Vou dar uma festa na sexta-feira — Oliver me diz enquanto caminhamos até nossos veículos de duas rodas. — Meus pais estão fora da cidade... de novo.

— E você não quis convidar Jeremiah? — digo com falsa incredulidade. — Mas ele parece tão amigável!

— Ah, eu convidei Jeremiah — Oliver diz. — Todo mundo é bem-vindo nas minhas festas. Eu não concordo muito com essa droga de panelinha escolar. Ao contrário de certas pessoas...

Ele olha para onde Max está, em pé perto de Frank, agindo em parte desengonçado e em parte irritado. Meu coração dispara quando olho para ele pela primeira vez com a certeza de que tudo foi real. Tudo isso é real. Então ele encontra meus olhos, e olho imediatamente para a calçada de novo.

— Wolfe — Oliver diz, puxando seu chaveiro e destravando o Segway com um bipe-bipe como se fosse um Porsche. Ele ou está alheio à tensão ou está apenas sendo educado e, já que é Oliver, é mais provável que seja a última opção. — Estava aqui contando para Alice que vou dar uma festa e, como não excludo ninguém, até pessoas como você podem ir.

— Obrigado pela generosidade — Max diz.

— Então você vai, Alice? — Oliver ignora Max. — É sexta-feira. Venha cedo, se quiser, então teremos um pouco de tempo a sós. — Ele olha para Max e dirige para longe.

— Por que ele está sempre com você? — Max franze a testa.

— Talvez eu é que esteja sempre com ele — digo, e a testa de Max se franze mais ainda. Então ele olha para os próprios pés por um minuto. Quando levanta os olhos de volta para mim, dessa vez seu olhar é ponderado, mas sua expressão é gentil.

— Então — ele diz. — Podemos conversar?

Eu mal sabia o que era remo esportivo até chegar a Boston, mas aqui ele é praticado em todos os lugares. Pelo menos todos os lugares no Charles River; e, já que o Charles River serpenteia por toda a divisa de um lado, separando Boston e Cambridge, você basicamente não consegue evitá-lo, nem os barcos das equipes que pipocam na costa. O esporte parece chato e lindo, tudo ao mesmo tempo. Chato, imagino, para as pessoas empurrando os remos para a frente e para trás, todos enfileirados como um bando de patinhos musculosos. Lindo para o

resto de nós, que pode lhes assistir deslizando em conjunto, trabalhando juntos em perfeito uníssono.

— Esse é um barco de remo legal — digo, referindo-me a um homem que passa por mim e por Max em um brilhante barco cor de caramelo. Quero sacudir minhas pernas dentro da água, mas ela parece um pouco escura demais para isso, então me contento em cutucar folhas com um galho.

— É na verdade uma palamenta dupla — Max diz.

— Uma o quê?

— Uma palamenta dupla, porque ele está usando dois remos. Quando cada remador está com um remo só, é chamado de palamenta simples. — À expressão no meu rosto, ele responde: — Eu sei, é ridículo.

— Como você sabe tudo isso? — pergunto.

— Eu não sei. — Ele dá de ombros. — Eu só sei.

Uso meu galho para pegar um pedaço de lixo e colocá-lo ao lado da doca.

— Você acha que tem algum defunto aí? — pergunto. Tenho esse hábito de, sempre que estou em um lugar remoto, me perguntar se aquele seria um bom lugar para largar um corpo. Com todos os crimes não resolvidos por aí, onde as pessoas estariam colocando os cadáveres?

Max explode numa gargalhada. É a primeira vez que o ouço rindo na realidade. Nos meus sonhos, ele ri o tempo todo.

— Você é *tão esquisita* — ele diz e se inclina sobre a doca, apoiando-se nos cotovelos.

— Aham, aham — digo. — Já ouvi essa. — Mas quero dizer “por que estamos fugindo do assunto?”. Eu viro meu corpo na direção dele, me apoiando em uma mão para ficar de frente para ele. — Então? — Estou fazendo meu melhor para permanecer descolada e casual, mas, apesar disso, estou sorrindo de orelha a orelha. Não conseguiria evitar nem se quisesse. Aposto que, se tivéssemos um eclipse solar inesperado neste exato momento, meu corpo inteiro brilharia no escuro. Não consigo acreditar que Max é real e que ele está aqui e que nós estamos a centímetros de distância.

— Então o quê? — ele responde, me lançando um olhar de soslaio. Ele parece cem por cento à vontade neste momento. Ele está tirando com a minha cara?

— Não me faça implorar — digo. — Já esperei tempo suficiente.

— Minha timidez me surpreende, e é então que percebo que não estou mais nervosa. Este não é Max Wolfe, capitão do time de futebol, garoto desejado. Este é apenas Max, como sempre foi. E no fundo, no fundo, sempre soube. Mas preciso ouvi-lo dizer isso.

Max sorri de modo afetado e protege os olhos com as mãos enquanto olha para mim:

— Então, tudo bem, eu me lembro.

— Se lembra do quê, exatamente? — pergunto, me fingindo de sonsa.

— Eu me lembro dos sonhos, Alice! — ele diz, exasperado. Mas está sorrindo, como se não conseguisse evitar. — Feliz?

Estou feliz. Delirantemente feliz. Mas não posso deixá-lo ver isso ainda.

— Pode por favor elaborar, sr. Wolfe? — pergunto, fazendo minha melhor imitação do Levy.

— Certo — Max tira o suéter e se inclina para trás, amassando-o atrás da cabeça para poder se estender na doca. Vislumbro só uma partezinha do abdômen dele e me esqueço do que estamos falando por um momento, antes que ele continue. — Eu me lembrei de você no segundo em que te vi. Você começou a surgir nos meus sonhos quando eu era pequeno. Você era diferente naquela época. Você tinha um corte de cabelo engraçado, de tigela, e Jerry te seguia o tempo todo. — O canto da boca dele estremece, o que faz com que a minha se abra em um sorriso.

— Culpe um pai solteiro pelo cabelo — respondo com ternura. — Ele não conseguia aprender como trançar, então apenas cortou tudo.

— Eu não ligava para o cabelo — Max diz. Seus olhos estão fechados. — Eu só pensava que você era a mais incrível. Ainda acho.

Deixei as palavras dele imergirem, meu rosto queimando. Então me deito ao lado dele, apoiando minha cabeça na bolsa.

— Eu achava você o.k. — digo. — Na verdade, eu estava só te usando para me aproximar do Horatio.

— Que descanse em paz — Max responde. — Ele era a melhor tartaruga terrestre deste lado da linha Mason-Dixon.

Ficamos deitados ali por um tempinho, sentindo o sol em nossos rostos. Se esse fosse um sonho, eu me viraria de bruços e me distrairia com mechas do seu cabelo castanho e grosso entre meus dedos. Ou beliscaria os lóbulos da sua orelha de brincadeira. Quando sonhamos, estamos sempre conectados. Mas isso não é um sonho. Eu me pergunto

se ele sente minha falta como sinto a dele. Do tempo em que não havia essa distância entre nós.

Com o canto do olho, espio alguns pedaços de lixo flutuarem pelo rio: um jornal e, então, mais estranhamente, uma meia esportiva, seguida de um sutiã verde-limão. Mas o que vem a seguir é muito esquisito: um patinho de borracha. Estou prestes a comentar isso com Max, mas, quando olho de volta, está tão longe que parece mais uma caixa de suco ou uma lata de refrigerante.

Em vez disso, conto a ele sobre os cartões de aniversário do **cds**, os pavões e a roupa de ciclismo do dr. Petermann. Estou tagarelando, eu sei, mas não consigo parar. Estar com Max, sabendo que ele está simplesmente deitado aqui me ouvindo e apenas me ouvindo, é revigorante. Eu poderia falar para sempre. Mas há coisas mais importantes para discutir... como por que tudo isso está acontecendo.

— Já ouviu falar disso? — pergunto, com esperança. — O Centro para Descoberta de Sonhos?

Max não diz nada, então olho para ele e o vejo me encarando, perdido, um pouco boquiaberto.

— Você está falando sério? — ele pergunta.

— Sobre qual parte? — pergunto, genuinamente confusa. — Os pavões?

— Você também foi ao **cds**. — Ele diz isso como se estivesse se acostumando com a ideia. Como se não pudesse acreditar.

— Foi o que eu disse... — começo a dizer. — Espera aí, *também*?

Max volta a olhar para cima, para o céu, e balança a cabeça:

— As coisas ficam cada vez mais estranhas.

— Você também foi ao **cds**! — quase guincho. Isso é ainda melhor do que eu esperava. Se Max e eu sonhamos um com o outro, e se nós dois fomos ao mesmo lugar monitorar nossos sonhos quando crianças, o **cds** deve ter todas as respostas para nossas perguntas.

— Fui — Max afirma. — Eu tinha uns pesadelos bem ruins quando era pequeno, e meu pediatra falou para minha mãe sobre o **cds**. Mas não guardei nenhum cartão-postal de aniversário. Ao contrário de certas pessoas que conheço... — Ele abre um olho e sorri.

— Minha avó guardou! — Estendo o braço para dar um empurrão nele, mas Max pega minha mão antes que ela realmente consiga fazer contato com o seu ombro e a segura por um instante. Engulo em seco, e meu coração começa a palpitar com a sensação de minha mão na dele, de alguma forma quente e fria ao mesmo tempo, antes de ele

com cuidado colocá-la de volta na doca.

— Como você sabia que eu ia fazer isso? — pergunto.

— Ora, por favor, me dê um pouco de crédito — Max diz. — Você sempre me bate quando tiro sarro de você. Ao longo dos anos, um cara aprende a se proteger. — Eu queria que houvesse uma maneira casual de enfiar minha cabeça inteira no rio para me fazer parar de corar.

Ouvimos ruídos atrás de nós e vemos que alguns membros da equipe de remo já começam a chegar para o treino da tarde.

— Isso quer dizer que estou atrasado para o futebol. — Max estremece, dando um salto. — Tenho que ir.

— Espera — digo. — Você pode me encontrar aqui depois? Eu estava pensando que você poderia ir comigo ao **cds**.

— Mas você já não foi? — Max parece confuso enquanto pendura a mochila no ombro.

— Eu fui e vou voltar — digo, me levantando e afastando folhas secas da calça. — Hoje à noite.

— Você não tinha dito que Petermann não iria te ver? — Max pergunta, seu tom era de advertência.

— Eu disse isso mesmo... — hesito, estudando uma folha enquanto a quebro em vários pedacinhos. — Ele não sabe exatamente que vou estar lá.

Max inclina a cabeça para o lado:

— O que você fez, Alice?

— Por que você acha que fiz algo? — pergunto.

Ele balança a cabeça.

— Você é terrível quando ouve não como resposta. Como exatamente você planeja entrar?

— Eu talvez possa ter roubado uma chave de identificação? — Ergo as mãos para o alto como quem diz *oops*.

Max apenas suspira.

— Vamos lá — imploro. — Não me faça ir sozinha. Tudo isso afeta você também.

Max se vira e começa a caminhar para longe, rumo ao treino.

— Vou pensar a respeito — ele grita em resposta.

— Certo — grito. — Mas apenas se lembre: se você não for comigo, quem mais vai me manter longe de problemas?

Max se vira e começa a andar de costas:

— Talvez você devesse considerar não se meter em problemas pra

começar. — Ele sorri. Ele parece um galã em um desses filmes dos anos 1980 que se passam em escolas de ensino médio.

— Por que eu levaria isso em conta? — grito para ele. Mas Max já foi embora, virou a esquina depois de uma casa na margem do rio, e sou deixada sorrindo, acordada e feliz pela primeira vez em semanas.

Estamos procurando por nós

— Minha vida está basicamente atirada em uma pilha de lixo num canto com um par de meias sujas em cima — Sophie diz quando atende o telefone.

— Você já experimentou só falar “alô”? — pergunto.

— Raramente — ela responde. — De qualquer maneira, fui mal na prova de espanhol, e parece que Zeke Davis está namorando Marla Martignetti. Não vejo nenhuma opção além de me mudar para a Islândia. Ou a Groenlândia. Espera, qual delas é uma ilha mesmo? E por que você está sussurrando?

— Porque — sibilo, segurando meu celular com o queixo e ombros enquanto coloco o cadeado na bicicleta. — Vou invadir o cds hoje à noite, possivelmente sozinha, então, se eu for presa ou assassinada, você vai precisar contar ao meu pai o que houve.

— Você está desesperada mesmo por amigos, hein?

— Não tem ninguém com quem eu tenha atingido o nível de intimidade para invadir lugares — digo. Bom, aposto que Oliver estaria disposto a isso, mas começamos a ficar amigos agora. Não preciso arruinar isso, convencendo-o de que sou maluca.

— Alice, sou sua melhor amiga há muito tempo, então sei que as chances de você me ouvir neste momento são basicamente uma porcentagem negativa, mas: tem certeza de que quer fazer isso?

— Eu tenho que fazer, Soph. Petermann está escondendo algo, e tenho que descobrir o quê. Especialmente agora que sei que Max se lembra também. — Posso apenas vislumbrar o edifício do cds de cócoras e à distância, todo apagado exceto por luzes de alarme vermelhas ao longo de seu perímetro circular. Parece uma nave alienígena, se os aliens tivessem sido arquitetos da virada do século. Ou uma estátua gigante do r2d2, o robô de *Star Wars*. Fecho um pouco mais o zíper do meu moletom com capuz.

— Ainda não consigo acreditar que ele não vai com você — Sophie diz. — E também que ele é... você sabe. *Real*. Ainda estou muito espantada como esse fato, se você não se importar.

— Ele não disse que *não* viria — respondi na defensiva. — Só não disse que *viria*. Quer dizer, ele não é totalmente como o cara dos meus

sonhos. Mas, nos últimos tempos, o cara nos meus sonhos também não é totalmente o cara nos meus sonhos... — Penso nos olhos que mudam de cor de Max. Seu rosto separado do meu por um iPad.

— Você me dá uma dor de cabeça — Sophie diz. — Às vezes, quando saio do telefone com você, percebo que perdi toda a noção da realidade.

— Tente ser eu — digo a ela. Chego às portas duplas da entrada do **cds** e puxo o cartão de identificação de Lillian, inserindo-o em uma caixa à direita da maçaneta. Isso é fácil demais. Eu me sinto como uma espiã tipo *Bond Girl*.

Exceto que nada acontece.

— Só pode ser brincadeira — digo.

— O que está acontecendo? — Sophie pergunta.

— Roubei um cartão de identificação de uma garota na recepção quando estive aqui na segunda-feira, mas não está autorizando. Ela já deve ter desativado. — Continuo passando o cartão de novo e de novo. *Nada nada nada*.

— Tente virar do outro lado — uma voz sugere, e me viro para ver Max parado atrás de mim. — Você está passando a parte errada.

— Ligo mais tarde, Soph — digo e desligo.

— Me diz, o que exatamente estamos procurando? — Max pergunta. Nós subimos a escadaria dupla atrás da mesa na entrada e estamos revirando o centro de pesquisa, tendo arriscado ligar uma luminária. Estou esvaziando algumas gavetas na esperança de descobrir um post-it com um login e uma senha do computador, e Max está procurando numa parede gigante de armários verdes de arquivamento.

— Nós — digo. — Estamos procurando por nós.

— Mas nós estamos bem aqui — Max diz com um franzir de testa zombeteiro, e eu rio. Ele é tão literal. Nós estamos bem aqui. E ele apareceu na noite de hoje. E tudo isso parece meio surreal.

— Você sabe o que quero dizer — digo. — Nossos arquivos. Nomes, datas em que frequentamos o **cds**, esse tipo de coisa.

Max abre uma gaveta, e um monte de papéis saem voando para o chão.

— Não é a instituição mais organizada — ele observa criticamente, juntando os papéis e analisando-os depressa antes de guardá-los de volta.

— O que me dá mais certeza de que Petermann estava mentindo sobre as atualizações de computador. Por que investir em algo assim quando você não se incomoda nem em arquivar alguma coisa pra começar? — Olho para Max em busca de uma resposta e noto que ele está mais embaralhando os papéis do que os está lendo.

— O que você está fazendo? — pergunto.

— Rearquivando — Max diz, franzindo a testa enquanto tira pastas de arquivos e as reorganiza no topo do armário. — Essas pastas estão todas misturadas. Não posso colocar F no lugar certo se sequer E e G não estão onde deveriam estar.

— Sim, você pode — advirto. — E você tem que deixar, ou Petermann vai saber que estivemos aqui.

Max olha para mim com um suspiro.

— Tudo bem — ele diz, enfiando os arquivos de volta na gaveta timidamente e abrindo outra. Papéis saem voando de novo, mas estranhamente dessa vez eles não caem imediatamente. Na verdade, eles parecem voar para o alto, até o teto, como pombas recém-libertadas de uma gaiola, antes de finalmente flutuarem em direção ao chão. Max quase pula.

— Você viu isso? — ele pergunta.

— Ahm, sim... — consigo dizer, a garganta um pouco seca. Max olha com cautela para as gavetas, então abre mais uma, e acontece de novo. Como se uma pessoa invisível estivesse atirando os papéis de dentro do armário. Vejo Max espiar dentro da gaveta e sei que ele deve estar pensando a mesma coisa. Ele tenta uma terceira gaveta, mas, dessa vez, nada acontece. Nada de redemoinho de páginas em queda. Apenas uma gaveta mal organizada.

— Não entendo — Max diz.

Sinto um calafrio:

— Eu também não.

— Não, Alice — Max diz de novo, como se eu não o estivesse compreendendo. — Eu não *entendo*. Papéis acabaram de voar, para o teto, e eu quero saber por quê.

Dou de ombros:

— Este lugar é maluco.

Mas Max apenas fica parado lá, seu olhar de descrença se transformando em um sorriso incrédulo.

— O quê? — pergunto.

Ele balança a cabeça.

— Eu não acho que é este lugar, acho que é você — ele diz.

— *Eu?* Nem pensar — rio, caminhando até os papéis espalhados.

Max pensa por um instante.

— Então talvez sejamos nós. — Nossos olhos se encontram, e sustentamos o olhar um do outro por um momento. O cabelo dele ficou um pouco bagunçado por conta da brisa da gaveta do arquivo, todo fofo como um patinho, e não consigo deixar de pensar que até estilos desajeitados ficam perfeitos nele. Estendo e passo as mãos na parte da frente do cabelo dele, alisando-a contra a cabeça, subitamente muito consciente da maneira como Max está respirando, seu peito inflando, para cima e para baixo. Mas então penso no cabelo de Celeste caindo por cima de seu rosto enquanto ela o beijava no banco da escola e paro.

— Isso pode demorar um pouco — digo, pigarreando e me ajoelhando no chão coberto de papel. — Por que você não continua procurando em algumas outras salas enquanto tento organizar isto daqui?

— Tem certeza? — Max pergunta, ajoelhando-se ao meu lado para ele mesmo começar a juntar documentos. Nós acidentalmente pegamos a mesma pilha e, quando ergo os olhos para ele, Max está tão próximo que consigo sentir seu cheiro. Quero fazer um travesseiro do suéter dele.

— Tenho certeza — digo.

Max responde com um aceno de cabeça, antes de se levantar e se dirigir para a sala ao lado. Estou criando pilhas por sobrenomes quando o ouço chamar meu nome em um sussurro da outra sala. Encontro-o em pé no espaço circular sob o antigo domo do observatório. A abertura para o telescópio foi permanentemente removida e substituída por vidro, então você pode ver as estrelas acima.

— Uau — digo, enquanto o céu lança seu brilho sobre nós ali embaixo. — Isso é exatamente que nem o...

— O Met — Max termina minha frase. Nós nos entreolhamos. Quase consigo ouvir a música da sinfonia ao fundo e subitamente estou com desejo de Oreos. — Você estava bonita naquela noite — Max diz devagar, com uma sutil ênfase no *bonita* e, mesmo que suas palavras me lancem em um estado de pura felicidade, ainda reviro meus olhos. — Você sempre foi chata para ouvir elogios — ele observa, tentando não sorrir.

— Eu sei. — É a única resposta que consigo conceber, porque ele tem razão.

Max coloca as mãos nos bolsos.

— Fui lá uma vez. Ao Met. Nós pegamos um trem de Boston em família. Eu desafiei minha irmã a tocar um Rothko, e ela de fato fez isso. — Ele ri. — Não preciso dizer que foi uma visita curta ao museu.

Irmã? Abro minha boca para perguntar, ela nunca esteve em nenhum de nossos sonhos, mas a voz do dr. Petermann soa no lugar da minha, e as luzes do teto se acendem.

— O que é isso? — Petermann pergunta. Ele está parado sob o portal, usando shorts atléticos brancos chocantemente justos com uma bolsa de academia atirada sobre um ombro e uma faixa no cabelo.

— Dr. Petermann. — Vacilo. — O que o senhor está fazendo aqui?

— Tenho partidas de squash em dupla às quartas-feiras à noite e vi as luzes acesas a caminho de casa — ele diz. — E agora estou chamando a segurança. — Milagrosamente, ele consegue tirar um celular de seus minúsculos shorts.

— Vá em frente — digo. — Mas vai ser um completo desperdício do seu tempo. Eu vou continuar voltando. — Consigo sentir meus nervos começarem a se enrijecer de um lado e um rubor subir até minhas bochechas. Ele não pode tirar isso de mim. Não quando estamos tão perto.

— Não gosto do seu tom, Alice — Petermann diz.

— E eu não *ligo*. — Estou tentando controlar o volume da minha voz, mas não está funcionando. Isso sempre acontece quando me sinto encurralada. Todos os meus bons modos são atirados pela janela. — Não vou desistir. Se tiver que acampar do lado de fora deste edifício ou queimar toda esta operação até virar cinzas. — Não falo sério, é claro. Só me empolgo às vezes, as palavras saem antes que eu tenha uma oportunidade de pensar sobre seus significados.

— Espera aí — Max se mete. — Ninguém vai queimar nada.

— Fale por você — digo a ele.

Max me ignora.

— Dr. Petermann, por favor, perdoe Alice. Ela fica exaltada às vezes. Meu nome é Max Wolfe. — Ele caminha até Petermann e estende a mão, a qual Petermann aperta relutantemente. — Não tenho certeza se o senhor se lembrará, mas fui um paciente no **cds** cerca de dez anos atrás, ao mesmo tempo que Alice. Garanto que não estamos tentando complicar as coisas. Estamos apenas buscando respostas

sobre o que houve conosco, e por que sonhamos da maneira que sonhamos: um com o outro. — Eu não sei como ele faz isso. Tão autoconfiante e encantador. É impossível dizer não para ele.

Ainda assim, Petermann parece aturdido.

— Vocês realmente sonham um com o outro? — A pessoa mais delicada da Terra não poderia amenizar a notícia de que dois de seus antigos pacientes se conhecem de seus subconscientes. Ele põe de volta o telefone no bolso devagar, olha de um para o outro, e sua mente parece ir para outro lugar. — Foi há muito tempo — ele diz, perdido em pensamentos. — Mas eu posso ter uma ideia. Venham... sentem-se.

Enquanto seguimos Petermann a seu escritório, sussurro no ouvido de Max:

— É claro que ele ouve *você*.

Para pessoas normais

— Grupos esportivos são uma excelente maneira de conhecer pessoas — Petermann explica quando pergunto dos troféus.

Há uma estante de livros que vai do chão ao teto ocupando uma parede inteira de seu escritório, preenchida igualmente com livros e prêmios, como pequenas estatuetas douradas de pessoas prestes a acertar uma bola de tênis ou mergulhar em uma piscina inexistente.

— Como podem imaginar, é necessário muito patrocínio para manter uma operação como essa em funcionamento. Contatos são bons para os negócios. — Ele dá seu sorriso característico, e eu quase espero que um dos seus dentes brilhe como uma propaganda de pasta de dentes. *Ding!*

Atrás da mesa de Petermann está pendurada uma fotografia gigante de uma tomografia cerebral ampliada. Ele se senta diretamente na frente dela e coloca seus tênis brancos sobre a mesa. Ele abre a boca para falar, mas as palavras saem em italiano.

— *Idiota!*

— Você acabou de me chamar de idiota? — pergunto.

Petermann balança a cabeça.

— Sergio. — Ele aponta para uma grande jaula de pássaros na parte de trás da sala perto da porta, onde dois imensos pássaros azuis estão lado a lado, nos encarando com atenção.

— E o que está na esquerda é Brunilda. Não são lindos? — Petermann pergunta. — Eles só falam italiano, por causa da última pessoa com quem viveram, um ortodontista no bairro North End. Estou tentando aprender, mas vocês sabem como é, correria, correria. — Ele suspira de modo dramático. No entanto, nós realmente não sabemos como é. Nunca vi nenhum outro paciente no prédio.

— *Quest'uomo non è uno scienziato. Lui è un pagliaccio!* — um dos pássaros grita, e o pouco de italiano que aprendi durante um verão que meu pai e eu passamos em Roma para uma conferência de neurociência me diz que ele acabou de chamar Petermann de palhaço.

— Excepcional — Petermann diz, olhando para eles com afeto. Depois volta sua atenção para nós. — Então me contem sobre os sonhos. Com que frequência? Existem padrões? São recorrentes, como

no mesmo lugar, com mesmos temas? Ou são individualmente únicos?

— A única coisa recorrente em meus sonhos é a Alice — Max explica, e eu coro. Eu já deveria estar acostumada a ouvi-lo dizer meu nome em voz alta, mas não estou. — Desde que eu era novo, ela sempre esteve lá. Quando eu era pequeno, ela era pequena, e quando cresci, ela também. Mas nós nunca tínhamos nos conhecido. Nunca contei a ninguém a respeito... Percebi que outras crianças tinham amigos imaginários, então Alice deveria ser a minha. Até meu décimo sexto aniversário, nós tínhamos escalado um vulcão, vencido a Copa do Mundo, construído uma casa de pão de mel em tamanho real... você se lembra dessa? — Max se vira para mim, abafando o riso. — Jerry ficava comendo todas as maçanetas.

— Quem é Jerry? — Petermann faz uma careta. — Não me lembro de algum dia ter tido um paciente com esse nome.

Abro a boca para responder, mas Max replica antes:

— Jerry é o buldogue da Alice — ele diz empolgado, como se falasse de um velho amigo. — Ele é o melhor. Tudo bem, ele tem um pequeno problema de comportamento, mas ele se acalma se você coçar bem embaixo do seu queixo. Ele ama buscar a bolinha.

— Talvez nos seus sonhos — resmungo, pensando que não consigo me lembrar da última vez que Jerry tinha de fato buscado uma bola de tênis e a deixado aos meus pés.

— Ele está em mais ou menos metade dos nossos sonhos. Você não concorda? — Max olha para mim de novo.

Demoro um minuto para responder porque estou muito ocupada contemplando-o, me deliciando em quanto ele parece estar gostando da situação. Ouvindo como ele descreve o tempo que passamos juntos com o mesmo prazer que sinto. Que, apesar de nosso começo turbulento na vida real, isso claramente significou tanto para ele quanto para mim.

— É verdade — aceno. — Acho que sonho quase todas as noites, e algo como três noites por semana são com Max. E, sim, com frequência eles são muito exóticos: montar elefantes cor-de-rosa pela selva, explorar cidades subaquáticas. Mas eles também podem ser completamente normais, como visitar um museu ou tomar um sorvete realmente delicioso. Um dos meus favoritos acontece em uma rua de paralelepípedos chuvosa. Só caminhando embaixo de um guarda-chuva enorme.

— Um guarda-chuva vermelho que também é uma lâmpada de

calor — Max acrescenta. — Eu amo esse.

— Isso é espantoso — Petermann agora está inclinado para a frente em sua mesa, sua grande cabeça peluda equilibrada entre seu polegar e o indicador. — O que fizemos aqui foi simplesmente um mapeamento de sonhos, seguido de um pouco de terapia cognitivo-comportamental. Sim, vocês dois estiveram aqui ao mesmo tempo, mas as sessões são privadas. Não há motivo para vocês terem sabido um do outro.

— Então você não tem ideia de por que isso está acontecendo? — pergunto.

— Não tenho. — Petermann sacode a cabeça. — Mas isso não quer dizer que não esteja disposto a tentar desvendar isso. O cérebro é um real mistério, mas tenho certeza de que podemos chegar ao fundo do que quer que seja, descobrir que fios estão se cruzando, por assim dizer.

A teoria de Petermann me incomoda. Max não é apenas um mau funcionamento cerebral. Alguma coisa que foi enfiada na minha cabeça e pode ser explicada de qualquer jeito.

— É possível ser algo que a ciência não possa responder? — pergunto.

Petermann balança a cabeça.

— A ciência é a explicação para tudo. Nós só precisamos fazer as perguntas certas.

— Esse é o carro que você dirige? — pergunto, surpresa.

Max acabou de estacionar ao meu lado em uma velha caminhonete Volvo turquesa. Estou lutando para colocar o farol de segurança atrás da minha bicicleta.

— Tem valor sentimental. Vamos lá, deixe-me dar uma carona pra você. Não é seguro a esta hora.

Deixo que ele saia e erga Frank com uma mão, como se a bicicleta pesasse tanto quanto um marshmallow, e coloque-a na caçamba, enquanto eu pulo para o assento do carona. Quando ele passa pela Memorial Drive, ficamos em silêncio, o rio acelerando à nossa direita. O carro está quente, os assentos são macios, e me sinto segura neste espaço com Max.

— No meu sonho favorito de nós dois, tudo o que fazemos é dirigir. Só a estrada vazia. Às vezes estamos no deserto, outras vezes

dirigindo por entre colinas cheias de árvores, um sentimento de total maravilha e empolgação me atravessando. No sonho, sempre sei que estamos indo a um lugar legal. Mas, mesmo que a gente nunca chegue lá, não importa, porque estou com você. — Ele se vira para me espiar, e eu desejo que estivéssemos num sonho desses agora. Eu queria que nunca acordássemos dele. — Você já teve esse sonho?

— É claro — digo. — É um dos meus favoritos também.

Então eu honestamente me pergunto se estamos sonhando. Porque Max faz algo tão inesperado que cada pelo no meu corpo se eriça.

Devagar, tão devagar que não noto no começo, ele alcança minha mão. E de repente há duas mãos em cima do meu joelho esquerdo. A minha e a de Max, entrelaçadas.

Eu as encaro, como se, caso eu afastasse o olhar, elas fossem parar de existir. Como é possível que, com só nossas mãos se tocando, a sensação de calor tenha se espalhado pelo meu cotovelo e para o meu peito? Não tiro os olhos delas até que estacionamos na porta de minha casa, quando Max é forçado a soltar minha mão para poder estacionar. Ficamos sentados em silêncio por um momento, olhando para a frente, o interior do carro com uma aura hesitante, além do entendimento de qualquer um de nós, minha mão esquerda se sentindo vazia e fria.

Vacilo antes de me virar de frente para ele e noto que ele fez a mesma coisa. Max está me lançando um olhar esquisito, sua cabeça num ângulo para baixo, seus olhos me espreitando ponderadamente.

Ele vai me beijar? Levo em consideração quão secos estão meus lábios por um instante, então percebo que os estou mordendo e me pergunto se ele sabe o que estou pensando, e fico instantaneamente envergonhada.

— Alice — Max diz, inclinando a cabeça para o lado e a escorando no apoio do banco enquanto me observa.

— Humm? — É tudo o que digo, porque não confio em mim mesma para formar frases ou, para ser sincera, palavras inteiras agora. “Mas quando a parte do beijo acontece?”, quero perguntar.

— Não acho que posso fazer isso — Max diz em vez disso. E então todo o ar é empurrado para fora do meu corpo.

— Eu não entendo... — começo a dizer.

Max mexe o maxilar para a frente e para trás enquanto tenta encontrar as palavras certas.

— Alice, tem tanto sobre mim que você não sabe — ele diz. — O que nós tivemos, o que nós *temos*, é incrível, mas existiu só em nossos

sonhos. E as tantas outras coisas que perdemos enquanto estávamos acordados?

— Então me conta — digo, colocando uma mão em seu joelho. — Quero ouvir tudo, Max. O que quer que eu tenha perdido. O que quer que eu precise saber.

— Não é o que eu quis dizer. — Max balança a cabeça, mudando de posição para voltar a olhar para a frente, deixando seu braço direito descansar na parte de trás do meu assento. — Quer dizer, por tanto tempo você foi a única coisa boa na minha vida. Você era a coisa que eu esperava todo santo dia.

Eu me inclino na direção dele.

— Era assim comigo.

— Não, você não entende — Max diz, seu tom ficando um pouco mais agressivo. — Quero dizer que os sonhos eram *tudo* que eu tinha. Eu queria tanto que você fosse real, e era tão difícil. Em especial nas noites em que eu não sonhava com você... era como se eu tivesse me viciado. Nos sonhos, no mundo e em você. Um dia eu acordei e simplesmente sabia que tinha que abrir mão disso. Talvez eu não pudesse parar os sonhos, e eu não queria que parassem, mas podia trabalhar para melhorar minha realidade. E eu fiz isso. Me esforcei mais na escola, me envolvi mais em esportes, conheci... gente nova. — Ele olha para longe, e um sentimento de pânico começa a formigar devagar no meu peito.

— Você quer dizer Celeste — digo, tão baixo que é praticamente um sussurro.

— Quero dizer Celeste — Max admite. Ele para como se esperasse que eu dissesse algo, mas não sei o que dizer. Trocamos de lugar agora. Max se volta para mim, implorando, tentando me fazer entender, enquanto eu olho para a frente, incapaz de olhar para qualquer lugar que não fosse a mudança de cores no semáforo um pouco à frente.

— Alice, você foi a garota dos meus sonhos — Max diz. — Mas Celeste estava comigo na realidade. Ela viu todas as partes difíceis. Ela viu uma criança silenciosa que guardava tudo para si, e ela me fez ser mais aberto, abriu um mundo inteiro para mim. Ela me apresentou para seus amigos e me levou para a casa dela para noites de filme em família, e me fez sair nos finais de semana. E, de alguma forma, me tornei um adolescente normal. Eu devo tanto a ela por isso.

— Você me deve por uma parte disso também — digo,

incomodada. — E só porque eu apenas vi o lado bom, isso não quer dizer que eu não teria visto quem você era através do lado ruim.

— Eu sei — Max diz. — Mas você não estava lá para o ruim, e ela estava.

Nesse ponto, eu preferiria estar completamente nua me balançando em uma corda no Empire State Building a ouvir Max falar mais uma palavra sobre Celeste, então empurro a porta do carro e caminho para minha casa. Jerry está arranhando atrás da porta como um maluco, então eu a abro, mas ele me ultrapassa e corre diretamente para Max, que acabou de descarregar minha bicicleta, e fica cheirando seus calcanhares.

— Ei, Jer — Max diz, abaixando-se e acariciando a cabeça de Jerry. Jerry se desmancha a seus pés. — Senti saudades.

Então Max olha para mim, e odeio isso, porque agora quando ele olha para mim desse jeito, tudo o que consigo ver é o rosto de Celeste ao seu lado.

— Sinto muito. — Ele dá um passo à frente como se quisesse me tocar, mas para. — Não posso voltar a morar nos meus sonhos, Alice. Eu me esforcei demais para minha realidade.

— Mesmo que seus sonhos estejam bem na sua frente? — pergunto, minha voz saindo toda hesitante e chiada, a instantes de acabar em lágrimas.

Max só chacoalha a cabeça.

Não digo nada. Apenas me abaixo e coço o topo da cabeça de Jerry, para que Max não possa ver as lágrimas se formando nos meus olhos. Essa deve ser a sensação de um término de namoro. Para gente normal em relacionamentos normais.

Max parece entender, porque não espera por uma resposta.

— A gente se vê — ele diz antes de voltar para o carro.

Dói tudo de novo quando percebo que ele não diz “logo”.

17 de setembro

Estou agitando meus dedos na grama de um campo verdejante, olhando para cima, vendo uma torre de muitos andares. Conforme olho com mais atenção, percebo que é feita totalmente de blocos de Jenga.

— Sua vez, minha querida! — Petermann grita. Ele está reclinado com leveza em um cabriolé atrás de mim, bebericando um coquetel com uma gigantesca flor cor-de-rosa flutuando. Longe, ao fundo, parece estar o Palácio de Versailles, mas sua fachada está entremeada de enormes pedras preciosas, como se uma família de pôneis de My Little Pony o tivesse comprado e acabado de terminar a reforma.

— Mas como chego à altura necessária? — pergunto, espiando o movimento perfeito: um bloco um pouco solto cerca de seis metros acima.

— Sergio vai ajudar você, é claro! — Petermann responde.

Nesse instante, Sergio desce zumbindo pela lateral da torre, suas plumas azuis parecendo quase elétricas no fulgor da tarde. Mas esse não é o Sergio de que me lembro. Esse Sergio é do tamanho de um dragão adolescente e está usando um lindo cachecol de lã italiano em torno do pescoço.

— Ciao, Alicia! — ele diz com entusiasmo. — Todos a bordo! Veniamo!

Subo em suas costas e ele dá uma volta ao redor da torre enquanto me inclino para a frente e aponto para aonde quero ir. Então puxo o bloco e o carrego nos meus braços enquanto Sergio me faz voar para o topo, onde cuidadosamente ponho o bloco.

— Brava! — Sergio exclama, e vejo lá embaixo Petermann erguer seus óculos em aprovação. Sergio me leva de volta ao chão e tenho que me sentar enquanto assisto a Brunilda jogar na sua vez, usando um grande colar de esmeraldas que complementa com perfeição sua plumagem. Ela usa seu bico para puxar um bloco com destreza e graciosamente o coloca no topo da torre, me dando uma piscadela quando a parabenizo.

— Bem divertido, hein? — alguém diz ao meu lado, e me viro para ver Max sentado próximo, ao meu lado, seus cotovelos descansando no topo de seus joelhos dobrados.

— Quando você chegou aqui? — pergunto, deslizando para perto para descansar meu queixo em seu ombro.

— Estou sempre aqui, Alice — ele diz calmamente. Então apoia sua bochecha no alto da minha cabeça.

Surpreende-me como um gesto tão pequeno pode causar sentimentos tão grandes. Como às vezes você não percebe o nervosismo ou a tristeza que estava acumulando bem nas profundezas até que o toque de alguém que você ama arranca tudo isso de você, seu corpo inteiro desabafando. É assim que eu me sinto. Fecho os olhos para apreciar esse momento por completo.

— Cuidado! — alguém grita de cima, e olhamos para ver Petermann acelerando montado nas costas de Sergio, enquanto pedaços da torre de Jenga começam a cair. — Protejam-se!

Mas, quando o primeiro bloco aterrissa, quicando e rolando pelo gramado, percebemos que não há perigo. Eles na verdade são apenas esponjas gigantes cortadas em tiras longas e grossas, e subitamente estamos nadando em um fosso de espuma, como os que tínhamos na minha antiga aula de ginástica no Bronx.

— Max? — digo. — Max? Onde está você?

Mas, antes que eu realmente entre em pânico, sua cabeça surge saindo da pilha com um gigantesco sorriso.

— Estou aqui! — ele grita. — Eu já te disse. Estou sempre aqui.

Fetal

Acordo com a sensação de um peso morto pressionado contra minhas costas no outro lado do edredom, e sei que deve ser Jerry, que parece acreditar que somos membros da ninhada de cachorros mais peculiar da cidade. Meus joelhos estão colados ao peito, e estou abraçando-os junto do meu corpo quase em desespero. O sol entra em raios pela janela do quarto, mergulhando o cômodo inteiro em uma espécie de brilho angelical.

Em um dia particularmente perfumado no outono passado, meu pai me perguntou se eu gostaria de ir ver uma partida de futebol em Columbia. Ele não é um grande fã de esportes, mas gosta de futebol mais do que dos outros, e um dos seus alunos estava jogando. Por infelicidade, aquele aluno acabou sofrendo uma queda bem violenta, dando uma virada e aterrissando em cima do ombro. A torcida inteira se silenciou enquanto o técnico e os juízes correram para o local, o jogador amontoado em uma bolinha, as pernas dobradas junto ao peito enquanto ele segurava o ombro com a mão oposta.

Enquanto o acompanhavam para fora do campo, meu pai me explicou em um tom abafado que, em momentos de extremo estresse ou trauma, humanos de todas as idades lançam mão da posição fetal, porque é uma maneira instintiva de proteger todos os órgãos vitais e porque ela nos lembra do lugar mais seguro que todos nós conhecemos, o útero. Enquanto eu dava meu aceno de cabeça usual para explicar que já tinha ouvido e entendido sua última curiosidade, ele acrescentou:

— E, caso essa informação algum dia seja crucial para o seu bem-estar, é também a melhor posição para sobreviver a um ataque de urso na mata.

Enquanto fico deitada embaixo das cobertas agora, em uma posição que apenas pode ser descrita como completamente fetal, entendo o que ele quis dizer. Realmente, parece doer menos dessa maneira. A dor que começou a latejar dentro de mim quando abri os olhos. Porque mesmo que o Max dos Sonhos fosse sempre estar ali, o Max da Realidade tinha partido meu coração.

Mas, se é esse o caso, então o que ele está fazendo nos nossos

sonhos? Como pode lutar comigo em pilhas de espuma e me lembrar das partes dele que amo, se ele apenas vai me tirar isso?

— Se decida, Max — digo em voz alta.

— Bichinho? — a voz do meu pai entra sussurrada e hesitante do nada.

— Pai? — pergunto. — Onde você está?

— Bichinho, se você pode me ouvir — ele continua, ainda soando a um milhão de quilômetros de distância —, encontre o telefone grande e retangular que parece que foi comprado para um escritório de advocacia corporativo do começo ou meio dos anos 1990.

Ainda estou sonhando?, penso comigo mesma enquanto me levanto da cama de pijama, explorando o quarto, até que meus olhos pousam em um telefone bege com um milhão de linhas e luzes em uma mesinha num canto, uma visão verdadeiramente grotesca em meio às lanternas chinesas e almofadas de seda.

Com cuidado, tiro o fone do gancho.

— Alô?

— Você encontrou! — meu pai diz, soando alto e claro agora, e jovial demais para essa hora da manhã. — Que coisa emocionante! Não são legais? Acho que vovó comprou depois que fomos embora.

— O que é isto, exatamente? — pergunto, esfregando os olhos e espreitando o telefone. — E, falando sério, onde você está?

Meu pai deixa escapar uma gargalhada.

— Estou na cozinha. E se chama interfone. Ajuda a fazer chamadas diretamente de dentro de casa, de um piso a outro. É melhor do que gritar pelas escadas. Legal, não acha?

— É, muito legal — digo com cansaço. — Mais alguma coisa? — Estremeço um pouco com meu tom. Não é culpa dele se me sinto dessa forma.

— Sim, na verdade, tem mais uma coisa — ele diz secamente. — Duas coisas. Número um: sou seu pai e você não vai ser atrevida comigo tão cedo de manhã. Número dois: como resultado do número um, é minha obrigação legal dizer que você vai se atrasar pra aula se não trazer sua cara pra cozinha nos próximos dez minutos.

Se você puser no Google “como consertar um coração partido”, o que eu fiz no celular enquanto escovava os dentes na manhã de hoje, vai achar mais resultados de busca do que conseguiria ler em um ano.

Alguns dos conselhos são razoáveis (Faça uma lista de tudo que odiava nele! Não tenha medo de rir! Vá à academia e Ponha. Pra. Fora!). E alguns são terríveis (Encontre alguém novo agora mesmo! Poste fotos de você e essa pessoa nas redes sociais para deixar seu ex com ciúmes! Faça um boneco de vodu dele e Ponha. Em. Chamas!). Mas conheço uma cura para tudo muito melhor: música. Fiz uma limpa na minha biblioteca até achar o gênero perfeito para meu humor, e no momento tenho um bando de gente rolando pelos meus ouvidos. Algumas pessoas pensativas como Nick Drake, Jeff Buckley, Elliot Smith e James Vincent McMorrow. Cantam sobre amor e solidão e você sabe que eles simplesmente entendem. O sentimento de perder alguma coisa. É claro, metade deles também está morta. Eu os ouço enquanto pedalo a caminho da aula e sigo ouvindo enquanto marcho pela escadaria principal do prédio administrativo e faço minha rota pelo corredor.

Que é onde sou, infelizmente, forçada a parar, uma vez que vejo Max me esperando mais adiante. Na verdade, ele parece um pouco ridículo, só parado ali me encarando, seus olhos enormes e talvez um pouco vidrados. Hoje ele está vestindo calças de brim marrom-escuras e um suéter verde-acinzentando, que faz com que seus olhos contrastem com sua pele. Max abre a boca como se estivesse prestes a dizer algo, e percebo que sua presença, posta contra minha mistura de mágoa indulgente, faz com que eu me sinta como se fôssemos de fato os personagens principais em um drama romântico. E agora é o momento em que ele começa a chorar, e eu começo a chorar e nós corremos um para o outro e então...

E então, de repente, uma porta se escancara entre nós e o reitor Hammer coloca a cabeça para fora, ajustando seus óculos e espiando na minha direção.

— Alice. Excelente. Estava esperando encontrar você. Vi você subindo as escadarias da minha janela. Você por acaso teria um minuto?

— Claro — digo, hesitando um pouco. Max ia dizer alguma coisa? Será que quero ouvir?

— Ótimo — o reitor diz, dando um passo para o lado e apontando para a porta aberta. Relutantemente, sou a primeira a entrar.

— Então, como vai tudo? — o reitor Hammer diz com as sobrancelhas erguidas, o máximo de entusiasmo que vi nele até agora, enquanto se senta na minha frente em uma poltrona de couro em seu

escritório. Percebo que este é na verdade o lugar perfeito para eu estar neste momento, em meu estado exausto e de coração partido. Com alguém cuja conduta natural simula minha atual apatia interna. Às vezes pessoas com entusiasmo demais fazem eu me perguntar: elas estão realmente empolgadas assim ou estão agindo com empolgação na esperança de que isso fará com que se sintam dessa forma? Aquela coisa toda de “sorria e você se sentirá feliz”.

Ladeira abaixo, quero dizer.

— Tudo bem — respondo no lugar. Se você disser “tudo bom” na minha casa, você praticamente fica sem jantar. *Você não está bom, você está bem!* Consigo ouvir meu pai me corrigindo como se estivesse em pé atrás de um pódio.

— Conversei com alguns dos seus professores, e eles dizem o mesmo. — O reitor assente com a cabeça. — Professor Levy em particular é um grande fã.

Isso efetivamente traz um pequeno sorriso aos meus lábios. O Levy talvez esteja realizando algum tipo de fantasia estilo *Sociedade dos poetas mortos*, mas ele é inteligente, isso dá para ver. Quero que ele se sinta da mesma maneira em relação a mim.

— Então agora vem o próximo passo — o reitor Hammer diz. — Não queria jogar isso em você de uma vez só, mas precisamos marcar de você falar com nosso conselheiro universitário. Todos os estudantes do ensino médio foram encaminhados a um no final do segundo ano.

— Um? — digo. — Vocês têm mais do que um conselheiro universitário?

O reitor Hammer assente com a cabeça solenemente mais uma vez.

— Mais um *benefício Bennett* — ele diz como se estivesse vendendo um seguro de carros em que não acredita. — Nós na verdade temos quatro. A maior parte deles está com os horários lotados, mas não se preocupe, encontrei uma perfeita para você. Ela tinha um espacinho na agenda.

Enquanto me aproximo do escritório de Delilah Weatherbee, consigo ver que ela, como eu, não se encaixa. Para começar, o escritório dela nem é na ala administrativa. Fica no sótão do centro de artes criativas, e tenho que empurrar manequins antigos e esculturas esquecidas e cavaletes quebrados para chegar a bater na porta. Além disso, cheira a incenso, e o som de música de flauta New Age está escapando por

baixo da porta.

Delilah a abre quase instantaneamente.

— Alice — é tudo o que ela diz, seu rosto rosado brilhando e inclinado para o lado, os braços estendidos. Entendo quase tarde demais que eu deveria abraçá-la. O que eu faço, e ela cheira a patchuli. Ela me afasta um pouco, mas ainda agarrando meus ombros, sussurra:

— Bem-vinda.

Delilah me guia para dentro, toda com cachos praianos sem esforço e pés descalços, sua longa saia de linho arrastando no chão.

— Sente-se — ela diz, apontando para um canto enquanto serve um pouco de chá. Olho para lá, mas não há cadeiras. Então eu noto as almofadas no chão.

— Então — Delilah diz quando estamos sentadas de pernas cruzadas uma na frente da outra, cada uma segurando uma pequena xícara de um cheiroso chá verde. — Quem é Alice Rowe?

— Não acho que entendo a pergunta — digo.

— Exato — Delilah diz, o que apenas me confunde mais. — Sei que você se encontrou com o reitor Hammer e discutiu suas habilidades acadêmicas. Bom trabalho, aliás. — Ela aperta meu joelho de leve. — Mas agora quero perguntar: o que mais?

— O que mais o quê? — pergunto.

— O que mais existe na Alice? Quais são seus interesses? De que clubes participou? Com quem você tem andado? Veja bem, Bennett é uma excelente escola, mas, para transformá-la em uma boa candidata para faculdades, nós realmente precisamos cultivar uma consciência de si mesmo. Gosto de incentivar meus alunos a praticar um certo tipo de atenção plena, *mindfulness*. Tirar um tempo, prestar atenção no que gosta e no que não gosta, suas tendências comportamentais, para ajudá-los a entender quem são.

Não acho que ela realmente queira ouvir minha resposta sobre com quem tenho andado, porque no momento é Oliver, o maior bagunceiro da escola; meu pai, um neurocientista de meia-idade; Jerry, um buldogue geriátrico; e o garoto exemplar Max Wolfe, mas só em situações subconscientes. Ainda me parece divertido que ela e o reitor Hammer possam ser tão diferentes e ao mesmo tempo tão parecidos. Isso não é muito diferente de me perguntar o que quero escrito no meu túmulo.

— Ahn, eu acho que devo ter perdido o prazo de inscrição para

clubes — tento. — Eu não tinha ainda pensado muito nisso...

Delilah me estuda, assentindo de novo e de novo. Seu olhar me deixa desconfortável, então espio para fora da janela, e é quando vejo Sergio e Brunilda, me observando de uma árvore do lado de fora. Sergio ergue uma asa, me saúda, e os dois saem voando.

O que é que...? Estou dormindo? Pisco algumas vezes.

— Bom, o que você fazia na sua antiga escola? — Delilah está perguntando.

Explorava. Visitava museus. Jogava xadrez com uns caras velhos no Central Park. Tentava controlar Jerry, para não comer os patos no lago, no que eu tinha uma taxa de sucesso de apenas 98%.

— Eu passava muito tempo por aí — digo. E então de imediato percebo que soa como se eu usasse muitas drogas.

— Isso ajuda! — Delilah diz. — O que você acha da Associação de Orientação? Eles organizam viagens de acampamento semanais, escalam montanhas locais...

Meus olhos se arregalam, horrorizados.

— Não esse tipo de por aí. Cresci em Nova York.

Delilah ergue as sobrancelhas:

— Muito cosmopolita! — ela diz. Então alcança a estante ao nosso lado e puxa uma imensa pilha de folhetos. — Aqui, por que você não olha alguns desses? Eles podem dar ideias a você.

— Eu posso levar comigo e decidir mais tarde? — pergunto.

Posso levar comigo e jogá-los fora?, penso.

Delilah sorri com conhecimento de causa.

— Eu preferiria que você escolhesse três antes de sair do meu escritório hoje. Prometo que você vai achar algo de que goste. Temos mais de quarenta clubes e associações aqui na Bennett.

Baixo a cabeça para os panfletos e o primeiro que vejo diz: “Liga Amadora de Malabarismo”.

— Tenho certeza que sim — digo, virando a página imediatamente. — Em algum momento.

Por favor escolham um recipiente

Em mais uma de suas nada frequentes cartas da África, minha mãe descrevia um explorador alemão que, em 1878, escreveu sobre ser guiado por uma tribo chamada Mkodo na selva de Madagascar. O explorador alegava ter visto uma gigantesca árvore em forma de abacaxi estrangular e então devorar uma mulher, os tentáculos se envolvendo em torno do corpo dela enquanto as folhas gigantes se dobravam devagar ao seu redor como algum tipo de casulo doentio ou, na minha imaginação, algum filme de terror dos anos 1950 com cenografia ruim. A história inteira, a tribo que o guiou e o próprio explorador foram mais tarde considerados uma fraude, mas isso não impediu os outros de ainda acreditarem na existência da planta assassina.

Nesse momento, enquanto me sento em um banco dentro da estufa da Bennett Academy, um lindo prédio em decadência composto inteiramente de paredes de vidro e uma estrutura de metal verde, estou disposta a admitir que sou uma dessas pessoas. Porque no canto mais distante da entrada da estufa está uma planta que não apenas parece estar olhando para mim; ela também parece que pode tentar me morder se eu chegar perto demais. Enquanto observo, penso vê-la se aproximar para cheirar a mão de uma garota de saia roxa parada perto dela, como Jerry cheira uma guloseima que vai devorar em instantes. Mas, quando olho de novo, ela não se moveu e a garota está ilesa.

Realmente tentei evitar vir aqui. Não acho que eu sequer reguei uma planta na minha vida toda. Mas Delilah me disse que entrar no time de bocha não era o suficiente, e minha tentativa de entrar no **ecrs** ontem — Estudantes Contra Redes Sociais — não acabou muito bem.

No primeiro encontro, sentamos em círculo e fomos nos apresentando, e quando disse a eles meu nome, uma garota chamada Gigi digitou algo agressivamente em um laptop.

— Alice Rowe, anteriormente de Manhattan? — Gigi perguntou.

— Sim — respondo.

— Vejo aqui que você tem uma conta no Facebook. — Ela olhou para mim por cima dos seus lustrosos óculos prateados. — Está ativa?

— Eu nunca entro — eu disse.

— E o Instagram? — ela perguntou. — Usuário “JerrysWorld”?

— Mas isso conta mesmo? — respondi, sentindo um calor subir ao rosto. Eu tinha feito provas de química mais fáceis que isso. — São só fotos... eu gosto muito de fotografia.

— Eu também — Gigi disse. — Mas não preciso que o *mundo* inteiro “curta” minha fotografia para me dar um sentimento de satisfação e pertencimento. — Quando ela disse a palavra *curtir*, ela pegou o dedo indicador e o espetou no ar em frente a ela, como se perfurasse um ícone invisível de coração em um perfil invisível do Instagram.

— Eu não uso tanto assim... — tento.

— Então não foi você quem postou ainda hoje de manhã a foto de um buldogue deitado em uma pilha de folhas? — ela perguntou.

— Ele estava realmente empolgado com o primeiro dia do outono — digo, um pouco mais defensivamente dessa vez.

— E o Spotify? Vejo que você tem mais de cem seguidores.

Não precisa dizer, foi sugerido a mim que não retornasse ao Estudantes Contra Redes Sociais.

— Certo, pessoal — um cara chamado Parker diz, em pé e encarando a meia dúzia de alunos sentados perto das estantes de plantas e vasos de terra. Ele veste uma camisa xadrez de manga curta, aqueles tênis esquisitos que têm espaços individuais para cada dedo do pé, e está fechando a tampa de um squeeze com um adesivo que diz: **Que a floresta esteja com você.** — Estou muito empolgado de ver uma adesão tão alta para o Clube do Terrário. Vou considerar que todos vocês sabem o que é um terrário, mas, caso não saibam, é em resumo um ecossistema em pequena escala dentro de um recipiente. Apenas plantas, nada de animais ou répteis de nenhum tipo. Vamos começar com terrários fechados, onde a luz do sol e o ambiente fechado são usados para circular a água e torná-lo autossustentável, e vamos seguir em frente para terrários abertos mais no final do semestre, que se foca principalmente em plantas como suculentas, que requerem ar mais seco.

— Tenho uma pergunta — alguém diz, e reconheço de imediato o tom anasalado e a modulação ruim na voz. — Será que poderíamos

começar com abertos? Quero fazer uma casa de férias para meu lagarto, Sócrates, e gostaria de dá-la em seu aniversário em novembro. — Jeremiah empurra os óculos mais para cima do rosto e pisca algumas vezes.

— Jeremiah, o que eu acabei de falar? — Parker responde, sua paciência já sumindo. — Terrários são feitos para serem ecossistemas independentes. Não são para hospedar criaturas.

— Você não manda em mim — Jeremiah diz com desdém. Eu me pergunto se Jeremiah apanha todos os dias.

— Desculpem o atraso — Celeste diz enquanto se apressa passando pela porta, e o rosto de Parker muda de irritação para um que parece o de um cervo confrontado com o farol de um carro em questão de segundos. — Estava voltando do terceiro período quando encontrei um filhote de esquilo machucado na calçada. Eu levei para a sra. Hakes, e ela vai cuidar dele até ele melhorar. Vocês tinham que ver o gessinho dele! — Ela joga a bolsa de couro no chão perto de um vaso turquesa e acomoda o quadril casualmente no chão, cruzando as pernas. — O que perdi?

Estudo Celeste, usando jeans perfeitamente desbotados, botas com tachas e o tipo de camiseta que parece de brechó, mas na verdade foi comprada por pelo menos cinquenta dólares, e me pergunto se, feito a Bela Adormecida, ela é vestida por um bando de pássaros azuis alegres todas as manhãs. Exceto que esses seriam pássaros azuis alegres e *hipsters* com pequenos chapéus tipo fedora e coletes. E Max seria o seu príncipe.

Ugh.

Não sou a única a encará-la. Parker, Jeremiah e um par de outros alunos na aula também estão, porque, para coroar minha sorte, Celeste parece capaz de produzir de verdade uma reação praticamente de celebridade. Ela olha para os lados, sorrindo para todos. Então olha para mim. Congelo, me perguntando o que viria a seguir. Uma encarada fixa? Um olhar que diz *fique longe do meu namorado, esquisitona dos sonhos?*

— Ah, oi! — Celeste me dá um aceno.

Sorrio de forma débil e fico impressionada ao vê-la se virar em seguida para Jeremiah. Pessoas como eles não deveriam mutuamente se detestar?

— Ei, Jer — Celeste diz. — Como está Sócrates?

Jeremiah lança um olhar para Parker:

— Desabrigado.

Parker revira os olhos.

— Esquece isso. E não tem problema, Celeste. Eu estava apenas explicando o que vamos fazer durante o semestre. Vamos começar construindo um terrário pequeno e em menor escala hoje, só uma coisa fácil, e então vou pedir que vocês de fato cultivem suas próprias plantas, porque tenho uma surpresa... — Ele morde o lábio inferior enquanto se equilibra nos próprios calcanhares, tentando fortemente conter sua animação. — Falei com o reitor Hammer esta manhã e, com o trabalho no novo centro de ciências terminado logo, ele nos incumbiu de um projeto, um muro de larga escala de suculentas! — Parker abre as mãos como um *ta-dã!* e todo mundo solta *oohs* e *aaahs*, enquanto eu tento digitar “parede de suculentas” no Google sem que ninguém note.

— Agora, se vocês puderem por favor escolher um recipiente de vidro e pegar um saco de pedras e terra na mesa ao fundo, posso começar a demonstração de terrários — Parker diz.

Uma vez que pegamos nossos materiais, Celeste vem se sentar perto de mim em uma das estações de trabalho.

— Como estão as coisas? — ela pergunta. — O reitor Hammer deixou você chateada?

Olho para ela:

— Como você soube?

Celeste dá uma risadinha.

— Porque eu fui nova ano passado. Me deixa adivinhar. Potencial e oportunidade? — Faço que sim com a cabeça devagar, e ela coloca uma mão no meu antebraço e diz: — Não se preocupe, logo vai aparecer alguma outra pessoa para ele transformar no candidato perfeito da Bennett. Só agente firme.

Estou começando a entender por que as pessoas reagem a ela do jeito que reagem. Quer dizer, ela está namorando o cara por quem fui apaixonada a vida inteira. Eu deveria odiá-la... mas, por algum motivo, não odeio.

— Obrigada — digo, depois me aproximo mais. — Aliás, o que é uma parede de suculentas?

Celeste puxa um caderno de anotações azul coberto de desenhos em tinta e abre em uma página com fotos coladas. São lindos murais nas laterais de prédios, mas feitos totalmente de plantas tipo cactos, em tons de púrpura e verde e azul-acinzentado. Nas bordas das

imagens estão rascunhos de flores e vinhas, longas gavinhas indo de uma página a outra.

— Legal — digo, e falo sério.

— Elas são bem legais — Celeste acena, guardando o caderno de anotações. — Então, por que você escolheu este clube se nem sabia o que era uma suculenta? — ela pergunta. Não é acusatório; é interessado.

— Honestamente? A sra. Weatherbee me disse que eu tinha que escolher três clubes, e esse foi um dos primeiros que vi. — Dou de ombros. — E você?

— Meus pais têm uma fazenda a uns quarenta e cinco minutos da cidade — Celeste diz. — É onde moramos. Tive meu próprio jardim desde que era grande o suficiente para carregar um regador. E gosto muito de design... pareceu uma bela união dos dois.

Estudo a maravilhosa pele de oliva de Celeste e seus sinceros olhos castanho-escuros, e percebo com apenas uma pontada de desalento que ela é, tipo assim, a mais descolada dos descolados. E, mais importante, ela é *simpática*. A ideia de ela e Max formando uma dupla dinâmica super-humana é mais fácil de imaginar do que eu gostaria de admitir.

— Então, acho que devíamos falar de uma coisa — Celeste diz enquanto tira um pouco de terra de um saco e coloca uma camada fina na base do seu recipiente. Faço como ela, a mão tremendo involuntariamente e derrubando um pouco na mesa. Celeste nem sequer comenta a respeito. Lá vem. Max disse algo a ela?

— É sobre Max — ela diz, dando um sorriso tímido.

Oh, Deus. Largo meu saco de terra. Começo a dizer:

— Você não precisa se preocupar...

— Não, não, me deixe terminar — Celeste diz. — Só tenho a sensação de que ele passou uma impressão muito besta no pátio no primeiro dia de aula. Oliver só desperta um... lado muito pouco atraente dele.

— Ah, é? — digo, aliviada de que não é sobre mim. — Por quê?

— Eles costumavam ser amigos alguns anos atrás, mas começaram a se distanciar. É meio que uma longa história, mas Max era diferente naquela época. Mais reservado.

Passo minha língua pelo lado de dentro dos dentes inferiores, alguma coisa para distrair minha boca de dizer “eu sei”. Que ele me contou tudo sobre isso semana passada, logo antes de partir meu

coração. Mas explicar para Celeste que Max e eu estávamos juntos requereria que eu também explicasse onde, e eu definitivamente não vou conversar sobre o cds com ela. É a única coisa que compartilho com ele que é só nossa... além dos sonhos, é claro. E se ela um dia surgir em um deles, vou me decidir a nunca mais pegar no sono de novo.

Celeste ainda está explicando a história:

— De qualquer forma, um dia ele começou a mudar. Ele começou a se focar mais na escola, se juntou ao time de futebol, que, quem diria, é algo em que ele é realmente bom! — Ela ri como se fosse a coisa mais maluca da história, tipo assim: *Ah, esse Max, ele não é hilário?*. E me forço a rir também. Mas sai mais como uma tosse seca. — E então ele começou a andar com um grupo de amigos completamente diferente... Não acho que Oliver ficou feliz com isso. E Max ficou desapontado que Oliver não queria que ele fosse feliz.

— Uau — sinto como se estivesse lendo uma história em que Oliver e Max são personagens ficcionais. Nunca nem ouvi falar do livro, mas Celeste sabe tudo. E ela é realmente legal. E sou uma pessoa horrível por sequer cogitar a ideia de que o namorado dela deveria ser meu.

“Exceto que ele foi meu primeiro”, sussurra uma vozinha no fundo da minha cabeça.

— De qualquer forma — Celeste diz. — Sei que estou cansando você de tanto falar. Só não queria que você tivesse a impressão errada do Max. Ele é legal de verdade, uma vez que você o conhece.

Isso está realmente acontecendo? Celeste está me dando conselhos sobre um cara que conheço há mais tempo do que ela consegue escrever o próprio nome? Mas a ironia é que ela está meio que certa. Estou começando a perceber que talvez eu nunca o tenha conhecido. Não por completo de qualquer forma. E que sonhos e realidade estão longe de ser a mesma coisa.

Bem-vindas à Batcaverna

— Ei, Alice! — ouço Celeste chamar depois do Clube do Terrário, assim que estou destravando Frank para ir para casa. São em momentos assim que eu realmente queria estar usando meus fones de ouvido, para poder fugir do estacionamento como se não a tivesse ouvido. Estou exausta. Com o reitor e Delilah e Celeste, tem muita coisa que preciso processar. Mas meus fones de ouvido estão, como sempre, enroscados em um nó impossível no fundo da mochila.

— Ei! — digo, me virando e forçando meu maior sorriso.

— Tenho que pedir um favor meio que grande — Celeste começa, mordendo o lábio enquanto caminha na minha direção. — Tem alguma chance de eu poder ir à sua casa antes da festa hoje à noite? Você deve morar aqui por perto se veio de bicicleta, não é? É só que eu moro bastante fora da cidade, e realmente não quero ir até lá e voltar. Pode ser meio divertido! A gente poderia se arrumar juntas, e eu poderia te contar as fofocas de quem vai estar lá...

Há muitos pensamentos passando pela minha cabeça. Por exemplo, como uma das garotas mais adoradas da escola, a Celeste não teria tipo um milhão de pessoas com quem poderia estar? Eu me pergunto se ela está fazendo todo aquele esquema de “mantenha seus amigos perto e seus inimigos mais perto”, mas apago essa ideia da mente quase de imediato. Ela não é esse tipo de garota. Será que ela, de verdade, quer ser minha amiga? Afasto todas essas perguntas da cabeça, porque tem apenas uma que está na ponta da minha língua.

— Que festa? — pergunto. Então: — Tem certeza de que eu fui convidada?

Celeste ri.

— A coisa do Oliver — ela diz. Então ela parece nervosa: — Espera, vocês não são amigos?

Fecho os olhos, deixando minha cabeça cair para trás em exaustão.

— Já é sexta-feira? — pergunto.

— Sei como você se sente — Celeste diz. — Mas você deveria ir! Estou fazendo Max ir também. E aí você poderia conhecê-lo melhor, então ele pode provar que não é tão idiota quanto você viu semana passada. — Ela ergue a sobancelha e ri.

Forço uma risada também, mas alguma coisa nessa frase envia uma pequena chama pelas extremidades do meu corpo. Sim, estou bastante ciente de que Max e Celeste estão namorando. Estivemos falando dele a tarde toda. Mas a ideia de ele estar com ela, em um momento real combinado antes para vê-la, quando posso praticamente ainda sentir a cabeça dele descansando no alto da minha debaixo da torre de Jenga, quando a imagem de seu olhar no corredor ainda está fresca em minha memória, me faz querer vomitar, ou quebrar alguma coisa cara, ou os dois.

Não entre em pânico, Alice, digo para mim mesma. Você pode fazer isso. Celeste é genuinamente legal, e ela está convidando você para passar um tempo com ela, e faria bem pra você ter amigos. E, além disso, você merece algumas respostas.

— Eu adoraria — respondo, mesmo que seja a última coisa que eu queira fazer.

— Isso é melhor que a Newbury Street! — Celeste exclama talvez pela décima vez, olhando para os lados deslumbrada. Estamos acampadas no meio do gigantesco quarto usado como closet pela vovó, com uma caixa de pizza de pepperoni no chão entre nós. — Sua avó tinha um gosto impecável.

Meu pai não estava brincando quando disse que vovó guardou tudo. Estamos cercadas por roupas de todos os lados. E ele não estava brincando sobre a organização por cores também. É o arco-íris dos têxteis. Os lindos ternos de lã que ela usou quando mais velha, tweeds finos creme e verde-musgo. E peças que ela possivelmente não usou em anos, como vestidos de seda sem alças e minivestidos tipo *mod* e saltos que ela nunca conseguiria usar depois dos oitenta anos.

Celeste e eu estávamos nos arrumando em meu quarto quando ela perguntou se poderia pegar alguma coisa “estilosa” emprestada, e eu, com muito medo de dizer a ela que não tenho nada nem remotamente interessante, dirigi nossa atenção para lá.

— O que é tão legal sobre Newbury Street? — pergunto. Estive lá algumas vezes desde que nos mudamos, uma para buscar algum café decente em um bistrô francês quando nosso moedor de grãos quebrou, e outra para comprar um novo par de botas de couro.

— É sem dúvida o melhor lugar para comprar roupas vintage da cidade — Celeste diz, levantando-se e remexendo uma penteadeira

embutida na parede, com gigantescas lâmpadas emoldurando o espelho como você veria nos bastidores em um teatro da Broadway. — Aliás, essa luz deixa sua pele impecável. Tudo bem, e esses aqui? — Do espelho, ela sacode os braços com floreios, uma série de grossas pulseiras estilo *art déco* estendendo-se por seu braço.

— Adorei! — digo, e dou mais uma mordida na pizza. Quem quer que tenha inventado a pizza, eu gostaria de dar um beijo na sua boca. — Pode levar.

— Alice. — Celeste parece escandalizada. — Vou *pegar emprestado*. Não posso levar! Não seja ridícula.

Dou de ombros.

— Ninguém vai perguntar por elas — digo. — Minha mãe não está por perto.

Celeste se senta diante de mim no chão, recolhendo as pernas embaixo do corpo.

— Eu posso perguntar por quê?

— Ela é uma primatologista — explico, apenas o suficiente para desviar do assunto. — Ela está estudando lêmures em Madagascar.

Mas então Celeste faz a temida pergunta, a pergunta que espero que a maioria das pessoas vá deixar de lado.

— Bom, quando é que ela volta?

— Ahn... ela foi embora dez anos atrás e não voltou ainda... — dou de ombros, então espio Celeste com o canto do olho. Mas ela não parece nem um pouco desconfortável.

— Então seus pais são divorciados? — Celeste pergunta.

— Não exatamente... — digo. Não consigo acreditar que estou contando tudo isso para ela. Esse é o tipo de coisa que só conto a Sophie. — Eles meio que nunca lidaram com isso. O casamento. Mas eles definitivamente não estão juntos.

— Então você não vê a sua mãe há dez anos.

Quero ficar incomodada com essa afirmação, e com Celeste por forçar o assunto, mas, de um jeito estranho, não estou. Há julgamento no tom dela, mas consigo notar que não é para mim.

— Quer dizer, eu a vi... — estendo as pernas para a frente, batendo os pés um no outro como uma criancinha que acabou de ouvir uma pergunta difícil. — A gente se fala por Skype de vez em quando... mas é em geral muito estranho. Nós nos damos melhor escrevendo. Recebo uma carta ou cartão-postal dela a cada poucos meses, me contando da sua última aventura e sobre alguma nova

descoberta empolgante na sua pesquisa.

— E o que você conta *pra ela*? — Celeste pergunta.

Pego outra fatia de pizza.

— Ela nunca realmente pergunta — explico. Dou uma mordida enorme para não precisar falar mais nada. Mas Celeste também não fala nada, e sinto a necessidade de preencher o silêncio. — Então o que quero dizer é que as bijuterias estão aí pra quem quiser — digo, acenando minha pizza no sentido da penteadeira, minha boca ainda um pouco cheia. — Quer dizer, olhe pra mim, não é como se eu fosse usar. — No momento, estou vestindo uma camisa jeans gasta, calça jeans preta, Keds brancos e zero “estilo”.

Celeste me olha, se apoiando nas mãos, com a cabeça inclinada para o lado.

— Na verdade — ela diz —, você vai usar. E, aproveitando a ocasião, você vai usar um pouco de delineador também.

Sorrio e desejo não estar gostando cada vez mais de Celeste a cada segundo.

Quando Oliver me disse que morava a algumas quadras da minha casa, imaginei que ele queria dizer uma casa exatamente como a minha. Antiga e poeirenta, com tantas escadarias que um agente imobiliário poderia fazer propaganda com garantia de definição de glúteos como benefício da residência. Não imaginei que o que ele realmente queria dizer era um apartamento de cobertura no Taj Hotel, com porteiros de terno, um recepcionista bonito e um elevador que se movia tão suave e silenciosamente que eu de início tive medo de que tivéssemos ficado presas.

Quando Celeste e eu chegamos, abrindo caminho por uma sala luxuosamente carpetada e lotada com nossos colegas de escola, encontramos Oliver sozinho na sacada, espiando o Public Garden, um copo de algo escuro equilibrado com perfeição em sua mão esquerda.

— Sim, está correto — ele diz educadamente ao celular, como se estivesse marcando uma consulta no dentista. — Quero trinta e seis pizzas entregues no Taj. Metade de queijo, metade de pepperoni com cebola. Oliver Healey. Vocês já têm meu cartão no sistema. E qual o seu nome? Denise? Muito obrigado, Denise. Você é um anjo.

Oliver desliga o celular e se vira, seus olhos iluminando-se ao nos ver.

— Senhoriiiiitas! — ele diz, passando um braço em torno de nossos ombros. — Bem-vindas à Batcaverna. Posso lhes oferecer uma bebida?

— É só que ele é tão incrível — Leilani Mimoun transborda, e mal consigo ouvi-la. Nós (ela, Celeste e eu) estamos encurraladas em um minúsculo canto do balcão da cozinha enquanto a festa continua crescendo em torno de nós, porque aparentemente o mundo inteiro sabe dela. — Ele sabe *tudo*. E, ai, meu *Deus*. Quando ele usou aquela camisa *black watch* e calça jeans Levi's na terça? Achei que fosse desmaiar. — Leilani se abana com uma luva de forno. — Eu amo aquele homem em um bom jeans. Sei que é nosso professor, mas ele não é *muito* mais velho, sabe?

— O que é *black watch*? — pergunto.

— É um tipo de xadrez — Celeste explica. — Mas, quer saber, eu namorei um cara da faculdade quando tinha uns quinze anos. Acampamento de verão. Não foi grande coisa. — Ela toma um gole de cerveja. Celeste é totalmente a garota que namorou um cara da faculdade quando tinha quinze anos e sabe muito mais sobre a vida do que qualquer uma de nós jamais saberá.

Abro minha boca para dizer algo quando Max entra pela porta da cozinha, congelando quando vê sua namorada e eu lado a lado conversando.

— Você deve me achar superbizarra, não deve? — Leilani diz quando não respondo.

— Não! — garanto a ela. — Não é nada disso. Eu entendo totalmente. O Levy é demais.

— Oi, amor! — Celeste murmura, escapulindo para dar um beijo na bochecha de Max. — Você se lembra da Alice, não é? Nós nos conhecemos no pátio. Acho que você deve conhecê-la da aula de psicologia também. Dã.

E da vez em que invadimos o Louvre e fizemos piquenique com a Mona Lisa. E na vez que corremos com um Porsche de 1960 em estradas da Itália. E na vez que andamos de elefante cor-de-rosa pela Muralha da China.

— Oi — digo, sorrindo só com os lábios.

— Oi — Max responde, sorrindo ainda menos, e eu pisco. Sei que as coisas estão esquisitas entre nós, mas por que está sendo tão frio? Afinal de contas, ele é quem partiu *meu* coração e, afinal de contas, eu

sou a pessoa que está aqui sendo legal com a namorada *dele*.

E é aí que percebo: ele está com *medo*. Quando me viu pela primeira vez na aula de psicologia e foi para o outro lado. Quando agiu de um jeito frio comigo no pátio. Quando bateu sua bandeja no refeitório. E agora, aqui, quando ele pensa que estou me tornando amiga da namorada dele. Max odeia incertezas, e eu deixo o mundo dele menos preciso.

E ele não faz ideia de como lidar com isso.

— Alice foi legal o suficiente pra me deixar ir à casa dela antes da festa hoje à noite pra brincar de se arrumar — ela diz, sacudindo suas pulseiras mais uma vez. — Legal, não é? Ai, meu Deus, Max, você tinha que ver a casa dela. E o closet da avó dela. É como aquela loja que eu amo, a Second Time Around, mas melhor!

— Legal — Max diz, erguendo as sobrancelhas enquanto seus olhos vão de Celeste para mim, tentando parecer feliz, mas ainda com cara de pânico.

— Vai de quê, Wolfe? — Oliver pergunta.

Max pisca.

— O que você disse? — ele pergunta a Oliver.

— O que você quer beber? — Oliver responde devagar. — Não é uma pergunta difícil.

— Ah — Max diz, passando a mão pelo cabelo. — Vou só tomar uma Coca. Tenho jogo amanhã.

— Cha-to — Oliver diz. Então se vira para um garoto alto com cabelo castanho-escuro que está apoiado na geladeira. — Jonathan, uma Coca. — Ele ergue apenas um dedo, e Jonathan obedientemente abre a geladeira e começa a remexer dentro.

— Desde que não seja diet — Max e eu dizemos ao mesmo tempo, antes de nos olharmos desconfortavelmente. Max preferiria beber ácido do que Coca-Cola diet.

Celeste ri:

— Isso é tão esquisito! Como você sabia que Max só toma Coca normal? — ela pergunta.

— Eu não sabia — digo depressa. — Só quero uma também. — Pigarreio. — Ahn, Jonathan, mais uma por favor? — Grito, e Jonathan lança duas latas da geladeira.

Celeste puxa Max para perto dela e passa os braços em torno da cintura dele, apoiando o queixo em seu peito e olhando para os olhos dele como um filhote de cervo. Meu estômago começa a se revirar, e

sinto como se estivesse assistindo a tudo em câmera lenta, como uma cena violenta de um filme pela qual só quero passar com *fast-forward*. Achei que pudesse lidar com isso. Pensei que estivesse furiosa com ele o suficiente para vir, talvez ficar apenas pelo tempo necessário para fazê-lo se sentir péssimo. Mas Max está sorrindo para Celeste, e agora ele está sorrindo com os olhos.

Você nunca foi boa escondendo sentimentos, ouço Sophie dizer no fundo da minha cabeça. *Fica estampado no seu rosto como sombra de olho roxa.*

A lata de Coca-Cola está tremendo em minha mão, e sei que tenho que dar o fora daqui.

Em geral, eu diria que prefiro estar em qualquer lugar do mundo do que em um elevador. A definição de claustrofobia nunca fez muito sentido para mim, porque é como dizer que é o espaço em si que incomoda. Espaços pequenos não necessariamente me incomodam desde que eu tenha uma maneira de sair deles. Eu preferiria estar em uma salinha pequena com o teto aberto do que em um estádio com portas trancadas. Apenas não gosto de estar em um recinto que não tenha nenhum ponto de fuga. Vai contra minha composição natural ou algo assim. Preciso ser livre.

Já estou me preparando para uma viagem palpitante de volta para o térreo enquanto as portas do elevador de Oliver estão se fechando, quando uma mão se lança entre elas. Max entra, seus olhos me perfurando, enquanto decido olhar para a frente, reto. O único problema com esse plano é que o interior do elevador é espelhado por completo, então quando as portas se fecham, mil versões de mim acabam olhando de volta para ele de qualquer forma.

— Eu me ofereci para ir buscar gelo — Max diz, e então para. — Você está bem? Sei como se sente a respeito de espaços fechados.

Eu o ignoro.

— Alice... — ele começa. Mas eu o interrompo.

— Não começa.

— Você nem sabe o que eu ia dizer. — Max suspira. — Eu ia dizer que isso é difícil para mim também.

— Não quero ouvir — respondo. — Sinto muito se é difícil para você. Mas já pensou sobre como é pra mim? Assistir você com ela?

— Eu sei — Max diz.

— E o que ela iria pensar, aliás? — Estou começando a esquentar a cabeça, o que é exatamente o que prometi a mim mesma que não ia fazer. — Porque ela é ótima. Gosto dela de verdade. Mas o que Celeste faria se soubesse que, quando você vai dormir à noite, você está basicamente trocando de namoradas?

— Eu sei — Max diz de novo. O fato de ele soar cheio de remorso apenas me deixa mais brava.

— É sua intenção? — pergunto com suavidade. — Nos nossos sonhos. É sua intenção agir do jeito que age nos nossos sonhos, como se nada tivesse mudado, quando durante o dia mal sou autorizada a olhar para você?

— Não consigo evitar — Max diz baixinho. Ele encontra meus olhos, dessa vez não através do espelho, mas em pessoa, inclinando sua cabeça de leve para me olhar. — Sei o que é certo e o que eu deveria querer, mas, quando estou nos meus sonhos, não consigo controlar. A maneira como me comporto apenas acontece. Você sabe disso tão bem quanto eu. O que se passa nos sonhos não é nossa escolha.

Quebro nossa troca de olhares e encaro um canto do chão, onde não vou precisar encontrar os olhos dele de novo. Sei que no fundo Max está certo, mas também não é bom o suficiente. Descemos em silêncio por um tempo, antes de Max falar afinal.

— Você está diferente hoje à noite — Max diz, mesmo que não esteja olhando para mim. Está olhando para os botões do elevador. — Você fez algo nos olhos. Ficou bonito.

Nesse momento as portas se abrem e chegamos ao térreo, e meu rosto está queimando de raiva.

— Só porque não conseguimos controlar a maneira como nos comportamos em sonhos, não quer dizer que o que acontece nos sonhos não importa — digo friamente ao sair. — Em especial pra mim.

— Eu sei — Max diz uma última vez enquanto as portas se fecham de novo.

23 de setembro

Está um dia maravilhoso no mercado de pulgas, e estou encarando um espelho antigo rachado, experimentando um poncho neon de alpaca.

— Fica ótimo em você — a vendedora diz, e quando me viro percebo que é Kate Moss.

— Você usaria? — pergunto.

— Querida, é claro — ela murmura em seu sotaque britânico sexy.

Puxo algumas franjas amarelas, incerta.

— Quero saber o que Max acha. Você sabe aonde ele foi?

— Acho que o vi indo na direção da seção de livros — ela responde, ajeitando alguns vestidos de renda retrôs.

Eu me afasto, ainda vestindo o poncho. Mais à frente, vejo Max dando passos largos para longe de mim entre as barracas de cores brilhantes. Grito seu nome, mas ele não se vira. Hoje está lotado, e estou desviando de compradores de todos os lados. Então eu o perco.

Chego até os vendedores de livros, e Max não está ali. Mas o reitor Hammer está.

— Você viu Max? — pergunto.

— Ele disse que queria tomar sorvete — o reitor responde. — O que você acha destes? — Ele se vira para me olhar, usando óculos de sol vermelhos em forma de coração.

— Amei! — grito. E dessa vez não caminho, eu corro. Consigo sentir o pânico surgindo dentro de mim. Passo pelas carrocinhas de comida, o cheiro de crepes de Nutella frescos me seguindo. Atravesso uma parede de lenços coloridos, debatendo-me para chegar ao outro lado. Em todo lugar que vou, eu pareço tê-lo perdido por pouco.

— Ele acabou de sair — minha avó diz na seção de joias. Ela está em pé na barraca ao meu lado em um terno rosa Chanel, experimentando um broche de diamantes com gigantescas penas de pavão. Jerry está encolirado ao lado dela usando uma gravata-borboleta de veludo.

— Aonde ele foi? — imploro.

— Ele parecia infeliz — vovó diz. — Vocês brigaram?

— Vovó, me ouça. — Coloco uma mão em seu ombro pequeno e frágil.

— Aonde o Max foi?

— Acho que ele disse que queria dar um mergulho. — Vovó sorri, sua mente já em outro lugar.

Corro para fora do mercado e pela avenida Vanderbilt até chegar ao

Navy Yard, de alguma maneira sabendo com precisão aonde ir. Ele está esperando por você, como sempre, digo a mim mesma enquanto disparo para as docas. Mas, quando chego ao final, sem ar, ainda não tem nenhum Max. Apenas um sem-fim de água. Quando me viro para voltar por onde vim, encontro água neste lado também, cinzenta e nada acolhedora. Não há caminho de volta, não há aonde ir e, pior de tudo, ninguém aqui para me dizer que tudo vai ficar bem.

Estou completamente sozinha.

Somos todos surrealistas

Não é que eu não saiba o que é um sonho ruim. E eu sei com certeza que já os tive antes, porque sonhos ruins são o motivo por que fui ao **cds** para começo de conversa. É só que nunca tinha conseguido *me lembrar* de nenhum. É como se tudo que o **cds** tivesse feito, os mundos mágicos que criaram, não apenas tivesse me dado algo novo e melhor, mas também tivesse apagado o ruim também. Até agora.

Durante o dia inteiro depois do sonho no mercado de pulgas eu me senti mal, como se estivesse começando a ficar doente. Como se alguém tivesse colocado alguma coisa esquisita no meu café ou, pior, como se alguém tivesse sempre colocado alguma coisa no meu café, alguma coisa para me fazer feliz, e hoje tivessem decidido parar. E nada está melhorando isso. Nem os três cafés que bebi desde que acordei, nem o passeio de bicicleta em uma fresca manhã de outono com um céu azul penetrante. Nem o A que tirei no meu trabalho de inglês ou o fato de que no Clube do Terrário consegui de verdade fazer um arranjo sem as instruções de ninguém. Não é como se estivesse deprimida ou algo assim, eu só não me sinto certa. O que me deixa com muito mais vontade de chegar ao **cds** hoje e começar a consertar.

— Andar de cima. — Lillian apenas aponta para o teto quando passo pela porta do **cds**. Ao chegar ao Frank depois do Clube do Terrário, agarrada ao meu novíssimo vaso, percebi que não tinha onde guardá-lo em segurança, e tive que colocá-lo com cuidado na cestinha de Frank enquanto caminhava ao lado dele pouco mais de três quilômetros da Bennett até o **mit**.

— Obrigada — digo. — Ah, isso é para você. — Coloco o minúsculo ecossistema na escrivaninha dela e não me viro para olhar enquanto acelero pelas escadas, onde Petermann aguarda paciente em seu escritório, e a perna de Max se agita de leve.

— Desculpem o atraso! Tive uma situação de perigo com um terrário, não perguntem — anuncio, olhando para o dr. Petermann. Estou com medo de olhar para Max depois de nosso encontro no elevador. Não estou mais irritada, mas ainda estou brava. E mesmo que a noite passada tenha sido apenas um sonho, não consigo deixar de me sentir magoada pela maneira como ele fugiu de mim.

— Não tem problema, Alice — o dr. Petermann diz, e estou surpresa de ver que está usando os mesmos óculos em forma de coração que o reitor Hammer usava no meu sonho.

— Alice — Petermann diz.

Pisco.

— Está tudo bem?

Pisco de novo, e seus óculos parecem completamente normais.

— Acho que sim... — Então olho para Max e o noto sorrindo enquanto manuseia um peso de papel de caveira prateada.

— O quê? — pergunto.

— Nada — ele diz, acertando a postura, como se tivesse sido pego no flagra, seu rosto ficando sério de novo.

— Não, conta pra gente! — digo, cruzando meus braços sobre o peito. — Estou morrendo de curiosidade para saber o que é tão engraçado.

Max suspira.

— É só que você é exatamente a mesma. — Ele dá de ombros. — Geralmente esquecida, muitas vezes atrasada, entrando às pressas numa sala com o cabelo todo desgrenhado. — Ele balança as mãos em torno da cabeça com um sorriso besta, mas então para, limpa a garganta e fica sério quando nota a expressão no meu rosto.

Estou lançando adagas nele com os olhos, mas não consigo deixar de notar que ele parece estar encarando meu cabelo como se quisesse esticar a mão e tocá-lo.

— Obrigada por essa observação — digo, tentando manter a voz firme.

Max me lança um olhar.

— Foi você quem pediu — ele diz. — Eu não quis chatear você. — Nós sustentamos o olhar um do outro por um minuto.

Petermann tem uma expressão de quem não podia se importar menos.

— Estava acabando de contar a Max mais sobre a ciência dos sonhos e por que os estudamos. Você tem alguma ideia?

Penso por um momento, sobre os pássaros e os blocos de Jenga, como eu estava feliz naquele sonho com Max mesmo que minha mente racional devesse ter sabido que não estávamos mais juntos.

— Acho que é porque eles são muitas vezes esquisitos e desarticulados e eles parecem sair de lugar nenhum? — respondo.

Petermann abre as mãos numa espécie de palma.

— Bravo, Alice. Isso é muito próximo. A maioria das pessoas apenas diz a primeira parte. Mas é a segunda que é a real fascinação. Registros históricos nos revelam que, desde o começo de tudo, sonhos têm sido um dos assuntos mais universalmente fascinantes na Terra. Poetas, filósofos, figuras religiosas e, é claro, cientistas se digladiaram sobre o significado dos sonhos e por que existem. — Petermann se inclina em sua cadeira, olhando de mim para Max.

— Nos termos mais básicos, nós definimos nossos sonhos como uma sucessão de imagens, ideias, emoções e sensações que ocorrem de modo involuntário na mente durante certos estágios do sono. Em análises mais específicas, Freud afirmou que sonhos eram onde nós revelávamos nossos mais profundos medos e desejos.

Olho para Max com uma expressão que diz: *Viu? Eu sou o seu desejo mais profundo.*

— Gregos antigos, por exemplo, acreditavam que os sonhos de uma pessoa doente comunicariam o que os afligia. Mas, outra vez, para mim, a real questão é: antes disso, por que a obsessão? Por que o desejo de provar o que tudo isso quer dizer?

Ele pausa como se esperasse por uma resposta, mas, quando começo a falar, ele apenas me atropela e fala por cima. Petermann está em seu ambiente.

— Acontece que não é o conteúdo do sonho que nos intriga, mas sim a questão de ser *involuntário*. Não gostamos que sonhos apenas aconteçam conosco. Não aceitamos ou não queremos aceitar coisas além do nosso controle... em especial quando vêm de nossas próprias mentes.

Max está encarando Petermann com intensidade, e percebo que essa é a grande diferença entre nós. Max é aquela pessoa. Max está aqui porque ele não gosta da perda de controle, da ambiguidade, da interrupção de sua vida rotineira. Eu não me importo com o que acontece em meus sonhos. Eu nem sequer me importo que meus sonhos sejam agora parte da minha realidade. Mas Max não consegue suportar.

Petermann se levanta depressa.

— Então aí está! É por isso que estamos todos aqui, e hoje vamos começar a tentar consertar isso. Sigam-me por favor. — Ele sai pela porta do escritório sem olhar para trás.

Max e eu chegamos à porta ao mesmo tempo. Nós olhamos um para o outro com frieza antes de ele dar um passo para o lado,

gesticulando como quem diz “depois de você”. Respondo balançando a cabeça e imitando seu gesto, estendendo minha mão para apontar no sentido da porta. Mas enquanto faço isso, meu iPhone sai voando, se estatelando no chão com um barulho que ecoa pelos corredores.

— Você realmente devia comprar uma capa pra ele — Max diz do alto, enquanto me agacho para pegar.

Levanto apertando o celular na mão. Sei que ele não está tirando sarro; ele fala sério. Mas eu realmente não preciso dele se metendo na minha vida.

— *Vai* — digo.

— Tudo bem — Max anuncia, seguindo Petermann pelo corredor de azulejos brancos e pretos.

As paredes estão cobertas por pinturas. Espio uma foto de um relógio que parece estar derretendo em uma paisagem desértica e depois uma pintura maior de um globo ocular com um céu azul com nuvens onde a íris deveria estar, seguido do retrato de um homem usando um imenso chapéu-coco preto, mas seu rosto está coberto por uma grande maçã verde. Os objetos nas pinturas são claros e distinguíveis, mas, colocados juntos, nada neles parece fazer sentido.

— Por que pintar o retrato de alguém se você só vai cobrir a cara da pessoa com um pedaço de fruta? — digo em voz alta.

— Eles são surrealistas — Max diz lá na frente.

— Eu sei disso — atiro de volta. *Mais ou menos*.

— Por que a fascinação pelo surrealismo, dr. Petermann? — Max pergunta.

Nessa hora Petermann se vira para nos encarar, os braços estendidos.

— Porque, em nossos sonhos, nós somos todos pintores surrealistas, criando narrativas e imagens que são frequentemente tão sem sentido quanto são lindas.

Petermann nos direciona para dentro de uma sala, onde encontramos Nanao meio entediada segurando uma prancheta. À sua esquerda, está uma máquina que parece com uma rosquinha gigante e brilhante, com um buraco no centro do tamanho de uma pessoa.

Tudo em que consigo pensar é: *não mesmo*.

— Vocês esperam que eu entre aí? — pergunto, meu corpo subitamente congelado.

— Eu sei que não chega a ser uma rede em uma praia paradisíaca, mas preciso de uma leitura padrão de sua atividade cerebral antes que

possamos começar a colocar você para dormir e ver como muda quando sonha — Petermann explica.

Em resposta, apenas assinto depressa com a cabeça, de novo e de novo, incapaz de pronunciar qualquer palavra.

— Alice é um pouco claustrofóbica — ouço Max explicar e, quando olho na direção dele, eu o vejo sorrindo para mim. É irritante.

— Minha ansiedade te diverte? — pergunto e sinto meu rosto esquentar.

— Não — Max diz em um tom que é como se ele estivesse desistindo. — Mas você está com um pedacinho de cacto no cabelo.

Horrorizada, minha mão voa para meus cabelos, onde encontra um clandestino do Clube do Terrário. Estou sempre prendendo coisas nesse ninho de rato.

— Então talvez você devesse parar de *olhar* para mim — murmuro e tento arrancar a planta de maneira furtiva. Olho de volta, e Max ainda está meio que sorrindo, apesar de parecer estar lutando contra isso.

— Conseguiu pegar? — ele pergunta.

— Cala a boca — digo.

— Eu vou primeiro — Max anuncia a todos.

Enquanto assistimos o corpo comprido de Max desaparecer nas profundezas do maligno monstro da rosquinha atrás da divisória de vidro, Petermann nos explica, em um alto-falante, para que Max possa ouvir também, exatamente o que a máquina faz. Uma imagem por ressonância magnética funcional mapeia a circulação de sangue no cérebro para mostrar que partes estão mais ativas. No mapeamento de sonhos, eles usam uma ressonância magnética funcional em combinação com um eletroencefalograma. O eletroencefalograma monitora a atividade elétrica no cérebro, que determina quando a pessoa está no começo do ciclo **rem** do sono e propensa a ter a maior quantidade de sonhos com imagens. A ressonância magnética por imagem funcional então mapeia que partes do cérebro se iluminam, para nos ajudar a entender como o cérebro sonha. E então a pessoa é acordada para descrever o que viu.

Quando Max termina, tiro meu telefone do bolso de maneira dramática.

— Ah, mas olha só isso — digo em voz alta. — Seis da tarde? A

gente deveria provavelmente parar por aqui, não é, dr. Petermann? Não tem problema, posso voltar outra hora.

— Vai ficar tudo bem, Alice — Petermann coloca uma mão no meu ombro. — Vamos estar aqui o tempo todo, atrás do vidro. E basta nos avisar se quiser sair.

— O.k. — digo calmamente, olhando para a máquina a cinco passos de distância. — Estou pronta pra sair.

Petermann me lança um olhar.

— Primeiro você tem que entrar.

Eu me convenci que seria melhor quando estivesse deitada na máquina, que teria começado e acabado antes que eu notasse, mas não parece nada melhor. Entendo que não estou enclausurada, que tem um buraco onde estão meus pés, que eu poderia, teoricamente, deslizar para fora dessa armadilha da morte se faltasse luz ou se todo mundo na sala ficasse inconsciente de súbito por um acidente bizarro ou por uma invasão alienígena. Mas encarar o teto da máquina de ressonância só faz com que eu me sinta como se ela estivesse se fechando em torno de mim... o que ela meio que está.

— Apenas fique deitada totalmente imóvel, Alice — a voz de Petermann sai pelo interfone.

— Eu estou — digo.

— Seu pé esquerdo está se agitando como se houvesse um rato subindo pelas suas calças — ouço Max observar.

— Você pode fazê-lo sair, por favor, dr. Petermann? — pergunto.

— Isso não vai funcionar — ouço Petermann sussurrar. — Ela está muito estressada.

Apesar da minha suspeita de que todo o sangue tinha sumido do meu rosto havia muito tempo, minhas bochechas ainda dão um jeito de queimar. Eu me sinto tão envergonhada. Esse teste é parte da pesquisa que eu insisti que fizéssemos, e não consigo nem terminá-lo. Mas isso não me impede de querer dar o fora dessa droga de qualquer forma. Minha respiração está começando a ficar muito rápida, e meus pulmões parecem ser do tamanho de saquinhos de papel. Estou me sentindo tonta ou essa é só minha imaginação?

— Alice? — a voz de Max é como o centro da tempestade. O único lugar calmo bem no olho do furacão, se fazendo ouvir através de toda a barulheira da minha mente. — Você ainda está com a gente?

— Sim — consigo dizer. Minha voz sai tão baixa que me assusta ainda mais.

— Qual é o único lugar no mundo que você gostaria de ter ido, mas nunca foi, em sonho ou de qualquer outra maneira? — Max pergunta.

Respiro superficialmente e me concentro. Pergunta fácil. Consigo fazer isso.

— Ilha dos Porcos — digo.

Ouçó uma risadinha de Petermann.

— Eu ouvi direito?

Max explica:

— A Ilha dos Porcos é uma ilha nas Bahamas, repleta de água do mar azul cristalina e palmeiras, mas habitada inteiramente por gigantescos, felpudos, amigáveis... porcos. É o lugar favorito de Alice no mundo inteiro, mas ela nunca esteve lá. Ela fala dele o tempo todo.

Ele está certo. A maioria das pessoas fantasia sobre férias em destinos tropicais, e eu também. É só que minha ilha tropical também tem um bando de porcos gordos alegres. E ela existe de verdade! Mas meu pai se recusa a me levar, dispensando-a como uma óbvia armadilha para turistas, sem mencionar que é inquestionavelmente imunda.

— A lenda é que os porcos foram deixados na ilha por um grupo de marinheiros que pretendiam voltar e cozinhá-los, mas nunca conseguiram — Max diz com suavidade. — Ou que eles sobreviveram a um naufrágio e de alguma forma nadaram até a costa. De qualquer jeito, eles sobreviveram a algo e agora têm um final feliz, alimentados por turistas e habitantes da ilha.

Meu corpo relaxa enquanto ouço o embalo da voz de Max descrevendo meu lugar feliz.

— Que incrível — Petermann diz. — E como você soube de tudo isso?

— Ela me contou uma vez em um sonho... nós estávamos na Tailândia... e Alice do nada virou pra mim e disse: “Eu queria que tivessem porcos aqui”. — Max deixa escapar uma risada, como se não conseguisse evitar. Sorrio.

— Parece que temos tudo de que precisamos — Petermann diz pelo interfone. — Pode sair agora, Alice. Na próxima sessão vamos começar a colocar vocês dois para dormir.

Quero agradecer a Max por interferir e me acalmar, mas ele vai

embora enquanto Nanao ainda está desplugando todos os fios de mim. Quando chego ao andar de baixo, na entrada principal do cds, espero encontrar meu terrário no lixo, ou bem onde o deixei. Em vez disso, Lillian abriu um espaço especial para ele na estante de livros atrás de sua escrivaninha, abrigado com pequenos potes de cactos e uma foto de um cara bonito com um coque de samurai.

Lillian não diz obrigada pelo terrário, mas o que ela de fato diz é:

— Seu namorado deixou o celular aqui.

— Ele não é meu namorado — eu me viro.

— Honestamente, eu não poderia me importar menos com que situação disfuncional vocês dois estão envolvidos. — Lillian olha de volta para sua papelada. — Mas imagino que ele vá precisar. — Ela estende o telefone, ainda sem olhar para mim.

— Eu nem sequer sei onde ele mora — reclamo.

— Vocês estudam na mesma escola — Lillian diz. — Tenho certeza de que consegue descobrir.

Ataque do pequinês

— Alice é uma das pessoas mais esquecidas que já conheci — digo em voz alta para ninguém. Minha imitação de Max soa mais como um Neandertal do que um adolescente (se houver diferença). — Quem é esquecido agora, Max? — Mas, quando baixo os olhos para o seu celular em minha mão, vejo que, ao contrário do meu, o dele tem uma capa. E parece ser feita do mesmo material que o Batmóvel. Indestrutível. — Que responsável — observo.

São oito da noite, e estou parada na varanda da casa de Max. É parecida com a minha, quatro andares com uma porta preta e venezianas pretas (será que ninguém aqui tem um mínimo de criatividade? O que eu não daria para ver apenas uma porta pintada de azul...), mas a casa de Max tem a fachada curva, como se o edifício tivesse comido demais no jantar. Eu meio que espero que a porta da frente saia estourando como um botão em uma camisa muito justa.

Sem aviso, a porta da frente de Max se abre e me assusta. Eu não tinha nem tocado a campainha ainda.

— Alice, o que você está fazendo aqui? — Max pergunta, enrugando a testa enquanto fica em pé alguns degraus acima de mim. Ele está com uma camisa de colarinho cinza-carvão para fora da calça de brim verde. Deve ser legal acordar de manhã e simplesmente ficar lindo no que quer que você vista.

— Como você soube que eu estava aqui? — pergunto, ignorando sua acolhida nada acolhedora. Max dos Sonhos adora surpresas, mas Max Real provavelmente as odeia.

— Ouvi vozes — ele responde e olha para os lados enquanto me encolho. — Ou... uma voz.

— Por que é que ninguém nunca pinta as portas de azul? — pergunto, acenando atrás de mim para as outras casas na rua. Mas Max já começou a caminhar para dentro, voltando para o corredor.

— Preservação histórica — ele grita. — É basicamente ilegal mudar a fachada da sua casa de qualquer forma. — Então ele se vira para trás e me lança um olhar como se eu fosse um cachorrinho que precisasse ser treinado. — Vamos lá — ele diz com um pequeno movimento, e eu o sigo.

Logo estou sentada em um banco na cozinha maravilhosamente reformada de Max, enquanto ele revira uma gaveta procurando alguma coisa. O exterior da casa pode ser como qualquer outro da região, mas o interior é todo com acabamentos modernos e design clean. Nada está fora de lugar. Nem a manta branca sobre o sofá cor de creme, nem os livros de arquitetura nas mesas de centro, nem mesmo a gaveta de temperos que acabei de abrir. *Quem tem uma gaveta de temperos limpa?*, penso, antes de fechá-la. Em nossa casa, você tem sorte se suas panquecas de canela não ficarem com gosto de cominho por acidente.

Max pega um abridor de vinho e tira uma garrafa de alguma coisa clara e fresca da geladeira. A rolha ecoa um leve estouro, seguido de silêncio, e eu de súbito me sinto muito desajeitada, parada na cozinha da casa de Max com ninguém mais à volta.

— Ah, nada de vinho pra mim, obrigada — digo, estendendo a mão como que para pará-lo.

— Bom, porque não é pra você — Max ergue uma sobrancelha para mim. — Eu já volto. — Sem explicação, ele sai do cômodo, e ouço sons de vozes e garfos arranhando pratos aumentarem e depois diminuírem de volume conforme ele abre e fecha a porta.

Estando sem supervisão, uso a oportunidade para absorver o ambiente, que, além da decoração de bom gosto, é majoritariamente composta por fotos. Estão em todas as partes: alinhadas sobre a lareira em molduras de prata polida, penduradas nas paredes em fileiras com curadoria perfeita. As imagens são em sua maioria de uma mulher que imagino ser a mãe de Max, por causa de seus cabelos castanhos e grandes olhos em forma de avelã, com algumas pessoas que conheço (figuras do governo, algumas celebridades) e muitas que não conheço. Também tem muito de Max: em sua camiseta de futebol, suado depois de um jogo, com um homem que imagino que seja seu pai com a mão em seu ombro. Uma parecendo sujo, mas feliz ao lado de uma montanha com alguns guias nepaleses, e uma mostrando com orgulho uma placa prateada que deve ser algum tipo de honra ou prêmio.

— Mas ele não ganhou um prêmio por ser bom no bambolê — digo.

Então estou espiando a escadaria exuberantemente atapetada no hall de entrada e, antes que consiga evitar, estou me perguntando como será a aparência do quarto de Max. Aposto que é clássico e adulto, com mobília em madeira escura e um armário bem

organizado. Uma escrivadinha imaculada com seus livros didáticos em um lado e um computador sem nenhuma sujeira no outro. Max não é o tipo de cara que ainda tem uma cama tipo carro de corrida. A ideia de estar dentro do quarto dele me deixa ainda mais nervosa do que me sinto agora. Um espaço que é totalmente ele, onde tudo é Max. Tremo.

— Está com frio? — Max pergunta, caminhando para dentro da cozinha, parecendo confuso. — Você ainda está de casaco.

— Não — digo, mudando de assunto depressa. Eu me viro para a primeira coisa que vejo, um aparelho prateado e preto na parede com um painel de vidro no centro, exibindo um teclado. — Este é o seu interfone? — pergunto. — Temos um em nossa casa também! Acabei de aprender a usar.

— Este é o sistema de alarme — Max responde do outro lado do cômodo, mãos enfiadas nos bolsos. Seu rosto se contrai como se quisesse rir, mas estivesse sendo educado a respeito.

— Ah — digo, pressionando os lábios com seriedade. — Você sabia que, na China antiga, a última linha de defesa de um imperador contra um intruso era um pequeno cachorro pequinês escondido na manga de seu quimono? Talvez vocês devessem arranjar um desses. — Li sobre isso esses dias em um dos meus blogs para apaixonados por animais, pensados exclusivamente para esquisitonas como eu. — Sabe, se vocês estiverem preocupados com segurança... — eu me distraio.

Max balança a cabeça, mas agora ele enfim sorri, e dou um suspiro, aliviada.

— Eu não sabia disso — ele responde. — Mas não estou surpreso que você saiba.

— O que está acontecendo ali? — Aponto com a cabeça para a porta pela qual ele acabou de sair, com a sinfonia de pratos tinindo.

— Só o milionésimo jantar da temporada. Meus pais têm muitos amigos — Max responde, sentando-se ao meu lado na ilha. Ele soa exausto. — Então o que é isso, Alice. Um interrogatório? O que você está fazendo aqui? — Ele cruza os braços sobre o peito, então os coloca sobre a bancada, e os deixa descansar no seu colo afinal.

Eu lhe lanço um olhar.

— Estou com seu celular — digo. — Relaxe. Por que você está sendo tão esquisito?

— Não estou sendo esquisito — Max diz, em um tom que é anormalmente alto e guinchado. — Você está com meu celular?

— É por isso que estou aqui — respondo friamente.

— Então, posso pegá-lo? — ele pergunta com impaciência.

— Quer saber? — respondo, deslizando o celular sobre a bancada de mármore tão rápido que acho que poderia cair do outro lado, e meio que espero que isso aconteça. — Eu vim aqui esta noite fazer um favor pra você. E estou ficando meio cansada do seu comportamento maníaco.

— O que você quer dizer? — Max pergunta, parecendo genuinamente confuso. Ele pega o celular com facilidade antes que se espatife no chão. *É claro.*

— Quero dizer que em um momento você é um idiota na festa do Oliver. No outro você está se desculpando para mim em um elevador, então você está vindo ao meu resgate quando acho que posso sufocar no aparelho de ressonância magnética, e agora você está agindo como se eu fosse uma perseguidora que apareceu na sua casa. Quer dizer: é sério? Escolha um lado, Max. Sinto como se estivesse vivendo em algum tipo de romance de vampiro em que você não pode estar perto de mim porque meu sangue tem um cheiro delicioso.

Estou, é óbvio, brincando, mas Max de súbito parece mais desconfortável que nunca. Ele olha desajeitadamente para baixo, encarando as mãos.

— O quê? — pergunto, observando-o. Então minha boca se abre de leve. — É isso? Você tem medo de ficar sozinho comigo?

Max ainda não diz nada, e seu maxilar se aperta.

— Mais ou menos — ele admite.

Demoro um momento para encontrar a voz e, quando encontro, ela sai fraca e insegura.

— Por quê... o que você tem medo que aconteça?

Max enfim encontra meus olhos com uma expressão que diz: *o que você acha?* E eu acho que posso na verdade desmaiar.

Em vez disso, somos interrompidos por uma voz do hall:

— Max? Você poderia trazer uma garrafa de tinto também? — A mãe de Max aparece no corredor entre a sala de jantar e a área da sala de estar. Ela está impecável, com um rosto aberto e amistoso.

— Oh — ela diz ao me ver.

— Mãe, esta é minha amiga, Alice. Ela já estava de saída — Max diz depressa, pondo-se em pé ao lado da bancada.

Consigo entender o sinal.

— É um prazer conhecê-la, sra. Wolfe.

— Não tão rápido — a mãe de Max diz. — Alice, antes de tudo, é

ótimo conhecê-la. E, por favor, me chame de Katherine! Em segundo lugar, sinto muito que Max esteja com um humor tão ruim. Ele odeia nossos jantares. Por que você não entra e se junta a nós para a sobremesa? Alguém cancelou no último minuto, e temos um lugar livre.

Olho para Max, mas ele está intencionalmente evitando meu olhar.

— E-eu não tenho certeza... — gaguejo.

— Bom, eu tenho — Katherine diz, colocando uma mão cheia de acessórios de diamantes nas minhas costas. — Além disso, temos uma *torte* de chocolate sem farinha para a sobremesa e, se não houver mais pessoas lá para comê-la, vou fazer isso sozinha. — Ela pisca.

A *torte* de chocolate é feita do mesmo material de que sonhos. Como um brownie que cozinhou exatamente no ponto certo, quente e cremoso dentro, e uma cobertura deliciosamente crocante. Eu nadaria nela se pudesse. Ou simplesmente cavaría um buraco e me sentaria dentro dela com uma colher e comeria até sair. Talvez hoje à noite, quando dormir, sonhe com esse doce.

— Então, Alice — Jacob Wolfe diz. Durante a sobremesa, descobri que o pai de Max é o chefe da cirurgia pediátrica no Mass General Hospital, a algumas quadras de distância. Sua mãe, por outro lado, trabalha na maior fundação filantrópica da cidade. Nenhuma pressão absolutamente.

— Como é que nós nunca a vimos antes? Onde você esteve se escondendo?

Baixo minha colher, envergonhada de perceber que não saiu da minha mão desde que me sentei.

— Acabei de me mudar pra cá, na verdade.

— Alice está em uma das minhas aulas na escola — Max diz. Ele está agindo diferente, como se estivesse atuando uma versão de si mesmo. Sua fala está mais formal e enunciada, sua postura mais rígida. Como a maneira que você fala com alguém com problemas de audição. Não como você fala com seu pai.

— Sim, psicologia — acrescento. Eu estava apenas tentando participar, mas logo vejo Max estremecer.

— Psicologia? — Jacob pergunta. Mas ele não está mais falando comigo, ele está falando com Max. — Achei que você tinha decidido não fazer essa matéria neste semestre.

Max inspira profundamente, assentindo, e percebo que cometi um erro.

— Nós discutimos isso, sim, mas este é o único semestre em que o professor Levy leciona psicologia e eu não quis perder a oportunidade. Ainda mais se ano que vem eu quiser fazer parte da turma dele no terceiro ano.

Jacob limpa a garganta, sua postura rígida como pedra.

— Eu pensei que tínhamos concordado que você esperaria até a primavera do seu último ano para fazer as matérias mais banais — ele diz.

— Ele acabou de dizer que não era oferecido na primavera, querido — Katherine diz em seu tom calmo. Um tom que diz *Estou apagando esse fogo e nem ouse tentar acendê-lo de novo*. Ela afasta uma mecha de cabelo dos olhos de Max. — E, além disso, você tem um relacionamento tão incrível com Levy. Vai ficar ainda melhor em seu currículo mostrar interesse contínuo em uma matéria específica.

Essa conversa me atordoa. Em minha casa, falamos sobre as coisas que vimos ou aprendemos naquele dia. O novo estacionamento de bicicletas na Harvard Square, ou o café que acabou de abrir na Marlborough Street. Os pais de Max parecem saber cada detalhe da vida dele, e tudo que não sabem eles parecem já ter planejado.

— Max é de longe o mais inteligente da classe — digo. — Juro que ele sabe o que Levy vai perguntar antes que o próprio Levy fale.

Em resposta a isso, Jacob irradia alegria.

— Isso é excelente de ouvir. Bom trabalho — ele diz a Max.

— E ele não hesita em se certificar de que todo mundo saiba disso também — falo brincando, e a mesa inteira explode em risadas, incluindo Max, cujos olhos brilham para mim em gratidão do outro lado da mesa.

Depois de eu agradecer aos pais de Max pela sobremesa, Max me acompanha até a porta. Estou me virando para me despedir com um aceno quando o vejo colocando seu próprio casaco.

— O que você está fazendo? — pergunto.

— Acompanhando você até sua casa. — Ele dá de ombros. — Está tarde.

— Achei que você não quisesse ficar sozinho comigo — tiro sarro.

— Acho que consigo aguentar — ele diz com uma risada, entrando

na brincadeira. Mas noto que ele deixou um dos botões do casaco aberto e, sem pensar, começo a abotoar. De repente, um momento tarde demais, estou consciente de quão perto ele está e, mesmo que eu me recuse a olhar para cima e encontrar seus olhos, alguma coisa fica tensa entre nós.

— Vou ficar bem, de verdade — digo, dando um passo para trás. — Gosto de caminhar sozinha. Limpa minha mente. Além disso, meu pai me faz usar um desses aplicativos em que ele pode me localizar sempre que quiser. — Suspiro, querendo estar brincando.

Max na verdade parece um pouco chateado. E um pouco bobo, parado ali com seu casaco marrom de algodão, com um cachecol xadrez que está mal enrolado no pescoço, apenas colocado por cima, onde não vai ajudar em nada.

— Ah — ele diz. — Está bem.

Espero-o dizer alguma outra coisa, mas ele não faz isso.

— Tudo bem, então... vejo você na escola. — Eu me viro para ir embora.

— Alice — Max chama.

— Sim? — digo.

— Obrigado — Max diz.

Sorrio para ele e, enquanto sigo meu caminho de volta, não consigo deixar de sentir como se algo entre nós estivesse mudando. Não é mais exclusivamente sobre nossas memórias. Estamos nos conhecendo de novo. Estamos construindo algo na vida real. E não é sempre bom, mas eu prefiro ter isso a nenhum Max.

26 de setembro

A primeira coisa em que penso é que eu obviamente comi os mesmos cogumelos que Alice — a outra Alice — come no País das Maravilhas. Os que tanto a encolhem quanto a fazem crescer. Comi o primeiro tipo. Estou caminhando pela sala de estar da casa da vovó, mas estou tão pequena que consigo caminhar sob o piano sem me abaixar um centímetro, e o carpete parece muito mais macio do que de costume, mais esponjoso sob meus pés. Estou procurando por algo, mas não sei o quê.

Desço as escadas devagar, me virando de barriga e escorregando para baixo a cada degrau. Eu me agarro em pedaços de carpete com os punhos para me manter segura. Posso ouvir vozes distantes ao fundo e quero ir mais rápido, mas não sei o que estou procurando.

Na cozinha, eu me iço para cima de uma cadeira e levanto uma xícara de chá do tamanho de uma piscina infantil do lugar onde ela estava virada de cabeça pra baixo. Enfio minha cabeça embaixo dela e vejo se tem alguém dentro, mas não encontro nada. Estou desapontada, mas então sou distraída por um momento por uma pilha de bombas de creme no centro da mesa. São grandes como pães inteiros. Pego uma e a parto em minhas mãos, então começo a dar mordidinhas pelos lados, e levo-a comigo enquanto sigo no meu caminho.

Ouçó uma risada, uma risada feminina, alta e forte, e de repente estou empolgada. Sorrio e apresso o passo, me apresso de volta pela sala de jantar, conferindo debaixo de cada móvel no caminho. Mas não consigo encontrá-la. Na sala de estar principal, sinto uma lufada de algo agradável. Doce e um pouco apimentado. Familiar. Como xampu. Fecho meus olhos e inspiro todo o odor. Mas tão de súbito como veio, ele vai embora de novo.

Onde ela está?

Ansiosa e sozinha, vago até as cortinas da janela e me enrolo em uma de seda verde. Espero; pelo quê, não tenho muita certeza.

É quando ouço a respiração: grunhidos grandes e ofegantes. Acho que deveria ter medo, mas não tenho. Tenho menos medo do que nunca. Estou aliviada. Eles estão se aproximando, e eu espero com paciência. De repente, a cortina é puxada para longe e estou cara a cara com Jerry, exceto que ele está grande como um búfalo. Seu focinho úmido se esfrega contra meu rosto enquanto ele fareja, então ele me empurra antes de me pegar pelo colarinho do suéter e me carregar pela casa.

Ele pula pelas escadas e me coloca de volta na minha cama, me dando uma grande lambida e se aninhando ao meu lado. Pego no sono com facilidade.

Cisnes são parceiros para a vida toda

Jerry tem esse hábito insuportável de arranhar a porta da frente em total desespero sempre que precisa ir ao banheiro, e então demorar uma eternidade decidindo onde fazer xixi. Ou pior, só ficar parado na calçada me encarando com indignação, como se estivesse me esperando dizer o que estamos fazendo aqui e por que eu o acordei tão cedo.

— Você está de brincadeira? — digo, olhando para ele com minhas mãos nos quadris. São nove horas numa manhã de sábado, e estou de pés descalços, jeans e um suéter lilás velho que tirei de uma das gavetas de minha mãe. — Você tem exatamente um minuto para ir ao banheiro. Então vamos entrar, e eu não me importo se você tiver que segurar a manhã toda. — Jerry pisca uma vez antes de se apressar para o canto da calçada para aliviar suas necessidades.

— É isso que pensei — digo.

Na manhã de hoje acordei de conchinha com ele como se ele fosse um urso de pelúcia de carne e osso, sua pequena estrutura em forma de salsicha aninhada confortavelmente nos cobertores, sua cabeça gigantesca descansando no travesseiro como uma pessoa. Também acordei com um estranho buraco no estômago. Mas não o tipo de buraco que senti na manhã depois do sonho do mercado de pulgas do Brooklyn. Esse era diferente. Com menos coração partido, com mais desnorsteio. Como se estivesse faltando algo que eu não conseguia achar, alguma coisa que eu não conseguia encontrar havia tempos. O sentimento está desaparecendo de pouco em pouco, mas a memória é vívida. Olho para cima, para a fachada de nossa linda casa antiga e então eu simplesmente sei. Eu estava com saudades dela. Minha mãe. Estava procurando por ela em meu sonho.

— Hora de voltar pra dentro, Ursinho Jer — digo, me virando para descobrir que não estamos sozinhos. A cabeleira fofa de Oliver está na frente da cara de Jerry enquanto ele se abaixa para fazer carinho nas costas do cachorro.

— Oi! — digo entusiasmada, mas quando Oliver ergue a cabeça

para olhar para mim, ele só aperta os olhos.

— Desculpe, nós nos conhecemos? — ele pergunta.

— Ah, por favor — digo, empurrando-o.

Os olhos azuis de Oliver se arregalam em choque, ele encolhe os ombros como que para se proteger.

— Senhora! Por favor. Estou aqui apenas para visitar meu amigo Jerry. Fomos colegas de quarto na faculdade. — Ele se vira para o cachorro. — Jer, você nem sequer conhece esta mulher? — Tenho certeza de que cachorros não podem revirar os olhos. Mas, se pudessem, Jerry definitivamente teria acabado de revirar os olhos.

— Muito engraçado — digo. — O que você está fazendo aqui de verdade?

Oliver sorri.

— Ora, é óbvio que vim aqui levar vocês dois para uma aventura.

Abro minha boca, pronta para protestar, estou de pés descalços, afinal de contas, antes de perceber que uma aventura é tudo de que preciso.

— Estou fazendo isso apenas por Jerry — digo. — Ele precisa se divertir um pouco. — Nós nos viramos para encontrar Jerry deitado no chão da calçada, enquanto uma garotinha com um balão de borboleta faz carinho em sua barriga.

— Pobre Jerry — Oliver diz, balançando a cabeça. — Sua vida é tão difícil. — Então ele se agacha com as mãos nos joelhos e diz para o meu cachorro: — Como você se sente em relação a barcos?

De todos os livros incríveis que existem sobre a cidade de Boston, *Make Way for Ducklings* é de longe o melhor. A história é sobre uma mãe pato que dá à luz seus filhotes em uma pequena ilha no meio do Charles River, e deve encontrar um jeito de levá-los de volta para o lago no Public Garden. Então ela os guia pela cidade numa fileirinha, e a cidade inteira para de modo a “abrir caminho”, até que suas bundinhas com penugens pousem seguramente na água, e tudo está certo neste mundo.

No Public Garden, que fica do outro lado da rua de nossa casa, também há passeios com barco em forma de cisne. Por três dólares você pode embarcar no que basicamente se parece com duas canoas grudadas sob seis fileiras de bancos de madeira, seguidos de perto por uma escultura gigante de cisne, atrás da qual se senta o guia turístico.

Então você é levado por todo o lago, que deve ter menos de um quilômetro de extensão, por quinze minutos em que nada acontece, e sai de novo.

— Isso não é tipo uma atração turística? — pergunto a Oliver enquanto esperamos na fila para o passeio.

— Você não é ainda tipo uma turista? — Oliver responde.

— Não levei isso numa boa. — digo. — E Jerry também.

Oliver não responde, ele apenas me estende um envelope.

— Aqui, segure isto — ele diz.

— Por quê?

— Faz-lo-go, A-li-ce — ele cantarola com nervosismo enquanto espia o bilheteiro e, por algum motivo ridículo, obedeço.

— Oliver! — O bilheteiro lhe dá um grande abraço quando é a nossa vez. — Nós sentimos sua falta por aqui. Você volta no verão que vem? Você era uma sensação para os nossos convidados.

— Como não poderia, Sam? — Oliver diz. — Melhor emprego que já tive.

Sam ergue uma sobancelha.

— Tenho bastante certeza de que foi o único emprego que você já teve, mas vou aceitar o elogio. É uma pena que não posso levar esse carinho. — Ele aponta para Jerry, que está gentilmente cheirando a parte de trás da panturrilha de uma mulher na nossa frente na fila, como se ela fosse um pedaço de queijo caro. — Você conhece as regras, nada de cachorros se não forem cães de serviço.

Oliver dá um suspiro exagerado.

— Sam, o que você acha, que eu esqueci tudo que aprendi no verão passado? Jerry é um animal de suporte emocional. Ele pertence à minha amiga, Alice. Ela até tem uma carta de seu terapeuta, não tem, Alice?

Do nada, entendo o envelope. E quero matar Oliver.

Sam pega a carta e a examina, então lança um olhar de esguelha para Oliver.

— Ele não parece ser de muito apoio — ele diz.

Nós olhamos para ele e vemos que um gordo pato marrom nadou para cima da doca, e Jerry está se inclinando na direção dele, quase dentro da água, emitindo um rosnado baixo. A coleira é a única coisa que o mantém de pé.

— Ele é tanto um animal de apoio emocional quanto um cachorro de segurança — Oliver diz depressa.

Sam suspira.

— Isso é ridículo — resmungo, bastante consciente do fato de que Oliver colocou o braço no encosto do meu banco, enquanto Jerry se deita sob os assentos com um resmungo. — E errado, em tantos níveis.

— Mas não é divertido? — Oliver pisca e estende as pernas na nossa frente. Ele pertence a uma praia em Malibu, não a um barco com um cisne gigantesco. Não consigo deixar de pensar em todos os corações que ele partiria se não estivesse sempre agindo como o coelho mascote da Energizer.

— Você sabia que cisnes são parceiros para a vida toda? — ele pergunta, contorcendo as sobancelhas. Reviro os olhos.

— Então, onde você estava na quarta-feira? — Oliver pergunta. — Procurei você depois do Clube do Terrário, mas Jeremiah disse que você saiu correndo. Achei que íamos àquela antiga loja de discos na Harvard Square que eu tinha falado pra você.

Eu me inclino para a frente e repouso minha testa na mão:

— Eu me esqueci completamente — digo. — Desculpe, Oliver!

— Vou ficar bem — Oliver faz um aceno desdenhoso com a mão. — Sally é quem está com o coração partido.

— Sally? — pergunto, destruindo meu cérebro. Não me lembro de conhecer ninguém na escola com esse nome.

— Sally, meu Segway. Não diga à Sally que eu contei, mas ela meio que tinha uma quedinha pelo Frank... Acho que se sentiu um pouco rejeitada, só isso. Eles ficaram trancados juntos uma vez no bicicletário e ele nunca mais liga pra ela? Muito lisonjeiro, Frank.

Não consigo deixar de suspirar em resposta. Acabamos de passar sob a pequena passarela que atravessa o lago, e uma garotinha vestindo um casaco verde de lã acena para nós. Acenamos de volta.

— Falando sério, aonde você foi? — ele então pergunta, e sinto uma pontada quando vejo quão sinceramente ele está me olhando.

Respiro fundo.

— É meio esquisito — digo. — Não tenho certeza do que você vai pensar. — Não consigo acreditar que estou sequer considerando fazer isso. Contar tudo a ele. Mas Oliver sempre faz eu me sentir segura. E consigo notar agora que ele está um pouco chateado.

Oliver balança a cabeça.

— Alice, desde o dia em que te conheci, você não tem sido nada além de esquisita. Mas, que novidade! Eu gosto disso. Conte o que está acontecendo e talvez eu possa ajudar.

— O.k., então... — Eu me inclino mais pra perto, insegura. — Tudo indica que não foi na Bennett a primeira vez que conheci Max Wolfe.

Os olhos de Oliver ficam escuros.

— Bem, então quando? — Sua mandíbula se contrai levemente. Nós agora chegamos ao final do lago e estamos fazendo a curva, nos direcionando para o ponto de partida. Pela primeira vez noto os salgueiros-chorões salpicando a costa, e eles parecem familiares, mas não consigo dizer se é de uma memória de infância de verdade ou de um sonho que tive quando era pequena.

Respiro fundo. *Posso confiar nele?*

— Nos meus sonhos — digo, colocando o dedo na ferida de uma vez.

O rosto de Oliver despenca, e ele tira o braço do encosto.

— Sei que você gosta dele, Alice, mas você não acha que é um pouco cruel ir a um passeio de barco de cisne com alguém que gosta de você, apenas para dizer a ele que outra pessoa é o homem dos seus sonhos?

Alguém que gosta de você. Escolho ignorar a frase.

— Não, você não entende. — Rio e pouso a mão no seu ombro, então a afasto depressa quando vejo seus olhos se vidrarem nela. — Max e eu na verdade sonhamos um com o outro. Nós temos sonhado um com o outro desde que éramos crianças. Mas acontece que nunca nos conhecemos antes. Na... realidade. — Continuo e conto tudo a ele, a história inteira, como foi ver Max pela primeira vez na escola, e quão difícil tem sido. — Tudo bem, essa é a parte em que você pede a Sam para fazer uma parada de emergência pra você poder correr pras montanhas.

A expressão de Oliver não mudou. Ele ainda está olhando para mim, mas consigo ver que sua mente está funcionando a cem quilômetros por hora.

— Você e Max — ele diz.

— Eu e Max.

— No seu subconsciente? — ele pergunta.

— ... Sim? — respondo.

— Você tem razão, isso é totalmente maluco — ele diz.

— Eu sei! — Quero enterrar meu rosto nas mãos. Sei exatamente como soa. Uma pena que seja *verdade*.

— Mas curti totalmente.

— Você o quê? — pergunto. — Quer dizer, você acredita em mim? Oliver dá de ombros.

— Eu curti. Quando eu era criança e assistia a um filme de terror, eu acordava na manhã seguinte no corredor do lado de fora da porta do quarto dos meus pais, sem nenhuma lembrança de como tinha chegado ali. Quer dizer, de verdade, como se explica isso? E, sendo honesto, gosto mais desse jeito. Você é tão esquisita com o Max, e eu não conseguia entender por quê. Talvez você o ame, mas pelo menos não é amor à primeira vista... com isso ia ser difícil de competir. — Ele sorri.

Eu coro e olho para minhas mãos.

— Só uma pergunta — Oliver diz.

— É isso? Só uma? — rio.

— Você já sonhou comigo? — Oliver olha para mim diretamente nos olhos quando pergunta. Ele está com medo de alguma coisa?

Penso na piscina e nas meias e no iPad.

— Mais ou menos, sim — digo.

O corpo inteiro de Oliver relaxa, e ele descontraí as costas no banco com um suspiro feliz, seu braço encontrando um caminho de volta para o meu encosto.

— Excelente.

E do nada percebo, meu corpo inteiro relaxou também. Falar sobre Max e os sonhos com Oliver causou certo alívio. Também tenho Sophie, mas ela está tão longe. Fazer confidências a Oliver faz com que eu me sinta menos sozinha.

Infelizmente o momento é arruinado quando ouvimos uma pancada na água e vemos que Jerry, ao ver seu pato-alvo mais uma vez, se lançou do barco de cisne para dentro da água, como um pequeno Ishmael peludo atrás de sua própria cachalote. Também parece que Jerry não consegue nadar muito bem.

Eu me viro para Oliver em pânico e percebo que ele não está ali. Ele já está na água, agarrando Jerry pela cintura roliça e o puxando rumo ao barco.

— Nem sonhe em trazer esse animal de volta a bordo — Sam grita lá do fundo enquanto continua pedalando. — Ele atrapalha! Esse é um comportamento nada profissional, Oliver.

— Mas esse é o meu cachorro! — grito por cima da cabeça de turistas horrorizados.

— Se você tem um problema com nossa política, senhorita, você

está livre para se juntar a eles — ele responde. É óbvio que não está falando sério. Não acha que vou fazer isso. Mas então olho para Oliver, se debatendo na água freneticamente, Jerry deitado de costas com sua barriga de buldogue exposta, e o rosto de Oliver se ilumina. Ele ergue as sobrancelhas como quem diz “então?”.

— Sabe, de fato, acho que vou! — digo. Então mergulho atrás deles.

Nós três vamos até a margem, Oliver e eu erguendo Jerry enquanto nadamos, e uma pequena multidão se reúne em torno para ver se estamos bem.

Mas, assim que pisamos em terra firme, explodimos em risadas.

— Isso foi maluco. — Respiro.

— Isso foi divertido — Oliver diz. — Eu disse que íamos ter uma aventura. — Amo como me sinto neste momento. Como se eu tivesse acabado de ter um sonho, mas eu não tive. Foi tudo muito real. Oliver não precisa do mundo dos sonhos para se divertir. Penso em Max e meu humor escurece.

Então espio para o lado e vejo dois fabulosos cisnes brancos, reais, dando pequenas bicadinhas um ao lado do outro.

— Aqui estão Romeu e Julieta — Oliver explica quando me vê encarando-os. Ele dá uma sacudidela no cabelo, como um golden retriever que acabou de sair da água. — Eles são famosos. Nunca se separaram, desde dez anos atrás.

— Formam um casal bonitinho — observo.

— Não é só isso, são duas meninas — Oliver diz com um risinho. — O Departamento de Parques não percebeu isso quando as colocou juntas. Elas põem ovos todos anos, só que nenhum deles vinga. Mas elas ainda parecem se gostar muito.

— Há tantas maneiras diferentes de amar alguém — digo, observando os cisnes, e me viro para encontrar Oliver me contemplando. Então uma sombra cai sobre o seu corpo, e erguemos o olhar para encontrar Sam. Ele não parece feliz.

Não preciso nem dizer que Oliver é avisado de que não é bem-vindo de volta nos barcos de cisne, profissionalmente ou de qualquer outra maneira.

Naquela tarde, ensopada, deixo Jerry, encharcado, entrar na sala principal de casa e recoloco a chave extra sob a urna do lado direito da porta. Meu pai e eu somos muito esquecidos para carregar nossas chaves conosco. Antes de seguir Jerry para dentro, olho para as

pegadas de patas molhadas que acabou de deixar nos degraus de pedra.

São do tamanho de bolas de basquete. Como se fossem feitas por um cachorro do tamanho de um búfalo. Espio para dentro à procura de Jerry, vendo a imagem dele do meu sonho da noite passada, abrindo a cortina com sua cabeça imensa, pronto para me levar para longe. Então olho de volta para a pegada, antes de caminhar para dentro e fechar a porta, como se tirar isso da minha vista fosse fazer desaparecer.

Alguma coisa realmente esquisita está acontecendo.

Nós perdemos tudo

— Você sabia que cada vez que sonhamos, nós nos tornamos basicamente uns lunáticos? — Max chama minha atenção.

É mais uma linda tarde de outono, mas não podemos ver isso, porque estamos no Centro do Sono, que é mantido em penumbra para o máximo conforto. Eu também não consigo ver Max, então levanto a cabeça por cima do meu casulo de dormir. Os casulos são uma solução genial que Petermann inventou para ajudar seus pacientes a relaxar e, enfim, pegar no sono. Ele estava tão animado quando chegamos hoje para nosso primeiro dia de pesquisa real que pensei que ele fosse entrar em curto-circuito.

— Agora é quando a diversão começa! — ele disse enquanto esfregava as mãos.

Casulos de dormir, por sinal, são exatamente como soam. Grandes sofás em forma de concha ou de uma flor na estufa de Bennett que parece que vai me devorar. Você se aperta bem no meio, e ele fecha ao redor de você, submergindo seu corpo em total conforto, como deitar em uma nuvem. É tão confortável que até claustrofóbicos como eu não se importam.

— Eu sempre digo que no sono é quando meu lado maluco realmente se revela — respondo, depois dou uma risadinha.

— O quê? — Max pergunta. Gosto do jeito como ele pergunta, como se já estivesse empolgado, como se confiasse que, o que quer que eu vá dizer, vai ser bom.

Paro para explicar.

— É só que estamos falando sobre como dormir nos deixa malucos, enquanto ficamos deitados aqui como duas salsichas dentro de um pão, como se fosse totalmente normal.

Max deixa escapar uma risada genuína, e me pergunto por que, depois de todo esse tempo, fazê-lo rir ainda faz com que eu me sinta como se tivesse acabado de puxar a alavanca de uma máquina caça-níqueis, e milhões de moedas de ouro estivessem se derramando em cima de mim.

— Pesquisei um pouco sobre isso — Max continua. — Acontece que as cinco principais características do sono podem ser todas

atribuídas a doenças mentais. Número um, emoções fortes. Dois e três, pensamento e organização ilógicos. Quatro, aceitação de que o que se vê, apesar de bizarro, é verdadeiro. E, é claro, cinco, problemas ao se recordar da experiência. Todas essas coisas são também as experiências de pacientes com delírios, demência ou psicose. O único motivo pelo qual nos entendemos como *não* malucos é porque estamos dormindo quando isso acontece, e nada disso é voluntário em nossas mentes.

Tento assentir, mas o casulo não permite muita movimentação, e ele não me veria de qualquer forma. Penso nas pegadas imensas de Jerry ontem e me pergunto o que isso quer dizer no meu caso.

— Desculpe por aquela noite — Max diz então. E eu demoro um tempo para me dar conta do que ele está falando.

— Com seus pais? — pergunto. — Eles foram ótimos. — Então estremeço. Esqueço que o Max Real pode não me conhecer muito bem, mas o Max dos Sonhos definitivamente conhece. E ele sabe quando estou mentindo.

— Bom, eles são certamente *umas figuras* — ele diz. Nenhum de nós fala por um tempinho, e tudo que conseguimos ouvir são os bipes repetitivos de uma máquina que está ligada aos nossos casulos, traçando nossos sinais vitais e ondas cerebrais. Lillian perguntou se algum de nós queria uma máquina que fizesse sons de fundo. Eles têm noventa e duas variedades, tudo, desde pássaros gorjeando e ondas se quebrando na praia, até o som de vozes em outra sala. Max disse que gostava desse último porque o lembrava de ser criança e ir para a cama ouvindo os sons dos jantares de sua mãe no andar de baixo. Mas no fim das contas decidimos que preferíamos apenas falar um com o outro.

— Seus pais amam você de verdade — tento. — É só isso. Eles só não necessariamente mostram isso da melhor maneira.

— Ei, crianças — Miles se mete pelo interfone. — Estou curtindo muito essa troca de ideias emotiva, mas quero informá-los de que o relógio está fazendo tique-taque, e vocês têm sete minutos para pegar no sono se é para essa sessão ser útil de alguma forma.

— Isso foi de muita ajuda, Miles — grito. — Nada como um pouco de pressão para acalmar o corpo.

— Tanto faz. Vou pegar um cappuccino — ele diz. — É melhor que vocês estejam dormindo na minha volta.

Como eu poderia pegar no sono, deitada a centímetros de distância

de Max? E se eu falasse enquanto durmo ou, pior, e se falasse sobre *ele*? A boa notícia é que, por algum motivo, ele tampouco parece conseguir dormir. Max, o aluno perfeito. Então não me sinto tão nervosa. E, quanto menos nervosa me sinto, mais perto chego de pegar no sono.

— Por que você veio aqui? — Max pergunta do nada. — Para o **cds**, quero dizer. Quando você era pequena.

— Eu não me lembro muito bem — respondo. — Mas, segundo meu pai, tudo isso começou quando minha mãe foi embora fazer o negócio de primatas dela. — Não contei a história inteira para ele, mas já estivemos em lugares exóticos e vimos espécies raras o suficiente para que a pesquisa de Madeleine não tenha surgido.

— Então ela deixou você? Não acho que cheguei a perceber isso — Max sussurra, e estou surpresa que nunca contei essa parte a ele. Estou também surpresa com quão genuinamente ofendido ele soa. Mas então seu tom se suaviza. — Acho que sempre tivemos outras coisas para conversar... como quando nos encontramos mergulhando em torno daquele navio pirata.

Sorrio.

— E aquela vez em que flutuamos por aquele rio de leite em uma jangada feita de um pedaço gigante de um cereal Cinnamon Toast Crunch?

— Delicioso — Max responde, e eu rio. Mas sou lembrada mais uma vez de que no fundo, no fundo, o que realmente sabemos um do outro? Quanto já perdemos?

— De qualquer forma, sim, acho que ela nos abandonou — digo, antes de me corrigir. — Quer dizer, sim. Ela nos deixou. Meu pai diria que é menos definitivo. Mas não é. Ela definitivamente nos deixou. — Penso naquele sonho que tive, perdida na casa, como me senti quando acordei. Eu me pergunto se era esse tipo de sonho que tinha quando pequena. Decido mudar de assunto. — E você? Como acabou aqui? Imagino você como uma criança perfeita sem nenhum problema. Tipo a criança que comia espaguete sem nunca sujar seu babador branco.

Max ri pelo nariz.

— Eu nunca fui assim, nem de longe — ele diz. — Mas então teve uma coisa com minha irmã...

— Que irmã? — pergunto. — Ela faz faculdade em outra cidade? Você a mencionou na outra noite também, mas eu nem sabia que você tinha uma.

Max não diz nada por um bom tempo, e me pergunto se já pegou no sono. Mas, a bem da verdade, sei que não foi isso. E algo terrível está se aproximando.

— Isso é porque ela morreu — Max diz.

Meu coração se aperta, e o casulo de dormir parece muito justo em torno do meu corpo. Quero ir até Max, mas ele me mantém imóvel.

— Max — digo. — Sinto muito. Eu não sabia.

— Obrigado — ele responde, e consigo simplesmente visualizá-lo ao meu lado, esticado, os olhos cinzentos bem abertos encarando o teto. — Foi há muito tempo. Eu tinha sete anos e ela, quinze. — Ele faz uma pausa por um minuto. — Você teria gostado dela. Ela era um espírito livre completo. Meus pais não conseguiam controlá-la e odiavam isso. Mas ela sempre estava lá para mim quando eles não estavam, o que acontecia na maior parte do tempo. E então, em um dos muitos finais de semana que ela estava de castigo, ela fugiu de casa. E o outro garoto tinha bebido, e Lila tinha a carteira de motorista provisória, então ela não podia...

Lágrimas estão se acumulando em meus olhos, não só por causa de Lila, mas imaginando Max, como uma criança, de súbito tão sozinho. Tantas coisas estão começando a fazer sentido. Sobre quem ele era, sobre o que Celeste disse. Sobre quem ele se esforça tanto para ser agora. E sobre como não perdemos um pouquinho, perdemos tudo. Ele experimentou uma vida inteira sem mim.

— Por isso que seus pais são tão intensos. — Entendo tudo agora. — Se conseguem planejar tudo, eles podem justificar erros imprevistos.

— Acho que o ditado é “pôr todos os ovos em uma cesta” — ele diz. — Eu sou a cesta. Acho que foi então que virei a criança que nunca derramava espaguete no babador. Só queria que fossem felizes, sabe? Eles já sofreram o suficiente.

— Mas, Max — digo. — Você também.

Ele limpa a garganta.

— Obrigado, Alice — ele diz outra vez. Então Max muda de assunto, e eu o deixo fazer isso, porque consigo ver que ele precisa. — Não é esquisito que nós dois tenhamos passado por essas coisas quando éramos pequenos, sua mãe partindo, minha irmã... — ele deixa o fim da frase no ar, deixando-a em suspenso.

Eu me meto.

— Sim, é estranho. Mas nós viemos aqui por causa de nossos

pesadelos. Certo? E alguma coisa tem que dar pesadelos pra começar.

— Certo — Max diz, sua voz um pouco mais fraca, um pouco mais hesitante que antes. Está pegando no sono. Durante os anos você se acostuma com os sinais. Max normalmente deixa frases no ar.

— Bons sonhos, Max — digo.

— A gente se vê logo, Alice — ele diz. E então nós dois apagamos.

10 de outubro

Por um momento, penso que eu devo estar em um comercial de sabão em pó.

Por todos os lados, ao meu redor, há um edredom. Macio e fofo, suave e fresco contra minha pele. Inspiro, esticando meus braços por cima da cabeça e rolo para o lado.

E fico cara a cara com Max.

Não estou surpresa de vê-lo e, pela expressão em seu rosto, ele também não está surpreso de me ver. Nós apenas sorrimos até o ponto em que meu sorriso não é uma parte do rosto, mas o rosto é uma parte do meu sorriso. Minha boca, meus olhos, aposto que até minhas covinhas de sorriso têm covinhas de sorriso. Tudo é meio confuso. Como quando estou que nem miojo, mas de uma maneira realmente boa. É assim que me sinto ao deitar nesse edredom gigante e encarar Max. Em geral há um momento em uma competição de encarar em que as pessoas ficam desconfortáveis e finalmente alguém diz algo. É desconcertante encarar alguém nos olhos. Mas esse momento não é assim para nós. Não tenho ideia de há quanto tempo estamos aqui. Minutos, horas, dias. Eu não ligo.

Então exatamente atrás da cabeça de Max vejo um balão gigante passar voando. É de mil tons de rosa e púrpura, indo desde fúcsia até carmim e cor de uva. Eu me sento e percebo que não estamos num edredom. É uma nuvem. E, abaixo de nós, cobrindo o céu, estão milhões de pequenos balões de ar quente em diversos estágios de voo.

Max se sente também. Nenhum de nós fala. Eu me inclino sobre ele para observar melhor os balões, porque não vejo pessoas dentro deles, como se estivessem agindo por vontade própria. Então percebo que Max nem sequer está olhando para os balões. Sinto algo no meu cabelo e olho para baixo para encontrar sua mão gentilmente correndo pelos fios, quase imperceptível. Exceto que é o oposto de imperceptível. Posso não sentir no cabelo, mas sinto no estômago.

O mais devagar que consigo, me viro para encará-lo. Mas não posso encontrar seus olhos de imediato. Estamos próximos demais. Eu me sinto atraída por ele, como se Max fosse uma geladeira e eu fosse inteiramente feita de ímãs de suvenires de viagens. Afinal olho para cima, e ele também não está olhando para mim.

Ele está olhando para os meus lábios.

Não percebo que estamos nos movendo devagar um no sentido do outro

até os lábios dele estarem quase tocando os meus.

Hora de acordar

Abro meus olhos, de volta ao *blipe-blape-bipe* do casulo de dormir.

— Hora de acordar — Nanao diz, enquanto me ajuda a sair do casulo com cuidado, e meus olhos se ajustam do leve brilho da nuvem para o cômodo tenuemente iluminado. Percebo que é a primeira vez que a ouço falar.

— Onde está Max? — pergunto, olhando para o casulo vazio ao lado do meu e tentando controlar o pânico na minha voz.

— Não se preocupe. Venha comigo. — Não apenas a sua voz é doce e tranquilizadora, ela também é britânica.

— Nossos dados não estão claros o suficiente — Petermann está dizendo quando Nanao me leva para dentro do laboratório principal. Dessa vez ele está vestindo calças de montaria e uma camisa polo. Com o canto do olho, vejo Max sentado em um peitoril de janela de ferro e estou nervosa para olhar para ele. Mas quando enfim reúno a coragem para fazer isso, ele também está me olhando, com um olhar um pouco cauteloso, inclinado sobre os joelhos com as mãos fechadas. Meu corpo inteiro se sobressalta com a sensação dos olhos dele encontrando os meus, e não tenho a menor dúvida de que minhas bochechas acabaram de ir de cor-de-rosa para fúcsia e púrpura.

Petermann se inclina sobre uma escrivaninha, os óculos empoleirado na ponta do nariz enquanto olha duas grandes telas de computador. Por serem feitos de salas reformadas do antigo observatório, os laboratórios do **cds** estão longe de ser os ambientes estéreis que você esperaria. Têm pisos com azulejos em preto e branco, janelas imensas e estilo clássico. Se não fosse por todo o equipamento técnico, você pensaria que foi transportado para uns cem anos atrás. Gosto daqui.

Petermann continua.

— Se nossos dados não estão claros o suficiente, não consigo ver o que estão pensando. — Ele coça a cabeça. — Veja, Max, você acabou de me dizer que esse sonho era sobre um balão de ar quente. — Ele aponta para uma série de dados na tela da esquerda. — Mas tudo que estou vendo no monitor à direita é um balão da Macy's do Dia de Ação de Graças. — Ele não está mentindo. No monitor à direita de

Petermann está a imagem de um gigante cachorro Snoopy cheio de hélio.

O objetivo da sessão de hoje era passar a primeira parte dormindo nos casulos enquanto um monitor mapeava nossa atividade cerebral, então acordar e contar a Petermann tudo que tínhamos sonhado. Ele alinhando as imagens que descrevêssemos com quais partes do cérebro se iluminassem e tentando entender nossa lógica de sonhos e as rotas em nossa mente que nos levaram até lá.

Exceto que parece que não há muita lógica para ser encontrada, conforme a confusão sobre o balão do Snoopy pode atestar. É como se nossos cérebros estivessem tentando enganar Petermann, porque não querem que ele descubra. E isso me deixa meio que feliz.

Petermann esfrega as mãos no rosto, parecendo exausto.

— Alice, você pode me contar mais do sonho? Max não parece se lembrar muito no momento.

— Claro — digo, tomando o único assento que vejo, ao lado de Max no peitoril da janela. — Era bastante simples, nós estávamos basicamente dormindo em uma nuvem.

— Juntos? — Petermann pergunta.

Hesito. Max encara seus cadarços.

— Sim...

— Então o que aconteceu? — Petermann pergunta.

— Ahn... — digo, espiando Max.

Agora Max se trai com um sorriso, ainda olhando para os pés.

— E aí, Alice — ele diz, franzindo a testa com uma expressão de falsa curiosidade. — Então, o que aconteceu? Parece ser um sonho bem chato.

Quero bater nele, mas sorrio apesar disso.

— Não sei — digo. — Acho que acordei logo antes de ficar bom.

Max olha para cima de repente, seus olhos me cravejando, surpresos e curiosos. Sinto um arrepio atravessar meu corpo. Max sorri.

Nós deveríamos contar a Petermann sobre o quase beijo. Por que não estamos contando? É por isso que estamos aqui. Mas contar a Petermann sobre o quase beijo significaria desistir de nosso momento, de alguma coisa que só nós compartilhamos. E também admitir que tinha acontecido alguma coisa que não sei se estamos prontos para discutir.

— Que peculiar — Petermann diz, distraído da tensão. — Seus

sonhos são normalmente muito mais diversos. Em geral há mais material com o qual trabalhar. Mas nossos dados são inconclusivos de qualquer forma. Os casulos de dormir simplesmente não são condutores como eu esperava. Mas não se preocupem, tenho outra ideia. — Ele se senta em um banco à nossa frente. — Alguém está interessado em ouvi-la?

Esquece isso. Petermann agora parece ter notado que Max e eu estamos perdidos um no olhar do outro.

— Claro que estamos. — Max se vira e se senta de maneira mais reta, dando a Petermann sua atenção integral. Fico onde estou, apoiando as costas na janela onde consigo manter um olho nele, como se esperasse que ele desse um bote em mim a qualquer momento. Mas não consigo evitar. Estamos a centímetros de levar isso a um passo longe demais. Acordamos antes de acontecer, claro. Mas e se não tivéssemos? O que teria acontecido? Ele teria deixado?

Quando eu estava na sétima série, minha prima Jane veio ficar conosco em Nova York. Jane ia começar no Barnard College no outono, mas tinha um estágio no mês anterior, antes da abertura dos dormitórios. E, durante aquele mês, ela me deixou maluca na maior parte do tempo. Ela pegava meus livros emprestados e os devolvia com manchas de comida em todas as páginas. Deixava cabelo cobrindo cada milímetro da pia do banheiro. Tinha cerca de oito mil restrições alimentares. Por exemplo, Jane era uma pescetariana, mas apenas se o peixe fosse morto de maneira humanitária. “Com licença”, eu imaginava Jane perguntando a um garçom em um restaurante francês chique, “mas esse peixe passou por uma eutanásia gentil com seringa enquanto músicas de sinfonias calmas tocavam? Ou ele simplesmente morreu de causas naturais imediatamente antes de o barco de pesca passar, como um ataque cardíaco ou um aneurisma cerebral?”.

Nesse momento, vendo Max, imagino meu coração como um dos amados peixes de Jane. Quantas vezes ele poderia possivelmente ser assassinado antes de Max acabar comigo? Eu o imagino agora, nadando com um bando de outros músculos cardíacos por um córrego, antes de todos eles serem capturados em uma rede, pulando e se sacudindo.

— Então, qual o novo plano? — Max pergunta, parecendo tão calmo e focado como sempre, e odeio isso. Em um momento eu sinto como se estivesse sentada ao lado do meu namorado, o cara que

conheço e beijei mil vezes antes. E no outro ele é o Max idealizado, um Max que mal conheço, um Max que nem posso beijar. Odeio todo esse vai e vem. Estou tão cansada de pensar nisso. De repente, só quero que este dia acabe para que eu possa ir para casa e me afundar no meu edredom real, que não é uma nuvem, e tentar sonhar com alguma coisa, qualquer coisa, que não seja Max hoje à noite.

— Acho que deveríamos tentar reencenar um sonho que já tiveram juntos — Petermann então diz. — Uma maneira de colocá-los no quadro mental certo. Se vocês foram a um jogo de beisebol, vão a um jogo de beisebol e tentem conseguir os mesmos lugares. Ou se foram nadar, vão até uma piscina. Tentem usar exatamente o que estavam usando e se comportar exatamente como fizeram.

— Por quê? — pergunto e percebo que soo como uma criança mimada. Mas não consigo evitar. Esse é o exato oposto do que quero fazer agora. É tortura.

Petermann tira os óculos e começa a limpá-los com um lenço azul-claro.

— Porque o que precisamos é de material. Coisas para peneirar. Quero as memórias e imagens frescas em suas mentes antes que sonhem de novo.

— Claro — Max concorda. — Apesar de nossos sonhos serem meio que esquisitos. Não sei se conseguiremos nos lembrar de todos os detalhes...

— Tenho tudo anotado — digo. — Mas, mesmo que não tivesse, eu ainda nunca os esqueceria. — A última parte sai um pouco mais defensiva do que eu pretendia, mas Max não parece notar.

Petermann, no entanto, se vira, em choque.

— Você mantém um diário de sonhos?

Assinto.

— É um caderno.

— Alice, isso poderia ter sido uma informação incrivelmente frutífera para se ter no começo desse processo — Petermann diz. — Por que não fui informado?

— Porque é pessoal — digo, cruzando os braços.

— A maneira como você escreve e descreve essas experiências poderia ser uma mina de ouro para esse experimento e para a pesquisa de sonhos em geral — Petermann diz.

— O propósito desse experimento não é só para a ciência — digo. Não sei por quê, mas do nada sinto como se fosse chorar. Ele

simplesmente não entende. — Você não tem o direito de pegar minhas memórias pessoais e distribuí-las para um grupo de assistentes de pesquisa. Max e eu podemos usá-las como um script, mas me considere a diretora.

Max está olhando para mim com simpatia.

— Está tudo bem, Alice — ele diz. — Ninguém vai fazer isso. Vai, dr. Petermann?

Petermann pressiona os lábios, mas assente, concordando.

— Entendido, mas aqui estão meus termos. Vocês vão ao local e reencenam o sonho, então vão voltar e passar uma noite inteira dormindo no laboratório. Chega desse negócio de sonecas de tarde.

— A noite inteira? — Max e eu perguntamos ao mesmo tempo. Minha voz sai pequena como a de um ratinho de desenho animado, e a dele é o oposto: incrivelmente alta.

— A noite inteira — Petermann diz com firmeza. — Se isso é tão importante para vocês quanto afirmam ser, não deveriam ter um problema com isso.

Max limpa a garganta, me lançando um olhar de esguelha.

— Acho que a real questão é: qual sonho vamos escolher? — ele pergunta. — Não podemos exatamente nos meter em um avião para a Tailândia agora.

— Não tenho certeza — digo. — Não precisamos de algo exótico como a Tailândia, mas tem que ser mais interessante que o guarda-chuva vermelho. Alguma coisa que seja excepcional, ainda que acessível.

Max olha para fora da janela por um momento, pensando. Então ele sorri:

— Acho que sei exatamente o lugar.

Nocturne

No verão que meu pai e eu moramos em Roma, eu estava desesperada por uma viagem a Veneza. Ele era totalmente contra isso, mesmo que por poucos dias, dizendo que, assim como a Ilha dos Porcos, era uma completa armadilha para turistas nessa época do ano, e, de qualquer maneira, era impossível se deslocar na cidade. Mas eu estava fascinada com o lugar. Era uma cidade diferente de todas as outras, onde tudo era antigo e onde as ruas eram feitas de água.

— Vamos lá, nós temos que ir antes que afunde — eu disse, e não havia nada que meu pai pudesse dizer para argumentar contra essa frase, embora ele tenha de fato resmungado algo sobre como sempre haveria turismo de mergulho.

Apesar dos turistas, foi ainda mais mágica do que eu tinha esperado. Minha parte favorita era quão fácil era visualizar com precisão como a vida poderia ter sido centenas de anos antes. Estar em Veneza era como estar um passo mais perto da vida e da energia que as pinturas em meus amados museus apenas sugeriam. A água inundando os degraus de uma igreja na maré alta, os pombos na Piazza San Marco, os barcos amarrados ao longo dos canais. Era muito fácil imaginar os venezianos dando grandiosas festas no seus *palazzos* à margem da água, enquanto seus convidados se aproximavam de gôndola.

A falecida Isabella Stewart Gardner, que viajou para lá no final do século **xix**, quando aquele mesmo mundo ainda estava em pleno auge, aparentemente amava Veneza da mesma forma, porque, quando ela retornou para casa em Boston, arquitetou uma mansão inteira em torno disso, e então ela a preencheu de cima a baixo com arte. Não acho que algum dia tenha visto algo tão bonito em toda minha vida. Quatro andares de design veneziano cercando um pátio gigantesco cheio de plantas, coberto por um teto de vidro.

— Ao longo de sua vida, Isabella Stewart Gardner viajou pelo mundo inteiro e fez amizade com artistas, músicos e escritores, acumulando uma coleção e uma rede de contatos criativos que rivalizavam com qualquer uma dos Estados Unidos naquela época — Emmet Lewis diz melancolicamente, enquanto nos guia pela área.

Emmet era um dos convidados na casa de Max na noite em que entrei de penetra no jantar, e gostei dele de imediato, do seu sorriso amistoso e do terno de tweed impecável. Ele também é o diretor do Gardner Museum. — Mas o lugar favorito dela era, de longe, o Palazzo Barbaro, em Veneza, onde ela ficava. E vocês veem sua influência aqui hoje. — Ele aponta para a arquitetura rebuscada.

— Obrigada por nos deixar visitar fora do horário de funcionamento, sr. Lewis — digo. — Isso é um sonho realizado.

— Como eu poderia resistir? — Emmet exclama. — Amo quando jovens se interessam por arte. E quando Max ligou e disse que vocês tinham um projeto da escola em que precisavam dar um jeito imediatamente, fiquei feliz de ajudar. — Ele dá um tapinha no ombro de Max. — Agora, eu dei um aviso para toda a segurança. Se precisarem de qualquer coisa, vou estar no quarto andar cuidando de alguns e-mails de última hora. Fiz transformarem o spa particular de Isabella no meu escritório. — Ele se inclina e sussurra ao pé do meu ouvido: — Às vezes gosto de ler na banheira vitoriana! — Com isso, Emmet dá uma piscadela e sobe pelas escadarias.

— Eu meio que o amo — digo, vendo seu corpo coberto de tweed desaparecer no alto das escadas. Então me viro para Max. — E não consigo acreditar que você arranhou tudo isso.

Max dá de ombros timidamente.

— Sei como você se sente sobre museus — ele diz. — É o lugar perfeito para reencenar nosso sonho no Met.

Acabamos de chegar a uma sala no segundo andar, tão linda e ornamentada quanto a última, mas com uma grande diferença. Em uma das paredes ricamente coberta com papel de parede, alinhadas em cada lado da lareira, há duas molduras douradas que parecem emoldurar nada.

— Essa parece uma escolha estranha — digo, apontando para as molduras vazias. É mais como algo que esperaria encontrar no apartamento dos pais de Sophie, ao lado de uma escultura gigante de hambúrguer.

Mas Max parece entusiasmado.

— Essas devem ter sobrado do roubo. Nos anos 1990, uns caras se fingindo de policiais apareceram nos portões do museu após o horário de funcionamento, dizendo que estavam respondendo a uma chamada de emergência, e um guarda quebrou o protocolo e os deixou entrar. Na manhã seguinte, o guarda que deveria liberar os dois da noite

anterior os encontrou presos com fita adesiva no porão... e um monte de obras inestimáveis estavam faltando.

— Eles conseguiram pegá-los? — pergunto.

— O *Boston Globe* às vezes posta um rumor ou outro... alguma coisa vista em uma pequena galeria na Europa ou em uma coleção particular em uma residência, mas nada oficial veio à tona.

Descemos as escadarias e chegamos a uma pequena sala de estar no primeiro andar. Está coberta com papel de parede amarelo como o sol, além de pinturas de retratos e paisagens, vigiadas por um homem grande do Leste Europeu, usando blazer e um fone de ouvido, que ignora totalmente nossa presença.

— Aqui é onde a obra que estou procurando deveria estar — Max diz, esquadrinhando as paredes. — Ali.

Sigo o olhar dele para uma tela no canto direito da sala, perto da janela, uma pintura que à primeira vista não é nada do que eu esperava. É menor do que as outras e pintada em diversos tons de cinza. Não os tutus turquesa brilhante e os panos de fundo de rosa profundos das bailarinas de Degas, ou os nenúfares coloridos de Monet. Mas conforme me aproximo, vejo que o cinza é salpicado com pequenas manchas de laranja fogo, como que aparecendo por uma neblina. **Nocturne, James Mcneill Whistler**, a placa informa. De alguma maneira calma e misteriosa, é uma das mais belas pinturas que já vi. Esqueça as obras surrealistas de Petermann. Enquanto encaro as profundezas de *Nocturne*, tudo em que consigo pensar é que isso é com o que a manifestação de um sonho *realmente* se parece. Vejo por que Max a escolheu, e eu o amo ainda mais por isso.

— Você está pronta? — Eu me viro para Max e o encontro já olhando para mim com uma expressão engraçada, quase cautelosa, como se estivéssemos pensando a mesma coisa.

Tudo o que consigo fazer em resposta é concordar com a cabeça. Não acredito que estamos fazendo isso.

— Só me deixe trocar de roupa — Max diz. — Eu já volto.

Tiro meu casaco de lã e o deixo sob uma mesa de madeira entalhada em um canto, que é provável que tenha custado mais do que nosso carro, revelando um longo vestido de baile cor de ameixa que encontrei no closet de minha avó. Não é exatamente algo tipo Beyoncé, mas ele de fato destaca minha pele. Então abro a página do sonho do Met e dou uma olhada no texto, como que revisando minhas falas antes de subir ao palco.

Ouçõ um ruído e me viro, encontrando Max parado *na porta*, parecendo aterrorizado. E também completamente perfeito em um smoking elegante.

— Você está... linda — ele admite.

— Então o que houve? — pergunto.

— Nada — Max diz com um suspiro. — Só leia o diário, Alice.

Abro meu caderno e começo do início do sonho, descrevendo o champanhe brilhante, o vestido chique, a multidão elegante, até chegar a “e é ali que Max me encontra, parada em frente às bailarinas de Degas, na seção Impressionista”.

Engulo em seco na próxima parte, mas sigo em frente.

— E aqui é onde você diz...

— Eu sei o que eu digo — Max interrompe, sua voz baixa, seus olhos gentis. — Sabe, eu sei dançar também. — Ele passa um braço em torno da minha cintura. Como senti saudades desse braço.

— Certo, bom. — Viro a página. — E meu corpo inteiro... vamos só pular essa parte. — Olho para cima, para o rosto de Max, que está perto demais, e eu o vejo mal contendo um sorriso. É como se estivesse apreciando o fato de que está me torturando.

— E eu digo “prove”. E agora você...

Sem hesitar, Max me gira. Enquanto giro, juro que vejo luzes brilhantes passarem voando, como pequenos vaga-lumes se aproximando de mim. Mas, quando me equilibro de novo, é só a incandescência dos candelabros.

— Bom, bom — consigo dizer depois do giro, alisando a parte de trás da minha saia para me certificar de que não voou para cima. Então já estou sem equilíbrio quando Max me puxa para perto dele, e eu cheiro seu pescoço e fecho os olhos por um segundo.

— E agora você diz... — a voz de Max vem de um lugar distante, e eu abro os olhos de novo.

— Você fica bem de smoking — eu mal sussurro, meio que desistindo. Quero enfiar meu nariz bem abaixo da orelha dele.

— Obrigado. É o que a Beyoncé usou na cerimônia do Grammy — ele diz a fala como se estivesse cansado, como se tivesse desistido também, e consigo sentir seu coração martelando em sua caixa torácica. Dessa vez, não rimos. Só ficamos parados ali, porque nós dois sabemos o que vem depois, e que obviamente não pode vir depois, porque ele tem uma namorada, e também porque essa é a vida real e não um sonho, e porque isso significaria algo mais do que talvez

estivéssemos prontos. Posso jurar que de algum lugar consigo ouvir o murmúrio de conversas baixas e a sinfonia, o que não faz absolutamente nenhum sentido já que estamos em um museu de alta segurança depois do horário de fechamento, e as únicas pessoas aqui somos nós e Emmet no andar de cima em uma banheira do século **xix**, e o guarda, que deve pensar que somos pacientes de um hospício.

— Tudo bem, ótimo! — anuncio, alto demais, e uso toda minha energia para me afastar de Max. Mas assim que estou a uma distância segura, percebo que ele não me soltou. E com firmeza, quase vigorosamente, Max me puxa de volta para os seus braços e me inclina para trás.

E Max me beija.

E seus lábios têm sabor de Oreo. Mas os Oreos são um pensamento que veio depois. Sei em algum lugar profundo dentro do meu cérebro que, quando uma mulher recebe um beijo corajoso, ela deve apenas se deixar ser beijada. Não é assim que sempre funciona nos filmes? Mas sou incapaz de atuar conforme o papel. Nada pode impedir minhas mãos de se misturar com o cabelo de Max, meus braços de me puxar para mais perto dele, e ele, de mim, mais próximos do que já estamos. Como se nunca tivesse sido beijada antes. Como se o estivesse devorando. Como se fôssemos as últimas duas pessoas no planeta e nos beijar fosse a única coisa que nos mantivesse vivo.

Max se afasta o suficiente para apoiar sua testa na minha.

— Senti sua falta — ele diz. E não consigo mais saber se estamos no script ou não.

Enquanto o guarda, cujo nome descubro que é Igor, deixa Max e eu sairmos pela porta da frente do Gardner, sinto como se eu não tivesse apenas falado de bebericar champanhe no meu sonho. Sinto como se tivesse tomado uma. Talvez mais de um copo. Talvez algo como doze. Quando Max pega minha mão, eu penso *E lá vai mais um*, e olho para trás, para a porta do museu, e vejo Igor parado atrás do vidro.

Ele me dá uma piscadela.

Dirigimos de volta para o laboratório em silêncio na maior parte do tempo, porque não consigo pensar em nada para dizer. Olho pela janela e me pergunto se ele está se arrependendo de tudo isso, exceto por uma coisa. Mais uma vez, há duas mãos no meu joelho, e uma delas é a de Max.

— Onde você disse para seu pai que iria passar a noite? — Max pergunta.

— Eu disse a ele que a turma do primeiro ano estava virando a noite na escola. — Rio. — Eu poderia ter dito a ele que estava indo para Portugal e ele mal teria me ouvido. O que você disse para os seus?

— Eles estão fora da cidade — Max diz. — O que eles não sabem não vai preocupá-los, desde que eu mantenha o celular ligado.

Sei que precisamos falar disso, mas, na verdade, tenho medo de arruinar tudo. Neste momento, em que estamos só nós dois dirigindo, vestindo roupas ridiculamente chiques, nós poderíamos de fato estar em um sonho. Nós nem sequer sabemos se não é. Quem é que vai nos dizer o contrário?

Lillian, quando nos recepciona na entrada circular do **cds** perto da escadaria, está segurando dois pijamas azuis de algodão (o modelo padrão do **cds**), duas escovas de dente e duas barras de sabonete de tamanho para viagem. Parece um acampamento de verão. Um acampamento de verão realmente ruim onde você nunca pode ir para a rua.

— Onde está Petermann? — Max pergunta, enquanto Lillian nos entrega nossos artigos de higiene pessoal.

— Ele estará aqui em breve — ela diz. — Ele tem um jantar beneficente para ir. Enquanto isso, estou de plantão. Gritem se precisarem de algo.

— Obrigado, Lillian — Max diz.

— Não tem de quê — Lillian responde, me lançando um olhar malicioso quando Max dá as costas por um momento.

Lanço um olhar de volta. *O quê?* Como é que ela poderia saber?

Mas, quando entro no banheiro, vejo por quê. Estou uma bagunça.

Meu cabelo desgrenhado faz parecer que acabei de acordar de uma soneca de doze horas, e há uma vermelhidão em torno do meu nariz e das minhas bochechas, sem dúvida da barba por fazer de Max.

Mas essa não é nem a parte mais denunciadora. Falando nas minhas bochechas, elas estão brilhantes. Não como se eu tivesse acabado de correr dez quilômetros, mas mais como se tivesse acabado de engolir seis luzes noturnas. Estou positivamente iluminada por dentro, e meus olhos estão grandes e arredondados.

Aparentemente amor deixa você lindo.

Coloco meu pijama, lavo meu rosto, escovo os dentes e passo os dedos pelo cabelo para que ele tenha um mínimo de decência de novo. Então Max e eu entramos em nossos casulos lado a lado.

— Queria poder segurar sua mão — Max admite quando nós dois já estamos aninhados.

— Eu também — digo.

— Você quer que eu conte uma história? — ele pergunta.

Sorrio.

— Sim, por favor.

— Certo — Max diz. — Um dia, um garotinho está sentado no chão de sua sala de estar, brincando com alguns carrinhos de brinquedo. *Vrum!* — Max faz o efeito sonoro com entusiasmo. — Ele atira um para o outro lado do tapete, mas vai muito longe, para o outro lado do sofá. E então, como um milagre, ele é atirado exatamente de volta. Surpreso, o garotinho espia atrás do sofá para encontrar uma garota mais ou menos da idade dele com um corte de cabelo tigelinha muito atraente, construindo um castelo de Lego gigante. Ela pergunta se ele quer brincar, antes de colocar uma das peças de Lego na boca, informando-o que, se ele estiver com fome, elas são feitas de chocolate. — Max faz uma pausa agora e sua voz assume um tom mais suave. — E o garotinho nunca tinha se sentido tão feliz na vida inteira. Eles construíram o castelo de chocolate mais incrível, com dragões e soldados e um fosso feito de leite. E então eles pegaram no sono lado a lado. O garoto acorda na sua sala de estar e, mesmo que não tenha castelo nem garotinha, ele se sente tão feliz quanto antes. E ele sabe que vai vê-la de novo.

— Essa era eu? — digo com um bocejo.

— Essa era você — Max diz, com a voz um pouco rouca. — A primeira vez que nos encontramos.

— Gosto dessa história. — Suspiro.

— A gente se vê logo, Alice — Max murmura.

— A gente se vê logo — digo. E me afundo em um sono pacífico.

11 de outubro

— *Então, o que achou de Nocturne?* — Isabella Stewart Gardner diz. Estamos sentadas frente a frente em sua banheira vazia, totalmente vestidas, bebericando milk-shakes de chocolate.

— *Achei que era a pintura mais linda que já vi* — digo sem ar após engolir um montão de sorvete, cuidadosa para não o derrubar em meu vestido de gala ameixa. Isabella, por sua vez, está vestida em um traje de veludo verde-escuro.

— *Estou tão feliz que pense assim* — ela responde.

— *Eu também* — Emmet Lewis acrescenta. Ele está sentado num canto em uma poltrona laranja, vestindo um terno chumbo e folheando um livro chamado Tweed, Tweed e Mais Tweed!

— *Vamos* — Isabella diz, erguendo-se abruptamente e saindo da banheira. — *Quero mostrar-lhe minha mais recente aquisição.*

Erguendo as barras de nossas saias na altura dos tornozelos para não cairmos, nós descemos a escadaria na ponta dos pés para o terceiro andar do Gardner Museum, mas, quando chegamos ao fim dos graus, vejo que estamos de volta ao Metropolitan Museum of Art, na seção Impressionista.

— *Não é adorável?* — Isabella pergunta, apontando para uma pintura de uma paisagem verde brilhante, onde um balão de ar quente roxo está preso ao chão. — *Acabou de chegar.*

— *É maravilhosa* — digo. Realmente há algo de extraordinário nela, mas não consigo apontar exatamente o quê. As cores e os detalhes são tão vívidos que são quase realistas.

— *Toque nela* — Isabella sugere.

— *Tem certeza?* — hesito. — *É contra as regras.*

— *Alice, eu dito as regras* — Isabella diz. — *E eu insisto. Você não viu nem metade.*

Mordendo o lábio, estendo a mão para tocar na pintura e descubro que, de repente, estou dentro dela. E a mão que eu tinha estendido aterrissou na bochecha de Max, em pé no cesto do balão de ar quente.

— *Quer dar uma volta?* — ele pergunta, um sorriso acolhedor no rosto.

— *Tudo bem* — digo, pegando sua mão e escalando para dentro do cesto.

— *Lillian, você nos daria a honra?* — Max pergunta. Lillian aparece, segurando um par de tesouras douradas, e corta a corda com facilidade.

E, simples assim, estamos indo para cima, para cima e para longe, devagar a princípio, e então um pouco mais rápido. Olho para baixo e vejo que não há mais um campo sob nós, mas, em vez disso, a cidade de

Boston. Fenway Park, a placa da Citgo e um domo reluzente do capitólio do estado, o Charles River serpenteando tudo. Tudo está banhado em uma luz quente e crepuscular.

— Aonde estamos indo? — pergunto.

— De volta à nuvem — Max diz. — Terminar o que começamos. — Ele surge atrás de mim e passa os braços pelos meus ombros, inclinando-se para descansar a cabeça na minha omoplata.

Coro.

— Nós não precisamos voltar para a nuvem — digo.

— Não precisamos? — ele pergunta, me girando para encará-lo.

— Não. — Respiro com nervosismo, erguendo os olhos para ele.

— Ótimo — Max diz. — Porque eu estava ansioso a noite toda para fazer isso de novo. — Então ele coloca uma mão atrás do meu pescoço e se inclina para me beijar.

Estão se fundindo

Quando somos levados para o escritório de Petermann na manhã seguinte, fico chocada ao vê-lo vestindo algo que não seja uma roupa esportiva, mas aliviada ao ver que é tão estranha quanto. Max e eu não somos as únicas pessoas na sala de pijama. O de Petermann é de uma seda azul-cobalto.

— Bom dia, dorminhocos — ele diz, tirando os óculos e baixando o jornal. — Por favor, sentem-se e se sirvam.

Por toda a mesa dele, há diversas opções de café da manhã. Bolinhos *scones*, bolos de canela, bagels e croissants. Em outras palavras, o paraíso. Lillian entra parecendo cansada, empurrando um carrinho com um monte de xícaras tilintando.

— Alguém aceita café? — Petermann pergunta, gesticulando para o carrinho, e tanto eu quanto Max erguemos a mão com vontade.

— Isso tudo é para nós? — pergunto, genuinamente empolgada.

— Ela tem fixação por produtos de panificação — Max intervém, e concordo com a cabeça, bastante entusiasmada.

— É seu prêmio pelo trabalho árduo de ontem — Petermann diz, inclinando-se sobre a mesa e juntando as duas mãos. — Acho que realmente valeu a pena, porque não apenas vocês dormiram profundamente a noite inteira, mas sua atividade cerebral estava impressionante. Agora estou ansioso para ouvir o que houve!

Max já cobriu um grande bagel com cream cheese e deu uma enorme mordida, então eu falo primeiro, sorrindo quando noto que ele colocou a outra metade do bagel no meu prato. Há algo muito primitivo nisso, como se fôssemos pessoas pré-históricas e ele sáísse para caçar e matar um bagel, trazendo-o para mim.

— Bom, nós sonhamos com o balão de ar quente de novo — começo a explicar.

— Não — Petermann diz, acenando impacientemente com a mão. — Não, não. Mais cedo. Comece no princípio de tudo, quando vocês estavam conscientes. Comece com a encenação e parta daí.

Hesito e olho para Max.

— Tudo? — pergunto. Mas Max apenas dá de ombros como quem pergunta “por que não contar tudo de uma vez?”, e Petermann insiste.

Então, dessa vez, não deixo nada de fora. Conto a ele sobre Emmet e a banheira vitoriana, sobre as obras de arte roubadas, sobre *Nocturne* e sobre como nós ficamos parados em frente a ela e passamos por todo o sonho... até o beijo. Olho para baixo quando menciono a última parte, me sentindo esquisita de falar a respeito disso na frente de Petermann e de todas as outras pessoas. Mas ele não parece desconcertado.

— Sua ideia deve ter funcionado — digo. — Porque tudo pareceu muito real o tempo todo. Eu conseguia de verdade ouvir a sinfonia do sonho do Met.

— Eu também — Max acrescenta. — E seus lábios tinham gosto de Oreo.

— Os seus também! — Eu praticamente tremo de empolgação, e Max, rindo, estende o braço e deixa sua mão descansar com leveza sobre minha nuca, dando um apertão afetuosos.

Mas Petermann não parece empolgado.

— Estou confuso. Você quer dizer que os lábios dele tinham sabor de Oreo em seu sonho.

— Não — balanço a cabeça. — Bom, sim, eles tinham esse gosto no sonho na primeira vez, mas então eles também tinham na vida real.

Petermann franze a testa.

— Suponho que seria bobo da minha parte perguntar se vocês de fato consumiram algum tipo de Oreo ontem?

Max e eu balançamos a cabeça.

— O que houve? — Max pergunta.

— Não tenho certeza — Petermann diz, batucando os dedos na mesa. — Algum de vocês já tinha passado por uma experiência assim antes? Um momento em que algo de seus sonhos parece se infiltrar na realidade?

A pergunta faz meus pelos do braço se arrepiarem.

— Eu passei — digo com cuidado, contando a ele sobre Sergio e Brunilda do lado de fora de minha janela, e a pegada gigantesca de Jerry. — Você já? — pergunto a Max.

Max assente:

— Os pavões têm me seguido também. No outro dia, estavam empoleirados sobre uma das traves durante um jogo e comemoraram quando marquei um gol. E ontem, quando fui passar minhas roupas da máquina de lavar para a de secar, tirei um pato de borracha do meio das minhas camisetas.

— Como no sonho da máquina de lavar — sussurro. — Eu vi um

no Charles River algumas semanas atrás.

— Alguém de vocês já havia experimentado essa... hemorragia de sonhos, por assim dizer, antes de se conhecerem? — Petermann pergunta.

Max e eu sacudimos a cabeça em outra negativa.

— Eles estão se fundindo — Petermann diz, balbuciando.

— O quê? — Tanto eu quanto Max falamos ao mesmo tempo.

— Não quero alarmar nenhum de vocês — Petermann diz. — Mas é minha preocupação que, agora que vocês se conheceram na vida real, suas mentes talvez não consigam distinguir entre a realidade e os sonhos. É possível que se permanecer por mais tempo, se não pudermos fazer vocês pararem de sonhar um com o outro, se torne impossível distinguir os estados acordado ou dormindo um do outro. — Ele pausa e se inclina para a frente. — E devagar vocês podem começar a perder a compreensão da realidade.

— Você quer dizer enlouquecer? — pergunto.

A mão de Max, uma vez acariciando meu cabelo, caiu para o seu colo.

— Isso não faz nenhum sentido — ele diz.

— Olhe em volta de si, Max — Petermann diz. — O que nisso tudo faz algum sentido?

— Vai ficar tudo bem — digo a Max enquanto caminhamos para o seu carro. Ainda é cedo, nem sequer oito horas, e o pátio inteiro está vazio. Ele ainda está segurando minha mão, mas não me olhou diretamente desde que Petermann nos contou sua teoria. — Nós vamos dar um jeito. Petermann vai dar um jeito. — Eu paro, esperando que ele mostre que me ouviu.

Como o cavalheiro que é, Max não dá a volta para sua porta, mas vem à minha primeiro, abrindo-a para mim.

— Eu sei que vai — ele diz, colocando as mãos em meus ombros. — Eu só queria que tudo não fosse tão complicado. Eu deveria estar estudando para uma prova de história agora, mas em vez disso estou me preocupando se sonhos estão tomando conta da minha cabeça. Sei que é idiota, mas meio que queria que o balão de ar quente da noite passada nunca tivesse voltado para o chão de novo.

— Por quê? O que houve no balão? — digo, fingindo estar confusa.

— Ah, você não lembra? — Max diz, entrando na brincadeira. —

Seria bom se eu a lembrasse?

— Não seria apenas bom, mas também importante — digo, apontando o dedo para ele. — Crucial para a pesquisa, se for pra ser honesto... — mas eu nem sequer consigo terminar a frase, porque Max já está me beijando.

Eu me afasto, me sentindo desorientada.

— Às vezes, quando você me beija, eu me sinto completamente leve — digo.

Então vejo a expressão no rosto de Max. Ele está olhando para baixo, horrorizado. Olho para baixo também e percebo que estamos de fato leves. Estamos flutuando. Só um pouco, só mais ou menos um palmo. Balanço meus pés e, simples assim, *tuf*, somos jogados de volta na terra, onde nos apoiamos no carro para nos ancorar. Meu coração está tão disparado que acho que pode estourar minha caixa torácica, e sinto como se pudesse vomitar.

— Você viu isso? — pergunto.

— Sim — Max diz, respirando com força.

— Nós acabamos de...

— Acabamos de... — Max faz que sim com a cabeça. — E acho que pode ter sido minha culpa.

— Como é que pode ser sua culpa? — perguntei.

— Bom, eu disse que não queria descer daquele balão de novo... então começamos a subir.

Max está olhando para mim, apavorado. Pego sua mão e a aperto com força.

O rosto de Oliver aparece de cabeça para baixo na frente do meu com uma expressão zombeteira, mas não consigo ouvir o que ele está dizendo por causa das palavras do The Cure nos meus ouvidos, então tiro os fones. Se você não está familiarizado com música pós-punk ou new wave do final da década de 1970, sugiro muito que você corrija isso, em particular se estiver desesperadamente apaixonado.

— O quê? — pergunto, escolhendo não me sentar direito no pátio, onde estive esparramada durante todo o horário livre, apenas observando a folhagem no alto. Juro que essa árvore específica acima de mim fica mudando de sua cor normal avermelhada para vários tons de púrpura e cor-de-rosa, o que posso atribuir ao fato de que estou entrando e saindo do sono. Ou ao fato de que, você sabe, como Petermann disse, estou perdendo o controle da realidade.

— Eu disse o que houve com você? — Oliver repete, ainda parado acima de mim, as mechas de cabelo caindo no seu rosto como no dia em que nos conhecemos.

— Pode ser mais específico?

Oliver se estica ao meu lado.

— Você está com esse sorriso engraçado no rosto — ele diz. — Como se tivesse um segredo que ninguém mais sabe.

Tenho um segredo que só mais uma pessoa sabe.

— Ah — digo, tentando deixar meu rosto mais sério. — Não percebi.

Mas percebi, sim. Meu pai disse a mesma coisa para mim no café da manhã, depois que ergui os olhos do meu cereal Cheerios para encontrá-lo me olhando de um jeito engraçado, e tive que tapar o rosto dele com a caixa de cereal quando ele não conseguiu parar. Tenho passado todo o tempo sorrindo como uma idiota desde que acordei, porque não consigo parar de pensar em beijos. Ou no nosso beijo noite passada, no nosso sonho. Ou no nosso beijo ontem, no Gardner. Tantos beijos, e todos eles incríveis. Sei que eu deveria me sentir culpada, e juro que uma parte de mim se sente. Mas outra parte, uma parte maior... se sente incrível. Como se alguma coisa tivesse entrado nos eixos. Não quero magoar Celeste. Ela nunca foi nada além

de gentil comigo. Mas não consigo deixar de me sentir como me sinto, e Max não consegue deixar de se sentir assim também. E, de verdade, uma parte de mim se pergunta se me sinto dessa maneira porque tecnicamente — e me perdoem por soar infantil — eu o vi primeiro. Ele era meu primeiro.

— Isso tem a ver com Wolfe? — Oliver diz agora. — Por favor, me diga que não tem a ver com Wolfe.

— Não tem a ver com Max — digo. — Por que você pergunta isso?

— Porque ele está bem ali — Oliver diz, se erguendo e se apoiando nos cotovelos.

— Oi — Max diz de onde ele está para nós.

— Oi — digo com uma risadinha tímida, e tento tirar o cabelo do rosto.

— Oi — Oliver diz em um tom cheio de suspeitas que ele nem sequer tenta esconder.

— *Olá* — Celeste diz alto, e todos nós nos viramos para onde ela está parada, a alguns passos de distância, com as mãos nos quadris no meio do pátio.

— É verdade? — ela pergunta, mordendo de leve as bochechas por dentro enquanto olha para Max.

— O que é verdade? — Max diz, sua postura enrijecendo.

— Vocês dois — ela diz, olhando para ele, mas apontando para mim com a cabeça. — Tenho que admitir, eu meio que me perguntei sobre isso. Consequia notar que você agia de um jeito estranho perto dela, mas não achei que você chegaria a... — Ela para de falar e olha para baixo, balançando a cabeça.

— Do que ela está falando? — Oliver murmura para mim quase inaudivelmente, mas não movo um músculo.

— Onde você estava ontem à noite? — Celeste diz a ele, lágrimas se formando nos olhos.

Max apenas a encara, seu rosto como uma pedra. Enquanto o observo, percebo que as pessoas podem achar que ele está sendo um babaca, ou que não se importa. Mas eu o conheço o suficiente. Max está se fechando. Está com medo.

— Porque acontece que — ela continua — você disse que tinha que ir a um evento com sua mãe. Algum evento estúpido com aquelas tesouras gigantes e a fita enorme que você odeia. Então, você foi?

Max abre a boca para falar, mas nada sai.

— Você foi? — ela pergunta de novo, a voz falhando. Quero

enterrar meu rosto nas mãos. Max expira.

— Não — ele finalmente admite.

A boca de Celeste está escancarada.

— Então é verdade. Quando Francesca Dello Russo me mandou uma mensagem na manhã de hoje e disse que tinha acabado de ver vocês dois se beijando em um pátio no **mit** quando ela saiu para correr, eu disse “nem pensar”. Ela deveria estar errada. Mas no fundo, no fundo, eu sabia que ela estava certa. — Celeste olha para mim agora. — Eu era legal com você. Eu *gostava* de você, Alice.

— Celeste — começo a dizer, sem saber o que vai sair. — Nós não tínhamos a intenção de magoar você. Nós só... — Mas Max me interrompe.

— É minha culpa — ele diz. — Não culpe Alice. Eu a beijei. Mas as coisas acabaram acontecendo... nós... eu não queria.

Agora é minha vez de encarar Max em choque. Sei o que ele quer dizer, as coisas de fato só *aconteceram*. Houve a sinfonia e a pintura e meu vestido e o giro... e, sim, foi tudo meio onírico e sentimental. Mas não acabou ali. Também houve a ida para o **cds** e as mãos dadas. As histórias antes de dormir e o beijo no pátio hoje. Uma coisa é certa: ontem à noite e hoje, eu quis beijá-lo de novo. Pensei que ele quisesse também.

— Não queria? — pergunto.

— Como se isso melhorasse as coisas — Celeste zomba enquanto começa a se afastar. — E, aliás, no futuro, se vocês dois pudessem me fazer a gentileza de nunca mais falar comigo, eu apreciaria bastante. — Ela se afasta, e é só nesse momento que percebo que o pátio inteiro está nos olhando.

Max não a segue, mas tampouco se vira para mim. Só fica parado ali por um momento, parecendo atordoado, antes de sair caminhando no sentido das docas. Eu me viro para Oliver e vejo que ele já foi embora há muito tempo.

Depois de todos os sinais e emoções confusos, as ressonâncias magnéticas e eletroencefalogramas e as reproduções de sonhos, pensei que estívéssemos começando a entender tudo. Não só a ciência... nós. Mas não estávamos. Não estamos mais próximos do que estávamos no dia em que cheguei aqui. Enquanto o pátio começa a se movimentar de novo, sem dúvida com a fofoca de que pessoa terrível eu sou, coloco meus fones de ouvido de volta e fujo para me esconder em algum lugar onde ninguém vá me ver chorar.

Ele não é seu namorado

Estou jogando um pouco de terra no jardim da vovó, parando para afastar Jerry de um caracol que ele está cheirando, quando meu celular vibra. Meus batimentos cardíacos aceleram quando olho para ver se é uma mensagem de Max, mas não é. É sobre minha mãe. Aparentemente, esqueci do alerta do Google que instalei sobre ela alguns anos atrás. Quando descobrimos o que eram os alertas do Google, a maioria dos meus amigos escolheu estrelas de televisão ou cantores pop. *Quem ele está namorando agora? O que ela comprou no supermercado?* Mas minha mãe era tão ilusória para mim quanto qualquer celebridade, talvez até mais. O alerta nunca tinha funcionado... até agora.

Primatologista Madeleine Baxter

comparecerá ao Comício Ambiental em dc e falará no Instituto Smithsonian sobre o papel do desmatamento na aceleração da extinção de espécies e das mudanças climáticas

Encaro meu celular, estupefata, então o enfio de volta no bolso e caminho para dentro de casa, onde meu pai lê uma *National Geographic* na sala de estar.

Ele fala antes que eu comece.

— Você sabia que, em certas culturas indígenas da Papua-Nova Guiné, inhame é considerado sagrado?

— Não sabia — digo. — Mas pai...

— Se um homem apanha um inhame grande na sua colheita, ele deve dá-lo a seu vizinho, envergonhando-o, até que o vizinho consiga produzir um maior ainda...

— Pai — digo.

— Não sei se chegam a *comê-los*! — ele exclama. — Realmente faz você pensar sobre seu prato favorito do Dia de Ação de Graças, não faz?

— *Pai* – praticamente grito. Não tenho paciência para suas curiosidades hoje.

— Desculpe, tá? — ele olha para cima agora, como se me vendo pela primeira vez.

Agora que tenho sua atenção, paro. Ele não vai gostar disso. Inspirando, decido enfiar o dedo na ferida logo.

— Você sabia que Madeleine está vindo para **dc**? — pergunto.

O rosto do meu pai em um flash vai de feliz para sério e para perfeitamente controlado.

— Eu só queria que você a chamasse de *mãe* — ele diz. Quando não digo nada em resposta, ele pergunta: — Como você sabe disso?

— Tenho um alerta do Google para ela — respondo com naturalidade. Quanto menos eu enrolar, menos ele vai conseguir me tirar do objetivo nessa conversa.

— Entendo... — ele diz, baixando a revista e cruzando as mãos no colo, pensando.

— Você acha que vamos vê-la? — pergunto.

— É possível — ele diz, olhando para seu relógio, pela janela, para qualquer lugar que não seja meu rosto.

— Possível? — pergunto. E quero completar: ... *que minha mãe possa decidir dar um pulinho para ver sua própria filha pela primeira vez em dez anos?* Mas não digo essa parte.

— Sim, é claro — ele diz, olhando para baixo, para sua leitura de novo. — Nós deveríamos mandar um e-mail e conferir.

— Você quer dizer que você vai mandar um e-mail para ela? — pergunto. Sei que estou forçando a barra, mas por que é minha responsabilidade? Ele é meu pai. Ele deveria tomar conta de mim. Deveria conseguir perguntar para minha mãe quando ela vem para casa.

— Claro — ele diz, virando a página da revista. — Posso fazer isso.

Ele está sendo deliberadamente vago, sem se comprometer. E quero gritar. Com ele por me decepcionar, por ser incapaz de falar de algo tão importante. Com minha mãe por ser uma mãe tão ruim pra começar, por nunca estar lá quando eu preciso dela. Com Max por dizer que ele não queria, por sair andando no pátio, me deixando totalmente sozinha.

Com todos eles, por me deixarem sozinha.

— Quer finalizar isso com aquela pá minúscula? — ouço Oliver dizer atrás de mim. Estou agachada de volta ao jardim da vovó, plantando suculentas para crescerem em uma moldura de estufa para a parede no centro de ciências. Mas, agora que olho, pareço estar mais

estragando do que cultivando. Tenho plantado menos e golpeado excessivamente mais o solo com minha espátula.

— Desculpe — espreito dos lados para olhar para ele. — Manhã difícil. Na verdade, quais são seus planos pra hoje? Eu realmente preciso de uma aventura, tipo agora mesmo.

Eu me levanto, limpando as mãos nos joelhos, e só então vejo que alguma coisa parece esquisita em Oliver. Ele não se moveu do portão da frente e está parado de maneira um pouco rígida, as mãos grudadas nas laterais do corpo.

— Na verdade, não — ele diz. — Não é por isso que estou aqui. Eu queria... — Oliver para, frustrado, então tenta de novo. — Alice, como pôde fazer o que fez?

Suspiro.

— Eu sei. Oliver, eu posso explicar. Os sonhos...

— O quê? Os sonhos *forçaram* você a fazer aquilo, Alice? Os sonhos controlam sua mente agora? Acredito em você quando diz que você e Wolfe sonham um com o outro. Mas não posso acreditar nisso. — Oliver está franzindo a testa para mim, os ombros tensos. Ele nunca olhou para mim dessa maneira antes.

— Oliver.

— Ele não é seu namorado, Alice.

— Eu sei disso — começo a dizer.

— Ele não é seu, Alice. Ele pertence à Celeste. E Celeste é uma pessoa boa; ela não merece isso. Ele é dela. Ele não é seu.

— Mas ele era meu! — finalmente grito. — Ele era meu. Por anos. Pela minha vida inteira, ele foi meu. Meu melhor amigo, meu namorado. Meu parceiro. Não posso apenas desligar — digo, percebendo de súbito que Oliver não é a pessoa para quem quero estar gritando isso. A pessoa para quem quero estar gritando isso é Max. Também percebo, quando digo essas palavras em voz alta, que enquanto elas são exatamente como me sinto sobre Max, elas são exatamente como Max se sente sobre mim, é o que ele estava tentando me dizer no elevador naquela noite. Que às vezes você não pode apenas desligar, mesmo quando sabe que é errado. — As pessoas não podem apenas desligar o que sentem porque alguém diz isso para elas — digo para Oliver agora, mais calma que antes. — Você não entenderia.

— Bom, na verdade, eu entenderia, sim — Oliver diz sem encontrar meus olhos, e eu agora entendo que há dois corações

partidos neste pequeno jardim de suculentas. E que só porque meus sentimentos por Oliver eram inocentes não quer dizer que os dele eram também.

— Prometo que vou resolver as coisas com Celeste, vai ser minha primeira coisa amanhã. Ela merece mais do que isso — digo a Oliver. Então sustento meu olhar até ele enfim encontrar meus olhos e acrescento: — E você também.

Oliver gesticula com desdém.

— Tanto faz — ele diz com um sorriso. — Vou superar.

— Tenho certeza que sim — digo.

— Mas é você quem vai contar pra Sally, meu Segway. Porque não consigo mais vê-la sofrer por Frank — ele acrescenta. — Ela está me enlouquecendo.

Enquanto Oliver sai do jardim naquela tarde, eu o vejo quase esbarrar em uma mulher idosa na calçada. Como um nobre do século **xix**, Oliver dá um passo para o lado e se curva graciosamente, desejando boa-tarde à senhora, e ela sorri de volta, encantada. Oliver pisca.

Se eu soubesse o que é melhor para mim, se eu fosse outra pessoa, eu me apaixonaria por ele. Por sua inteligência e charme e senso de aventura. A maneira como Oliver cuida de mim, a maneira como não tem medo de dizer o que quer.

Mas infelizmente não sou outra pessoa. Sou eu. E infelizmente tenho que estar consciente do fato de que Max Wolfe existe no mundo. E infelizmente ninguém mais tem a menor chance.

Eles eram pássaros realmente inteligentes

— **Deixe-me ver se entendi direito** — Sophie diz. — Você e Max são apaixonados há anos, e vocês enfim se beijaram na vida real. Mas, na vida real, Max está namorando Celeste. E agora Celeste está brava com você, e Oliver também, porque ele está apaixonado por você, mas você não está apaixonada por ele, você está apaixonada por Max, com quem você, a propósito, também não fala há dois dias.

— Eu daria qualquer coisa no mundo pra dizer a você que só uma frasezinha disso está errada — digo no telefone.

— Caramba — Sophie exclama. — Meu maior desafio nos últimos tempos é conseguir fazer o novo aluno do terceiro ano, Marco Medina, perceber que existo.

— Ah, não — resmungo. — O que você andou fazendo? — Eu amo Sophie, mas ela não tem muito tato, e é extremamente confiante. Nem sempre é uma combinação que dá bons resultados.

— Minha mãe disse para seguir dando oi para ele, então tenho feito isso — Sophie diz.

— Isso não parece tão ruim — digo.

— Posso estar dizendo um pouco agressivamente — ela admite. — Esses dias, só faltou ele sair correndo quando o cumprimentei. Você sabe, toda *Oiê!* — Ela grita a última parte no telefone. — De qualquer forma, você não esqueceu que estou indo te visitar, certo? — ela diz.

— Imagina! — digo, me lembrando de voltar para nossa última troca de e-mails e conferir que data escolhemos.

— Ótimo — ela diz, soando empolgada. — Mal posso esperar para ver todo o drama em pessoa.

Celeste não está no Clube do Terrário na quarta-feira de tarde, e me sinto nauseada por isso.

— Vá em frente, me devore — murmuro para a planta que claramente come pessoas. — Eu mereço. — Mas então Parker nos libera, saio da estufa e encontro Celeste esperando ao lado de Frank, aí me sinto nauseada mais uma vez.

— É bastante provável que ela vá te matar — Jeremiah observa enquanto passa por mim em sua tradicional marcha apressada, a caminho de onde sua mãe está esperando no meio-fio em uma **bmw** branca.

— Como você sabe? — surto.

— Todo mundo sabe — Jeremiah diz. — Até eu.

— Relaxa — Celeste diz quando me aproximo, uma mão no quadril. Ela está usando mais uma roupa incrível: leggings preta de couro e um suéter de lã drapeado cinza. — Você está parecendo um cachorrinho que fez algo errado.

— Isso é porque eu fiz — digo.

— É claro que fez — Celeste responde com calma. — Mas a única coisa pior do que beijar o namorado de outra garota é transformar aquela garota em algo temível. Se fazer de vítima não é legal.

Eu realmente queria que ela não estivesse sendo tão madura sobre isso tudo. Deixaria tudo muito mais fácil.

— Eu sei — digo. — Você não tem ideia de quanto sinto por isso tudo. — E então entendo por que Max disse o que disse. Porque *eu* sinto muito. E ele sente muito. E não importa como nos sintamos um pelo outro, você simplesmente não faz isso com uma garota como essa.

— É esquisito, eu pensei que conseguisse identificar garotas como você — Celeste diz. — As ladras de namorado. Elas agem como se fossem suas amigas, mas você sempre meio que pode notar que não são, você sempre sabe que elas não estão totalmente ali. Elas têm um outro interesse, outro objetivo, e você é só um apoio para chegar lá. — Ela se abaixa e toca a sineta de Frank de maneira distraída enquanto escolhe as palavras certas. — Mas você não. Você genuinamente não parecia essa pessoa para mim. Eu estava começando a pensar que poderíamos ser amigas. Não quero machucar você, só quero entender... o que houve? Para que eu possa reajustar meu senso de mundo de novo e voltar para o Clube do Terrário em paz.

— Prometo que não sou esse tipo de garota — digo. — Sei que parece que sou, porque fiz o que fiz, mas... — mordo meu lábio, frustrada. Isso é difícil demais de explicar. — Você pode vir comigo?

— Aonde? — Celeste pergunta.

— Preciso mostrar uma coisa para você. Isso vai soar ridículo sem prova.

— É isso que você queria me mostrar? — Celeste pergunta, enquanto nos aproximamos da rotunda do **cds**. — Uma construção esquisitona no meio do **mit**? O que você vai fazer, me raptar e me esconder aqui para ficar com o Max só para você? — Ela inspira fundo. — Desculpa, eu tenho uma imaginação bastante ativa. Tendo a afastar as pessoas depois que elas me conhecem melhor.

— Isso na verdade explica muito — digo, me perguntando se Max tem uma preferência. É então que noto o aviso em neon laranja colado na frente das portas duplas do **cds**.

**Esta propriedade está fechada por ordens da cidade de Boston e
todas as atividades aqui promovidas estão suspensas enquanto se
aguarda uma investigação
A cidade de Boston**

— O quê? — digo. Eu estava aqui só três dias atrás.

— Falando sério, por que estamos aqui? — Celeste diz. — Você tem dois minutos para explicar antes de eu ir embora.

Por um momento, congelo. Isso é um desastre. Eu precisava mostrar o **cds** à Celeste para que ela acreditasse em mim. Oliver pode ter acreditado em mim sem provas, porque Oliver é Oliver. Mas Celeste não. Já fiz o suficiente para que ela duvide de mim. Listo as opções na minha cabeça. Eu poderia dar um jeito de colocá-la para dentro, mas, agora que há um aviso oficial da polícia do lado de fora, isso não parece inteligente.

É então que vejo Lillian circulando a rotunda e penso que nem tudo está perdido. Mas ela se vira de costas e começa a caminhar no sentido contrário quando me vê.

— Lillian! — grito, me apressando atrás dela quando ela não se vira. — Lillian! — digo. — O que está acontecendo?

Eu a agarro pelo cachecol grande demais que ela está usando e a viro como uma múmia, até que ela me olha.

— Ai! — ela diz, arrumando o cachecol novamente. — Eu não ia invadir nem nada assim. Eu só precisava pegar algo da minha mesa. Eu ia entrar e sair. Eles nos botaram pra fora ontem sem aviso nenhum.

— Por quê? — pergunto.

— Petermann — Lillian responde. Ela cospe o nome como se fosse uma uva estragada, como se mal conseguisse pronunciá-lo.

— Quem é Petermann? — Celeste para ao meu lado.

— Quem é você? — Lillian pergunta.

— Celeste — ela diz.

— O que você quer? — Lillian franze a testa. Essa garota precisa fazer um curso de etiqueta com urgência.

— Eu queria saber! — Celeste diz, exasperada, e olha para mim.

Respiro fundo. Posso fazer isso funcionar para minha vantagem.

— Lillian, você poderia por favor explicar para Celeste qual é nosso relacionamento?

— Nós não temos um — Lillian diz com naturalidade.

— Não, nós não temos uma *amizade* — digo devagar, como se estivesse ensinando um aluno da pré-escola a soletrar. — O que quero dizer é: como você me *conhece*?

— Ah — Lillian diz. — Você foi uma paciente de pesquisa no Centro para Descoberta de Sonhos, onde eu costumava trabalhar.

— Com que frequência eu visitava?

— Duas vezes por semana.

— Com quem?

— Seu namorado, Max.

Minha mandíbula trava com essa fala, e espio Celeste com o canto do olho apenas para encontrá-la me olhando com ódio.

— Não, como falamos, Max não é meu namorado.

— Se você diz... — Lillian revira os olhos. Isso não está indo exatamente como planejado, mas ainda posso consertar.

— E por que exatamente Max e eu estávamos aqui? — pressiono.

Lillian está olhando para o pátio distraidamente, onde pessoas estão lendo em bancos ou se apressando de prédio para prédio. Mas agora ela se ajeita.

— Pensei que isso fosse confidencial.

— Eu estou lhe dando permissão para explicar agora — digo a ela, cruzando os braços. Lillian suspira.

— Você e Max estavam aqui porque os dois vieram para cá quando crianças, por causa dos seus pesadelos e, de alguma maneira, por causa do estudo, vocês acabaram sonhando um com o outro. Eu sei que vocês vinham sonhando um com o outro a vida inteira, e que estavam vindo ao **cds** para consertar isso.

— Ótimo, obrigada, Lillian — começo a dizer. Mas Lillian não tinha terminado.

— Porque vocês tinham se apaixonado um pelo outro, e nenhum

dos dois sabia como lidar com isso. De qualquer forma, quem é essa?

Sorrio rigidamente.

— Lillian, Celeste é a namorada de Max.

As sobrancelhas de Celeste se levantam, e sua boca forma um perfeito e pequenino beicinho.

— Ah — é tudo que Lillian diz em resposta. — De qualquer forma, é melhor eu ir. Quero pegar minhas coisas e dar o fora daqui antes que a polícia volte.

— Onde está Petermann? — pergunto de novo.

— Na cadeia, imagino — Lillian diz.

— Do que você está falando?

— Petermann foi preso — Lillian diz. — Eram os pássaros. Petermann estava envolvido no comércio ilegal de aves. Ele era obcecado por eles, quanto mais raros, melhor. Dizem que ele pode pegar cadeia.

— Cadeia por causa de um par de pássaros italianos com problemas de comportamento? — pergunto.

— Eles eram pássaros realmente inteligentes, Alice.

— Então deixa eu ver se entendi — Celeste diz um tempo depois, enquanto nós duas nos apoiamos contra um pilar nos degraus da entrada do **cds**. Ficamos aqui em silêncio enquanto eu roía minhas unhas e Celeste mordida o lábio, e eu esperava que ela dissesse algo. Está tudo na mesa agora. Ela só tem que acreditar.

— Você e Max vieram aqui para ter seus sonhos analisados para que pudessem efetivamente se livrar um do outro para sempre? — Ela se afasta do pilar, ficando em pé, e coloca a bolsa de couro sobre o braço. — Tudo bem.

— Tudo bem? — pergunto.

— Sim, tudo bem, eu entendo. De verdade, porque essa história é simplesmente maluca demais para inventar. Mas isso não quer dizer que somos amigas. Além disso, você tem outras coisas pra se preocupar agora.

— Como o quê, especificamente? — pergunto, e de verdade quero saber, porque tem coisas demais sobre as quais ela pode estar falando.

— Como de que jeito vocês vão consertar essa bagunça quando o cientista que realiza os procedimentos está preso — Celeste responde antes de atravessar o gramado.

Eu a encaro, porque é claro, como sempre, ela está certa. Se o **cds** está fechado por tempo indefinido, então nunca vamos chegar ao motivo dos sonhos. E, se nunca descobrirmos por que sonhamos um com o outro, nunca vamos conseguir parar isso. Tudo isso, o drama e a confusão, vai seguir acontecendo de novo e de novo.

Olho para baixo para minhas botas marrons e respiro fundo, e, quando exalo, o chão ondula sob meus pés, como se eu tivesse soprado em um lago perfeitamente imóvel. Exceto que isso não é um lago, é um gramado no **mit**. *De novo não*, penso, antes de inspirar fundo, pressionando os lábios e expirando todo o ar para fora de mim, dessa vez com mais força. Com certeza, não é apenas a grama que ondula, mas o chão inteiro.

Paro por um momento, então levanto uma das minhas botas e dou uma pisada na grama, com força, e observo uma onda de terra verde subir e crescer, ondulando por todo o gramado. Seria lindo se não fosse tão esquisito. Dou uma pisada forte com as duas pernas e a onda seguinte é ainda maior, talvez até da altura do meu joelho, que é quando olho para a frente de repente e noto que está se direcionando direto para Celeste enquanto ela caminha à distância. Está prestes a cair em cima dela quando grito seu nome, como se ela estivesse prestes a ser atingida por um caminhão.

— O quê? — Ela se vira, incomodada. E, simples assim, a onda gramínea desapareceu.

— Ahn, eu... não importa — exclamo, me sentindo patética e também um pouco louca. Celeste apenas balança a cabeça e continua caminhando.

— Você é realmente esquisita, Alice Rowe — ela diz em voz alta.

Isso era sobre muito mais do que Max e eu e todo o drama que estávamos causando. Isso era sobre nossa sanidade.

15 de outubro

Não tenho certeza se já senti, na minha vida, alguma coisa tão incrível como o sol no meu rosto neste momento. Estou deitada em um pneu em algum rio no Texas, meus pés balançando na água, minha cabeça e braços estendidos do lado de fora. Ajusto os grandes óculos escuros redondos sobre meu nariz e suspiro.

— Você parece feliz — Max grita, e ergo os óculos de sol de novo e viro minha cabeça na direção de sua voz para dar uma piscadela para ele.

— Pode apostar — digo e sorrio para ele. Max está flutuando junto comigo, a alguns poucos metros de distância, com um calção azul-marinho e um Ray-Ban preto. Ele sorri de volta:

— Vem aqui.

— Você vem aqui — digo, acenando na direção dele. É então que noto que minhas unhas da mão estão pintadas no mais lindo tom de vermelho brilhante cor do pôr do sol. Movimento meus dedos na frente do meu rosto e me maravilho com a visão da cor, o sol brilhando entre meus dedos.

Vou baixar minha mão para descansá-la de novo e fico confusa com a textura do meu pneu. É áspero e parece giz ao tocar, e tem grandes buracos na superfície. É quando eu me sento com a coluna ereta e percebo que estou flutuando em um gigantesco cereal Cheerio, e o rio agora é feito inteiramente de leite.

— Isso deve ser ótimo para nossa pele — observo e olho para Max de novo. — Ei, por que é que você ganha o Froot Loop? — quero saber.

— Porque sou mais divertido do que você — Max responde espirituosamente. Ele quebra um pedaço de sua embarcação verde-limão, mergulha-o algumas vezes no rio de leite como uma rosquinha e o enfia na boca. — Humm — ele diz.

— Quer trocar? — pergunto com doçura.

— Nem pensar — Max diz, e agora ele está sentado com a coluna ereta também, porque ele não é bobo.

— É uma pena — respondo e começo a remar como louca na direção dele. Max vai me dar aquele Froot Loop quer ele queira ou não.

Mas não importa com quanta força eu reme, não pareço conseguir alcançá-lo. O rio está ganhando velocidade e de súbito não é mais branco: é leite cor de arco-íris, como se alguém tivesse terminado uma tigela de Lucky Charms e estivesse jogando o leite que sobrou ralo abaixo.

— Max, vai devagar! — grito.

— Não consigo — ele grita de volta, se movendo para mais e mais longe, até ser apenas um pontinho no horizonte, e nós paramos de nos mover totalmente. Abatida, puxo meu Cheerio empapado para a costa e pego no sono com a cabeça apoiada nele, as pernas descansando em uma praia feita de açúcar.

São apenas seios

É seguro dizer que, se você é um estudante na Bennett Academy que precisa de fato terminar alguma tarefa de casa, o último lugar aonde você deveria ir é a biblioteca. É mais social que o refeitório durante o almoço, o pátio principal na segunda-feira de manhã ou a arquibancada no jogo de futebol de sábado à tarde, todos juntos. Na maioria das vezes, os alunos vão para lá e fingem estudar enquanto ficam, na verdade, observando as pessoas, e às vezes eles nem se preocupam em tirar os livros das bolsas. Deixam os bibliotecários absolutamente loucos.

A biblioteca é o último lugar aonde você deveria ir estudar, exceto, é claro, se você tem a disciplina de Max Wolfe. Eu não queria perturbá-lo quando o encontrei sentado em um canto distante do segundo andar, cercado de pilhas de livros de história, a luz da escrivaninha lançando um brilho em seu belo rosto. Mas então ele olha para cima e me vê, e eu me sinto envergonhada por ficar encarando-o.

Oi, ele movimenta os lábios sem falar.

— Oi — digo em voz alta.

Max balança a cabeça com um sorriso e faz um gesto para eu me aproximar.

— Este é o andar silencioso — ele sussurra. — Você quer se sentar?

Assinto e puxo uma cadeira ao lado de sua escrivaninha.

Nenhum de nós diz nada por um momento.

— Temos um problema — finalmente sussurro.

— Eu sei — Max concorda com a cabeça. — Sei que temos muito pra conversar, e prometo que vamos, mas agora mesmo essa prova é a única coisa sobre a qual consigo pensar...

— Não — digo, erguendo a mão para pará-lo. — Não sobre... aquilo. — Porque há muito a dizer sobre aquilo, mas neste momento há coisas mais importantes com que lidar. — Sobre Petermann. Parece que ele... foi preso. — Eu me sinto mal contando isso a ele na véspera de sua prova de história. Depois do nervosismo dele de domingo, isso vai virá-lo de ponta-cabeça. Mas nós temos que descobrir o que vamos

fazer.

— Eu sei — Max diz.

Eu me ajeito na cadeira:

— Você sabe? Como?

Max faz uma pausa.

— Celeste me disse — ele responde, e me afundo de novo.

— É claro — eu digo, me esforçando para deixar meu tom leve. —

Ela contou a você que eu a levei lá? Eu estava só tentando ajeitar as coisas, fazê-la entender.

— Sei que estava — Max diz. — E significa muito. Obrigado.

— E as coisas estão bem entre vocês dois? — pergunto casualmente, fazendo desenhinhos com uma caneta na sua folha de trabalho e me esquecendo por um momento do real motivo pelo qual fui até ali. — Você e Celeste?

— Vamos ver — Max dá de ombros, e meus desenhinhos se transformam em furiosos rabiscos em círculo.

Max estende a mão, e acho que ele pode na verdade fazer carinho no meu rosto, mas, em vez disso, ele tira algo do meu cabelo, o que parece ser um Cheerio seco. *De novo, não*, penso, enquanto o encaro.

— De onde veio isso? — Max pergunta.

— Eu não faço ideia.

Então Max faz algo que me surpreende completamente. Ele começa a rir. Alto.

— Bom, estou tão feliz que pude te entreter! — exclamo.

Max recupera o ar. Então ele fala:

— Eu terminei com a Celeste — ele diz. — Foi então que ela me contou do **cds**.

— Você terminou? — pergunto, olhando para ele e baixando minha caneta devagar. Uma garota com cabelo castanho ralo em uma escrivania alguns passos de distância se levanta, bufando, indignada, enfia os livros na bolsa e se afasta.

— Sim — Max diz. — Terminei.

Não me movo. Não tenho certeza do que isso quer dizer. Ele fez isso por mim? Nós vamos ficar juntos agora, finalmente? Não foi exatamente assim que imaginei o momento na minha cabeça.

— Então isso quer dizer que... — começo a dizer.

— Não quer dizer nada, só que terminei com Celeste — Max diz com gentileza, mas sem rodeios, como se esperasse a pergunta. — Você sabe que me importo com você, Alice, mas até agora esse foi o

semestre mais esquisito da minha vida. Agora, acho que só preciso de um tempo para entender as coisas.

Não, penso, não foi nem um pouco assim que eu tinha imaginado que o momento seria. Mas eu também sei que há coisas mais importantes com as quais lidar. Como a questão da nossa sanidade.

— Então o que você vai fazer? — pergunto. — Sobre os sonhos. Em especial com tudo que Petermann nos contou no domingo, precisamos de respostas agora mais do que nunca. E o cds está cem por cento fechado. As coisas estão ficando cada vez mais esquisitas por aqui.

Max apenas balança a cabeça.

— Eu não sei de verdade.

— Mas você sempre tem respostas para tudo — digo.

— Eu sei — Max diz. — Mas não tenho certeza se tenho respostas pra isso.

Quando entro na cozinha naquela noite, está tocando bossa nova alto no toca-discos, e parece que houve um assassinato em massa de ingredientes de panificação na bancada. Tem uma substância poeirenta cobrindo cada superfície. Açúcar e farinha, cacau em pó, gotas de chocolate e grandes manchas oleosas de manteiga.

Meu pai está parado de avental no balcão, colocando a cobertura em um bolo com a destreza de um pintor mundialmente renomado. Exceto que, quando olho mais perto, vejo que o bolo está totalmente côncavo, e ele está usando a cobertura para colocá-lo no lugar.

— Bom, isso parece um progresso — observo.

— Ha-ha — meu pai diz. — Eu tento tanto, mas nunca acerto.

— Você já considerou simplesmente aceitar o fato de que você não é muito bom com o forno? — pergunto.

Meu pai olha para mim como se eu estivesse maluca.

— Não — ele diz. — Não considerei. E não posso acreditar que você sequer me perguntaria isso. — A seriedade de sua afirmação é mais difícil de aceitar quando ele se vira para mim, e vejo que ele está usando um avental que comprou em Florença, que transforma seu corpo inteiro em uma estátua de mármore nua... de uma mulher.

— Argh, pai, que nojento! — digo, colocando a mão na frente do rosto. — Mas também, é só bolo. Você pode comprá-los, sabe. — Roubo um pouquinho de cobertura com o dedo e a lambo. Está

surpreendentemente saborosa.

— São apenas seios, Alice — meu pai diz, tirando o avental para revelar seu visual padrão de caxemira e veludo cotelê. — Aliás, eu sou um cientista. Você acha que desisto sempre que um resultado não é satisfatório?

— Não — resmungo.

— O que sempre ensinei a você? — ele pergunta, apontando uma espátula coberta de massa para mim, um pouco perto demais.

— Nunca guarde bananas na geladeira; elas estragam mais rápido desse jeito — brinco.

— Outra coisa — meu pai diz, sem morder a isca.

— Sempre responda a todas as perguntas e sempre conclua — digo.

— Exato. Boa garota. — Ele dá um toque no meu nariz com a espátula, deixando um pouco de cobertura nele, e reviro os olhos antes de limpar com o dedo e enfiá-lo na boca.

— A cobertura não está ruim, sabe — digo.

— É só manteiga e açúcar — ele diz. — Se de alguma maneira conseguisse fazer com que esses dois ingredientes ficassem ruins, eu realmente estaria com problemas.

Vou para o andar de cima e tento adiantar alguma coisa da minha tarefa de casa, alguma leitura e uma lista de exercícios para Levy. Mas, mesmo que seja minha aula favorita, não pareço conseguir ficar sentada quieta, e me vejo atraída para uma das estantes de livros embutidas com lindas modelagens de meia-lua no topo. Já explorei os itens dessas estantes dúzias de vezes antes. Há caixas entalhadas, bandejas adornadas com prata e cartões-postais antigos sem nada escrito atrás, mostrando que foram comprados como suvenires e não como meio de comunicação. Puxo uma cadeira para perto e fico em pé em cima para ver o que está na última prateleira, onde descubro uma pequena caixa de tecido. Dentro estão fileiras e fileiras de slides, e um visualizador de slides feito de madeira pequeno e antigo. Baixo a caixa do armário e me sento na cama.

Suponho que estava pensando que talvez só uma fotinho minha de bebê não poderia machucar. Alguma coisa que mostrasse que ela reconhecia minha existência, alguma coisa que sugerisse que ela ainda reconhece. Em vez disso, há fotos de lugares exóticos e paisagens abertas, e animais, animais e mais animais. Girafas e pássaros e tartarugas. Nenhuma pessoa que seja; na verdade, nem sequer uma

foto do meu pai. Exceto uma foto no final, dela. Parecendo exposta ao vento com uma velha camiseta de Harvard e um chapéu de palha, queimada de sol e sorrindo sentada na proa de um pequeno barco de pesca que a está levando aonde quer que ela estivesse indo.

— Rumo à próxima aventura, hein, mamãe? — digo para o slide.
— A próxima pergunta sem resposta.

Então ouço a voz do meu pai na minha cabeça de novo. *Sempre responda todas as perguntas e sempre conclua.* Repito-a algumas vezes na minha cabeça, ainda contemplando minha mãe. Ela com certeza fez isso e, dessa vez, eu iria também. Eu tinha um caminho a percorrer antes de terminar esse experimento.

Chama-se gi

Quando **Gustave Petermann** abre a porta de sua residência exótica com telhado de mansarda, acabando de sair da Porter Square, eu deveria estar mais surpresa de vê-lo vestido da cabeça aos pés com uma roupa de caratê, mas não estou. Também não posso deixar de notar a grande tornozeleira preta presa à sua perna esquerda.

— Alice — ele diz, parecendo alarmado, arrumando o pedaço de tecido amarrado em sua testa. — Como você me encontrou?

— A internet — digo, antes de entrar no assunto. — Você nem sequer estava planejando nos contar? E por que está vestindo um quimono?

Petermann parece desconfortável.

— Chama-se gi. Ouça, agora realmente não é uma boa hora — ele diz, não me convidando para entrar. — Meu sensei está aqui, e Yoshi não gosta de interrupções.

— O que houve? — pergunto, ignorando-o.

— Não estou legalmente autorizado a discutir isso — Petermann diz. — Segundo aconselhamento de Yoshi.

— Yoshi, seu sensei? — pergunto.

— Ele também é meu advogado — Petermann responde, como se eu fosse muito lenta para acompanhar. — Dois pássaros com a mesma pedra, perdão pelo uso da expressão, dadas as circunstâncias.

Sinto uma súbita vontade de arrancar sua faixa do cabelo e estrangulá-lo com ela. Por que ele não está levando isso mais a sério?

— Mas e Max e eu? — pergunto. — Precisamos de você. Você mesmo nos disse que estamos sob risco de perder nossa sanidade, e então você nos abandona!

— Alice, isso tudo é um mal-entendido bobo — Petermann diz, espiando atrás de si com nervosismo. — Vai ser resolvido depressa, e poderemos voltar para nossos negócios como sempre, prometo. Acho que estamos muito perto de uma descoberta incrível.

— Dr. Petermann, os jornais dizem que você tinha mais de vinte espécies de pássaros raros decorando as paredes do seu sótão em gaiolas! — Digo.

— Yoshi Yamamura é um dos maiores advogados criminalistas de

Massachusetts — Petermann diz. — Se ele não conseguir fazer com que retirem as queixas, não sei quem consegue. Agora, se você me der licença, tenho que voltar à minha lição. Vejo você em algumas semanas, Alice. De jeito nenhum você vai ter enlouquecido até lá. Confie em mim.

Petermann fecha a porta na minha cara, e ouço o som de uma flauta sombria ser retomado na casa. Fico parada ali por um segundo, pensando que as garantias de Petermann não são reconfortantes.

— Nem pensar — digo em voz alta. E então começo a bater na porta de novo. Bato mais e mais alto, mas o som da flauta apenas aumenta de volume. Depois de um tempo, minha mão começa a doer e algumas pessoas na calçada estão me encarando, então não tenho escolha senão desistir. Estou quase terminando de passar pela entrada da garagem quando ouço a porta da frente se abrir; uma mulher enrolada em um cardigã de caxemira verde e leggings preta sai em disparada atrás de mim.

— Espere! — ela grita. — Espere, por favor. — Quando paro, confusa, ela fala primeiro. — É Alice, certo? Alice Rowe?

Em resposta, sou apenas capaz de concordar com a cabeça. Sinto uma desesperança específica crescendo dentro de mim e estou certa de que lágrimas virão a qualquer instante.

— Sou Virginia Petermann — ela diz. — Esposa de Gustave. — Ela estende a mão e eu a aperto devagar.

— Ouvi tudo sobre você — ela diz. — Esse projeto, o trabalho com Max e você, isso tudo revigorou Gustave em relação à sua pesquisa. A possibilidade de tudo isso... você não sabe o quanto significou.

— Ele tem um jeito engraçado de mostrar — digo, dando uma fungada.

— Bom, esse é o negócio do Gus — Virginia prossegue. — Eu já queria matar meu marido na maior parte tempo, mesmo antes de descobrir que ele estava colocando mais papagaios no sótão e me dando respostas vagas sobre de onde eles vinham, mesmo antes de ele ser preso e mesmo antes de ele contratar aquele advogado ridículo que vem todo santo dia com sua flauta. Mas não posso matá-lo, porque eu o amo. Mesmo que esse homem passe oitenta por cento da sua vida acordado em roupas esportivas. Mesmo que tenha um baú inteiro de gavetas cheias de suéteres de caxemira que eu compro para ele no Natal, na esperança de que uma vez, só uma, ele talvez os use para ir ao escritório, em vez de uma mistura de poliéster com lycra. Então

vou ajudar você.

Encaro essa Virginia Petermann, com seu cabelo curto e fino e seu suéter fofo, suas botas delicadas com apenas uma borda fina de lã.

— Como você pode me ajudar? — pergunto.

— Porque eu sei com quem você precisa falar — ela diz, como se fosse óbvio.

Nesse momento, atrás de Virginia, vejo uma cortina ser fechada com uma sacudidela, e subitamente Petermann está saindo pela porta, correndo em suas roupas de caratê e um par de *duck boots* da Il Bean.

— Virginniaaaaaaa! — ele grita enquanto dá largos passos até ela.

— Você está atrasado, Gus! — Ela se vira, praticamente gritando. — Já contei a ela sobre Margaret Yang. — Virginia se vira de volta para mim. — Margaret Yang é a pessoa que fez isso — ela diz empolgada e depressa. — E ela pode consertar tudo. Ela trabalha no Wells College, no Maine.

— Fez o quê, exatamente? — pergunto, olhando para os dois. Então pergunto para Petermann: — Do que ela está falando?

Petermann embaralha os pés.

— Conte a ela, Gus — Virginia diz.

Petermann não diz uma palavra.

— Gustave Louis Petermann, você vai dizer a essa garota o que ela precisa saber ou vou sair pela porta e nunca mais vou voltar. E adivinhe só, você tem um monitor no tornozelo que diz que você não pode passar da calçada da frente, então você não vai conseguir me achar dessa vez!

Dessa vez. De alguma maneira, não me surpreende que dr. Petermann não seja uma pessoa fácil de se conviver.

— O que Margaret Yang faz? — tento de novo.

Petermann suspira como uma criança petulante.

— Margaret Yang tinha acabado de começar como auxiliar de pesquisa anos atrás, quando você e Max vieram pela primeira vez ao **cds** — ele diz. — Ela era brilhante. A aluna mais brilhante que eu já tinha conhecido. E fui negligente ao não admitir na época, mas eu não conseguia acompanhá-la. Ela parecia entender mais do que apenas o cérebro, ela entendia a *mente*. Ela a entendia de uma maneira que eu não conseguia. E isso me afligia — Petermann olha para longe por um momento, como se lembrasse de demônios passados. — Ouvi rumores de que Margaret estava conduzindo algumas práticas pouco ortodoxas no laboratório e a demiti do programa — ele diz. Então ele nota o

olhar que a esposa está lançando a ele. — O quê, Virginia? O que mais se tem para dizer?

— Talvez alguma coisa parecida com “eu sinto muito” — ela diz, seu tom se suavizando enquanto ela descansa uma mão em seu antebraço. Petermann range os dentes por um momento, antes de inspirar.

— Certo, eu sinto muito. Eu deveria tê-la mantido, deveria ter pedido que ficasse e trabalhasse comigo, mas eu tinha inveja. Fui egoísta e competitivo. E suponho que ainda seja. De outra forma, eu já teria entrado em contato com ela. Nisso, Petermann toma minhas duas mãos nas dele.

— Alice, eu sinto muito. Quando você veio naquele dia, busquei você e Max no sistema e vi que vocês dois estiveram sob o cuidado de Margaret. Eu sabia que ela deveria ter algo a ver com seus sonhos, mas, em vez de lhes dizer como encontrá-la, quis resolver eu mesmo. Desculpe-me, Alice. Sei que tudo que você queria eram respostas.

Preciso de um momento para entender completamente o que estou ouvindo.

— Você já teria entrado em contato com ela porque... — Petermann é paciente. — Porque Margaret Yang é a mulher que fez isso com você e Max, Alice. Ela é o motivo pelo qual vocês sonham um com o outro. Ela tem que ser. E ela é a única pessoa que pode consertar isso.

17 de outubro

Estou pensando que é um erro imenso o Public Garden não oferecer mais passeios de barco de cisne à noite, porque é aqui que estou neste momento, cruzando o lago sob as estrelas. A linha do horizonte de Boston olha para mim de cima, como uma família olha para um recém-nascido, e é bastante espetacular. Para todos os lugares onde lanço meu olhar, em todas as margens do lago, há cerejeiras. Suas flores são de um tom de rosa tão brilhante que poderiam muito bem ser elétricas. É aí que percebo que elas são elétricas. As árvores em si não estão com pétalas, mas sim com luzes de Natal rosa-shocking, lançando-nos em um brilho róseo.

Eu me viro para apontar isso para Oliver, mas Oliver não está ali. Max está.

— Oi — é tudo que ele diz, e avança para pegar minha mão. Meu corpo inteiro derrete enquanto me preparo para ele me puxar contra o seu peito, deixando uma mão descansar na base do meu pescoço, no meio do meu cabelo.

Quero envolver meus braços em torno de sua cintura e descansar a cabeça logo abaixo do seu queixo. Eu senti tanto a sua falta.

Mas logo antes de a mão de Max tocar a minha, ele se afasta.

— O quê? — pergunto.

— Você sentiu isso? — ele pergunta, encarando sua mão como se não pertencesse a ele.

— Não? — digo, confusa, e me movo para tocá-lo. Mas, dessa vez, sinto de fato. É como se nossos corpos fossem dois ímãs que se repelem. Não consigo me aproximar o suficiente.

Deixamos nossas mãos descansar nas laterais de nossos corpos e nos encaramos, confusos.

Pela primeira vez, olho para a frente e vejo que o barco de cisne não é como o que Oliver e eu tomamos no outro dia. Está sendo pedalado por um cisne de verdade, gigantesco, com penas macias e luxuosas. Eu me estico e toco seu pescoço, como se fosse um pônei.

Nisso, o cisne se vira.

— Obrigado — ele diz. — Isso é gostoso.

— De nada — digo em resposta. — Você é muito educado.

— E você tem muita habilidade coçando costas — ele diz.

— Será que devemos ir encontrá-la? — o cisne pergunta.

— Encontrar quem? — digo.

— Margaret Yang, é claro! — o cisne explica, pausando por um momento para bicar suas penas. — É a única maneira de consertar tudo.

Olho para Max, sentado longe demais, e ele apenas concorda com a cabeça.

— Vamos lá consertar — ele diz. Sua expressão está séria e grave.

— Amanhã? — pergunto.

— A primeira coisa — ele responde. — Alice?

— Sim, Max?

Mais uma vez ele tenta me alcançar e me tocar, e mais uma vez sua mão não consegue romper a barreira.

— Eu não gosto disso — ele diz.

— Eu também não — digo.

— Amanhã — ele repete. — A gente se vê logo.

— A gente se vê logo — digo.

Rio de Janeiro, trinta e cinco quilômetros

— O que está acontecendo? — meu pai pergunta, mostrando, atipicamente, que está de fato prestando atenção.

— Nada — digo, olhando para ele sem expressão por cima de minha xícara de café.

— Seu joelho está tremendo e está balançando a mesa inteira. Estou tentando fazer as palavras cruzadas. O que está acontecendo?

— Não está acontecendo nada — digo. — Só estou com algumas coisas na cabeça. — *Como será que Max vai aparecer hoje? Será que o plano que fizemos com o cisne está de pé?* Penso em mandar uma mensagem de texto e perguntar, mas desisto. Não soube mais dele desde nossa conversa na biblioteca. Sim, havia algo se metendo entre nós no sonho de ontem à noite também.

Mas o quê?, penso enquanto encaro o espaço vazio.

— Você está fazendo de novo — meu pai diz. — A coisa da perna. Por que você não leva Jerry para um passeio? Ele tem essa habilidade incomum de pegar no sono no meu pé e precisa muito de exercício.

Me esforço para guiar Jerry para longe do Public Garden, porque parece um pouco engraçado ir lá logo depois de ter sonhado com o lugar, mas Jerry não aceita nenhuma outra coisa, me arrastando pelos portões como uma daquelas máquinas de alisar gelo, mas peluda.

De imediato, ele ginha sem parar para o lago e começa a farejar metodicamente a margem, como se estivesse rastreando algo. Aquele pato, provavelmente.

E é aí que eu vejo. Um pequeno cisne, flutuando sozinho na água cerca de vinte passos de distância. E ele está me encarando direto nos olhos.

Encaro de volta com curiosidade. O que ele provavelmente está fazendo é olhando Jerry, a besta peluda de caça ao meu lado, após ter testemunhado o fiasco do pato no exato mesmo lago uma semana atrás.

Mas é aí que o cisne pisca.

Não tem como negar.

E sei que é um sinal. Tenho que ir para o Maine encontrar Margaret Yang. Com ou sem Max.

Mas o Volvo de Max está estacionado em fila dupla na frente da minha casa quando Jerry e eu retornamos, e Max está esperando na varanda, segurando quatro cafés.

— Eu não sabia de que tipo você gostava. — Ele dá de ombros enquanto subo. — Então eu só peguei... todos.

Tento me controlar, mas não consigo deixar de sorrir de orelha a orelha.

— O quê? — ele pergunta.

— Nada. — Balanço a cabeça. Ele falou sério. Ao concordar em vir. O que quer dizer que ele também falou sério no sonho quando disse que odiava não poder me tocar. — Como é que nós vamos tomar tudo isso?

— Bom, nós aparentemente vamos ter ajuda — ele diz.

— Oiieee — Sophie guincha enquanto sai correndo da casa como um esquilo voador, quase me lançando no chão. Então ela se afasta de mim e olha para meu rosto surpreso.

— Ai, meu Deus, eu sabia. Eu estava acabando de dizer para o seu pai. Eu estava tipo: ela esqueceu completamente que eu viria neste final de semana. Você esqueceu mesmo, não esqueceu?

— Ahn — começo a dizer.

— Mesmo que sim, mente pra mim — ela sugere.

— Eu não esqueci? — tento.

Sophie deixa escapar mais um guincho e me abraça de novo, pulando para cima e para baixo e parando para arrumar os óculos quando eles quase caem do seu nariz. Ela está com as bochechas rosadas e o cabelo liso castanho brilhante. Eu me esqueci de quanta luz ela emite sem sequer tentar.

— Conheci esse aí, aliás — ela diz, acenando para Max com a cabeça. Então ela se aproxima e sussurra, alto demais: — Muito mais gato do que você tinha dito.

Eu balanço a cabeça com vergonha, e Max finge não ouvir e toma um gole de café para esconder o sorriso.

— Ah, olá, Gerald — Sophie diz então, lançando um olhar para Jerry e olhando para longe com desdém.

— Você sabe que esse não é o nome dele — eu a censuro.

— Talvez eu não me importe — Sophie bufa.

Reviro meus olhos e me viro para Max.

— Sophie odeia Jerry porque ele comeu sua boneca Barbie favorita quando éramos pequenas — digo. — E ela nunca o perdoou.

— Por que eu perdoaria um animal babão com nenhum autocontrole ou senso de decoro? — Sophie coloca uma mão no quadril. — Num minuto, a Barbie tinha uma cabeça e um rosto; no outro, nós estávamos monitorando os movimentos intestinais dele em busca de sinais de cabelo loiro para nos certificar de que tinha *sai*do. — Ela treme.

— Tome cuidado com o que você diz sobre o Ursinho Jer — ouço alguém dizer, e me viro para encontrar Oliver na calçada, montado em seu Segway como um cavaleiro moderno.

— E o que está acontecendo aqui exatamente? — Sophie pergunta. — Dezesesseis anos com uma alma de setenta? Minha avozinha tem um desses. O dela é rosa-shocking. Poderiam levá-los no encontro romântico de vocês dois.

— Não pode zoar até experimentar — Oliver diz. — O que nunca vai acontecer com você, porque, com essa atitude, nunca vai andar nele.

Sophie suspira, como se tivesse acabado de receber um tapa com uma luva, e eu aproveito a oportunidade para interromper.

— Certo, pessoal, Max e eu na verdade tínhamos um plano pra hoje. — Eu me viro para ele, subitamente nervosa. — Só para confirmar: você está aqui por causa disso, não é? — pergunto. — A viagem de carro?

Max se levanta, caminha até mim, parecendo confuso.

— É claro que é por isso que estou aqui. Eu disse que estaria aqui, não disse?

Não consigo deixar de relaxar, soltando um suspiro de alívio, e Max aperta meu ombro, o que me deixa o oposto de relaxada outra vez.

— Viagem de carro! — Oliver exclama, esfregando as mãos. — Aonde estamos indo?

— Nós — Max diz, apontando para ele próprio, para Sophie e para mim — vamos para o Maine. Pra onde você vai, eu não faço ideia.

Espero Oliver responder algo engraçadinho, alguma coisa para sair por cima. Mas, em vez disso, ele faz algo que nunca o vi fazer. Ele baixa a guarda e parece chateado de verdade enquanto se vira para subir novamente no Segway.

— Ah — ele diz. — Tudo bem.

— Quer saber? — anuncio. — Acho que temos lugar para mais uma pessoa.

— Temos? — Max pergunta surpreso, erguendo as sobrancelhas.

— Temos — digo, me virando para lhe lançar um olhar.

— Tanto faz — Max resmunga. — Desde que eu esteja dirigindo...

Acontece que Max Wolfe é um grande fã da Motown, e eu estaria mentindo se dissesse que não me pegou de surpresa. Mas, enquanto atravessamos a estrada interestadual I-95 no sentido do Maine, percebo que faz sentido. Como Max, a Motown é clássica. É um pouco reservada, mas ainda sabe como divertir.

— Eu não sabia que você gostava desse tipo de coisa — digo.

— É bom de ouvir enquanto dirijo — Max explica. Ele parece relaxado de verdade hoje. Estamos dirigindo há cerca de quarenta minutos para fora da cidade, e as folhas estão completamente em chamas. Amarelo-limão, vermelho cor de carro de bombeiro e um tom alaranjado reservado apenas ao refrigerante de laranja mais barato que você conseguir encontrar.

— Queria que elas continuassem assim o ano todo — digo com melancolia.

— Eu também — Max concorda. — Mas então não teríamos neve... ou verão.

— Você tem razão — digo e deixo minha cabeça cair para trás no assento enquanto ouço Sophie e Oliver implicando um com o outro atrás de nós.

— Só estou dizendo, sem querer ofender, mas acho que tenho uma chance sólida de assumir seu posto no quesito melhor amizade até o final do ano letivo — Oliver diz. — Quer dizer, há quanto tempo você conhece Alice, aliás?

— Ah, só, tipo, minha vida *inteira* — Sophie responde. — Mas o que é isso comparado a conhecê-la por nem sequer dois meses?

— Estou sentindo um pouco de hostilidade vindo de você agora, Sophie, e tenho que dizer que isso é meio atraente — Oliver diz. — Mas ainda vou precisar de mais evidências de amizade.

— Alice e eu temos uma brincadeira antiga em que fingimos ter clones uma da outra com quem a gente passa o tempo quando não estamos por perto, porque isso é o quanto nós sentimos saudades

quando não estamos juntas. Você consegue derrotar isso? — Sophie pergunta.

— Vocês sabiam que uma mulher na Inglaterra acabou de clonar seu cachorro dachshund? É verdade. Eu li a respeito — grito para eles.

— Claro que você leria algo como isso — Max se intromete. Ele estava tão focado na estrada que eu nem tinha percebido que ele estava ouvindo.

— Eu gostaria é de clonar *essas duas* senhoritas — Oliver diz.

— Nos seus *sonhos* — Sophie atira de volta. Então ela para por um segundo, pensando. — Acho que essa frase contém um pouco mais de significado nessa plateia.

— Bom, eu conheço Alice há mais tempo do que qualquer um dos dois, então vençam essa — Max diz. E o carro cai em um silêncio desconfortável.

— É, mas só em um universo paralelo dos sonhos, então não tenho certeza se isso conta — Sophie diz.

— Falando em universo paralelo, você acabou de ver aquela placa? — Max diz baixinho para mim. — Rio de Janeiro, trinta e cinco quilômetros.

— Não é possível — digo. — Não tem Rio de Janeiro no Maine.

— Eu sei — Max diz, olhando para mim incisivamente. — Esse é o problema. Nós talvez vamos ficar totalmente perdidos porque nossas mentes estão sonhando com placas alternativas.

Mas estou pensando em outra coisa.

— Então, aquela vez na cafeteria, quando perguntei a você da Amazônia... você se lembrava, certo?

— Claro que sim — Max diz. — Você estava tão triste naquela semana. Sentia uma saudade louca do seu pai. Eu estava tentando tudo que podia para deixar você feliz. As bananas fritas foram as primeiras coisas que funcionaram.

— Eu sabia — digo, um pouco sonolenta.

— Você está pegando no sono, não está? — Max pergunta.

— Aviões, trens e carros — consigo murmurar. E, quando estou quase fechando os olhos, vejo a coisa mais esquisita de toda a minha vida, desde que minha realidade e os sonhos começaram a vazar. Uma motocicleta acelerou ao lado do carro, e Jerry está na direção, com um buldogue menor no carona. Estão usando pequenos capacetes e óculos. Jerry está preto, e o cachorro menor é rosa-shocking. Eles se viram e me encaram por um segundo antes de acelerar até sair de

vista de novo.

Gosto das suas alpacas

A primeira coisa que faço quando acordo no banco do carona da caminhonete de Max, além de notar quão lindo é o ambiente ao meu redor, com apenas áreas agrícolas verdes, paredes de pedra e exóticas casas cobertas de ripas, é me perguntar por que há um camelo usando um chapéu peludo me olhando pela janela. A segunda coisa que faço é notar que estou totalmente sozinha.

— Alpacas têm que ser um dos animais mais ridículos da face da Terra — ouço Sophie dizer enquanto saio do carro e me junto ao resto do grupo, onde estão se apoiando contra uma grande cerca de madeira, espiando um campo. — Ele precisava de uma pausa — ela acrescenta, apontando para Max, que está se alongando.

Encarando-os e parecendo mais ou menos curiosos está um pequeno grupo de alpacas, ruidosamente mastigando grama. Elas se parecem mesmo muito com lhamas, exceto que o pelo delas está tosquiado, então elas parecem estar usando enormes e peludas calças boca de sino e, nas partes de cima, elas têm chiques penteados *bouffant* com cabelos crespos.

— Elas meio que parecem estrelas pop dos anos 1980 — Oliver observa.

— Não acho que gostam da gente — digo.

— Isso é provavelmente porque Sophie as insultou — Max sorri com afetação.

— Max Wolfe acabou de fazer uma piada? — Oliver acena suas mãos na frente do rosto de Max e então diz em voz alta: — *Max, você está aí dentro? Você consegue nos ouvir?* Ou seria esse o começo de um filme tipo *Os invasores de corpos*?

— Cala a boca — Max diz de maneira brincalhona. Então, com uma voz profunda e assustadora que surpreende a todos, ele diz: — *Ou você será o primeiro a morrer!*

— Outra piada! — Oliver grita. — Agora isso está ficando bizarro. — Oliver ainda está rindo quando cai de cara no chão, e então Max é quem está rindo.

— Cara, você me deu uma rasteira? — Oliver diz do chão, e ele não parece estar contente.

— Relaxa — Max diz. — Eu estava só de brincadeira. Vou ajudar você a levantar. — Ele estende uma mão para Oliver, que se move para pegá-la, mas, em vez disso, puxa Max para a grama com ele.

— O quê...? — Max grita.

E, de repente, os dois estão se engalfinhando.

— Que maturidade, Healy! — ouço Max grunhindo.

— Olha quem fala, Wolfe! — Oliver zomba de volta. — O que você está querendo provar?

— Eles estão bem? — Sophie pergunta, caminhando para o meu lado.

— Acho que sim — digo. — Acho que são só uns idiotas. Eles têm um histórico.

Então ouvimos uma voz atrás de nós que fez Oliver e Max erguerem as cabeças do chão.

— É melhor que vocês dois parem de bobagem. Estão assustando as crianças — a voz diz. Nós nos viramos para encontrar um homem idoso com cabelo grisalho, um suéter azul-marinho e botas de borracha altas caminhando até nós. Ele está apontando na direção do campo, e é quando percebo que “crianças” são as alpacas.

— Desculpe, senhor — Max e Oliver se levantam de imediato, esfregando os joelhos, como soldados chamados por seu general, o que é divertido, já que esse homem não bate nem no queixo deles. Mas tem algo nele, uma presença inegável. Faz você ouvir com atenção.

A única pessoa que não parece estar intimidada, é claro, é Sophie.

— Você é o Alfred? — ela pergunta, espiando para a placa que diz **Fazenda de Alpacas do Alfred.**

— Sou — Alfred responde.

— Gosto das suas alpacas. — Ela sorri, como se elogiasse suas botas.

— Obrigado, mocinha. — Alfred sorri de volta. — Vocês estariam interessados em uma visita guiada?

Apesar de estarmos em uma missão, nenhum de nós diz que não.

Descobrimos que alpacas não são apenas divertidas de olhar, elas são bastante úteis. Seguimos Alfred pelas colinas de sua propriedade, passamos por sua casa coberta de ripas brancas e com uma gigantesca varanda que circunda toda a construção; então entramos em um grande celeiro vermelho, enquanto ele compartilha conosco os

segredos de seu negócio. Aprendemos que fibra de alpaca é três vezes mais quente que lã de ovelha, e muito mais fina. Aprendemos que há dois tipos de alpaca: Suri, que vem em uma imensa variedade de cores e tem pelo mais encaracolado, e Huacaya, que é a raça mais comumente encontrada nos Estados Unidos. Cada um de nós espera por nossa vez no tear para transformar fibra em fio.

— Fiz isso pra você — ouço Oliver dizer para Sophie sob as vigas pesadas do celeiro, estendendo um pedaço de fio de lã que ele acabou de tecer. Sophie responde dando umas risadinhas e indo embora, mas não sem antes levar o pedaço inútil de fio com ela, e não consigo deixar de erguer uma sobrancelha para isso tudo.

A melhor parte é que até conseguimos fazer carinho em uma alpaca ou duas, e estou quase dando adeus a uma muito gentil chamada Mildred, quando olho para o lado e vejo Max, praticamente colado nariz com nariz com outra alpaca, sussurrando coisas fofinhas para ela. Ele me vê sorrindo para ele e pigarreja, dando um último carinho rápido na cabeça dela antes de caminhar na minha direção.

— O quê? A gente tinha uma conexão — ele diz.

Meu coração não consegue deixar de inchar com a visão de Max. Este é o Max que conheço e amo. Aberto e relaxado e feliz. Vou descansar uma mão nas costas dele, mas a afasto quase de imediato, insegura do que é apropriado agora. Max me lança um olhar que não consigo decifrar.

Eu queria que as coisas fossem mais simples. Que esse fosse só um dia normal, passando tempo com amigos em uma fazenda de alpacas normal. E Max fosse meu namorado normal, com quem eu não sonhasse. Eu queria que Sophie morasse aqui. Queria não ter visto meu cachorro passar de motocicleta hoje. Queria que não estivéssemos perdendo nosso controle da realidade.

Encontramos Alfred, Oliver e Sophie parados na varanda. Sophie está segurando um lindo suéter cor de creme que acabou de comprar, e Oliver está segurando uma caixa de biscoitos de açúcar em formato de alpacas.

— Sinto muito, Mildred! — Oliver choraminga, antes de comer a cabeça de um dos biscoitos. — Mas você é deliciosa. O quê? — ele pergunta entre mordidas quando nota a maneira como estou olhando para ele.

— Nada — digo, quebrando uma perna de alpaca do biscoito enquanto nos voltamos para a rota principal. — Só estou feliz. Queria

que pudesse ser sempre dessa forma.

— Por que não pode? — Oliver parece confuso de verdade.

— Porque as coisas estão prestes a mudar — respondo.

— Não se não deixarmos — Oliver dá de ombros como se tudo fosse tão simples, e eu queria que fosse.

— Então, quão distantes estamos da universidade? — pergunto a Max quando entramos de volta no carro.

— Só cerca de dez minutos — ele responde, olhando para o Google Maps no celular. — Então devemos ter respostas logo, logo. — Um sentimento de tristeza sobe pela minha garganta. Depois de encontrarmos Margaret, nada mais vai ser igual.

Mas, enquanto dirigimos pelo campus da Wells College, começo a relaxar. É impressionante de linda, uma abundância de caminhos se entrelaçando em torno de impecáveis construções de tijolos e gigantescas árvores frondosas, e tudo isso descansando sobre vastos e bem cuidados gramados. Um pequeno refúgio acadêmico perfeito.

Pelo menos, à primeira vista.

— Temo que não possa ajudá-los em relação a isso — Doreen McGinty diz entre tiras de chiclete sobre sua escrivania no centro da faculdade. Já tentamos o escritório de Margaret Yang na ala de biologia, e estava trancado, e agora estamos esperando que Doreen possa nos fornecer um endereço residencial. O cabelo de Doreen é tão comprido quanto é cheio de permanentes, como se não tivesse mudado desde o final dos anos 1980.

— Ela meio que parece uma alpaca — Max murmura para nós, enquanto Doreen masca seu chiclete, e ponho a mão sobre minha boca para segurar uma risada.

— Nenhum endereço pessoal pode ser dado a alunos, política acadêmica. Minhas desculpas mais sinceras — Doreen explica. Mas ela não soa muito sincera.

— Mas não somos alunos! — Sophie aumenta o tom da voz, tentando ajudar, e o resto de nós resmunga.

— Então eu definitivamente não posso lhes dar a informação — Doreen diz.

— E quem sabe quando ela está no escritório? — Max tenta. — Pode nos dizer isso?

— Isso eu poderia informar *se fossem* alunos, mas não posso lhes dizer se não são — Doreen responde.

— Doreen — Oliver diz, aproximando-se e estendendo um braço casualmente ao longo de sua mesa. — Deixe-me fazer duas perguntas a você. Um: alguém já lhe disse que você tem uma espantosa semelhança com a princesa Diana quando jovem? Porque você tem, Doreen. E dois: hipoteticamente, se você fosse um grupo de alunos que não estivesse tecnicamente matriculado no momento... — Ele faz pequenas aspas com as mãos.

— Então não são alunos — Doreen diz sem expressão.

— Por uma técnica — Oliver diz. — De qualquer forma, se fosse... como você faria para encontrar um professor?

— Claro, posso ajudar vocês com isso — Doreen diz, buscando alguma coisa entre papéis na escrivaninha.

— Eu sabia que poderia, Doreen — Oliver pestaneja.

Doreen despeja uma grossa pilha de panfletos sobre a mesa.

— Candidaturas para matrícula — ela declara. — Preencham isso, e posso responder às suas perguntas quando entrarem ano que vem.

Quinze minutos depois, estamos sentados em um banco do lado de fora de um café no centro de Wells, nos sentindo totalmente desesperançados.

— Meu charme sempre funciona com a assistente do reitor Hammer — Oliver diz, aturdido. — Faça referência a uma figura pública atraente dos anos 1980 ou 1990, então lance seu pedido. *Boom!*

— Não estamos mais no Kansas — digo. — Estamos no Maine.

— Talvez você devesse tentar de verdade trabalhar pelo que quer no lugar de ficar fazendo joguinhos o tempo inteiro — Max diz. Eu lhe lanço um olhar que diz *uau*, e ele só dá de ombros.

— Me deixa, Wolfe — Oliver responde. — Não vejo você fazendo qualquer coisa para resolver a situação.

— Eu adoraria fazer isso, Healy, mas você sempre parece estar se metendo no meu caminho — Max diz.

— Como eu posso sequer me meter no seu caminho quando você passa a maior parte do tempo fingindo que não existo? — Oliver quase zomba, e Max fica quieto.

— Não finjo que você não existe — Max diz afinal. — Nós nos

distanciamos. Nossas vidas estão diferentes do que costumavam ser.

— Você me largou, cara — Oliver diz. — Não tente negar. Nós nem estaríamos juntos agora se não fosse pela Alice. — Em resposta, Max parece ferido. Consigo ver que ele sabe que Oliver está meio que certo.

— Então o que vamos fazer? — pergunto, quebrando a tensão.

— Nós podemos tentar o escritório dela amanhã. — Oliver dá de ombros. — Ou ir ao refeitório durante o jantar e perguntar por lá.

— Mas onde vamos ficar hoje à noite? — pergunto.

— Quem sabe na fazenda do Alfred? — Sophie diz. — Ele tem aquela casa grande e antiga. Acho que pode ser também uma pousada tipo *bed and breakfast*.

— Mesmo? — Oliver parece cético.

— No Maine, tudo é um *bed and breakfast* — Sophie diz com convicção.

Nós nos amontoamos de volta no carro com os ânimos levemente melhores, mas nos encontramos de volta à estaca zero quando o motor não liga.

Estou prestes a fazer uma sugestão sobre um caminhão de reboque quando noto quão rígida se tornou a postura de Max e escolho ficar em silêncio. Oliver infelizmente não nota a dica.

— É isso o que acontece quando você dirige este lixo — ele resmunga no banco de trás. — Este carro é mais velho do que nós.

Sophie está digitando furiosamente no celular, e eu ainda estou observando Max, esperando que ele exploda.

— Era para ser da minha irmã — Max diz, entre dentes.

Oliver esfrega a testa por um segundo e suspira.

— Desculpe, Max. Eu não sabia.

Max se vira.

— Eu dirijo este lixo porque era para ser da Lila. Você se lembra da minha irmã? Ela costumava cuidar da gente todos os dias depois da aula, até que ela morreu?

A expressão de Oliver não vacila. Ele só fica sentado ali, ouvindo.

— Eu me lembro — é tudo que ele diz.

— Então, me desculpa se eu larguei você, *cara* — Max diz. — Mas eu tinha que seguir em frente com a minha vida. Fazer alguma coisa além de jogar videogame com você todos os dias e jogar balões de água da sacada do seu quarto. Eu sinto muito se você ficou para trás, mas também sinto muito que você não tenha conseguido crescer.

Espero Oliver gritar de volta, começar algo, mas ele não começa. Ele apenas concorda com a cabeça.

— Tem razão — ele diz. E então diz de novo: — Me desculpe.

Max gira a chave mais algumas vezes, implorando para a caminhonete ligar e, quando não liga, ele apenas apoia a cabeça na buzina, acompanhando o barulho com lamentos dolorosos. Relutantemente, coloco uma mão no seu ombro, e ele não a afasta. Ele apenas levanta um pouco a cabeça do volante, inclinando-a para o lado para poder me olhar, seus olhos implorando.

— Está bem — digo. — Tudo vai ficar bem. — Eu nunca o vi dessa maneira antes.

— Eu só quero resolver isso — ele diz. — Eu só quero que tudo fique direito de novo. Na vida e... com a gente.

— Eu sei — digo.

— Bartholomew Burns! — Sophie berra do banco de trás. Todos nós nos viramos e olhamos para ela.

— Como é? — Oliver pergunta.

— O quanto vocês todos me amam? — Sophie anuncia, balançando seu celular no ar como se fosse um bilhete dourado Wonka.

— Isso depende — digo. — Margaret Yang está dentro desse celular?

Sophie balança a cabeça.

— Bartholomew Burns — ela diz de novo.

— Bartholomew Burns, seu antigo tutor de latim? — pergunto. — O cara que usava a cruz com um Jesus Cristo removível?

— É verdade, ele realmente usava um colar com um Jesus Cristo destacável — Sophie explica com calma. — Às vezes ele gostava de usar uma cruz com Jesus, às vezes não. Mas isso foi só uma fase e, de qualquer forma, ele conseguia mais do que me aguentar, se você entende o que quero dizer. — Ela levanta e baixa as sobrancelhas.

— O que isso tem a ver com qualquer coisa? — Max pergunta. Sophie revira os olhos.

— Porque eu postei uma selfie de mim e Mildred, a alpaca, na fazenda de Alfred hoje e Bartholomew a viu, e acabou que ele estuda aqui! — Os olhos dela se iluminam como se fizessem *tcharam*. — Então ele me mandou uma mensagem, e eu disse o que estava acontecendo... bom, só um pedaço... as partes não esquisitas... e ele disse que podemos passar a noite com ele se quisermos, no dormitório

dele! Tipo metade do andar dele está fora da cidade.

A tensão se alivia no carro como a pressão se ajustando dentro de um avião.

— Bom trabalho, Soph! — digo, batendo na mão dela em um *toca aqui*. — Essa é uma ótima ideia.

— Só tem um problema. — Ela faz uma careta. — Ele disse que estão dando uma festa imensa hoje à noite... ele espera que a gente não se importe.

Com a palavra *festa*, os olhos de Oliver se iluminam.

— Suponho que poderíamos comparecer — ele diz.

Conforme nos levantamos para irmos em direção ao dormitório de Bartholomew, olho para trás e vejo Max, que está olhando para o carro com uma expressão esquisita.

— O que houve? — pergunto.

— Eu poderia jurar que ele acabou de piscar seus faróis pra mim — Max diz.

— Você só está cansado — digo.

— Não. — Ele franze a testa. — Eles piscaram. O que seria esquisito, mesmo que a bateria não estivesse arriada. — O tom de sua voz está estranho, como se ele estivesse muito, muito longe.

Então, sem nenhuma explicação racional e ninguém atrás do volante, o carro buzina.

Max olha para mim, desamparado.

— Isso está ficando muito esquisito, Alice. Temos que fazer parar.

Olho para ele, seu cabelo desgrenhado e uma expressão selvagem nos olhos. O que vai acontecer se não conseguirmos fazer parar? Será que Max vai entrar no modo piração completa?

Mas, também, o que vai acontecer se conseguirmos fazer parar?

Seu cachorro é muito sortudo

Segundo meu conhecimento muito básico da vida social universitária, que adquiri inteiramente de pérolas do cinema moderno como *O clube dos cafajestes* e *Dias incríveis*, parece haver uma série de maneiras infalíveis de dar uma festa decente. A lista inclui coisas como uma banda legal, alunas pouco vestidas, quantidades ilimitadas de substâncias ilegais e a falta de consideração generalizada pelo bem-estar de si mesmo e de outros.

É seguro admitir que Bartholomew Burns e seus colegas de casa em Leeland Hall, uma casa de dois andares com ripas brancas no final do campus, não estavam cientes dessa lista ou desses filmes, ou escolheram ignorar tudo isso por causa de algum tipo de princípio *hipster*. Talvez nós — Max, Sophie, Oliver e eu — devêssemos ter previsto isso, dada a parede de prêmios de latim e a cara coleção de insetos que nos acolheu na chegada à suíte. Mas acho que apenas assumimos que na faculdade todo mundo poderia ser legal.

Estávamos errados. Terrível e redondamente enganados.

— Não estou brincando quando digo que a comunidade de aposentados da minha avó é mais divertida que isso — Sophie diz enquanto fica parada sob o batente entre um quarto onde pessoas estão jogando Monopoly e outro em que estão jogando videogame, agarrados a um cooler de vinho de framboesa. — Estou tão deprimida que poderia gritar. — Ela toma um gole gigantesco.

— Oi. — Um ruivo magricela se aproxima de mim usando óculos *hipster* de aro grosso e se apoia casualmente sobre a lareira. — Sou Wallace — ele diz com uma piscadela. — Como é que eu nunca vi você por aqui?

— Ela não estuda aqui — Sophie menciona entre goles.

— Ah. — Wallace assente. — Eu pensava que talvez eu não tivesse visto você porque estou em geral no estúdio de arte. Sabe... fazendo minha arte. — Ele então olha para mim com intensidade, como se esperasse que eu arquejassem em reverência.

— Então você vai se formar em artes? — pergunto educadamente, enquanto Sophie revira os olhos sem remorso algum.

— Pensando a respeito — ele diz. — No momento estou apenas

criando, explorando as possibilidades da minha obra.

— E que tipo de obras você faz? — digo.

— É tão revigorante ouvir alguém fazer essa pergunta — ele diz, e se inclina mais para a frente. — No momento, estou fazendo uma série em que tiro fotos da minha cachorra dachshund, Arabella, em contextos históricos, usando roupas de época, e uso isso como uma crítica à modernidade e à falta geral de cultura em nosso mundo contemporâneo — ele diz com total seriedade. — Por exemplo, semana passada, construí uma reprodução em pequena escala da Casa Branca e a vesti de George Washington. Semana que vem, espero fazer Frida Kahlo.

Eu o encaro, usando cada músculo de meu corpo para manter a compostura, enquanto Sophie simplesmente começa a cacarejar de rir tão alto que acho que ela pode estar de fato chorando.

— Aham — é tudo que consigo dizer.

— Quer ver uma foto? — ele pergunta.

— *Claro que sim!* — Sophie grita e começa a rir de novo. E então não consigo mais segurar e começo a rir também.

— Vocês duas são muito grosseiras — Wallace observa.

— Seu cachorro é muito sortudo — Sophie consegue soluçar enquanto limpa as lágrimas do rosto.

— Certo, pessoal! — ouvimos uma voz familiar gritar. Sophie e eu espiamos do canto e ficamos mortificadas ao encontrar Oliver parado no meio da sala, segurando uma cerveja. — Vocês não me conhecem. Meu nome é Oliver e não estudo aqui. Não vou dizer onde estudo porque isso trairia minha idade e acho que tem uma chance de sessenta por cento de eu beijar pelo menos uma garota nesta festa hoje. Mas sabe como isso não vai acontecer? — Ele caminha até o rádio e liga o seu iPod, que puxou do bolso. — Se esta festa seguir do jeito que está indo. Então tudo isso vai mudar... agora. — Ele aperta um botão e aumenta o volume.

Dentro de segundos, os sons sintéticos ritmados de *Kiss*, de Prince, saem em rodopios pelos alto-falantes, e no volume máximo. A sala inteira parece petrificada enquanto Oliver começa a sacudir os ombros acompanhando a música, completando com giros, impulsos pélvicos e dublagem.

Minha boca está totalmente aberta — não consigo evitar — enquanto ele forma as palavras com paixão. Olho para Sophie e não consigo distinguir se ela está totalmente horrorizada ou meio que

curtindo.

Mas então, como mágica, o cômodo começa a se mover. Do nada, todo mundo está dançando, e quero dizer literalmente todo mundo. Até Wallace. Oliver abre caminho para onde eu estou parada, mas, bem quando penso que ele está prestes a pegar minha mão, ele canta o refrão ao pé do ouvido de Sophie. *Kuh-kuh-kuh-kuh-kuh-kiss*.

Eu me pergunto onde está Max enquanto danço, então eu o vejo do outro lado da sala, balançando a cabeça e embaralhando os pés. Estou prestes a dançar no sentido dele quando uma parte da multidão se abre, e vejo que ele não está sozinho. Uma garota de cabelo escuro e jeans preto justo está rodeando ele com passos de dança extravagantes do tipo “olha o meu corpo”. Ainda estou encarando os dois quando Oliver me gira e eu os perco por um instante.

O ritmo fica lento quando *Purple Rain* começa a tocar, e estou prestes a escapular para um banheiro para não ver Max dançar devagarinho com a morena quando subitamente ele está ali do meu lado, pegando minha mão. Sophie me lança um olhar enquanto Max me puxa, passando pelos dançarinos que giram e pelas conversas altas, para o lado de fora, no fresco jardim da frente, onde tudo está quieto.

— Você está vendo isso? — Max pergunta, seu dedo apontando para cima no sentido do céu. Consigo ver. Sobre nós está uma linda noite estrelada, mas as estrelas estão todas das cores do arco-íris e estão brilhando como esmalte de unha com glitter.

— Estou — digo a ele. — É incrível.

— Acho que nem todos os momentos de fusão de sonhos são terríveis — ele observa. Olho para ele, e o chão onde estamos parece escuro em contraste com o céu. E o espaço entre nós parece frio e distante. Como que esperando essa deixa, Max me puxa para perto dele, mantendo uma mão junto à minha enquanto a outra apoia minhas costas, e meu rosto descansa no pescoço dele enquanto *Purple Rain* segue tocando em nossos ouvidos.

Não sei se é o efeito dos coolers de vinho de framboesa ou de Prince cantando, mas alguma coisa parece diferente. É doce, mas também é um pouco triste. Como se tivéssemos vindo para este lugar juntos, mas sabemos que temos que nos despedir. Nos despedir de uma parte inteira de nossas vidas, de metade de nossas vidas, de onde vamos à noite e, de certa maneira, de um do outro. Há um motivo pelo qual não gosto de contar sobre nossos sonhos para Petermann, por que tenho tanto afeto pelo meu diário dos sonhos. Nossos sonhos

são uma coisa que compartilhamos e que ninguém mais pode tocar. E agora nós vamos perdê-los, e estou aterrorizada.

Olho para baixo e vejo que estamos flutuando de novo. Max vê também. Mas não estamos com medo dessa vez. Eu só o seguro com força e penso que, se isso fosse um sonho, ele seguiria para sempre.

Ele sempre aparece

— **Preciso perguntar algo a você** e não quero que você ria de mim — Sophie diz. Estamos deitadas lado a lado em uma rede no pátio do lado de fora do Leeland Hall, as duas amontoadas em cobertores de lã que roubamos da sala principal. Seus olhos estão parcialmente abertos e seu cabelo está espalhado em todas as direções possíveis de tanto dançar. É bem difícil levá-la a sério neste momento.

— Certo, vou tentar — digo.

— Por que queijo suíço tem tantos buracos? — Sophie pergunta. — Ou, já que estamos no assunto, por que *tem* buracos? — E eu nem tento segurar a explosão de risadas. Sophie me dá um soquinho no braço.

— Eu disse pra não rir! — ela choraminga. — Ora, você não pode me dizer que não se perguntou sobre isso antes.

Encaro o céu, ainda cheio de brilhos multicoloridos, e fico desapontada que Sophie não possa vê-los também. Porque ela iria amá-los.

— Sim, Soph — digo, e espio meu relógio. 23h59. Onde está Max? Ele desapareceu depois da nossa dança, e não o vi desde então. — Eu penso sobre fungos de queijo o tempo todo. — Então começo a rir de novo.

— Hummm, *fungos* — Sophie diz entre risadas, e rimos ainda mais alto. — Eu amo você, Al — Sophie completa uma vez que nos acalmamos, e apoia a cabeça no meu ombro.

— Também amo você, Soph — digo, erguendo um pouco o corpo e fazendo um carinho na cabeça dela.

— Você sabe de quem mais eu gosto? — ela pergunta.

— Não faço ideia — digo, revirando os olhos.

— Max.

— Não brinca — digo.

— Eu entendo agora — ela diz. — E vejo a maneira como ele olha você e amo isso.

— Então por que ele está sempre desaparecendo? Tipo, onde ele está agora? — digo, jogando as mãos para cima com um suspiro. — Vou para cama, tudo bem? Você vai ficar bem?

— Tudo bem, vai dormir — ela diz com um grande sorriso.

— Certeza de que não quer vir junto? — pergunto. Sophie apenas acena com a cabeça.

— Estou bem. Vou ficar por aqui mais um tempinho e ver se consigo fazer essas estrelas mudarem de cor como elas mudam para você.

Eu sorrio.

— Se precisar, dê um grito.

— Pode deixar — ela diz, se aninhando mais nos cobertores. — E, Al? — ela chama.

— Sim, Soph? — Espero.

— Sei que ele está sempre desaparecendo. Mas quer saber?

— O quê? — pergunto.

Sophie vira a cabeça praticamente de ponta-cabeça para que possa dizer esta última parte ainda me olhando:

— Ele sempre aparece. Naquela noite em que vocês invadiram o **cds**, na entrada da sua casa com café... até nos seus sonhos. Ele aparece.

Bartholomew Burns me disse que havia um quarto extra livre no andar dele, habitado por uma garota que estava sempre viajando com seu grupo de cantores a capela, o que soava bastante normal para mim. Eu teria de lidar com alguns pôsteres excessivos da Taylor Swift, mas conseguiria viver com isso. Além disso, eu gosto da Taylor Swift. Só não anuncio publicamente. Mas, quando abro a porta do 201, não há nenhuma Taylor Swift, nenhum pufe tipo saco de feijão cor-de-rosa, nada de penteadeira com mobília velha e chique.

Tem pôneis. Pôneis, e apenas pôneis, em todos os lugares.

Pôsteres de pôneis nas paredes. Fitas de premiação de equitação atravessando um quadro de avisos inteiro, lençóis de pônei, fotos de um cavalo marrom-escuro com uma mancha branca entre os olhos em toda superfície possível.

— Valerie é campeã de equitação — Bartholomew Burns diz quando passa pelo quarto e me pega parada na porta, boquiaberta em admiração. — Eu esqueci de mencionar isso?

— Qual o nome do cavalo? — é tudo que consigo pensar em perguntar.

— Theodore — ele responde, antes de trotar escada abaixo.

Escovo os dentes e pego uma cópia da revista *Horse and Hound* da escrivanhinha dela para ler até pegar no sono, tentando não fazer contato com Theodore em suas muitas encarnações. Acabei de cochilar com a revista caída no meu peito quando ouço alguém entrar no quarto.

Abro os olhos assustada, esperando ter de me desculpar completamente para Valerie, que com certeza acabou de voltar mais cedo de sua viagem e está se perguntando quem está na sua cama de pônei, mas, em vez disso, sou surpreendida ao ver Max.

— Oi — é tudo que ele diz. Ele fica parado ali, uma mão no bolso, uma mão ainda na porta, os olhos arregalados.

— Oi — digo, levantando meu corpo com os cotovelos, meus olhos um pouco sonolentos, enquanto Max senta na beira da cama. — Está tudo bem? Oliver enfim explodiu as caixas de som do andar de baixo?

— Não — Max dá uma risadinha. — Ainda não, pelo jeito. — Ele está desviando o olhar de mim, e sua postura está rígida, as mãos segurando as laterais do colchão. — Então.

E, de súbito, acho que sei o que está acontecendo.

— Espera — digo.

— O quê? — Ele se vira e olha para mim, confuso.

— Não acho que você deveria estar aqui. — As palavras saem um pouco desesperadas antes de eu sequer ter uma chance de decidir se quero dizê-las ou não. Ele está perto demais e está tão bonito. E, se ele ainda não tem certeza do que quer, ou se apenas vai escolher Celeste depois de tudo, preciso muito que ele vá embora.

Max olha para mim agora, diretamente nos meus olhos. E então ele só diz:

— Por quê? — E meu coração começa a batucar um milhão de quilômetros por hora, pois ele fazer essa pergunta é como uma confirmação de tudo que está realmente acontecendo.

Engulo em seco.

— Pensei que você quisesse ficar sozinho — é tudo que consigo dizer.

— Eu falei isso mesmo — Max diz agora, seus olhos não abandonando os meus. — Então — ele tenta de novo. — Eu não sei o que fazer. Estava caminhado pelo campus, quebrando a cabeça, tentando descobrir o que fazer. Porque quero ficar melhor, de verdade. Sei que nós temos que melhorar. Sei que os sonhos têm que parar. Mas eu também não quero perder você.

Você poderia ouvir uma aranha espirrar no quarto neste exato momento, de tão silencioso que ficou. Nada de música de festa, nenhum passo nos degraus do dormitório, nenhum grito de celebração. Apenas silêncio, e meus olhos e os olhos de Max e a boca perfeita de Max e o sentimento que está vindo do meu estômago passando pelo meu peito e pescoço até o topo das minhas orelhas.

— Não posso perder você, Alice — ele diz de novo. Então, antes que eu consiga me controlar, pulo para o outro lado da cama para beijá-lo e cair em seus braços, minhas pernas circulando sua cintura. E ele me aceita, seus braços subindo para apoiar minhas costas enquanto suas mãos agarram minha nuca, debaixo do meu cabelo.

— Não posso perder você — ele diz pela terceira vez, em um sussurro. E tomo o rosto dele nas minhas mãos e empurro seu cabelo para trás das orelhas, enquanto acaricio seu maxilar com os dedos.

— Você nunca vai me perder — digo. — Estou bem aqui. — E eu o beijo de novo.

18 de outubro

— *Aqui tem uma boa* — digo, me inclinando para colocar o visualizador de slides diante dos olhos de Max. Estamos de volta nas docas de remo na escola, e é o crepúsculo, a hora mais perfeita do dia. Na nossa frente, passa o Charles River, em púrpura brilhante. Tenho uma pilha de slides no colo e estou passando por eles, inserindo-os um a um no antigo visualizador de slides de madeira e o colocando diante do rosto, antes de passá-lo para Max, que está deitado de barriga para cima, segurando um livro sobre o rosto com um braço, enquanto o outro descansa atrás da cabeça.

Ele fecha seu outro olho, dramaticamente franzindo o rosto inteiro, como se o ajudasse a ver melhor. Sei que ele não está tão interessado assim; ele preferia estar lendo. Ele só está fazendo isso para me deixar feliz.

— Ooooh, essa é uma das boas. — Max acena em concordância. — Coloque na pilha de guardar.

À direita do meu joelho está uma pilha de slides organizada, os que eu decidi guardar. Por que motivo, não tenho certeza.

Eu levo outro slide até meu olho, fazendo minha própria careta para o que parece ser o retrato profissional do gato obeso de alguém, e então substituo o slide por outro. Este parece ser uma parede de suculentas, com aparência verde e lustrosa e muito viva, mas eu não mostro esse para Max porque me faz pensar em Celeste. E então chego a uma cabana mongol yurt feita de lona vermelha como o pôr do sol, ao pé de uma montanha nevada, em frente ao que parece ser os Alpes. Dois conjuntos de esquis estão enfiados na neve, e você consegue apenas notar que há um fogo queimando por trás das abas.

— Esta — eu digo, levantando o visualizador de slides para Max — é absolutamente perfeita.

— Ora, eu é que decido isso — Max diz, colocando seu livro de lado e se preparando para o aparelho de novo. Enquanto ele vê a foto, examino seu rosto. A ruga entre suas sobrancelhas quando ele está realmente prestando atenção em algo, a curvatura de seu maxilar, a leve covinha na bochecha direita. Então observo suas sobrancelhas se levantarem.

— Uau — é tudo que Max diz. Então ele afasta o visualizador dos olhos para que possa olhar diretamente nos meus.

Quando finalmente contemplo outra coisa, vejo que não estamos mais

na doca. Estamos na neve. Tenho uma jaqueta acolchoada e calças de esqui de cor púrpura brilhante, e Max veste o mesmo, mas seu casaco e sua calça são em tons de azul. A cerca de seis metros de distância e brilhando com luzes está nossa cabana yurt da cor do pôr do sol.

Max está me lançando um olhar que conheço bem. Um olhar que me faz dizer:

— Por favor, não. — Mas ele continua sorrindo arteiro. — Por favor, não — tento de novo, dessa vez mais alto, mas ele não me ouve. Ele joga uma bola de neve na minha cara.

Eu o olho com raiva.

— Quantos anos você tem, cinco? — pergunto.

— Isso — ele diz com um sorriso. Então pula na minha direção e me joga no chão. A neve está incrivelmente macia, amortecendo minha queda.

Max limpa uma parte da neve da minha bochecha, mas deixa um pouco.

— Como eu pude fazer algo tão terrível? — ele diz em falso drama. — Aqui, me deixa ajudar. — Ele se aproxima e devagar beija meu lábio inferior, levando um pouco de neve consigo. Então ele arregala os olhos.

— Eu sei, eu sei. Eu beijo muito bem — digo. Max revira os olhos.

— Aqui. Abre a boca. — Ele pega um pouco de neve e a espalha dentro da minha boca. Tem gosto de raspadinha de limão.

— Humm — digo, e mordo o lábio.

— Humm — Max diz e me beija de novo.

O peixe peludo

Não se mova.

Essa é a primeira coisa que penso quando abro os olhos. Porque tem um braço pesado em torno da minha cintura, um braço de Max, e estou apavorada de que deslize para longe. O outro braço está enfiado sob o travesseiro debaixo da minha cabeça, e a ponta dos dedos está saindo pelo outro lado, depois do meu rosto.

Não se mova.

Porque, de verdade, Max é o peixe peludo, a espécie que descobrimos nas profundezas da Amazônia em nosso sonho quando éramos pequenos, nunca antes visto pelo mundo. Nós tínhamos que agir com leveza enquanto nos aproximávamos, para que ele não se assustasse e fugisse.

Max é com certeza o peixe. Mas então Max se move. Só um pouquinho, só uma remexida. Ouço sua respiração devagar de trás de mim, e minha garganta fecha. Não sei por que espero que ele salte da cama e saia correndo pela porta, para nunca mais voltar, mas espero. Não consigo evitar.

Devagar, rolo para ficar de frente para ele. A visão de seus olhos tão próximos, abertos e olhando de volta para mim, revira meu estômago e transforma meus ossos em gelatina.

Max não diz nada. Ele só me observa intensamente, seus olhos um pouco sonolentos. Eu me pergunto se não acabei de sonhar com os slides e a cabana *yurt*: talvez eu tenha sonhado tudo. A coisa toda com Max noite passada. Talvez eu tenha começado mais cedo neste quarto. Talvez nada tenha sequer acontecido. É tudo tão pouco claro esses dias.

Então Max engole em seco e, como se fosse a coisa mais casual do mundo, usa os dois braços para me aproximar, me beijando enquanto meu corpo inteiro derrete junto ao dele.

Não sei se estamos nos beijando, ou apenas respirando um para dentro do outro, mas o ponto é que não consigo ter Max o suficiente.

— Tinha medo de que você fosse nadar para longe. — Eu me afasto apenas por tempo suficiente para dizer isso a ele.

— O quê? — ele murmura entre beijos.

— Achei que você fosse nadar para longe, como um peixe peludo.

— Menos conversa, mais beijos — Max diz, e eu rio e obedeco. Até eu ver alguma coisa por cima do ombro dele. Do lado de fora da janela, gigantescos flocos de neve fofos estão caindo.

— Neve? — pulo para fora da cama e corro para a janela. Mas do lado de fora não há neve alguma. É claro que não.

— Você poderia voltar, por favor? — Max chama. — Ficar deitado aqui estava muito mais agradável cerca de trinta segundos atrás.

— Juro que acabei de ver flocos de neve na janela, mas quando vim olhar não havia nada aqui... — explico enquanto subo de volta na cama ao lado de Max e aninho minhas costas no peito dele. Depressa o suficiente, os braços de Max estão totalmente amarrados em torno do meu corpo de novo e minha cabeça está na curvatura de seu pescoço.

— Você me encasulou — declaro.

A voz de Max sai de novo na sua imitação de alienígenas de *Os invasores de corpos*, grave e robótica:

— Ela foi encasulada — ele diz. E, após um breve momento de silêncio, começo a rir histericamente.

— *Meu Deus*, você é esquisito — digo. Mas sigo rindo.

É quando Oliver corre para dentro do quarto e grita:

— Sophie e eu vamos nos casar!

— Como é que é? — digo, me sentando. Max enterra a cara debaixo de um travesseiro.

— Você me ouviu — Oliver diz. — Sophie e eu vamos nos casar, e vocês estão todos convidados.

Sophie cambaleia até chegar a Max, usando enormes óculos de sol e parecendo um pouco acabada:

— Na verdade, nós nos pegamos quando eu estava bêbada — ela resmunga. — E também encontramos Margaret Yang.

Ursinhos de pelúcia

Acho que, se estou sendo honesta de verdade, eu tinha imaginado Margaret Yang como alguém recém-saído de um filme de ação da Marvel, usando um terno descolado e sapatos de salto agulha de dez centímetros. Ela abriria uma valise e digitaria um monte de números, então nos lançaria um laser entre os olhos com uma minúscula arma de metal e nós dois estaríamos consertados e prontos para a próxima.

Em vez disso, a Margaret Yang que encontramos sentada no restaurante Blue Cow na esquina das avenidas Main e Milk, logo na saída do campus da Wells, está vestida com um suéter de malha de tricô cinza e Crocs com meias de lã, o cabelo amarrado em um coque frouxo atrás da cabeça.

— Professora Yang? — digo baixinho, enquanto me aproximo de sua mesa no restaurante, na qual ela espalhou cerca de seis diferentes jornais, café, waffles, ovos e bacon. Tanta comida para uma mulher tão pequena. É claro que ela está aqui há horas, porque mais cedo Sophie e Oliver vieram buscar café e ouviram enquanto ela falava com um aluno.

Em resposta, Margaret Yang silenciosamente ergue a mão esquerda na minha cara, enquanto a direita segue as últimas linhas de um artigo que está lendo. Fico tentada em pedir um café enquanto esperamos, e Max está sem dúvida cobiçando o bacon dela como se não tivesse comido há dias.

— Terminado — ela diz, ainda sem olhar para cima, pausando para tomar um gole de café. — Vocês podem se sentar.

Com cuidado, Max e eu nos sentamos na frente dela.

— Vocês podem apresentar seu tópico — Margaret começa a dizer enquanto coloca um pouco mais de creme em sua xícara. Mas então ela olha para nós pela primeira vez.

— Oh — é tudo o que ela diz.

— Oi — eu digo, com um pequeno aceno.

— Vocês não estão na minha aula de neurorologia — ela observa.

Max e eu balançamos a cabeça.

— Então vocês não estão aqui para apresentar seus tópicos de pesquisa para o semestre que vem — ela diz.

Balançamos a cabeça de novo.

Margaret Yang nos encara enquanto mexe devagar seu café.

— Então me digam — ela continua enquanto olha para baixo e coloca a colher em seu prato, seu rosto se abrindo em um sorriso acolhedor. — Como está Jerry, o cão?

— Então me deixem ver se entendi direito — Margaret diz, agora na sua terceira xícara. Eu estou agarrada à minha própria xícara, e nós quase a alcançamos em número de pedidos para completá-las com café, enquanto Max está botando para dentro um waffle coberto de frutas. Nós lhe contamos tudo. Sobre os sonhos e sobre o nosso encontro. Sobre o trabalho com Petermann e sua prisão e a viagem de carro. — Vocês estão vendo coisas esquisitas surgindo na realidade que vocês sabem que não deveriam existir.

— Ontem eu vi meu cachorro passar dirigindo uma moto — é tudo o que consigo pensar em dizer em resposta.

— E Petermann disse a vocês que acredita que seja uma hemorragia de sonhos — Margaret diz.

— Você acha que ele poderia estar errado? — digo, me sentando numa postura mais reta, e noto que Max para de mastigar. *Por favor que ele esteja errado*, quero dizer.

— É decerto a primeira vez que acontece, mas, nesse caso, infelizmente acredito que ele esteja certo — Margaret diz, pedindo a conta. — Vocês estão cientes do que é um objeto transicional?

Eu me lembro de uma aula que tivemos com Levy cerca de um mês atrás, depois de discutir a teoria de apego em crianças.

— É basicamente um ursinho de pelúcia, certo? — digo.

— Muito impressionante — Margaret diz. — Está certo. Objetos transicionais são dados para crianças jovens como algo com o qual elas possam se apegar, além do cuidador, para que se sintam mais seguras quando estão explorando o mundo, ou quando dormem à noite.

Penso em minha mãe indo embora, o que nos trouxe para o cds pra começar.

— Não acho que eu tive um desses — digo.

— Sim, você teve — Margaret Yang acena a cabeça com confiança.

— O que é que era, então? — pergunto. — Jerry?

Em resposta, Margaret apenas olha pontualmente para Max.

— Eu não entendo — franzo a testa.

— Eu? — Max diz.

— Sim — Margaret pousa as mãos na mesa, uma sobre a outra. — Vocês têm que entender, quando conheci vocês dois, meu coração se partiu. Eu era jovem, tinha acabado de começar. Naquele ponto do meu treinamento, eu encontrava alguns adultos com insônia, alguns estudantes universitários estressados, no máximo. Eu nunca tinha visto crianças da idade de vocês antes. Vocês dois tinham sofrido essas experiências incrivelmente difíceis, a morte e o abandono, e eram tão pequenos e tão sozinhos. Precisavam de algo para se sentirem seguros, e nada estava resolvendo. E foi então que tive a ideia. Vocês poderiam ter um ao outro.

Max e eu trocamos outro olhar, mas dessa vez nós o sustentamos. Penso na história que ele me contou com os Legos de chocolate.

— Vocês têm que entender — Margaret diz. — Nunca esperei que funcionasse mesmo. Mas eu era ousada e estava tentando criar renome. E, de alguma maneira, vocês se conectaram. Se encontraram. Eu esperava que, como todas as crianças fazem com seus ursinhos de pelúcia e cobertores de estimação, vocês fossem superar essa fase. Mas, aparentemente, nunca fizeram isso.

Por fim me viro de Max para Margaret. Tudo faz tanto sentido.

— Então talvez nunca precisemos superar? — digo com esperança.

— Eu queria que esse fosse o caso, Alice. Mas acho que temos evidência suficiente do contrário, agora que se conheceram na vida real. Não se quiserem conseguir diferenciar o dormir do acordar. Nós temos que tirar um do sonho do outro o quanto antes.

Max e eu estamos ouvindo Margaret Yang quando sinto a mão dele segurar a minha sob a mesa.

— Você tem certeza? — pergunto. — Não tem outro jeito?

Margaret Yang apenas balança a cabeça.

Meia hora depois, Max e eu ainda estamos de mãos dadas enquanto nos deitamos na cama de Margaret Yang em seu apartamento na faculdade; ela coloca toucas para eletroencefalograma na nossa cabeça e depois um pequeno objeto de metal do tamanho de uma bateria de celular na base do nosso pescoço.

— Nós vamos ficar bem, Alice — Max diz enquanto nossos olhos começam a se fechar. — Não importa o que acontecer, vamos ter um

ao outro.

Nunca tive tanto medo em toda minha vida, mas faço uma cara corajosa. Se conseguir fazer Max pensar que acredito nele, talvez eu acredite mesmo.

— Você gostaria que eu contasse uma história para você? — pergunto.

— Sim, por favor — Max diz.

— Tudo bem — digo. — Um dia, uma menina de nove anos está caminhando pelo Museum of Modern Art. Está totalmente vazio. Não tem nem guardas. Mas ela não se importa de verdade, porque isso dá a ela mais tempo de olhar ao redor. — Esfrego meu polegar na articulação do indicador dele e consigo senti-lo começar a relaxar. — Então, do nada, todas as pinturas começaram a desaparecer. Ou, na verdade, as imagens nas pinturas, e então todas as molduras estão em branco. Ela ouve um ruído e percebe que não está sozinha na galeria, no final das contas. Há um garoto ali, e ele está segurando uma gigantesca caixa de canetinhas hidrocor, de todas as cores. — Eu rio em voz alta, pensando na lembrança. — E eles passam o resto do dia colorindo dentro das molduras, e então pegam no sono no telhado, sob o nascer do sol. E mesmo que, quando ela acorda, ele tenha ido embora, e ela esteja de volta em seu apartamento, ela de alguma forma se sente melhor. Mais forte. Como se alguém tivesse estado lá para salvá-la.

— Esse foi o primeiro sonho que você se lembra de ter comigo? — Max pergunta com doçura, e eu assinto em resposta. — Eu me lembro desse também — Max diz. — Foi um dia tão incrível.

— A gente se vê logo, Max — digo, apertando a mão dele com força.

— A gente se vê logo.

18 de outubro

Max e eu estamos aninhados de volta à doca no Charles River, desta vez em um amontoado de travesseiros, e eu estou passando o visualizador de slides na frente dos nossos rostos de novo.

— Nenhuma dessas é boa o suficiente — digo impaciente, olhando para uma imagem de uma horta. Mas então eu a troco por outra e paro.
— Espera. Encontrei uma.

É a foto de uns belos penhascos na Irlanda. Passo o visualizador para Max, e ele apenas diz:

— Negócio fechado.

E, de súbito, estou lá, caminhando pela grama grossa enquanto ela se agita sob o vento forte. Max está à frente, segurando um pônei Shetland de expressão doce usando um suéter de Shetland, e começo a correr para alcançá-los. Mas tropeço e caio no terreno desigual, e quando eu me levanto de novo o pônei está lá, mas Max não, e a corda que ele segurava apenas balança ao vento.

— Max? — grito. — Onde você está? — Estou girando e girando, mas tudo o que vejo é o verde, e dessa vez ele não salta do meio deles, como fez entre os blocos de Jenga de espuma.

— Isso não vai funcionar — digo para mim mesma e começo a descer correndo o penhasco, para o lugar de onde vim, antes de tropeçar e cair de novo.

Quando aterrisso, estou de volta à doca, mas Max não está lá também, então eu rapidamente pego outro slide. É da Golden Gate Bridge.

— Essa vai servir — digo, porque poderia ser uma foto da Sibéria e eu ainda iria aceitar se ela me levasse a Max. E subitamente estou no topo de um morro íngreme em San Francisco, em um daqueles carrinhos amarelos que alugam para turistas, e Max está logo à frente, rindo no seu capacete estúpido.

— Você está ridículo — grito.

— Segurança em primeiro lugar! — Max berra. — Uma corrida até a ponte! — E ele vai embora. Eu o sigo pela cidade, correndo por carrinhos, até estarmos deslizando pela Golden Gate. Mas, assim que chegamos ao final, ele vira bruscamente para fora da estrada e, quando por fim o alcanço, em um local empoeirado com vista para a baía, ele sumiu de novo. Suspiro e gentilmente descanso minha cabeça no pequeno volante. Não. Não-não-não-não-não. Quando levanto a cabeça, vejo um Lego de

chocolate no painel, eu o coloco na boca e mastigo em desespero.

Volto para a doca e, dessa vez, sou mais específica. Jogo os slides de lado, um por um, até encontrar a imagem de uma linda e limpa jangada boiando sobre a água calma de oceano com um par de toalhas de praia listradas estendidas no topo.

— Quão longe você pode correr de mim aqui? — digo, e imediatamente estou lá, deitada na toalha, me sentindo quente e feliz sob o sol.

Respiro fundo e a próxima coisa que sei é que tem água pingando em mim inteira.

— Que tipo de mergulho devo fazer? — Max pergunta com um sorriso mal-intencionado, totalmente encharcado enquanto sacode o cabelo molhado sobre meu corpo, e eu dou berrinhos.

— Não mergulhe — tento sugerir da forma mais casual possível. — Só se deite aqui comigo um minuto.

— Eu já vou voltar, Alice — ele diz.

— Não, não vai — eu digo. — Você não vai voltar. Por favor, só fique aqui comigo.

— Alice — Max olha para mim como se eu fosse maluca. — Aonde eu poderia ir? — Ele gesticula para nosso entorno e parece ter razão, porque estamos no meio do oceano, com nada por quilômetros e quilômetros. Mas isso não faz com que eu me sinta nem um pouco melhor.

— Max, não. — Minha voz começa a sair um pouco mais frenética.

— Boooooo deeee caaaaaanhãã — Max grita, voando por cima da água e, antes que eu consiga me conter, já pulei para dentro atrás dele.

A água está tão azul que é praticamente neon, e não consigo saber se eu posso ver quilômetros à frente ou não, porque não há nada para ver. Não tem nenhum Max. Então do nada um pé chuta na minha frente, e tento pegá-lo, esperando que me puxe para onde quer que ele vá. Mas o pé escapa dos meus dedos e vai embora tão rápido quanto veio.

Mas então ele aparece de novo, dessa vez um pouco mais distante. Nado e nado e nado, fazendo força com os braços e batendo minhas pernas de novo e de novo, até que uma pequena escada portátil entra no meu campo de visão aquático e eu a subo. Apesar de tanto nadar, ainda não estou cansada. Estou apenas desesperada por qualquer coisa que possa me levar a ele.

Porém, quando lanço meu corpo por cima da beirada, não estou de volta à jangada, estou de volta à doca da escola de novo, e dessa vez grito de frustração. Com a mão tremendo, pego um slide e o enfio no visualizador mais uma vez, sem sequer me preocupar em olhar, até eu estar

subitamente lá, entre as estantes de uma vasta biblioteca.

Estou prestes a gritar o nome dele quando o ouço chamar primeiro.

— Alice? — Ele soa tão assustado quanto eu.

— Max? — choramingo.

— Onde você está? — ele pergunta. — Por que não consigo chegar aí?

— Estou bem aqui! — vocifero. Mas dessa vez não há resposta. —

Max? — tento de novo, e nada. Quero empurrar todas as estantes de livros para conseguir ver ao meu redor, mas não quero arriscar machucá-lo. Então começo a arrancar livros das estantes, tentando ver o outro lado. Chamo o nome dele de novo e de novo e de novo, esperando que ele me chame de volta.

Mas ele não chama.

Ele foi embora.

Não é a mesma coisa

Uma vez, quando morávamos em Nova York, minha escola fez uma excursão para o Mystic Seaport, a três horas de distância, em Connecticut. O ônibus saía às seis da manhã, então eu acordei às cinco, saí sozinha e fui até a escola de metrô. Enquanto andava, o sol mal nascendo sobre as ruas da cidade, pensei comigo mesma quão lindo era aquilo. A cidade inteira estava sonhando. Tudo estava quieto na rua, mas, lá em cima, nas camas das pessoas, as possibilidades eram infinitas. Talvez até houvesse alguém igual a mim lá fora, sortudo o suficiente de sonhar com sua alma gêmea.

— Acabou — Margaret Yang diz com gentileza quando abrimos nossos olhos, o quarto silencioso como as ruas da cidade naquela manhã em Nova York, e a memória disso me fez querer explodir em lágrimas. — Mas você lutou bastante. — Ela olha de mim para Max, que largou minha mão e está apenas encarando o teto, imóvel. — Vocês dois lutaram.

Uma das coisas legais de ter amigos como Sophie e Oliver é que, quando você não tem vontade de conversar, eles conversam por você. Acontece que Max e eu tínhamos perdido um monte de coisas na festa de Bartholomew Burns na noite anterior. Aparentemente, algum cara ficou tão elétrico por sua vitória no Monopoly que virou uma garrafa de cooler de vinho, arrancou toda a roupa e saiu correndo pelado pelo campus... e foi entusiasmadamente seguido por todas as outras pessoas. Ao voltar para a casa, uma dessas pessoas nuas resolveu revelar sua paixão por uma garota, e levou um soco na cara de um aluno de artes que estava tentando impressioná-la. Esse cara pelado também era o cara que ganhou o Monopoly, e começou toda a corrida nua e, sim, aquele cara que ganhou o Monopoly era Oliver, o aluno de artes bêbado era Wallace e a donzela em perigo era, de todas as pessoas, Sophie.

— Eu salvei você — Oliver diz com um grande sorriso idiota enquanto passa um braço em torno dos ombros de Sophie no banco de trás do carro.

A segurança do campus foi gentil o suficiente para nos ajudar a dar

um empurrão, sem nenhum custo, e isso era tudo de que a caminhonete de Max precisava, porque ela é uma senhorinha dura na queda. Estamos no caminho de volta para Boston, vacas e ovelhas se estendendo em um borrão do lado de fora das janelas. E então Oliver puxa a cabeça de Sophie contra o peito dele.

— Shh, minha criança — ele diz. — Tudo está bem. Estou aqui agora.

— Meu herói — Sophie murmura, revirando os olhos. Mas, sendo amigas por tanto tempo como somos, sei de algo que Sophie não sabe ainda. Sei que ela gosta disso, e ela gosta de Oliver também.

Tentam nos questionar sobre Margaret e sobre o que houve. Acho que conseguem notar que algo está fora do lugar. Nós respondemos às perguntas com tudo que sabemos, mas em geral só me desligo. O mundo inteiro parece tão achatado. Tão cinza. O café que bebemos é menos delicioso, as folhas menos elétricas, mesmo que eu saiba que nada deveria ter mudado. Durmo muito, deixando meus olhos se agitarem fechados, minha consciência indo e vindo, mas não sonho, e tenho dificuldade para entender se eu ao menos dormi. A única coisa que me ajuda a saber que dormi é acordar e ver quantos quilômetros mais viajamos; e nesse meio-tempo Max está apenas sentado lá em silêncio encarando a estrada, ouvindo Motown no volume máximo.

Não consigo afirmar exatamente, mas, enquanto entramos na cidade, apesar de não haver uma nuvem sequer no céu, parece que também não há sol. Durante as últimas semanas, o ar estava cheirando a flores, como se cada árvore estivesse me lançando uma fragrância conforme eu caminhava sob ela, mas não cheira mais dessa maneira. Até os tijolos das casas parecem menos vermelhos. Em um semáforo, encaro desesperadamente um café ao ar livre, esperando que algo estranho aconteça: que o garçom comece a cantar, ou que o cachorrinho de suéter comece a ler um livro, ou que alguém comece uma incrível briga de comida. Mas ninguém faz isso. Não é que algo assim teria com certeza acontecido antes; é só que agora não tem a mais remota possibilidade de acontecer de novo. Sinto como se tivesse perdido também um dos meus sentidos.

Deixamos Sophie e Oliver no Taj, porque Sophie tem algumas horas para matar antes do trem, e Oliver quer lhe levar para um tour pela cidade. Sei que isso é algo que eu deveria estar fazendo com ela.

Sophie é minha melhor amiga. Mas não consigo reunir a energia, e ela parece entender.

— Ainda não tenho certeza do que houve — ela diz, parada na calçada enquanto eu tiro seu cachecol do banco de trás do carro e o amarro com cuidado em torno de seu pescoço. — Mas sei que vai ficar tudo bem. Não importa pelo que você esteja passando agora, estou feliz que você tenha amigos aqui. E você tem Max. Ele nunca deixaria nada ruim acontecer com você.

— Eu sei — digo, assentindo. Quero dar um sorriso confiante para ela. Às vezes você faz isso para as pessoas que ama. Mas não pareço encontrar nenhum sorriso dentro de mim no momento.

— Ei, Soph? — pergunto.

— Sim, Al? — ela diz, fechando meu casaco um pouco mais.

— Obrigada por vir. Já estou com saudades — digo.

— Sinto saudades também — ela diz. — Mas acho que provamos que não vamos deixar uma distanciazinha ficar no meio da gente. Além disso... talvez eu vá voltar antes do que planejamos.

Ela espia na direção da rua, e me viro para ver onde Oliver e Max estão parados perto do carro, mudando a posição dos pés e distraidamente conferindo os celulares.

— O novo Helix 300 saiu hoje — Max diz, enfiando seu celular de volta no bolso e não olhando para Oliver.

— Eu vi — Oliver diz, concordando com a cabeça, olhando para as janelas do Taj como se fossem telas de televisão em alta definição. — Também estou na lista de e-mails.

— Bom, eu estou louco para jogar... — Max diz.

O rosto de Oliver se ilumina quase que imediatamente, e então ele lança um olhar desconfiado para Max.

— Se você... talvez quiser jogar uma hora dessas... sei lá — Max termina, incerto.

Oliver muda o peso do corpo de uma perna para a outra.

— Não tenho certeza... — ele diz com desdém. Mas então ele sorri. — Apreendi umas técnicas novas desde o nono ano. Você acha que aguenta?

Então Max joga a cabeça para trás e ri.

— Pode tentar — ele diz. E então eles apertam as mãos, enquanto Sophie e eu compartilhamos um olhar de cumplicidade.

— Então, vocês dois vão se pegar agora? — Sophie pergunta, e Oliver a persegue em torno do carro, gritando.

Max tenta conversar enquanto dirigimos até minha casa. Consigo ver que ele está feliz. Ele e Oliver vão ficar amigos de novo. Max e eu não vamos enlouquecer. Todo o drama acabou. Por que eu não posso ficar feliz também? Por que não posso espantar esse sentimento desanimador de dentro de mim?

— Você consegue sentir? — pergunto a ele, enquanto estamos parados do lado de fora da minha casa. Ele se apoia na porta do carro, seus braços cruzados. Algumas estudantes passam por nós, se viram para espia-lo e começam a dar risadinhas. Max está absorto demais para notar o fato de que elas sequer estão ali ou de que ele parece como um modelo do catálogo da **II** Bean.

— Sentir o quê? — Max pergunta, mas ele soa apreensivo.

— Sei que isso soa estúpido, mas é só que... não é a mesma coisa — tento explicar.

— O que não é a mesma coisa, Alice? — Max pergunta. Há um tom de advertência em sua voz. — Deveríamos estar felizes com isso... Consertamos, como queríamos, e eu e você vamos ficar bem.

— Mas não é a mesma coisa — insisto, involuntariamente batendo meus dedos contra a perna.

— *O que* não é a mesma coisa? — Max pergunta de novo, soando um pouco impaciente.

— Tudo! — eu praticamente grito, jogando minhas mãos no ar. Sinto como se estivesse prestes a chorar.

Neste momento, Max cerra os dentes e desvia o olhar.

— Estou igual.

Suspiro, sem saber o que dizer.

— Alice — Max tenta de novo, mais devagar dessa vez, tentando me acalmar. — Sei que perdemos os sonhos. Mas nós tínhamos medo disso porque não queríamos perder um ao outro. E sabemos que não vamos. Nada vai voltar ao normal, porque nada era normal pra começar. Esse é o nosso novo começo, Alice, e vai ser melhor do que era. — Ele me puxa para perto, mas dou um passo para trás, colocando minhas mãos dentro dos bolsos do casaco.

— Mas é exatamente isso — digo. — Nada nunca foi normal. Era mágico, Max. Você não se lembra? Antes da hemorragia de sonhos, antes de tudo sair dos eixos. E agora a mágica foi embora. Não tem mais aquilo de ir para a cama sabendo que algo incrível está prestes a acontecer.

— Mas, Alice, não era real — Max diz.

— Era real para mim.

— E eu nessa história? — Max diz. — As coisas podem ter mudado, mas eu ainda estou aqui, e você estar desse jeito é basicamente me dizer que não sou bom o suficiente. Que o eu real não é bom o suficiente.

Não sei como lhe dizer que ele está errado. Que eu o amo. Mas eu também amava o garoto que achava que tudo era uma aventura. Que me empurrava por uma escadaria em uma prancha de espuma e me perseguiu pelos corredores do Metropolitan Museum of Art jogando bolo de Oreo na minha cara.

— Eu sei, você está aqui agora — digo no lugar. — Mas por quanto tempo?

Max balança a cabeça, piscando.

— O que isso quer dizer?

— Você já fez isso antes! — digo. — Num dia você é meu namorado dos sonhos, no outro você está com Celeste. Num dia você é meu amigo, no outro não é. Num dia você está me beijando no Gardner e no outro você está dizendo que não quis. E o que dizer da próxima vez que isso acontecer? Exceto que, dessa vez, não vou ter um sonho para o qual voltar. Vou estar sozinha.

Max me encara, em choque.

— Eu amo você, Alice — ele diz. — Não consigo acreditar que é assim que você se sente em relação a mim, depois de tudo que passamos. — Então ele dá a volta no carro até o lado do motorista. — Não quero brigar por causa disso. Me avise quando você estiver pronta para viver no mundo real. Comigo.

Max bate a porta e parte.

Luzes de Natal

— Então, me diga, como você está? — Delilah Weatherbee diz para mim, enquanto exala um pouco de fumaça de narguilé no meio do seu escritório.

— Você tem certeza de que deveríamos estar fazendo isso? — digo com ceticismo. — Você é tecnicamente uma figura de autoridade.

— É tudo natural e não vicia — ela declara. Então acrescenta: — Além disso, você parece estar precisando, e ninguém sobe aqui de qualquer forma. — Sobre a segunda observação, ela pode estar certa. Todas as vezes que vim visitá-la, nunca notei qualquer outra pessoa ao redor. Sobre a primeira observação, ela está definitivamente certa. Faz quase uma semana desde minha briga com Max, e eu estou com certeza numa situação do tipo “quero qualquer coisa que me faça aguentar o dia inteiro”. Às vezes é *frozen yogurt*, às vezes é música punk e às vezes é simplesmente ficar deitada no sofá abraçada a Jerry, encarando a lareira. E, neste momento, é fumar narguilé com minha conselheira universitária. Tudo que forneça alívio temporário da agonia inimaginável atravessando meu coração.

Max ainda não está falando comigo. Nenhum comentário engraçadinho na aula de psicologia ou olhares no corredor. Ele age na maior parte do tempo como se eu nem estivesse ali, exceto para pegar um lápis que derrubei na aula uma vez, e colocar meu celular do lado da minha bandeja no refeitório dois dias atrás, quando eu o tinha deixado na fila da comida. Mas, em cada ocasião, ele se virou sem uma palavra, com ombros retos e cabeça levemente erguida. Para a maior parte da escola, nada mudou. Ninguém mais sabe sobre o Maine. Mas eles sabem que ele terminou com Celeste, e sabem que não está falando comigo.

É minha vez. Ele se colocou numa posição vulnerável, e eu ainda não consegui absorver tudo. A ideia de um novo começo, como ele disse. A incerteza do que isso quer dizer para nós. Uma coisa é suportar esse novo mundo dos sonhos sozinha, outra coisa completamente diferente é tentar fazer isso com Max. Dói demais.

Celeste, por outro lado, está bem. Melhor que bem. Ela já começou a namorar um aluno de arquitetura de uma das faculdades locais e

mal aparece. Mas, quando aparece, nós estamos começando a nos falar de novo. Ainda assim, eu estaria totalmente sozinha se não fosse por Oliver, que é meu eterno salvador, comendo comigo no refeitório, andando de Segway ao meu lado enquanto caminho para a aula. E agora que ele se apaixonou por Sophie, nossa amizade pode continuar sem nenhuma complicação.

Suspiro e coloco o bocal de metal nos meus lábios e inalo. Pelo menos uma coisa na minha vida não é complicada.

— Não consigo parar de achar que você está evitando minha pergunta. — Delilah observa enquanto assiste à minha longa e retorcida exalação. E ela está certa de novo.

— Estou bem — digo.

— Você não parece bem — ela diz. — Você pensou mais sobre as perguntas que fiz na sua última visita? Como você está escolhendo se definir neste momento da sua vida?

— Acho que só não entendo por que todo mundo está tão desesperado para que eu saiba tudo. Quem eu sou, o que quero fazer. Só tenho dezesseis anos. Por que eu deveria saber? — digo. — Desde quando uma adolescente de dezesseis anos deveria ter as respostas para o futuro?

— Ninguém está pedindo para você saber isso — Delilah diz. — Tudo que estamos pedindo é que você comece a tentar descobrir. E não tem nada muito assustador nisso, tem? — ela pergunta.

— Não — balanço a cabeça. — Isso na verdade não soa nada assustador. — Entendo o que ela quer dizer agora. Temos que tentar ir para a frente. De outra forma, como esperamos chegar a qualquer lugar?

Quando Max foi embora no Volvo, fiquei parada na calçada vazia, assistindo ao farol mudando de verde para amarelo, então para vermelho e de volta ao verde, me perguntando o que tinha acontecido. Como tudo foi de errado para certo, e depois para pior do que já era? Como Max poderia me acusar de não o amar de verdade, quando ele é o único que eu quis?

O que Max parece não entender é que não é ele. São os sonhos. Os sonhos eram com o que eu podia contar. Aonde eu podia ir quando nada mais estivesse dando certo. Lá em Nova York, eu não podia pintar as paredes do meu quarto de nenhum tom que não fosse branco casca de ovo, então eu pendurava luzes em cordinhas tipo de Natal. É isso o que os sonhos faziam pela minha vida. Eu a cobria de luzinhas

para que nada daquilo parecesse tão ruim. Os sonhos eram onde eu poderia sempre contar em ser feliz... onde sempre podia contar com *ele*.

Max disse que não sei viver na realidade, e talvez ele tenha razão. Talvez eu precise tirar as luzes e encarar a cor casca de ovo de frente.

Quando entro em casa depois da aula naquele dia, a primeira coisa que vejo são as pernas do meu pai saindo do sofá, enquanto Jerry me olha com uma expressão preocupada. As coisas ficam mais e mais esquisitas neste lugar. Semana passada, quando cheguei em casa, ele estava fixando uma cesta gigante a uma corda que se estendia até o final da escada, para que pudesse içar Jerry para cima e para baixo.

— Por causa dos joelhos dele — ele explicou, como se fosse perfeitamente normal, enquanto Jerry ficava parado medindo a cesta, encarando a geringonça com preocupação. — Ele não está ficando mais jovem. Desse jeito, ele pode ir aonde formos com facilidade.

O homem precisa de amigos.

— Pai? — chamo. — Você está bem?

Com o som de minha voz, meu pai sacode o corpo e coloca a cabeça para fora, com uma das bolas de tênis de Jerry na mão.

— Ele tinha perdido de novo — ele explica, antes de entregar a bola de volta para Jerry, que aguardava pacientemente. Ele a pega e a deixa cair, quicando-a para si mesmo por um momento antes de perdê-la sob o sofá de novo. Os ombros do meu pai desmoronam. Começo a batucar na lateral da minha perna em um ritmo inventado enquanto me preparo psicologicamente para a pergunta que preciso fazer.

— Ei, pai, você chegou a ouvir da Madeleine sobre se vamos vê-la nessa viagem?

— Ótima pergunta — meu pai diz, se abaixando de novo no chão e procurando debaixo do sofá. — Não estou inteiramente seguro disso ainda.

— O que quer dizer? — pergunto.

— Só não tenho certeza se ela vai ter tempo entre a conferência e todas as viagens — ele começa a enrolar, mas o final da resposta é cortado, abafado pelo sofá.

Meu pai, um homem adulto, se escondendo de mim de verdade. Batuco mais rápido. Isso é mais difícil do que achei que seria.

Me avise quando estiver pronta para viver no mundo real, ouço Max dizer.

Dane-se, penso, e me deito no chão também, para que tanto eu quanto meu pai fiquemos de barriga no chão, com nossa cabeça enfiada embaixo do sofá. Atrás de nós, ouço Jerry soltar um choramingo ansioso.

— Alice, o que você está fazendo? — meu pai pergunta.

— Pai — digo. — Olhe pra mim. A conferência é em cinco dias. Você ouviu alguma coisa, qualquer coisa, da Madeleine? — pergunto. — Você nem sequer falou com ela?

— Queria que você a chamasse de *mãe* — ele me diz de novo.

— Eu conseguiria fazer isso se ela tivesse sido uma — digo. E ele fecha os olhos por um momento, como se eu o tivesse machucado. — Pai — digo. — Mamãe nos deixou. Ela nos abandonou por macacos, e ela não vai voltar. Temos que aceitar isso e falar disso. — Enquanto espio meu pai sob a pouca luz embaixo do sofá, considero que talvez, para nós, esse seja nosso útero. O lugar onde nos sentimos cobertos o suficiente para compartilhar como realmente nos sentimos. Como uma pessoa entrando em posição fetal, ou Jerry levando seus biscoitinhos para debaixo da mesa de jantar para comê-los em paz.

Após algum tempo, meu pai concorda com a cabeça.

— Isso soa como uma ideia realmente boa, Alice. Que tal falarmos disso comendo um bolo?

— Isso depende — digo. — Ele está comestível?

— Eu sempre soube que ela não voltaria — meu pai diz enquanto enterra o garfo em uma fatia surpreendentemente úmida de bolo *red velvet*. — Mas era muito mais fácil não encarar aquele fato do que ter de lidar com que tipo de pessoa ela realmente era. O tipo que poderia abandonar a família, o marido e, mais do que tudo, a filha. — Ele faz uma pausa. — Era muito mais fácil ignorar isso do que encarar o fato de que talvez eu nunca realmente a tenha conhecido de verdade.

— Isso deve ter sido difícil — digo, tomando um gole de café.

— Deve ter sido difícil para você — ele diz, colocando uma mão sobre a minha, e dessa vez ele não é tão rápido para tirá-la. — Você era tão nova. Sei que falhei com você nisso, Alice. Sei que ela causou os pesadelos, mas eu deveria ter conseguido fazê-los parar. Eu deveria ter conseguido fazer você se sentir segura. Mas não queria falar a

respeito, e você estava sozinha. E sinto muito.

Digo a ele que está tudo bem e pego outro pedaço de bolo, mastigando devagar. Ele conseguiu acertar a textura dessa vez, mas também parece ter acrescentado o dobro de sal e a metade de açúcar. Essa conversa faz com que eu me sinta muito melhor, mas ela ainda não faz eu me sentir totalmente bem. Tem um pedido de desculpas que ainda me falta.

— Significa muito ouvir isso de você, papai. Eu só queria poder ouvir isso dela — admito.

— Bom, talvez *você* devesse mandar um e-mail para ela — ele sugere. — Nesse momento, o que está impedindo você?

Eu me levanto e começo a esvaziar nossos pratos, sem pensar. De jeito nenhum eu iria mandar um e-mail para Madeleine. Ela era a mãe. Esse era o papel dela. Mas então, no que deve ter sido a quadragésima vez do dia, penso em Max.

Devagar, coloco os pratos na pia, pego minha bolsa e me dirijo para a porta da cozinha.

— Aonde você vai? — meu pai pergunta. — O bolo estava tão ruim assim?

— Estava o oposto de ruim — minto. — Estava delicioso. Mas agora tenho um e-mail pra escrever. — Paro sob o batente, então caminho de volta para lhe dar um beijo na bochecha. — Foi uma boa conversa, pai. Nós deveríamos fazer isso mais vezes.

Em resposta, meu pai dá um sorriso largo, ajustando seus óculos um pouco:

— Eu gostaria muito disso — ele diz.

É hora de desligar as luzinhas.

Tudo que temos

De um ponto de vista emocional, não existe realmente um bom momento para fazer o seu namorado imaginário dos sonhos terminar com você. Fiquei bem ciente disso a cada dia da semana passada, desde que voltamos do Maine. Mas, de um ponto de vista prático, enquanto eu me aproximo do novo centro de ciências, equilibrando minha jardineira de suculentas sobre a cestinha da bicicleta, penso que realmente eu poderia ter me beneficiado do uso de uma caminhonete de um ex-namorado imaginário dos sonhos.

— Alice — Parker se aproxima com os braços estendidos na direção da minha jardineira de suculentas. — Isso precisa ser apreciado! Você progrediu muito desde aquele primeiro dia no Clube do Terrário!

— Obrigada! — digo. — Tive algum tempo livre. — Com isso, quero dizer o tempo que eu normalmente teria passado dormindo. Mas já que estou com muito medo de ir dormir e não sonhar com Max, em vez disso, tenho feito todas as minhas tarefas de casa e cuidado das suculentas. Uma noite dessas, meu pai me ouviu no jardim às duas da manhã e saiu sacudindo um bastão de beisebol.

— Bom, coloque-as ali com Celeste e então, se quiser, você pode ajudar Jeremiah a medir onde as instalações vão ficar penduradas, isso seria ótimo.

Espio onde Jeremiah e Celeste estão parados com duas escadas uma ao lado da outra. Jeremiah me lança um pequeno aceno e agita uma fita métrica.

— Você chegou a construir sua casa dos sonhos para Sócrates? — pergunto, enquanto estendo um pouco de fita, e Jeremiah desenha linhas pequenas na parede com um lápis.

Ele parece genuinamente chocado:

— Não acredito que você se lembrou do nome dele. Ele vai ficar tão honrado — Jeremiah diz.

— Bem, por favor, informe-o — digo com um sorriso.

— Eu não preciso. Ele ouviu — Jeremiah pisca.

Removo um espelho da parede:

— O que isso quer dizer? — pergunto com nervosismo.

Jeremiah se certifica bem devagar de que ninguém está vendo antes de abrir o zíper da pochete que ele está usando na cintura, e de dentro salta a cabeça de um pequeno lagarto verde.

— Diga olá, Sócrates — Jeremiah diz.

Sócrates apenas pisca, e Jeremiah olha para mim com expectativa.

— Oh! — exclamo. — Olá, Sócrates! — digo, um pouco alto demais para compensar minha falta de sinceridade.

Mas Jeremiah me lança um olhar enojado:

— Não tão alto! — ele sibila. — Você quer nos arranjar suspensões?

— Desculpa — sussurro, balançando a cabeça.

E, quando balanço a cabeça, vejo Max andando pelo pátio, uma pilha de livros enfiada sob o braço, indo em direção ao ginásio. Observo sua marcha lenta melancolicamente. Ele sempre sabe aonde está indo, o que vem a seguir. Eu me pergunto se algum dia vou conseguir superá-lo ou se, daqui a muitos anos, ainda vou estar na terapia falando de um cara que eu mal conheci quando estava acordada. Meu cisne. Meu papagaio africano. Meu peixe peludo.

Nesse instante, um aviso de e-mail salta na minha tela. Vejo de quem é. Minha mão começa a tremer um pouco, e abro-o de imediato.

— Na verdade, você pode segurar o Sócrates por um instante? — Jeremiah diz. — Eu realmente tenho que ir ao banheiro, mas Sócrates tem medo do som da descarga.

— Claro — digo sem prestar atenção, enquanto estendo a mão que não está agarrada ao meu celular. Eu sinto algo retorcido e escamoso aterrissar na palma da minha mão enquanto ansiosamente leio a mensagem.

Minha querida Alice,

Obrigada por seu e-mail. Não tenho certeza se já tinha sido informada desses alertas do Google que você menciona (nós mal temos internet aqui!), mas, como sempre, estou impressionada com quão inteligente você é, e quão zelosa você se tornou.

Respondendo à sua primeira pergunta, em relação à minha viagem para Washington DC, eu infelizmente não poderei estender minha visita a Boston, já que meus voos são viagens diretas de ida e volta para Casablanca. Mas meu coração se aquece ao ouvir o quanto você está gostando da casa da vovó, particularmente daquela bicicleta antiga. Esse troço velho me foi extremamente útil muitos anos atrás.

Respondendo à sua segunda pergunta. Você perguntou se, caso eu não estivesse indo para aí depois de DC, quando você poderia esperar uma visita. E peço desculpas ao dizer que não tenho muita certeza. A pesquisa aqui em Madagascar tem realmente me deixado ocupada, e fui convidada

para falar em Paris daqui a dois meses, e na Nova Zelândia daqui a três meses, o que francamente ocupa todas as minhas possibilidades de viagens internacionais para o resto do ano.

Retomando seu último tópico, eu gostaria de deixar a discussão da possibilidade de você vir aqui me visitar em aberto. Como você pode ver, meus horários são inflexíveis e complicados. Mas estou encantada com seu interesse no nosso trabalho.

Dê um abraço em seu pai por mim e um carinho atrás da orelha do Jerry. Sinto saudades dos dois, e de você. Continue se esforçando na escola, você vai precisar. E, acima de tudo, não tenha medo de seguir seus sonhos, Alice. Afinal de contas, eles são tudo que temos. O que nós somos sem eles?

Com amor,
Mamãe

Encaro as duas últimas frases e deixo a mão em que está meu celular cair ao meu lado. Sonhos são tudo que temos? Franzo a testa. Não, *mamãe*, eles não são tudo que temos. Nós temos muito mais do que isso. Temos pessoas amigas e amadas e a vida real. Temos pessoas que importam, pessoas reais, e o que fazemos importa a elas também. Elas confiam em nós.

Pelo menos eu confio.

Ergo os olhos a tempo de ver Max entrando no ginásio e engulo em seco. Sou uma idiota.

— Sabe — ouço uma voz dizer, e olho para baixo para ver Celeste se apoiando na escada, segurando a fita métrica que acabou de cair de um dos degraus. Ela lança um olhar na direção do ginásio. — Eu o vi dormir algumas vezes. — Ela me entrega a fita de volta, gentilmente. — Ele nunca pareceu mais feliz do que quando estava sonhando.

A porta do elevador do ginásio está prestes a se fechar nas costas de Max quando me enfió para dentro e, depois que ela se fecha e antes de eu poder impedir minha loucura, aperto o botão de parar.

— Alice, você está louca? — Max diz.

— Você realmente precisa que eu responda a essa pergunta? — digo.

— Eu preciso lembrar que você tem pavor de pequenos lugares apertados? — ele pergunta.

— Não, não tem necessidade — resmungo, olhando para os lados na minúscula câmara de torturas. — Estou bastante ciente.

— O que você está fazendo com Sócrates? — Max pergunta então, e eu olho para baixo para ver o lagarto se pendurando impotente da

minha mão, sem dúvida seguro de que a morte está próxima.

— Todo mundo nesta escola inteira conhece o Sócrates? — pergunto.

— Ele foi o bicho de estimação de nossa turma no primário, e o Jeremiah o adotou — Max diz. — Então, sim.

— Bom, isso explica — digo, levantando Sócrates e o olhando diretamente nos olhos. Ele responde piscando diversas vezes, e me ocorre que, quando Jeremiah voltar do banheiro, ele vai estar com toda certeza pronto para me matar.

— Alice — Max diz, com gentileza, me trazendo de volta à realidade. — E se nós permitirmos que o elevador se mova de novo, antes que você tenha uma pane mental?

Mas eu afasto a ideia da minha cabeça. Tenho outras coisas em mente.

— Sinto muito — digo.

— Tudo bem — Max diz, sem entender. — É só apertar o botão...

— Não — digo —, não por isso. Pelo que eu disse. Sobre como eu me sentia. Sinto muito que eu tenha feito você se sentir como se não fosse suficiente, Max, porque você é. Eu estava com medo. Durante toda minha vida, sonhos foram tudo que eu tinha. Eram as únicas coisas que faziam com que me sentisse menos sozinha. E você era parte disso. E você superou, aprendeu a funcionar, mas eu não. E não entendi que, quando perdesse os sonhos, eu não perderia você também.

Max não está dizendo nada, ele está apenas encarando o chão, então prossigo.

— E você tem razão! Eu realmente preciso viver na realidade. E estou tentando. Sei que não posso simplesmente escapar dos meus problemas. Quer dizer, estou parada em um elevador! E eu até falei com meu pai sobre minha mãe.

Nisso, Max encontra meus olhos com um sorriso triste.

— Isso é muito bom, Alice — ele diz. — Fico feliz de ouvir.

Mas continuo falando.

— Então, estou dizendo que tudo está bem! — tento de novo, porque essa não é a resposta que eu queria. — Quer dizer, olhe para mim! Eu estou literalmente aqui em um elevador, confrontando meus medos, por causa de você. Não fica mais real que isso, Max. Não preciso dos sonhos se tenho você. — A mão que não está segurando Sócrates está em polvorosa, batucando ritmos contra a própria palma,

e meu corpo está começando a se sentir um pouco quente. Não tem ar aqui?

Max apenas segue me dando aquele sorriso triste.

— Max? — pergunto. — Fale alguma coisa.

— Eu não sei, Alice. — Ele balança a cabeça. — Talvez a gente seja apenas muito diferente.

— O que você quer dizer? — pergunto, o sangue sumindo do meu rosto enquanto Sócrates se contorce entre meus dedos. Agora não importa se estou em um elevador ou não. Eu poderia estar enterrada dois metros abaixo da terra e não tenho certeza se iria notar.

Max segue falando:

— Tenho pensado sobre isso tudo também, sobre o que eu disse. Acontece que você sempre viveu no mundo dos sonhos. E é uma das coisas mais incríveis em você. Não quero tirar isso de você, mas parece que quero. Talvez nós funcionássemos nos sonhos, mas, na realidade... talvez não seja pra ser.

Fico parada ali por um momento, congelada.

— Mas eu consertei isso — tento de novo. — Estou num elevador.

— Eu sei — Max diz. — E, neste momento, nós precisamos tirar você de um, antes que você surte.

Devagar, ele pressiona o botão de parar de novo e, quando as portas se abrem, dessa vez encontramos Jeremiah, Celeste e o reitor Hammer esperando por nós.

— Tivemos de chamar a segurança — o reitor Hammer solta fogo pelas ventas. — Vocês dois estão bem? E quem é o responsável por esse réptil?

Sem uma palavra, entrego Sócrates a Jeremiah e deixo Max para explicar, enquanto lágrimas começam a escorrer pelas minhas bochechas.

1o. de novembro

Em algum lugar lá fora, parece que Darth Vader está dando risadinhas. Isso faz zero sentido, já que ele era discutivelmente o homem mais sério de todo o sistema solar, na história do tempo. Mas lá vem de novo, grave e sinistro: Ho-ho-ho.

— O que é esse barulho terrível? — pergunto, botando minha cabeça para fora da barraca de safári e esfregando os olhos.

— Hipopótamos — Max olha por cima de suas leituras na mesa de café da manhã. Ele acena para a esquerda com a cabeça. — Estamos acampados ao lado do rio, e eles parecem ter muito a dizer na manhã de hoje.

— Não consigo distinguir se estão rindo ou planejando nossas mortes — digo, fazendo uma careta enquanto os roncões esquisitos ecoam pelo campo. — O quê? — pergunto a Max, que está me lançando um olhar.

— Nada! — ele dá de ombros bem-humorado. — É só que você nunca foi uma pessoa matinal.

Cambaleio até a mesa dobrável para acampamento e tomo um bem-vindo gole de café da xícara dele enquanto me sento.

— Arranje o seu próprio café — Max protesta. Mas ele sabe que não vou, então se serve de uma nova xícara. — Vamos lá — ele diz então, levantando-se e estendendo uma mão para mim. — Hora de ir ver os leões. — Seu cabelo castanho cai com suavidade sobre os olhos, e o sol brilha de trás de seu rosto, fazendo-o parecer quase de outro mundo.

— Vai ter leões-bebês? — pergunto com esperança.

— É claro — ele responde.

— Como vamos chegar lá? — pergunto.

— Você dormiu bem? — Max parece preocupado. — A resposta são balões de ar quente, como sempre.

Antes que eu me dê conta, o balão está tocando no chão próximo ao bando de leões, que nos assistem com atenção de onde eles estão deitados, e meus dedos ficam um pouco dormentes. Mas Max tira uma bola de tênis verde felpuda do tamanho de uma toranja do seu bolso de trás.

— Pronta? Pronta? — ele grita. — Vai pegar! — E joga a bola pela planície. A mãe leoa corre e a pega como um golden retriever gigante e então a larga, arquejando, aos nossos pés, e ronrona enquanto nós coçamos atrás de suas orelhas.

— Parece que estamos íntimos. — Max ri.

Quero rir também, exceto que sou assaltada por um pensamento terrível: esse não é o Max.

Ele se parece com Max e sorri como Max, ele é doce e gentil como Max. Mas ele não é o meu Max. Ele é como um Max impostor. Um substituto. Ele não é ele, e nós não somos nós. Isto não é algo que iremos compartilhar quando acordarmos amanhã, não será um momento singular que o mundo jamais saberá, exceto por mim e por Max. Este é só um sonho comum. Eu não posso explicá-lo. Eu só sei.

— Podemos ir agora? — pergunto ao falso Max dos Sonhos.

— Mas acabamos de chegar aqui! — Max choraminga.

— Eu realmente quero ir pra casa — digo, um pouco desesperada agora.

O falso Max dos Sonhos olha para mim, confuso, inclinando a cabeça para o lado.

— Tudo bem, Alice — ele assente. — Podemos ir para casa agora.

Brilhante

Não consigo deixar de sentir que é bastante rude da parte de Jerry ficar latindo incessantemente no hall de entrada quando alguns de nós têm coisas melhores para fazer, como deitar na cama odiando tudo.

No entanto, isso não é verdade, e sei disso. Sempre que estou chateada, meu pai geralmente me pede para pensar em tudo de bom que tem acontecido. Estou indo bem na escola, entrei em alguns outros clubes, como o Arab, Associação de Resgate de Animais de Bennett, e o Clube de Fotografia, e comecei o meu próprio podcast musical semanal. Até comecei a escolher faculdades em potencial que gostaria de frequentar depois da Bennett. Agora que falamos de minha mãe, meu pai e eu estamos melhores do que nunca. Tenho muitas coisas com as quais me alegrar.

Só não tenho Max.

Jerry late de novo, e eu me apresso até o interfone, pressionando o botão da cozinha.

— Pai? — chamo. — Você pode deixar Jerry sair? Estou dormindo.

É só quando meu pai não responde que me lembro que ele saiu cedo para uma conferência em Saint Louis. Estou sozinha e Jerry precisa ir ao banheiro.

Visto um suéter e umas botas e corro até o final da escada, jogando um casaco de lã cinza por cima.

— Jer? — chamo. — Onde você está?

Quando ouço seus latidos do lado de fora, escancaro a porta, irritada.

— Como você veio parar aqui? — digo antes de notar que algo está muito diferente, e me pergunto se talvez eu não tenha acordado ainda.

Como sempre, a entrada da casa está coberta de folhas caídas. Mas, em vez de vermelhas, azuis e marrons, as folhas estão rosa-shocking.

E, parado a alguns passos de distância, entre as folhas, usando um smoking, está Max.

E, parado ao lado dele, em um smoking muito menor, está Jerry.

E Max está segurando uma caixa de pizza.

— O que é isso? — dou um jeito de perguntar, dando alguns passos devagar na direção dele.

— Aqui — Max diz, sorrindo, seus olhos um pouco vidrados. — Abre.

Abro a caixa, me sentindo como Julia Roberts em *Uma linda mulher*, e sou surpreendida ao ver não uma pizza, mas um gigantesco bolo de biscoitos Oreo.

— Estou sonhando? — pergunto com toda seriedade, olhando em volta e esfregando os olhos.

— Não, não está. — Max ri, mas sua voz sai um pouco sufocada. — E isso é exatamente o que estou tentando dizer.

Enfio as mãos dentro das mangas do meu suéter e mordo meu lábio.

— Estou confusa — digo. — Aquele dia no elevador...

Max ergue a cabeça.

— Eu sei. Sei que disse que nós somos simplesmente diferentes demais. Mas então pensei a respeito... — Ele ri de novo. Max está honestamente agindo um pouco como um maníaco, indo e vindo entre risadinhas e quase em lágrimas. — Entrar no elevador. Só pra me dizer como você se sentia. Você é cem por cento insana, Alice, e você mora sim em um mundo dos sonhos às vezes. Você prefere as coisas quando são mais estranhas e bonitas do que no dia a dia. Mas isso também quer dizer que você enche cada momento da *minha* vida de sonhos. Torna-a mais empolgante e inesperada. Quando você está por perto, minha vida é *sempre* brilhante. E não quero mudar você. E não quero fugir disso também. Quero fazer você se sentir do mesmo jeito que faz eu me sentir. Quero fazer você feliz.

Estou tão contente que mal posso falar. Nunca pensei que ouviria Max dizer essas palavras. Quero puxá-lo pela lapela e abraçá-lo forte. Então, depois de tirar a caixa de pizza dele e colocá-la com cuidado no chão, é exatamente isso o que faço.

— Você me faz feliz, sim — digo, minha bochecha pressionada contra o peito dele. — Max dos Sonhos e o Max Real. O que sabe como ir além dos limites e o que me prende e me traz de volta para a terra. Não consigo imaginar voltar para as coisas do jeito que estavam, quando tudo que eu conhecia era o Max dos Sonhos e o Max Real não existia. Seria como ler apenas capítulos ímpares do meu livro favorito ou ouvir um vinil que pula faixas. E sinto como se eu tivesse arruinado tudo e não pudéssemos voltar.

— Mas aí é que está, Alice — Max diz, passando a mão para cima e para baixo nas minhas costas e descansando sua cabeça sobre a minha.

— Não temos que voltar. Temos um ao outro. Não importa o quão diferente a gente seja ou quantas coisas idiotas a gente faça, nós nos melhoramos. E o que temos é melhor do que aquilo que os sonhos poderiam nos dar. É real.

Enquanto Max se afasta de mim, meu coração parece que está fazendo ginástica rítmica. E então ele me beija, e é o melhor beijo até agora, porque significa mais que os anteriores. E não tenho mais medo. De perder os sonhos ou ele. Eu o tenho. Meu cisne. Meu papagaio africano. Meu peixe peludo.

Eu o beijo de volta, o mundo ao nosso redor desaparecendo completamente. Quando nos separamos, Max enfia a mão dentro do bolso para pegar algo enquanto eu me abaixo para o bolo de Oreo e pego um pedaço.

— Mais uma coisa — ele diz, me entregando uma capa de celular com o rosto de Jerry nela.

Eu a encaro. Mesmo quando ele está sendo a pessoa mais romântica na Terra, ele ainda é a mais prática. Ainda cuidando de mim.

— Você sabe que precisa — ele diz. Então ele parece preocupado: — Eu estraguei o momento?

Balanço a cabeça.

— Não — digo, olhando no fundo dos olhos dele. — Está perfeito. — E então, sem aviso, eu jogo um pedaço gigante de bolo de Oreo na bochecha dele.

— Ah, é? — Max berra. — Você achou que essa era a melhor atitude para este momento?

Começo a dar passos para trás devagar, centímetro por centímetro, sorrindo com selvageria.

— Talvez? — digo, dando de ombros.

— Você provavelmente deveria correr agora — Max responde, pedaços de Oreo despencando do seu rosto. E então eu disparo, guinchando para dentro de casa, Max atrás de mim, Jerry latindo nos nossos calcanhares.

Vejo você logo

Um mês depois, sento no peitoril da minha janela, encantada com o quão linda Boston é sob uma camada de neve. Os carros quase somem sob ela, então tudo que você vê são postes de luz a gás da rua e a luz laranja das janelas das pessoas. A neve também parece abafar os sons, especialmente à noite, e eu sinto como se estivesse vivendo em um período diferente.

— Bichinho — meu pai diz pelo interfone —, desculpe interromper, mas nós estávamos nos perguntando: você deu comida pro Jerry hoje à noite? Ou deveríamos fazer isso?

Antes de eu sequer abrir minha boca para responder, o irritante som da sua risada de garotinho entra na linha também, e eu faço uma careta.

— Margaret — meu pai diz. — Pare com isso. Alice vai ouvir você.

— Eu dei comida pra ele, pai — aviso. — E estou no telefone.

— Diga a Max que mandei um oi — ele diz, e o interfone clica dentro de uma gargalhada.

— Eu acabei de ouvir seu pai... rir? — Max pergunta. Sua voz está profunda e crepitante, e consigo notar que ele está na cama.

— Margaret está aqui — explico.

— De novo? — ele pergunta.

— De novo — digo. Uma vez que contei ao meu pai tudo que tinha acontecido, ele quis falar com Margaret imediatamente para se certificar de que eu estava bem. Ela estava na cidade para uma conferência, e foi como se eles tivessem se conhecido durante a vida inteira. Como se os Crocs dela e os mocassins velhos dele tivessem, por destino, que ficar um na frente do outro sob a mesa da cozinha, enquanto eles analisavam seus variados periódicos acadêmicos. Sem mencionar que eles dois tinham veludos cotelê da mesma cor. Sinto um arrepio. — Sinceramente, é um pouco nojento o quão grudentos eles estão um com o outro. Mas eu nunca o vi tão feliz assim na minha vida. — Faço uma pausa. — Eles têm... cozinhado. Ela é totalmente paciente com as inabilidades culinárias dele. Sem mencionar que acho que está me engordando. — Paro em frente ao meu espelho de corpo inteiro e intencionalmente ponho a barriga para fora. — Bolo demais.

— Você é maravilhosa — Max diz, quase na defensiva.

— Mesmo se eu inchar que nem aquela menina-amora em *A fantástica fábrica de chocolate*?

— Violet Beauregarde — Max diz. — E, sim, até se você inchar.

— Você realmente sabe tudo — digo, me enfiando debaixo das cobertas.

— Você também. Só que nem sempre se incomoda com detalhes — ele diz.

— Quer vir aqui? — pergunto. É uma brincadeira nossa. Sei que ele não virá, mas não quer dizer que eu não fale sério.

Max deixa escapar um riso baixo.

— Nós dois sabemos que eu adoraria isso, mas minha mãe está de olho em mim agora que sabe que estamos namorando. Ela gosta de você — ele esclarece. — Ela só não gosta de quão perto você mora. Garanto que ela bate na minha porta a qualquer momento para ver se estou aqui.

— Tudo bem — resmungo. — Talvez eu só vá pro primeiro andar e peça a Margaret para reverter o procedimento para que eu volte a ter você nos meus sonhos de novo.

— Só se você quiser ver seu pai e Margaret se pegando — Max avisa. Dou um berrinho e nós dois explodimos em risadas. — Além disso — ele diz —, nós dois sabemos que você ainda sonha comigo de qualquer forma. E eu sonho com você. Só não sonhamos juntos.

Nesse meio-tempo, ouço o som de sua respiração por um tempinho. É tão reconfortante. Não tenho mais dificuldade para dormir. Essa é a única máquina de fazer barulho que preciso.

— O quê? — digo, depois de alguns segundos quando ouço Max rindo suavemente do outro lado da linha.

— Só não consigo acreditar que houve algum dia um momento antes disso — ele diz.

— Continue — digo, corando. — Gosto de onde isso está indo.

— Quero dizer, sempre houve basicamente uma versão de sonho de você, é claro. Mas pensar que apenas alguns meses atrás você não existia de verdade. Você era só essa pessoa que eu ansiava ver todas as noites e de quem eu odiava me despedir. Você era meu segredo. Minha garota dos sonhos.

— Diz esta última parte de novo? — peço.

— Eu já disse um milhão de vezes antes — Max resmunga. — Eu

deveria gravar pra você no seu celular.

— Essa é na verdade uma excelente ideia — digo. — Poderia ser meu toque!

— Alice, eu estava brincando.

— Ainda estou esperando você dizer de novo — digo. Max suspira, mas é um suspiro feliz.

— Alice Rowe, você é minha garota dos sonhos.

Sorrio silenciosamente.

— Mas agora tenho que ir para a cama — Max diz.

— Não! — ordeno.

— Sim — ele diz. — Vou ver você em... — ele pausa — seis horas e meia? Tenho que ir. A gente se vê logo. — Depois de tudo, ele ainda está tão sério como sempre.

— A gente se vê logo — digo. Mas não largo o celular. — Max? — digo depois de alguns minutos. — Você ainda está aí?

A voz de Max sai suave, enquanto ele começa a pegar no sono, exatamente como acontece todas as noites em que fazemos isso.

— Você sabe que estou, Alice. Estou sempre aqui.

Sorrio para mim mesma, uma sensação de calma tomando conta de mim enquanto meu corpo relaxa no colchão, a respiração de Max criando um ritmo do outro lado da linha.

O quanto antes eu pegar no sono, mais rápido irei acordar e ver o garoto dos meus sonhos de novo.

“Você poderia, por favor, parar de dar cambalhotas?
Porque eu não gosto, e nem a pessoa que está sentada ao meu
lado.”

Lucy Keating, falando durante o sono, 2001

Agradecimentos

Ao time dos sonhos: Sara Shandler, o ser humano verdadeiramente encantador que, juntamente com Josh Bank, sempre me faz sentir como se eu tivesse algo a dizer que vale a pena ouvir, e sempre sabe a melhor maneira para eu dizer isso. Les Morgenstein, por não hesitar em dizer “claro” quando entrei no seu escritório e desastrosamente anunciei que tinha algo que eu gostaria que ele lesse. Joelle Hobeika, por fazer a proposta sair porta afora, sem a qual nenhum desses agradecimentos jamais poderiam ser escritos. Jocelyn Davies, por compartilhar de imediato a minha visão do que este livro poderia ser e trabalhar pacientemente comigo para fazê-lo assim. Hayley Wagreich, por consertar algumas das minhas observações mais difíceis antes que eu sequer tivesse uma chance de processá-las, e por colocar Emperor Fluffbottom no seu quadro de avisos. Natalie Sousa, por criar a capa dos meus sonhos (viu o que eu fiz aqui?). E, é claro: Romy Golan, Heather David, Matt Bloomgarden, Stephanie Abrams, Lori Paximadis, por lidar com todo o resto.

Ao time de leitura vip: Sarah Carden, Annie Martyr, Jennifer Graham, Marty Keating. Por lidarem com os rascunhos que enviei e com as perguntas que fiz com dedicação e, acima de tudo, entusiasmo, combustível que me manteve em movimento até o fim.

À minha família: mamãe, papai, Andy, Shannon e Laura, pelo encorajamento incrível, por sempre me dizer que eu era engraçada, por sempre me incentivar a “pôr no papel” e por serem os adoráveis esquisitões que me forneceram parte do meu melhor material.

Como família: Nyssa Liebermann, Ghazal Moshfegh, Erin La Rosa, Cayley Lambur, Alexandra Jamali, Justine Wardrop, Kate Perry, Carly Holden, Anthony Pucillo, Nick Greer, Ben Shattuck, Nate Sherman, Pedro Noyola, Kyle Blasman, Aaron Bergman, Liz Parker, Hopie Stockman, Alexis Deane, Rebecca Welsh, Matti Sloman, Susan Birkett e John Spooner. Alguns de vocês leram, alguns de vocês passaram jantares, caminhadas ou viagens de carro inteiras discutindo sobre um bando de adolescentes que eu inventei, e alguns de vocês apenas ouviram... O que muitas vezes era tudo o que eu precisava.

Meus professores: Lisa Corrin, por gentilmente e sem julgamento apontar em um trabalho de história da arte que eu me preocupava mais com as histórias dos artistas do que com o trabalho que criavam.

Jim Shepard e seus incríveis seminários de ficção, por me dar propósito na época e agora.

Aos fantasmas do meu passado de liga: Lanie Davis, Katie Schwartz, Rachel Tobias, Liz Dresner, Theodora Guliadis, Beth Clarke, Emilia Rhodes, Stacey Silverman, Gina Girolamo, Maggie Cahill, Tripp Reed, Cheryl Dolins, Amanda Bowman, Ashley Williams e Monsieur Socktopus, todos que me ajudaram ao longo desta jornada, indo de assistente... para assistente... e finalmente autora.

E, é claro, Ernie, o cão, que sempre me faz rir.